

O THRILLER MAIS VICIANTE DE SEMPRE



FEBRE

NICK LOUTH

**BESTSELLER
N.º 1
AMAZON UK
E-BOOK**



O THRILLER MAIS VICIANTE DE SEMPRE

FEBRE

NICK LOUTH

BESTSELLER
N.º 1
AMAZON UK
E-BOOK


Jacaranda

FEBRE

NICK LOUTH

Tradução de Helena Serrano



FICHA TÉCNICA

Título original: *Bite*

Autor: Nick Louth

Edição original publicada por Sphere em 2015

Copyright © Nick Louth, 2007

Tradução © Brilho das Letras, Lisboa, 2015

Tradução: Helena Serrano

Capa: Vera Espinha/Editorial Presença

Imagens da capa © Shutterstock

Composição, impressão e acabamento: Multitipo — Artes Gráficas, Lda.

1.^a edição em papel, Lisboa, julho, 2015

Jacarandá é uma chancela da Brilho das Letras

Reservados direitos exclusivos para Portugal

e não exclusivos para o resto do mundo (exceto América do Sul) à

Brilho das Letras

Uma empresa Editorial Presença

Estrada das Palmeiras, 59

Queluz de Baixo

2730-132 Barcarena

Agosto em Nova Iorque. Uma noite quente, dessas que nos põem a transpirar, a bordo de um jumbo completamente cheio, numa classe estilo zoo, à espera de levantar voo do aeroporto JFK. A chuva que caía há uma hora fumegava do asfalto como óleo numa frigideira quente. Por fim, movimento, depois de uma hora de atraso. O 747 começou a acelerar; os motores gemiam. Pequenas gotículas caíam na diagonal através das janelas, as linhas demarcadoras da pista corriam por baixo do aparelho como balas tracejantes, os compartimentos para bagagem de mão por cima da cabeça chocalhavam ruidosamente. O voo 648 da KLM descolou, com destino a Amesterdão. Trezentos e cinquenta passageiros começaram a descontraír, pensando que os seus problemas tinham terminado.

De maneira nenhuma.

John Edward Davies estava sentado no assento 38C, na coxia. Era como qualquer John Edward Davies: banal, anónimo, olvidável. Um nome apropriado para um passaporte falso. Debaixo do assento à sua frente levava um pequeno saco com fecho de correr. Lá dentro estava um *tupperware* com a tampa bem fechada e segura por três elásticos grossos. Era aí que as coisas deixavam de ser banais.

A caixa de comida representava, em linguagem do Pentágono, um «vetor de armamento eficiente e acessível». Muito leve, muito inócua. Aparentemente vazia. Quase, mas não de todo. Não continha nada eletrónico, tão-pouco um relógio, explosivos, químicos, gás tóxico, nenhuma bactéria ou vírus estranhos ou sequer materiais radioativos. Nada que qualquer terrorista alguma vez tivesse utilizado. Nada que alertasse a segurança do aeroporto. Nada visível num aparelho de raios X, nenhum cheiro detetável pelo faro de um cão farejador, nenhum metal que fizesse disparar o alarme detetor.

No entanto, aquela caixa era mais mortal do que qualquer bomba. John Davies fizera o trabalho de casa. O conteúdo da caixa poderia matar mais gente do que a bomba atômica de Hiroxima. Só que de uma forma muito mais sutil. Muito mais lentamente.

Durante as horas seguintes, tudo o que ele tinha para matar era o tempo. Manter a calma e permanecer quieto. Pensar em coisas banais, agir de forma comum e conservar os pés bem pressionados em volta da caixa. Ao seu lado, no lugar 38B, estava sentado um homem de cabelo encaracolado, a rasgar páginas da revista de bordo, dobrando-as em cisnes e pombas de *origami*, que depois pousava, equilibradas, no tabuleiro. Antes de Davies conseguir virar a cara para o outro lado, o vizinho cruzou o olhar com o dele e meteu conversa. Chamava-se Max, era escultor, americano. John Davies acenou com a cabeça e sorriu nos momentos apropriados, dizendo pouca coisa até ter, por fim, oportunidade para se entregar à leitura de uma revista.

Lá fora, o pôr do sol cristalizou-se numa vibrante pincelada cor de laranja no horizonte azul-escuro, enquanto o avião se embrenhava na noite do Atlântico.

Exatamente às 10h30, hora de Nova Iorque, Davies tirou um frasco de comprimidos do bolso. Abriu-o, retirou o algodão, deu-lhe uma pancadinha para fazer sair um comprimido alaranjado com uma pequena pinta azul no centro, que engoliu com um copo de água. Folheou rapidamente um pequeno diário até à página do mês de agosto. Fez um círculo em redor do dia, anotou a hora, tal como tinha feito ao longo das últimas três semanas, tal como ainda teria de fazer durante várias semanas.

Mas o destino tem por hábito entrar sem ser convidado em todos os planos traçados com precisão. Uma senhora de meia-idade esgueirou-se para passar pelo carrinho das bebidas no corredor e deu um encontrão no cotovelo de Davies. A embalagem entornou-se e saltaram comprimidos cor de laranja por todo o lado. A mulher pediu desculpa, fletiu os joelhos gorduchos para se baixar e

começou a tentar apanhá-los do chão. A hospedeira juntou-se-lhe, para a ajudar. Um despertar indesejável de mais atenções. Davies disse-lhes:

— Não se incomodem, eu apanho. Eu trato disto. São só vitaminas, não há problema.

Mas elas continuaram, enquanto tagarelavam, pondo-lhe os nervos em franja.

E então a mulher afastou o saco com o fecho de correr para chegar a um comprimido. As pernas de Davies deram um esticão involuntário, e ele vociferou:

— *Deixem estar*, já disse.

A mulher olhou para cima e os seus olhos grandes mostraram-se surpreendidos, salpicados de medo.

Depois de a mulher se ir embora, Davies começou a meter no frasco os comprimidos que estavam sobre o tabuleiro, contando-os em silêncio. Faltavam onze. Agitado e furioso, só lhe apetecia *nesse momento* fazer aquilo que tinha de fazer e acabar com o assunto. Mas sabia que não podia ser. Ainda não. Pelo menos até ter chegado a altura certa.

Depois do filme, mais bebidas, e a seguir a irritante confusão de auscultadores e máscaras para os olhos, cobertores e meias de dormir. Seria no fim daquilo tudo. Quando baixassem a intensidade das luzes e se instalassem as regras artificiais do sono a bordo. Só nessa altura Davies poderia levantar-se e levar a cabo o que tinha de fazer. Aquilo com que sonhara durante tanto tempo. Um leve sorriso desenhou-se-lhe nos lábios. Fora da janela, toda a luminosidade havia sido engolida pelo mar da noite. Um mundo que se dirigia para a escuridão a uma velocidade para além dos desígnios da natureza.

Era meia-noite, hora de Nova Iorque, quando o diretor-geral da Pharmstar Corporation, John Sanford Erskine III, se levantou do seu lugar na classe executiva para ir à casa de banho. Passou pelos vultos adormecidos da sua assistente pessoal, Penny Ryan, e de

Don Quiggan, diretor financeiro. Do outro lado do corredor, Bob Mazzio, responsável pelas fusões e aquisições, estava a ver um filme no ecrã diante de si.

Dentro do pequeno quarto de banho, Erskine ajeitou a gravata de seda, deu uma escovadela aos ombros do casaco e com umas palmadinhas espalhou colónia sobre as faces bronzeadas. Com o seu metro e noventa e três, precisava de se baixar um pouco para se ver ao espelho. Observou o seu perfil leonino, enfiou um toalhete de papel no colarinho e com cuidado escovou os dentes, limpando-os com fio dental.

Com um pequeno pente de prata deu um toque em dois ou três cabelos rebeldes, colocando-os no sítio certo. Satisfeito, sorriu. Aos cinquenta e oito anos ainda possuía uma farta cabeleira. Outrora muito negro, o seu cabelo era agora grisalho e pincelado de branco por cima das orelhas.

De um saco de couro com monograma retirou um pequeno boião de creme. Com um novo toalhete de papel enrolado no dedo tirou um bocadinho e espalhou-o suavemente ao longo das espessas sobrancelhas negras. Assim que os pelos desalinhados se encontraram no lugar, limpou o excesso e serviu-se de um secador de cabelo para os fixar. As sobrancelhas realçavam os seus penetrantes olhos azuis, mas Erskine usava-as para fins mais subtis. Com um pequeno arquear, umas inflexões e o sobrolho franzido, aquilo a que ele chamava a sua caligrafia de influência, era capaz de orientar uma reunião sem levantar a voz, assim como conseguia seduzir sem baixar o tom.

Jack Erskine de Ferro — era assim que lhe chamavam — convencia investidores e dominava banqueiros, subjugava rivais e intimidava os opositores. Quando alguém se opunha a Jack de Ferro, costumava dizer-se na indústria farmacêutica que as probabilidades de essa pessoa perder eram de mil para um.

O problema é que alguns inimigos nunca ligavam às probabilidades.

Enquanto as vítimas dormem, os predadores caçam.

Eram 2h15 em Nova Iorque e 8h15 em Amesterdão. Davies retirou o seu saco de debaixo do assento e apalpou o conteúdo através do tecido para sentir que a tampa da caixa estava bem selada. Intacta. O seu vizinho de cabelo encaracolado continuava enfiado debaixo de um cobertor, com um cisne de papel na mão. Do outro lado do corredor, um homem de negócios careca ressonava com o computador portátil ainda aberto; o cursor a piscar reclamava atenção.

A classe económica parecia um campo de batalha envolto na obscuridade: corpos espalhados, pernas abertas, bocas escancaradas e, do outro lado do corredor, um cobertor salpicado de vinho tinto. Aqui e ali, lâmpadas de leitura perfuravam o ambiente sombrio, iluminando velhotas com permanente no cabelo e óculos presos por correntes, a ler com dificuldade o *thriller* mais recente. Se elas soubessem onde estava realmente a ação...

Os seus dedos introduziram-se no saco através do fecho, soltando os elásticos. A tampa continuava bem fechada. Pôs o saco ao ombro e dirigiu-se para a cortina que separava a classe executiva. Na cozinha, para lá da cortina, estava uma hospedeira a preparar bebidas, mas esta não levantou o olhar quando ele caminhou adiante por os seus passos terem sido amortecidos pela alcatifa. Um metro e meio à frente ficavam as escadas que levavam ao andar superior da classe executiva. A zona que era o seu alvo.

Davies pisou os degraus suavemente, para se assegurar de que as escadas de metal não faziam barulho enquanto ele subia. A três degraus do topo, parou. Cadeiras largas e macias, ocupadas por corpos reclinados. Corpos moles, vulneráveis, adormecidos. Ele tirou a caixa do saco. Lançou uma última olhadela para cima. Ninguém se mexeu. Ninguém estava a olhar. Com cautela, retirou a tampa.

— Ei, Max! Estou aqui.

Max ainda nem sequer tinha avistado Erica quando esta avançou através da multidão aglomerada nas chegadas, em Amesterdão, e se atirou para os seus braços.

— Tive tantas saudades tuas! — O seu sotaque inglês fê-lo sentir ondas de deleite pelas costas abaixo, enquanto se perdia no seu abraço e no seu perfume.

— Meu Deus, é tão bom ver-te! — disse Max.

Beijou-lhe o pescoço e passou-lhe as mãos pelo cabelo negro, estilo *Chanel*; depois segurou-lhe o rosto e fitou de forma intensa os seus olhos incrivelmente verdes, o seu sorriso rasgado. Vê-la fazia-o sempre sentir-se emocionado, como se dez dias longe dela fossem tempo suficiente para se esquecer de como era bonita.

— Toma. Tenho aqui uma coisa para ti.

Pousou um cisne de papel no ombro dela. Erica olhou para a peça e sorriu abertamente.

— Obrigada. Vou juntá-lo à minha coleção cada vez maior de aves de *origami*. — Depois conduziu-o para o restaurante do aeroporto. — Encontrei um hotelzinho simpático para nós, e a Universidade da Columbia pagará a conta.

— Tens esse teu trabalho importante pronto para domingo? Quero ler o *New York Times* e ver o título «Erica Stroud-Jones recebe um Prémio Nobel».

Erica sorriu. Max tinha, em relação à ciência, uma visão de artista: uma profusão de fórmulas misteriosas e frascos com gás borbulhante, acentuada por professores de cabelos desgrenhados a gritar «*eureka*» a meio da noite.

— Tenho ainda de o rever — respondeu ela. — Os organizadores da conferência já andam em cima de mim para lhes entregar o artigo, mas não posso dar-me ao luxo de fazer má figura por causa de uma ponta solta.

— A minha perfeccionista! — Max beijou-lhe a ponta do nariz e pousou os sacos que levava ao ombro sobre uma mesa. — Mas que

isso não seja um impedimento para passarmos bons momentos juntos. Não podes continuar a dar-me com os pés. Não vou permitir.

— Max, para com isso. — Erica colocou-lhe um dedo sobre os lábios; os seus olhos brilhavam. — Vá lá. Já discutimos o assunto. O trabalho tem de estar impecável, é por isso que demorou anos...

— Anos, não! Décadas, seguramente. Sem ser reconhecida, sentada numa cadeira partida, a ter de mendigar e de lutar com unhas e dentes para arranjar um computador emprestado, dormindo no escritório...

Erica arqueou uma sobrancelha, fingindo sentir-se ofendida.

— Dei-te autorização para embelezares a história dos anos em que tive de comer o pão que o diabo amassou?

Na altura em que a empregada veio anotar o pedido, eles estavam a rir-se, de mãos dadas em cima da mesa. Max nunca se vira relegado para segundo plano na vida de uma mulher, mas, se queria estar com Erica, sabia que não havia outra forma. Durante toda a sua vida, na escola, na universidade, nos sete anos que estivera na Guarda Costeira dos Estados Unidos, tinha lutado para ser o primeiro, sem pensar nas consequências. No domingo faria trinta e oito anos. Parecia-lhe uma boa idade para lhe ser concedida uma pequena benesse.

— Tenho algo de especial planeado para o dia dos teus anos — disse Erica, acariciando o cabelo de Max.

— Mal posso esperar. — Max tinha preparado a sua própria surpresa para ela. Dentro do bolso, os seus dedos bateram levemente na pequena caixa de casca de ostra. Apenas para verificar se esta ainda lá estava, tal como havia feito vezes sem conta desde que saíra de Nova Iorque. Dentro da caixa, sobre um forro de cetim roxo, encontrava-se um anel. Tinha sido a única vez na sua vida que ele trabalhara o ouro ou fixara um diamante. Estava preparado para domingo, que seria a única vez na sua vida em que pediria a uma mulher que casasse com ele.

* * *

Esta manhã, quinta-feira, a nossa primeira manhã em Amesterdão, o Max e eu chegámos juntos ao bonito hotelzinho que reservámos, o Erwin, com a sua maravilhosa escada em caracol e o átrio forrado a madeira. O quarto era lindo e não nos importou nada que o elevador tivesse apenas espaço suficiente para a bagagem. Ao descermos, vimos uma senhora levantar o marido incapacitado de uma cadeira de rodas e tentar carregar com ele por aquelas escadas íngremes acima. O Max apressou-se a ajudá-la e subiu as escadas com aquele homem pequeno, mirrado e engelhado nos braços. Foi um espetáculo comovente.

Erica pousou a caneta e começou a folhear o seu diário para trás. Ouviu ao longe os sinos do Westerkerk. Correu as páginas até àquilo que escrevera três meses antes, quando encontrara Max pela primeira vez em Nova Iorque. Tinha sido apenas alguns meses após o 11 de setembro, a cidade ainda estava em choque, e ela acompanhou Zoe a um evento em Midtown, para angariação de fundos a favor dos bombeiros feridos. O irmão de Zoe trabalhava nos bombeiros de Nova Iorque, e mais tarde levou-as a um bar em Alphabet City, no Lower East Side, onde algumas das famílias se tinham reunido para recordar os mortos e os feridos de maneira mais informal. Zoe chamou-lhe a atenção para um certo indivíduo de aspeto robusto, que parecia estar sozinho, mas Erica já reparara nele. Foi só muitas horas e muitas bebidas mais tarde, numa festa num pequeno apartamento em Brooklyn, que finalmente teve oportunidade de conversar com ele.

Olhava para todos os lados à procura dele, mas deduzi que tivesse ido para casa. Fui encurralada na cozinha por um sujeito de calças de ganga rasgadas chamado Lawrence, que afirmava ser professor de Literatura Comparada na City University de Nova Iorque, mas que dava a impressão de estar mais interessado em olhar pela minha blusa abaixo. Fiquei contente quando a Zoe me arrastou para fora dali, para a frescura da escada de incêndio, e murmurou:

— Tenho uma surpresa para ti. Olha.

E lá estava ele, sentado uns degraus mais abaixo, de cerveja na mão, a apreciar a vista da Ponte de Brooklyn e das torres cintilantes de Wall Street. Hesitei.

— Vai lá falar com ele! — disse-me a Zoe entredentes.

Ao ouvir o barulho metálico produzido pelos meus passos enquanto descia as escadas, ele levantou a cabeça e olhou para mim. Vi-lhe aquele rosto, sombreado pelas barras da escada de incêndio, mas com um sorriso maravilhoso.

— O melhor assento nesta casa — disse ele, indicando a vista com um gesto. — E com direito a curgete frita — acrescentou, fingindo tocar com a mão o ar engordurado que se elevava do restaurante italiano lá em baixo. Depois ficámos apenas ali sentados, a conversar. O Max vinha de uma família de bombeiros de Brooklyn. Um irmão mais velho estava no hospital devido à inalação de fumo tóxico, e esta era a primeira vez, em seis meses, que ele voltava a casa para o ver. A irmã também tinha casado com um bombeiro. Um bombeiro que nunca regressara.

— Ainda continua ali debaixo, não se sabe onde — disse Max, fazendo um gesto em direção à cidade.

(Diário de Erica, 2002)

Don Quiggan e Bob Mazzio estavam sentados no restaurante do Hotel Krasnapolsky, na Praça Dam, em Amesterdão, a olhar para raparigas bonitas de bicicleta e para os passadores de droga que abordavam os turistas à hora do almoço.

Mazzio bocejou de forma exagerada.

— Faça o que fizer, sinto-me sempre desfasado quando me desloco de ocidente para oriente. *Aqui*, estou a meio da noite — e bateu na testa bronzeada com um dedo peludo. Depois olhou para o relógio e resmungou: — Oh, porra! Esta data está certa?

— O *jet lag* é bastante mau quando nem sequer sabemos em que dia estamos. — Quiggan esboçou um sorriso de gozo, beberricando o café. — Faz algum exercício físico, absorve um pouco de luz natural.

— Nada disso. Esqueci-me de que é o aniversário do meu filho. — Mazzio tirou um pequeno computador portátil e ligou-lhe o telemóvel. — É melhor mandar-lhe um *e-mail*.

— Pensei que ele só tivesse seis ou sete anos.

— Faz seis anos hoje. No entanto, safa-se muito bem com computadores.

— Então vamos contratá-lo, Bob. Um miúdo tão esperto!

Mazzio fez uma careta enquanto teclava no computador. A última coisa que desejava era que Kyle vendesse a alma à Pharmstar. Uma pessoa na família já bastava. Três meses antes, no seu primeiro dia na Pharmstar, Mazzio estava lá sentado enquanto Jack de Ferro fazia uma preleção sobre estratégia aos licenciados em Gestão recentemente contratados. «Eu quero o próximo *Prozac* ou *Valium*, o próximo *Lipitor* ou *Zantac*», dizia Jack, andando numa passada larga e vigorosa para a frente e para trás, com a voz de trovão a ecoar pela sala. «Quero-vos a esquadrinhar o mundo à procura de campeões de mercado a render mil milhões de dólares por ano. Cá entre nós, podem mandar às urtigas a cura do cancro

como proposta financeira. Precisamos é de tratamentos, não de curas. Tratamentos que os doentes façam todos os dias, ano após ano. As áreas clínicas são óbvias: depressão, enxaquecas, lombalgias, artrite, controlo do colesterol, controlo de peso. E o mercado alvo é só um: o primeiro mundo, o mundo próspero.»

Mazzio ficara perplexo com os factos e os números que Jack apresentava de memória. Lançar um medicamento no mercado, desde os primeiros testes, fica por oito milhões de dólares e poderá levar até doze anos. A típica apresentação de uma droga à Agência de Controlo de Alimentos e Medicamentos requer dois camiões para transporte da papelada. Portanto, quando um medicamento ultrapassa todos os obstáculos regulamentares, tem de colher enormes recompensas durante os restantes oito anos de vida da sua patente, não só para recuperar os custos do seu próprio desenvolvimento, mas também para cobrir os outros noventa e nove por cento de medicamentos que não conseguem passar a barreira. Uma molécula candidata pode falhar por causa de todo o tipo de razões. Talvez resulte no tubo de ensaio mas não no teste efetuado num animal, ou resulte no teste num animal mas não num ser humano, ou resolva a doença provocando no entanto ao paciente uma doença diferente, ou — a mais frustrante de todas — a molécula funciona perfeitamente, mas algum colega espertinho escreve uma tese de doutoramento a mostrar que o tratamento com uma aspirina diária resolve a questão da mesma forma.

«Sabem uma coisa?», lançara Jack aos executivos ali reunidos. «Apetece-me dar um tiro aos estupores daqueles dois colegas que dizimaram o mercado das úlceras ao descobrir que antibióticos baratos funcionam igualmente bem.»

Mazzio sentira-se um pouco isolado face às gargalhadas que se ouviram. Mas precisava do dinheiro, e ninguém naquela indústria pagava tão bem como a Pharmstar.

Quiggan tossicou.

Mazzio afastou o computador para o lado. Jack Erskine aproximava-se da mesa. O diretor-geral não se sentou; inclinou-se apenas

para eles, fincando no meio dos dois as suas mãos grandes e bronzeadas.

— Bob — disse Erskine calmamente mas com o sobrolho carregado; tinha as sobrancelhas escuras quase unidas numa linha sobre as pálpebras descidas. — Porque não me disseste que o Henry Waterson tinha andado a farejar nos Laboratórios Utrecht?

— Não sabia, Jack. Que anda ele lá a fazer?

— A tua função é saber essas coisas. Fizeste o trabalho de sapa, não foi? Não sabias que a empresa de consultoria dele tem um contrato com os laboratórios?

Mazzio fez que não com a cabeça. Os seus grandes olhos castanhos mostravam-se submissos como os de um cão admoestado.

— Não deve ser nada por aí além, Jack, caso contrário, eu teria sido informado.

— Estão em cima da mesa três mil e quatrocentos milhões de dólares das nossas reservas para esta aquisição. Qualquer coisa que afete isto não é nenhuma ninharia! Quero que ele deixe de andar por ali a cheirar! Arranja-me cópias do contrato dele com os Laboratórios Utrecht. Vou precisar delas daqui a umas horas, para que os advogados possam descobrir alguma falha.

E Erskine foi-se embora logo a seguir.

Mazzio soltou um suspiro profundo enquanto Quiggan se ria, tentando arreganhar o lado esquerdo da face pálida e austera, revelando uns dentes compridos, estreitos e amarelecidos, húmidos de saliva.

— Que se passa entre ele e o Henry Waterson? — perguntou Mazzio.

— Sabes que foi o Henry quem ergueu a Pharmstar, não sabes?

— Claro. Recordo-me de que começou como Vitaledge Vitamins, em 1965.

— Sim. — Quiggan acabou o café. — A família do Waterson pertencia à aristocracia de Nova Inglaterra, muito dinheiro mas nada imprudentes na maneira de o gastar. O Waterson reparou no Jack

nos anos setenta, quando este, aos vinte e dois anos, era ainda um comercial, e preparou-o para o topo. O problema é que o Jack e o Henry tinham diferentes abordagens. Para o Henry, os negócios são como fazer exercício moderado, enquanto para o Jack são um festim excitado num mar de tubarões. O Henry nunca descobriu *isso*, até se ter tornado presidente e ao abrir caminho para o Jack chegar a diretor-geral.

Mazzio mostrou-se intrigado.

— Ora, Don, o Jack fez sempre tudo o que queria, como queria. Posso compreender que o Waterson o odeie por ele lhe ter fechado todos os negócios das vitaminas, mas por que motivo o Jack odeia o Henry?

Quiggan baixou os olhos para a chávena e bebeu as borras frias.

— É uma espécie de segredo de polichinelo, Bob, portanto, que se lixe. — Inclinou-se mais para a frente. — Há sete anos, a filha mais nova do Waterson, a Trish, desapareceu. Não voltou a ser vista, pelo menos com vida. Tinha apenas vinte anos e era de uma beleza incrível!

— Meu Deus!

— Uma tragédia, mas a coisa piora. — Quiggan exercitou o seu sorriso forçado. — A mulher do Jack encontrou a Trish dois dias mais tarde. Esta tinha-se enforcado numa trave do barracão onde o Jack guardava o barco.

— Começo a perceber a ideia. — Mazzio abanou a cabeça. — O Jack mantinha uma relação com ela?

Quiggan confirmou com a cabeça.

— O Henry encontrou um bilhete no quarto da Trish, que foi como uma bomba. Basicamente, acusava o Jack; o típico rancor de uma adolescente.

— É um julgamento severo, Don. Para alguém de vinte anos.

— A nota dizia que ela e o Jack eram amantes há quatro anos. Ele prometera deixar a mulher e os filhos por sua causa, mas quando a Trish o pressionou para cumprir o prometido, o Jack descartou-se dela. De acordo com aquele bilhete venenoso, ela

ainda afirmava ter descoberto, na semana seguinte, que o Jack também tinha um arranjinho com uma secretária do escritório, de dezanove anos.

— Portanto, não acreditas que seja verdade?

— Verdade? Talvez. É assim a valsa do mundo real, Bob. — Quiggan moveu os ombros estreitos. — Os homens casados divertem-se, as raparigas gostam de entrar na dança, e depois pode dar merda. Mas enforcar-se no raio do barracão onde ele guardava o barco...

— O Waterson deve ter ficado devastado — disse Mazzio.

— Sentiu-se esmagado com aquilo tudo. O Jack pediu desculpas, utilizou todo o seu charme para minimizar o caso e convenceu o Waterson de que não havia nada a ganhar deixando quem quer que fosse ver aquele bilhete, nem sequer a polícia. Durante algum tempo foi um braço de ferro tenso, as reuniões de direção eram muitíssimo penosas, deixa-me que te diga. Nós tínhamos conhecimento do suicídio, mas não do que dizia respeito ao Jack. Isso só se soube seis meses mais tarde. Então, o Henry pegou na família e partiu de férias para recuperar e, enquanto ele se encontrava ausente, o Jack vendeu a Vitaledge Vitamins por uma pechincha a um grupo de Milwaukee, fabricantes duvidosos de comida para animais de estimação.

— Uma provocação!

— Podes crer. O Waterson cuspiu lume, para ele foi a gota de água. O que o Jack viu a seguir foi um excerto do bilhete de suicídio da Trish publicado no jornal local, num artigo que contava ao pormenor o passado dele. Havia ali material que só podia ter sido fornecido pelo Waterson, e então instalou-se a guerra. Mas quando o Waterson decidiu levar a batalha para o conselho de administração, estava destinado a perder. A Pharmstar registava então o maior crescimento das receitas que a indústria alguma vez tinha visto; os acionistas andavam encantados e adoravam o Jack. Wall Street não quer saber da vida privada dos executivos. Jack

Erskine dirigia uma empresa, não o país. Por conseguinte, os diretores votaram na saída do Waterson.

— O teu voto estava entre os deles? — perguntou Mazzio. — Depois de o Henry te ter nomeado diretor?

Quiggan semicerrou os olhos.

— O Jack é quem a sabe toda: «Sem dúvida que morderei a mão que me dá de comer se for suficientemente saborosa.»

* * *

Esta é só a minha primeira semana como estagiária nos Médicos para África, mas o programa já está completamente de pernas para o ar, como parece acontecer com tudo no Zaire. Fizemos apressadamente um desvio para Zizunga depois de na noite passada termos recebido de lá uma mensagem de rádio. Uma doutora austríaca, de um centro de investigação de macacos, encontra-se gravemente doente com uma infeção no sangue. O marido está desesperado para a meter num avião para Kinshasa, partindo da pequena pista de Ubulu, que fica a dois dias de viagem de carro.

Íamos cinco pessoas encavalitadas no único Land Rover do MFA (Medical Facilities of America) que funciona e, de momento, cada um abandonou os seus planos. O Georg é um homem tipo urso, com uma barba grisalha. Ele e a sua mulher americana, a Amy, são médicos do MFA, e normalmente trabalham no hospital infantil em Lole. O Tomas Hendriksen é um sueco magro e muito bonito de vinte e seis anos, um fotógrafo freelance da Associated Press que está a tentar dirigir-se para zonas dos rebeldes e que nos paga o combustível. O seu guia é um jovem de quinze anos chamado Salvation Sisiwe. No ano passado, o Salvation perdeu a perna direita numa mina antipessoal, mas canta maravilhosamente e move-se com mais facilidade através dos arbustos, com as suas muletas, do que eu com ambas as mãos e uma catana.

Circulávamos apenas há uma hora quando encontrámos a estrada de terra bloqueada por uma árvore caída. O Georg deu uma

olhadela e disse-nos que era grande demais para arrastar com o gancho do veículo, por isso passámos duas horas, debaixo de uma chuva torrencial, a limpar à catanada um caminho que contornasse o obstáculo.

A este ritmo nunca irei encontrar-me com o professor Friederikson. Ele só vai estar uma semana em Kisangani, e tenho a certeza de que não irá adiar a viagem apenas porque uma pessoa como eu, uma simples aluna da área de investigação, não chegou a tempo para uma entrevista.

(Diário de Erica, 1992)

Max e Erica estavam a meio da garrafa de Pouilly-Fuissé e já tinham quase terminado o salmão com espargos quando aquele jantar romântico no De Vijf Vliegen foi interrompido.

— Não olhes para trás — disse Erica —, mas o Jürgen Friederikson acaba de entrar.

— Quem?

— Uma lenda viva em parasitologia, nem mais nem menos. Está com dois amigos.

Max olhou por cima do ombro.

— Qual é ele? A vara com o laçarote ao pescoço, o anão zangado ou o aleijadinho?

— Chiu, Max! Por amor de Deus, fala baixo. Eles dirigem-se para cá. — Erica levantou-se. — Professor Friederikson, como está?

— Tenho uma pontada na perna da prótese, mas ainda estou vivo. — Friederikson era tão magro e estava tão envelhecido como um trabalhador agrícola, resultado de décadas na linha da frente no combate à malária. O nariz adunco e os olhos cinzento-esverdeados e profundos conferiam ao seu olhar um ar de falcão, que o cabelo grisalho cortado curto e a barba branca bem aparada não suavizavam. Andava com o auxílio de uma bengala de metal, e o seu corpo balançava a cada passo que dava.

Max levantou-se quando a Erica apresentou os outros. Henry Waterson era um homem dos seus sessenta anos, alto, bronzeado e em boa forma física, com o cabelo prateado e sedoso, um fato de linho claro e um laço amarelo no pescoço. O homem baixo com ar impaciente era o professor Cornelis van Diemen, que Friederikson descreveu como a autoridade holandesa em doenças tropicais.

— Tenho ouvido falar muito de si, Erica — disse Waterson. — Estamos ansiosos por ouvir, no domingo, a sua tese inovadora na conferência.

— Não sei se é exatamente uma tese inovadora — disse Erica.
— Ainda tenho de avaliar novos dados.

— Mas ouvimos dizer que enviou o ensaio para a *Nature* — disse o professor Van Diemen, olhando de esguelha através dos óculos de lentes arroxeadas.

— Sim. Concordaram em pedir algum tempo à comissão científica até que eu pudesse apresentar os novos dados. Por isso, não lhe chamaria uma tese inovadora até a comissão a ter revisto — disse Erica.

— Mas o seu ensaio vai estar pronto, não vai? — perguntou Friederikson; os seus olhos eram penetrantes como agulhas.

— Por nada deste mundo faltaria no domingo — respondeu Erica.

— Ainda bem. Vai lá estar um velho amigo seu. Viajou até cá especialmente para a ouvir. Está muito entusiasmado — revelou Friederikson.

— Quem é? — perguntou Erica.

— Será uma surpresa. Tem de esperar para ver. — Friederikson virou-se então para Max. — Olhe bem por ela, senhor Carver. Esta linda senhora vai virar do avesso o mundo da investigação em parasitologia e provar que estamos todos errados.

— Provar que você está errado, Jürgen. — Waterson riu-se, ajustando o lacinho. — Eu nunca disse que era impossível produzir uma vacina eficaz contra a malária.

— Quer dizer que aquilo em que estás a trabalhar é *de facto* uma vacina contra a malária? — perguntou Max a Erica.

— Não, não é, como eles bem sabem. Toda a gente está a tirar conclusões precipitadas. Estou apenas a tentar isolar e compreender um punhado de enzimas que são importantes para o crescimento e o desenvolvimento de *um* tipo particular de parasita causador da malária, *numa* altura específica da sua vida e em apenas algumas espécies de mosquitos.

— Não deixe que ela o ofusque com a ciência, Max — disse Van Diemen, enquanto limpava os óculos. — Corre o rumor de que a sua

namorada descobriu uma forma revolucionária de enfrentar a doença.

— Que novos dados são esses? — perguntou Waterson.

— Terá de esperar para ver. — Erica bebeu um pequeno gole de vinho, como se tentasse banir dessa forma o tom cortante da sua própria voz.

— No entanto — disse Friederikson —, enquanto aplica uma última camada de tinta à sua tese, talvez o melhor fosse voltar a verificar as fundações. — A sua perna artificial chiou como se tivesse apreciado a piada. — Apenas para o caso de se verificar que há areia ali debaixo.

— Vamos lá, Jürgen — interveio Waterson. — Talvez devêssemos deixar estes dois jovens desfrutarem da sua refeição. — Sorriu a Erica enquanto conduzia os seus colegas de regresso à mesa.

Erica desfez o sorriso inexpressivo e fixo para beber uma grande golada do vinho que tinha no copo. Partiu metade de um pãozinho e enfiou um pedaço na boca, depois olhou para fora da janela. Max viu-a cerrar os maxilares e observou-lhe um reflexo de tensão no pescoço.

— Fala comigo — pediu ele.

A cabeça de Erica oscilou quase impercetivelmente ao rejeitar aceder ao pedido dele; até os seus brincos ao olhar lá para fora para a rua. Max tirou um dos seus novos cartões de visita e dobrou-o numa pequenina ave. Fê-la deslizar lentamente pela mesa e, com gentileza, dar umas bicadas no pulso dela.

— Canta, minha avezinha.

Erica virou-se, com os olhos a faiscar.

— Não *quero* falar sobre o assunto, está bem?

— Ei! Eu estou do teu lado. Não te vires toda assanhada contra mim. Credo, os cientistas são mesmo mal-humorados!

— Não sabes metade do que se passa. — Erica barrou furiosamente com manteiga a outra metade do pão. — Quanto mais

pequeno é o campo científico, mais obscura é a investigação, pior se paga aos investigadores, e maior se torna a rivalidade.

— Mas tratando-se da malária, vocês deveriam estar todos a trabalhar em conjunto.

— Não sejas ingénuo, Max. — Por cima do ombro, Erica apontou a faca da manteiga na direção da mesa onde Friederikson estava sentado. — Nas décadas de setenta e oitenta, ele passou vinte anos a tentar descobrir uma vacina contra a malária. Não conseguiu. Portanto, de certeza que não quer que ninguém seja bem-sucedido agora.

— Isso é uma perfeita loucura — exclamou Max. — Mas pelo menos não tens de dar ouvidos.

— E não dou. Mas eu não sou ninguém. O Friederikson é consultor sénior da Organização Mundial de Saúde; ele ficou ao lado do presidente dos Estados Unidos no Fórum Mundial de Saúde, estendem-lhe a passadeira vermelha em duas dezenas de capitais africanas. A malária pode não gerar muito dinheiro, mas o que existe, vai todo para ele.

— E quanto ao dinheiro do Bill Gates? — perguntou Max; Erica começava a enfurecer-se.

— Poderá fazer uma enorme diferença, mas ainda há muita coisa para fazer e realmente devem ser os governos ocidentais que há que envolver. Levei dois anos a angariar dinheiro para o meu projeto na Universidade de Columbia antes de pegar sequer no primeiro tubo de ensaio. Por fim, consegui que o Exército dos Estados Unidos e o Governo do Gana assumissem em conjunto os custos previstos de trezentos e cinquenta mil dólares. Então, em março do ano passado, o ministro da Saúde do Gana retirou a sua quota-parte do financiamento e cancelou a oferta das instalações para a realização de testes clínicos.

— Porquê?

— Disseram que iam transferir aquele financiamento para testes de um novo fármaco à base de plantas desenvolvido na China. Com aquela decisão, perdi o meu único assistente de investigação, o

acesso a equipamento de primeira categoria e tive de prolongar o estudo por uns quantos meses. E não adivinhas quem é o conselheiro do Gana?

— O Friederikson? — Max terminou o seu copo de vinho e pediu a conta.

— Exatamente. Portanto, quando o Friederikson prevê que nunca existirá uma vacina fiável contra a malária, isso transforma-se numa profecia que se cumpre.

— Mas não tens de continuar a pensar nele. Agora estás aqui. No domingo vais mostrar-lhes, está bem? Todo o teu trabalho, o teu esforço. Finalmente, vais ter o merecido sucesso.

Erica acalmou-se.

— Max. — Ela estendeu a mão e pegou na avezinha de cartão.
— Muito obrigada por acreditares em mim. E desculpa. Desculpa por te arreganhar os dentes.

— Sempre acreditei em ti. E agora nada te poderá parar.

Era uma previsão que ele iria desejar nunca ter feito.

* * *

— Estamos a ficar atrasados, Jack. — Penny Ryan estava de pé à porta do quarto do hotel onde Erskine se encontrava hospedado, observando o diretor-geral, que tinha uma gabardina pendurada no braço, a pasta na outra mão, e entretanto falava ao telemóvel. Ele assentiu com a cabeça, com ar contrito, e desligou a chamada.

— Desculpa, Penny. Como está a agenda?

— Não muito bem, Jack. O carro está lá fora. Vamos diretamente para Haia, e consegui encaixar a reunião com a equipa jurídica depois disso, às quinze horas, durante dez minutos. Aqui está o almoço. — Entregou-lhe um *croissant*. — Mande vir café para tomares pelo caminho.

— És um anjo, Penny.

— E tu és um demónio, a desestabilizar o programa. — Ela mostrou-lhe a agenda pessoal. Mais ninguém se atrevia a falar daquela forma com Jack Erskine, mas ele sabia bem que não devia

discutir com ela. Erskine chegava a trabalhar dezoito horas por dia, e Penny Ryan organizava cada um daqueles mil e oitenta minutos. Falava russo, francês e espanhol, nunca esquecia um nome e sabia arranjar a impressora do seu computador. Ele apreciava particularmente o seu riso malicioso e contagiante, a reserva de piadas de mau gosto e as suas pernas fabulosas.

— Penny, tens alguma pomada anti-inflamatória ou anti-histamínica? — Erskine coçou as costas da mão.

— Foste picado?

— Sim. — Mostrou-lhe a mão; Peggy tomou-a entre as suas, mexendo-lhe e ativando um inchaço no nó do dedo de Erskine.

— Hum... Está bastante inchado, Jack!

— Há uns dias que me dá uma comichão danada, digo-te. Tenho outra picadela no pescoço.

— É por causa dos canais. Calculo que aqui os mosquitos se reproduzam e desenvolvam em grande escala. Espera aí. — Penny voltou ao seu quarto e regressou com uma bisnaga na mão. — Toma. Experimenta isto. — Espremeu-lhe um pouco para as costas da mão e esfregou até a pomada ser absorvida.

Erskine olhou de esguelha para o tubo.

— É da Merck! Menina Ryan, posso perguntar-lhe por que razão transporta produtos do inimigo na sua mala?

— Nós não fazemos anti-histamínicos, pois não? — Ela riu-se. — Uma margem de lucro pequena, não há crescimento possível, se bem me lembro.

— Exatamente. Raios, mas sinto-me melhor com isto. Um dia, ainda compro ações da Merck. — Riu-se e puxou os punhos da camisa para baixo.

— Mais duas coisas, Jack. Lembra-te de que de quarta-feira a oito dias é o teu aniversário de casamento. Não achas que a Holanda seria um bom local para comprar um presente para a Eleanor?

Erskine suspirou.

— Que chatice! Que é que a Holanda tem? Não sou capaz de pensar em mais nada para além de queijo e vídeos pornográficos.

— Tenho aqui uma lista de distribuidores de cerâmica de Delft. Não te esqueças de que lhe compraste uma terrina de sopa da última vez que cá estivemos.

— Foi?

— Bem, pelo menos pagaste-a. Queres que compre os pratos do mesmo serviço?

— Não te importas? É um cartão, uma coisa não demasiado emotiva.

— Com certeza. Sabes que é o décimo aniversário, não sabes?

— Merda, pois é. Então é melhor dar-lhe algo de especial.

— Esta tarde posso ir a um centro comercial e comprar-lhe um vestido. Ela ainda veste o trinta e oito, Jack?

— Penso que sim. E vamos precisar de perfume.

— Qual foi a reação dela ao Elizabeth Arden que lhe ofereceste nos anos?

— Adorou, Penny, na verdade. Compra outro desses.

Penny tomou nota na agenda. Mais abaixo, na mesma página, ela tinha apontado o número de telemóvel de acompanhantes de luxo de Amesterdão que fossem confiáveis e discretas. Verificaria a disponibilidade delas no caso de Erskine fazer alguma insinuação a esse respeito.

Em dois anos como assistente pessoal dificilmente havia alguma coisa que não tivesse feito por Erskine. Tinha ouvido rumores infundáveis sobre alavancagem financeira, e intimidades induzidas pelo álcool sobre a libido em declínio de Eleanor. Em Lisboa, procurara num dos olhos dele uma lente de contacto perdida. Em Moscovo, pusera-o na cama depois de uma intoxicação alimentar, tendo tido primeiro de subir com ele quase a rastos ao longo de oito lanços de escadas porque o elevador estava avariado. Em Washington, tivera de coser um botão que lhe caíra do casaco, cinco minutos antes de uma reunião com o presidente da Agência de Controlo de Alimentos e Medicamentos.

Mas havia uma coisa que não faria. Penny Ryan não dormiria com ele. Erskine só tinha tentado uma vez, alguns meses antes, em São Francisco, depois de garantir um negócio chorudo, uma aquisição de quinze mil milhões de dólares. Ela travara a situação com graciosidade, untando a rejeição com a adulação necessária para fazer Erskine engoli-la. Desde então, o seu comportamento para com ela tinha sido impecável. Penny nunca comprometeria isso permitindo que se soubesse com quem andara *mesmo* a dormir.

— Há mais uma coisa — disse Penny enquanto conduzia Erskine para o elevador. — O Fórum de Parasitologia quer confirmar se vais discursar na terça-feira.

— Não me lembro disso — disse ele, irritado. — Por que razão nos convidam, Penny?

As portas do elevador abriram-se.

— Imagino que seja porque o Henry costumava discursar todos os anos, e querem que tu lhe sigas o exemplo.

Erskine esboçou um esgar de desdém.

— Se me conhecessem, saberiam que a última razão pela qual faria alguma coisa é porque o Henry Waterson a fazia. Já nem sequer temos produtos nessa área, graças a Deus. Quem mais vai estar lá?

— O presidente da Organização Mundial de Saúde...

Erskine fingiu bocejar.

— Os ministros da Saúde da Índia, do Brasil e de mais de uma dúzia de países africanos...

— Pechisbeque, meu Deus, e tambores da selva. A minha conceção do inferno. Que tal, Penny, arranjares-me um encontro com o brasileiro? Eles têm um mercado imenso no que diz respeito a cirurgia estética. Temos algo que vão adorar. Mais alguém?

— A Pfizer e a GlaxoSmithKline também estarão lá.

— Kindler e Garnier?

— Não. Apenas a nível da vice-presidência, segundo creio.

— Esquece. E quanto aos jornalistas?

— Até ao momento, quarenta estão credenciados.

— Uma ninharia. Na conferência do ano passado sobre a sida estavam presentes mais de mil. Está alguém do *Wall Street Journal*, do *Financial Times*, do *Economist*, da Reuters ou da Associated Press? Ora, têm de arranjar algo de jeito para me impingirem isso.

Penny percorreu a lista, abanando a cabeça.

— E no que toca a esse discurso, Penny. Suponho que eles queiram ouvir o que iremos fazer para melhorar as condições de saúde dos pobres do terceiro mundo, não?

— Algo do género.

— Então, o meu discurso resume-se a uma palavra: nada.

Erskine riu-se e carregou no botão do rés do chão.

* * *

Está a ser uma noite longa e terrível. O Land Rover avariou esta tarde enquanto circulávamos pelo leito pouco profundo de um riacho, que, ao que parece, é a única estrada que existe por estes lados. No momento em que aparecemos, um enxame de abelhas Trigona, sem ferrão, formou uma nuvem à nossa volta para nos beber o suor. Enfiaram-se dentro da nossa roupa, nas axilas, nos ouvidos, no canto dos olhos, nas narinas e na boca. Em cinco minutos tinham quase dado connosco em doidos, pelo que esperámos no cimo do monte até ao escurecer, e só depois voltámos para reparar o veículo. Passámos uma hora a empurrá-lo para o tirar do rio, depois mais umas horas a ser devorados vivos pelos mosquitos, enquanto o Georg permanecia debaixo do jipe a praguejar em húngaro por causa da embraiagem avariada e a tentar encontrar um parafuso importante que tinha deixado cair. Para passar o tempo, eu observava o Tomas. Ele segurava na lanterna enquanto o Georg faz a inspeção, e uma torrente de borboletas noturnas dançava em redor da sua cabeça como se fosse um halo. Imaginei que eram flocos de neve, e como seria sentir frio, e não estar a derreter sob o calor africano.

Esta tarde, vi a Amy lá em baixo, junto ao rio, a depilar as pernas. Ao que parece, faz isso todos os dias. Diz que tem a ver com o

respeito por si própria. Acho um pouco estranho. Ninguém liga nenhuma, e esses pequenos cortes parecem a maneira perfeita de apanhar infeções.

O Tomas está novamente a sorrir! Não sei como consegue. Hoje encontrou três sanguessugas no tornozelo, partiu a coroa de um dente num caroço de manga e deixou cair o computador portátil no riacho. E eu que fiquei furiosa apenas com uma sanguessuga — no entanto, esta agarrara-se ao meu pescoço! Que nojo!

Ah! O que se ouve é o som de um motor? Parece que nos vamos pôr a andar, pelo menos para um local decente onde acampar. Oxalá a mulher em Zizunga se consiga aguentar até nós chegarmos. Tenho medo de pensar no tipo de doença horrível que podemos apanhar ao passar dois dias com ela, confinados num Land Rover. Este é o género de pensamento egoísta que não posso dar a conhecer à Amy.

(Diário de Erica, 1992)

Bob Mazzio estava no Paraíso. O local chamava-se Hemel, palavra holandesa precisamente para «paraíso», e custava uma autêntica fortuna, mas, do seu ponto de vista, numa cama redonda com lençóis de cetim e uma mulher nua a montá-lo febrilmente, a tradução era perfeita. Por cima das costas dela, magras e arqueadas, e do longo cabelo negro que balançava com os seus movimentos, ficava um teto rococó em tom pastel, uma cúpula com Pégasos e querubins, numa brincadeira pegada em volta de um espelho circular, no qual a sua crucificação carnal era a peça refletida ao centro.

A rapariga pousava os seus seios pequenos e pontiagudos sobre ele, murmurando-lhe obscenidades ao ouvido numa qualquer língua do Leste europeu, quando sentiu que ele se aproximava da explosão final. As ancas dela rodavam cada vez mais devagar, controlando e retardando, administrando-lhe uma gota de êxtase líquido milímetro a milímetro. Quando chegou o momento, Bob, movido por pura gratidão, sentiu uma necessidade imperiosa de clamar o nome daquele anjo sardento, mas era demasiado tarde para perguntar outra vez como ela se chamava: Olga ou Luger, Natasha ou Katyusha, Stasi ou Sputnik; as palavras na sua cabeça entraram em órbita até ele voltar à Terra, a arquejar.

Pagara para lhe darem banho no fim, mas agora só queria sair dali, com a culpa a morder-lhe os calcanhares, como sempre acontecia. Lá fora, nas ruas sombrias, ainda a ajeitar os botões e a gravata, Bob respirou pela primeira vez de forma descontraída. O calor da excitação ainda lhe martelava nos ouvidos, mas o seu corpo sentiu a frescura do ar noturno. Apressou-se a ir ter com Quiggan no bar do hotel, pronto para reviver o encontro para a posteridade machista; pronto para se deleitar com a admiração do diretor financeiro por ele, novo membro do autoproclamado clube da Pharmstar dos homens que são infiéis às esposas.

Atrasado cinco minutos, parou numa ponte pedonal estreita e deserta, com a cabeça a latejar como se estivessem a martelar-lhe um prego lá para dentro. Um frio doloroso infiltrara-se-lhe nas articulações e a sua vista ficou turva. Não reconhecia onde estava e sentia-se muito mal. Lá em baixo, o canal cintilava de forma convidativa. Agarrou-se com força ao gradeamento frio, debruçou-se com o peito sobre a grade e vomitou para a água. No último esforço agonizante para se endireitar, caíram-lhe os óculos. Desapareceram no meio da galáxia crescente da sua angústia quase sem provocar nenhuma ondulação.

Um grupo de jovens foliões aproximou-se e rodeou-o. Ouviu o estalar das suas línguas em sinal de aversão por aquele bêbado em aflição, com o fato salpicado de vômito. Ele mandou-os para o inferno. Foi um pouco depois que Bob Mazzio, ainda tão recentemente no Paraíso, mergulhou na água fria sem ser visto nem ouvido.

* * *

Max teve três dias paradisíacos em Amesterdão. Ele e Erica caminharam quilómetros por ruas antigas e pitorescas, calcorrearam museus, pasmaram perante as mulheres que se exibiam nas montras do Bairro Vermelho e visitaram a casa, junto do canal, na qual Anne Frank se escondera dos nazis. Beijaram-se em bares, entrelaçaram as mãos em restaurantes à luz das velas e prometeram um ao outro prazeres demorados. Todas as noites, voltavam a correr para o seu quarto no Hotel Erwin, uma casa antiga e majestosa à beira do canal, com tetos esculpidos, uma magnífica escada curvilínea com o corrimão em teca e apenas catorze quartos.

Todas as noites, subiam os íngremes degraus de braço dado. Sem fôlego, desatavam na galhofa perante o olhar desaprovador de um mercador do século XVII cujo retrato estava pendurado ao cimo das escadas. Faziam amor entre os lençóis recém-engomados numa cama que rangia. No fim, costumavam abrir a janela para

ouvir os sinos de Westerkerk e o rangido e a chiadeira dos elétricos que passavam.

Eram 3h17 da madrugada de domingo.

O início de um pesadelo.

Max acordou na cama, vestido mas em desalinho, ligeiramente ressecado e inchado da refeição indonésia que tinham partilhado na noite anterior. O candeeiro da mesinha de cabeceira estava aceso, e Erica não se encontrava ao seu lado. Ele sentou-se. A porta da casa de banho estava fechada. Não se via luz por baixo da frincha. Max chamou-a, esperou, depois entrou. Premiu o botão para ligar a luz fria e ofuscante. Os seus olhos castanhos semicerrados miraram-no do espelho. Esfregou o cabelo espesso e encaracolado e apalpou a barba escura por fazer. Molhou a cara com água fria e secou-a com a toalha, tentando recordar a última hora dessa noite.

Tinham regressado ao hotel cerca das dez e quarenta e cinco. Max não tinha vontade de fazer nada mais exigente do que ver televisão. Erica deitara-se na cama ao seu lado enquanto ele percorria os canais. A determinada altura, ela deslizara-lhe as mãos pelos *jeans*, mas Max fizera que não com a cabeça e soprara o ar em sinal de cansaço. Nessa noite não. Não depois de o terem feito de tarde e duas vezes nessa manhã. Erica rira-se e beijara-o, acusando-o de comer demais.

Aninhara-se nele durante algum tempo, depois levantara-se e abrira a pasta, mencionando qualquer coisa a respeito de uns *e-mails*. Uns minutos mais tarde, enquanto dormitava com a televisão desligada, ouvira-a escrever no computador portátil. A última coisa que a tinha ouvido dizer foi que ia sair para «respirar um pouco de ar puro». Tão tipicamente inglês, pensara ele, e virara-se para o lado.

Aquilo tinha acontecido horas antes. Ela já devia ter voltado, mas onde estava agora? Erica tinha dificuldade em dormir. Por causa de toda aquela energia nervosa. Provavelmente, estaria a conversar com o porteiro da noite ou a passear pelo corredor.

Max pegou no telefone e marcou o zero. O porteiro da noite disse-lhe que Erica saíra às onze e meia e que não tinha regressado. A porta exterior era fechada à uma da manhã e qualquer hóspede que voltasse para o hotel teria de tocar a campainha. Era impossível não ter dado pelo seu regresso. Max ligou-lhe para o telemóvel e deixou-lhe uma mensagem, a primeira de muitas outras que enviou nessa noite. Erica ainda andava pela cidade. Max vestiu-se. Estava na altura de ir à procura dela.

A alameda junto ao canal estava sossegada. A água cintilava à luz dos candeeiros de rua e, sob os castanheiros-da-índia que bordejavam a margem, o ar era frio e húmido. Não se via ninguém por ali. Max virou à esquerda, para espreitar nos dois bares mais próximos. Estavam ambos fechados, com as cadeiras e as mesas de plástico empilhadas e acorrentadas nas esplanadas. A seguir, voltou para trás, passando à frente do hotel para se dirigir ao local onde tinham estacionado o carro alugado. O *Volkswagen Polo* verde ainda lá estava. Max cirandou durante meia hora pelas ruas pouco iluminadas, encontrando apenas o ocasional casal às gargalhadas ou algum ciclista. Por fim, debruçou-se no gradeamento de uma ponte do canal, fitando a água impenetravelmente escura, retardando o momento em que teria de regressar. Balbuciou um sarcástico «feliz aniversário» para si mesmo e voltou para o hotel. Sabia que não voltaria a dormir naquela noite.

* * *

Há uma hora, encontrámos uma mulher com um bebé na berma da estrada. Disse-nos que o marido tinha morrido no dia anterior e que ela caminhara todo o dia, sem comer nem beber, para conseguir tratamento para o seu filho doente. A exaustão e o desespero escorriam-lhe por todos os poros, mas quando ergueu o pequenino embrulho, o seu rosto resplandeceu de esperança. O Georg deu-lhe água enquanto a Amy pegava no rapazinho. O torso dele cabia inteiro na curva do braço dela, e os pulsos da criança não

eram mais grossos que um polegar. Apenas a cabeça, praticamente seca apesar do calor, era de tamanho normal.

A opinião geral era de que o miúdo tinha malária, mas o microscópio mais próximo para o provar ficava provavelmente em Zizunga. Enquanto Amy lhe punha o termómetro, eu tentava distraí-lo, pousando o meu dedo mindinho na sua mão. Ele não mo agarrou, mas os seus enormes olhos castanhos fixaram-me por um breve instante, com uma expressão receosa, e depois ele manteve-se prostrado como uma corda frouxa.

A mãe perguntou qualquer coisa ao Georg e sorriu, um largo sorriso de dentes cariados que quase me partiu o coração perante o peso de tanta confiança. A única palavra que consegui apanhar foi «remédio».

Só podíamos oferecer-lhe um pouco de comida, água potável e uma solução hidrolítica para aliviar a desidratação da criança. Depois disso, qualquer progresso dependeria do seu próprio sistema imunitário. Sugeri à Amy que poderíamos partilhar os comprimidos contra a malária que estávamos a tomar. Ela replicou-me que a composição dos nossos comprimidos era inútil quando a infeção já se estabelecera. E se não fosse malária, mas outra coisa qualquer?

A única alternativa era encavalitarmo-nos uns nos outros e trazê-los connosco. O Georg achava que as freiras em Zizunga não teriam nada melhor para lhe dar, mas pelo menos era possível fazer um diagnóstico. Contudo, quando ele abriu a porta, a mulher recusou-se a entrar.

A seguir virou-se para mim e depositou-me a criança doente nos braços.

— Remédio, Zizunga — disse-me ela. O Georg discutiu com ela, e as lágrimas começaram a correr livremente pela sua face. Não podia ir connosco porque tinha de voltar para enterrar o marido, mas o Georg recusou-se a levar o bebé sozinho, apesar dos protestos da Amy.

— Amy, não podemos aparecer em Zizunga, despejar uma criança moribunda nos braços da irmã Margaret e a seguir desandarmos para a pista de aviação. E mesmo que a criança sobreviva, nunca mais voltaremos a encontrar a mãe. Conheces as regras do MFA: «Nunca criar um órfão. Ou a mãe e o bebé, ou nenhum deles.»

A Amy mordeu o lábio enquanto via o Georg tirar-me gentilmente o menino do colo e devolvê-lo à mulher. Esta assentiu com a cabeça e desviou os olhos. Tomou a criança nos braços e começou a afastar-se de nós, até a escuridão a engolir.

(Diário de Erica, 1992)

—Sei que está preocupado, mas não deveria afligir-se; passou apenas uma noite. Tenho a certeza de que ela vai voltar. — O jovem polícia holandês estendeu o braço por cima da desarrumada secretária para pegar numa caneca de café manchada e lascada, e deu uma golada.

— Mas onde poderá estar? Não conhece aqui ninguém — disse Max.

O polícia encolheu os ombros.

— Claro que não sou capaz de responder às suas perguntas. Amesterdão é uma cidade grande, com muitas distrações. Sabe por que motivo as pessoas vêm cá. Gostam de ir até um café, fumam um pouco, eventualmente passam das marcas. Conhecem novos amigos, vão a uma discoteca. Talvez bebam demais. Não é assim tão estranho. Ainda nem são sete da manhã. Mesmo que alguém não apareça há oito horas, para nós ainda não é um caso de desaparecimento.

— E quanto à possibilidade de um acidente?

— É possível, com certeza. Irei verificar mais tarde, se ela ainda não tiver aparecido. A noite passada, não houve mortes em acidentes rodoviários na cidade. Se estivesse ferida, nesta altura o hospital já teria entrado em contacto com o hotel onde estão hospedados.

Max suspirou.

— Suponho que sim.

— Vocês os dois discutiram?

— Não.

A cabeça do polícia continuou inclinada, com as sobrancelhas arqueadas como se não tivesse ouvido a resposta.

— Não, de verdade que não discutimos. Entre nós tudo corria às mil maravilhas.

O polícia acenou com a cabeça, como que a mostrar compreensão e solidariedade. Talvez pressentisse um amante rejeitado e agarrado à mais pequena esperança. Até ao momento, não anotara mais nada senão os nomes deles e o hotel.

— Ela levou o passaporte?

— Talvez. Não o vi, mas sou eu que tenho os bilhetes de regresso de avião. O carro que alugámos ainda lá está e a Erica não levou a bagagem dela. Se tencionava ir-se embora, por que razão não levaria a bagagem?

O polícia encolheu os ombros e olhou para Max por cima das mãos entrelaçadas.

— Talvez se ela não tiver chegado até segunda-feira de manhã...

Max esfregou os olhos cansados.

— Esta tarde, às cinco horas, irá proferir uma comunicação numa conferência. Vão lá estar milhares de pessoas à espera de ouvir o que ela tem para dizer. De maneira nenhuma a Erica faltaria a uma coisa dessas.

— Então tenho a certeza de que irá aparecer lá. — O polícia olhou fixamente para Max durante um longo momento. — Senhor Carver, posso fazer-lhe uma pergunta?

— Claro.

— Há quanto tempo o senhor e a menina Stroud-Jones estão juntos?

— Apenas há alguns meses.

— Há quanto tempo, precisamente?

— Acho que três meses.

O polícia inclinou-se para trás na cadeira, com os braços atrás da cabeça. Falou com suavidade.

— Não é muito tempo. Não é tempo suficiente para se conhecer realmente alguém, pois não?

* * *

Eram oito horas quando Max regressou da esquadra da polícia. Correu para o quarto, cheio de esperança. Ela ainda não tinha

regressado. Max tentou descobrir se Erica levara alguma coisa para além da carteira e da mochila. Uma das suas malas permanecia aberta em cima da mesinha do café, a outra estava no chão. A gabardina continuava pendurada no armário. Max desceu para o pequeno-almoço. Não havia lá mais ninguém, por isso serviu-se do *buffet* de queijos e carnes frias. Uma empregada loira e roliça levou-lhe café. Tinha sido ela a servi-los ao almoço no dia anterior.

— A sua mulher irá descer em breve? O pequeno-almoço termina dentro de cinco minutos.

— Ela não se sente bem. Esta manhã, sou só eu.

— Ah, vinho a mais a noite passada. — A empregada acenou com a cabeça.

Max olhou para cima, sem saber ao certo se aquilo era a famosa frontalidade holandesa ou algo mais.

— Desculpe?

— Eu disse que talvez ela tenha bebido demais. — A empregada começou a retirar os pratos de outra mesa, colocando-os num tabuleiro.

— Eu sei que foi isso que disse. Está a dizer-me que a viu ontem à noite?

— Claro que vi. No cafezinho aqui da esquina. Não sabia?

— Não, não sabia. Que horas eram?

— Eu e o meu marido chegámos cerca da meia-noite e ela já estava lá, com uma garrafa de vinho meio vazia. O meu marido interrogou-se por que razão uma *meisje* tão bonita estaria a beber sozinha.

— Sozinha. — Max pronunciou a palavra com um suspiro de alívio.

— Durante algum tempo, sim. Depois chegou um homem e sentou-se com ela.

— Tentou engatá-la?

— *Nee*, não. Eles conheciam-se. Deram um beijo na face e o homem pegou-lhe nas mãos. — A empregada olhou para Max e

depois acrescentou rapidamente: — Apenas velhos amigos, suponho. Ela não lhe disse?

Max abanou a cabeça.

— Espero não estar a criar problemas à sua mulher — disse a empregada.

— Não, está a ajudar-me a salvá-la de problemas. Ela não está doente. Simplesmente, não regressou ao hotel. Ainda não, por qualquer razão.

— Ah. — A empregada analisou-o, pensativa, limpou as mãos num guardanapo e sentou-se. — Então suponho que queira saber tudo sobre o tal homem.

— Sim, julgo que é o melhor.

— Era um homem de meia-idade, estatura média, usava óculos. Nada que chamasse a atenção. — Estendeu o braço e deu umas palmadinhas na mão de Max. — Absolutamente nada de especial.

Max não tinha a certeza se isso o confortava ou não. O sabor do ciúme azedou-lhe a boca.

— Acha que era holandês?

— Não. Falavam em inglês um com o outro, e o sotaque dele não era holandês. Talvez estrangeiro.

— Ah... Era coxo, ou tinha o cabelo cortado curto? Tem a certeza de que não era velho? — A presença poderosa do professor Friederikson estava impressa na memória de Max.

— Não. Não era velho; teria menos de cinquenta anos. E não reparei que coxeasse.

— Eles saíram juntos?

— Não os vi sair, mas quando voltei a olhar, já não estavam lá.

— Percebo. — Max tamborilou na mesa, pensativo.

— Ela voltará não tarda nada, tenho a certeza. Nessa altura, poderá perguntar-lhe diretamente todos esses pormenores. Tenho a certeza de que não eram amantes.

— Obrigado pela sua perspicácia — disse Max, dubitativo. A seguir, regressou ao quarto, sentou-se na cama e tentou pensar com clareza.

Lançou as duas malas dela para cima da cama e abriu-as. Com cuidado, levantou os cantos das blusas e dos fatos, à procura de alguma coisa, qualquer coisa que anulasse a dor de não saber. Imaginou uma pilha de cartas de velhos amantes ou talvez uma nota de um encontro inocente com um antigo colega. Nos compartimentos com fecho das tampas das malas encontrou cópias de ficheiros, uma resma de revistas e artigos científicos, os seus próprios apontamentos impressos e o passaporte. Ainda não vira o computador portátil de Erica em lado nenhum. Poderia tê-lo levado com ela? Ou estaria no carro?

Na segunda mala, Max encontrou três volumosas agendas de secretária, as capas rígidas já amolecidas, manchadas e com os cantos dobrados pelo uso. Era um diário densamente preenchido, numa escrita inclinada e de diferentes cores, que datava de 1985. Max folheou-o, passou por recortes de jornais, postais de amigos e flores secas. Uma vida completa registada ao pormenor. Até a própria caligrafia tinha mudado ao longo dos anos. A letra tornara-se mais pequena e cuidada. Ela deixara de colocar um círculo por cima do «i» por volta de 1987. Nas últimas semanas, as novas entradas tinham-se tornado notas sucintas. Curioso, Max folheou até junho, apenas umas semanas depois de se terem conhecido, e encontrou uma entrada mais extensa.

* * *

Hoje vi o Max na sua oficina. Estava a trabalhar numa peça de folha de cobre maior do que uma cama de casal. A toda a volta, no bordo, o cobre estava perfurado de orifícios e ele fixava um cabo de metal, na diagonal, entre os dois orifícios mais distantes. Uma hora depois, tinha unido a folha inteira como se fosse um espartilho. Utilizou uma chave-inglesa nos parafusos grossos, que, numa das extremidades, mantinham os cabos no sítio, e começou a apertá-los, um quarto de volta de cada vez em cada um deles. O metal tremeu e enrolou-se, enquanto os dois cantos opostos se elevavam do chão. Em breve estava quase dobrado em dois, tremelizando

com tamanha força de retração que tive medo de me aproximar, não fosse aquilo despedaçar-se. O Max bateu num dos cabos com a sua chave-inglesa e na sala ouviu-se o murmúrio de uma estranha ressonância. Bateu num outro e o som foi diferente.

— As notas variam dependendo da maneira como defino os orifícios e o calibre do arame, o tom depende da espessura da folha de metal e de se tratar de aço ou de cobre, alumínio ou latão, estanho ou chumbo. Estou a pensar em formas de aquecer ou arrefecer o metal para obter uma mudança nos tons musicais.

Dei-me conta de que as suas esculturas descrevem o caráter do mundo físico de modo mais eloquente do que qualquer químico ou físico. Ele disse-o melhor:

— Tortura-se o metal para conseguirmos que nos mostre a sua alma.

Foi nesse momento que percebi que me apaixonara por ele.

(Diário de Erica, 2002)

* * *

Max não sabia há quanto tempo se encontrava a olhar para o teto quando viu o mosquito. Este estava imóvel no reboco por cima do candeeiro. A sombra da curva das suas costas refletia-se na tinta branca. Max pegou no seu *International Herald Tribune*, enrolou-o cuidadosamente e pôs-se em cima do centro da cama, em meias. Depois de um estrondo, o mosquito era apenas uma mancha vermelha debaixo da lâmpada que baloiçava de forma furiosa. E à medida que Max continuava a bater repetida e desvairadamente na mancha, a sua respiração tornou-se um arquejar rouco.

Jack Erskine, Penny Ryan e Don Quiggan saíram do frio da mortuária central de Amesterdão e ouviram a pesada porta bater com força atrás deles. Ninguém pronunciava uma palavra. A visão do corpo pálido e peludo de Bob Mazzio pairava à frente dos seus olhos como um fantasma, com a baba seca a orlar-lhe os lábios azulados, os olhos vazios.

Penny sabia que Jack lhe pediria para falar com Heidi Mazzio, para responder às inevitáveis perguntas que as sucintas informações telefônicas da polícia holandesa teriam deixado sem resposta. Sim, ele estava sozinho. Não, não fora assaltado, a carteira ainda se encontrava no seu casaco. Sim, parecia que ele tinha apenas caído. Não, Amesterdão não é considerada uma cidade perigosa para se andar na rua àquela hora. Sim, também ficámos surpreendidos por ninguém o ter ouvido debater-se na água. Não, não cremos que ele tivesse estado a beber. Não, não há necessidade de autópsia. O afogamento foi a causa oficial de morte. Sim, o seu corpo repousa numa capela muito simpática até conseguirmos um avião para o mandar para casa. Enviamos a todos vós as nossas mais profundas condolências. Heidi, deixe-me dizer-lhe que sentiremos imensamente a falta do Bob.

O que Penny não diria a Heidi é que o canal onde o marido se afogara ficava no Bairro Vermelho. Destruiria o recibo molhado, mas ainda legível, encontrado na sua carteira; uma transação, efetuada apenas três horas antes, na qual ele pagara novecentos euros, por «serviços empresariais» com o cartão dourado da empresa. Guardaria para si própria as evidências de um descuido pouco habitual na sua forma de vestir — o médico forense assistente reparara que a camisa *Van Heusen* de Bob estava mal abotoada, com uma ponta mais comprida, e que o cinto não estava enfiado em duas presilhas das calças do fato *Hugo Boss*.

Não, ela não falaria mal do morto.

* * *

Hoje foi um dia infernal. Passámos quatro horas de gatas a cavar para desenterrar o Land Rover e a enfiar ramos da mata nos sulcos por baixo do carro. Não parou de chover durante dois dias, e a lama fazia com que parecêssemos ter sido mergulhados em chocolate derretido. O Georg disse que, em princípio, devia haver um ponto onde pudéssemos atravessar melhor o rio Asa durante a estação das chuvas, mas não conseguimos encontrá-lo.

Precisamente quando acabámos, duas mulheres foram ao rio buscar água, dizendo-nos que Zizunga ficava apenas a quinze minutos a pé. Levámos mais tempo do que isso no Land Rover, porque tivemos de cortar algumas árvores para conseguir que o jipe passasse pelo meio da mata, e finalmente chegámos a um recinto lamacento rodeado por duas dúzias de palhotas pouco firmes, onde fomos recebidos por uma horda de crianças excitadas. Empurraram-nos para uma cabana onde duas freiras belgas de meia-idade, as irmãs Margaret e Annette, estavam a cuidar da senhora doente, cujo nome era Sophie Hofhaus. O marido, um entomologista brasileiro chamado Jarman Herrera, segurava-lhe na mão.

A Sophie deve ter sido uma mulher muito bonita, com uns grandes olhos castanhos e maçãs do rosto delicadas, mas agora parecia de cera, como um cadáver. A sua respiração era fraca e acelerada, os olhos estavam encovados. Uma espuma seca cobria-lhe de crostas os lábios gretados. O Georg interrogou o Jarman acerca da doença dela. Ele acha que não se trata de disenteria. O Georg levantou delicadamente a possibilidade de ser raiva, mas o Jarman replicou que a mulher estava vacinada e que, em todo o caso, há meses que não era mordida por nenhum dos macacos. Ela também fora vacinada contra a febre-amarela, portanto, essa hipótese estava excluída. O Jarman disse que observara no seu microscópio uma amostra do sangue da Sophie e que inicialmente julgara que poderia ser malária, mas quando as freiras utilizaram o kit de teste ParaSight, para exame do plasmódio em gota espessa

de sangue, o resultado tinha sido negativo. O Jarman ainda continuava convencido de que se tratava de algum tipo de infeção do sangue.

Carregámos com ela para o Land Rover o melhor que pudemos, enquanto o Jarman lhe afagava o rosto e falava com ela. Não havia espaço para todos no veículo, por isso o Tomas e a Salvation ficaram em Zizunga com a irmã Annette. A Amy utilizou soro e deu uma injeção à Sophie para parar com as convulsões.

Quando estávamos prestes a partir, a irmã Margaret surgiu numa moto enlameada com o motor a roncar, de capacete na cabeça e com as botas de cano alto usadas pelos motociclistas. O Jarman disse-me que, em 1966, antes de professar, a irmã Margaret tinha atravessado o Sara na mesma velha Husqvarna. Era uma excelente mecânica e, se o Land Rover ficasse pelo caminho, ela seria capaz de resolver o problema, ou poderia ir de moto buscar ajuda. Sem a sua motorizada ter-lhe-ia sido impossível manter o contacto com aldeias remotas, visitar os doentes e confortar aqueles que perdiam entes queridos.

O Jarman disse-nos que o exército fizera todos os possíveis para transformar Zizunga numa cidade-fantasma. Tinham chegado três meses antes no meio de uma barulheira de motores e recrutaram todos os homens com idades compreendidas entre os quinze e os trinta e cinco anos. Também se haviam assenhoreado da maior parte do milho, do inhame e da mandioca excedentes da última colheita. Às quatro da tarde, o Georg comunicou com Kisangani através do rádio para saber se o Cessna, com o respetivo piloto, fretado pela empresa suíça proprietária do centro de investigação já estava a caminho de Ubulu. Informaram-no de que o avião haveria de estar na pista de aviação pelas sete horas da manhã seguinte. A única maneira de chegarmos a tempo era viajar a noite inteira. E numa moto seria demasiado esgotante. Insistimos com a irmã Margaret para voltar para trás se queria chegar a casa antes de escurecer, mas ela recusou. Por fim, chegámos a um acordo. A

moto foi amarrada às grades do tejadilho, enquanto a irmã Margaret se apertava no banco da frente, entre mim e o Georg.

Durante horas sacolejámos e derrapámos e chocámos com obstáculos ao longo dos piores caminhos florestais que eu já vi na vida. O Jarman nunca largou a mão da Sophie. Contou-me que se tinham conhecido numa faculdade de ciências em Graz, na Áustria, quando ele, em programa de intercâmbio, era um estudante interessado em traças e escaravelhos e ela uma espécie de estrela do departamento de Zoologia. Para a Sophie não tinha sido amor à primeira vista, mas ele era persistente e finalmente conseguira vencer. Casaram em 1974, tiveram uma lua de mel de dois dias em Zanzibar e a seguir tinham vindo trabalhar para aqui, fundando a colónia de macacos da Tetro-Meyer. O primeiro ano fora o pior. As condições eram miseráveis, eles estavam frequentemente doentes, as gentes locais eram desconfiadas e os seus patrões pareciam tê-los esquecido. No entanto, já tinham a certeza de serem felizes. Enquanto o Jarman falava, eu olhava para a figura inconsciente da Sophie, que parecia ter um ligeiro sorriso no rosto.

Cerca das nove da manhã, o Georg blasfemou e travou com força. À nossa frente, uma dúzia de hienas rasgava a carcaça de um pequeno antílope chamado duiker. Os seus olhos amarelos e perversos refletiram os faróis, e não mostraram medo, farejando o ar ao passarmos como se conseguissem sentir que éramos algo de mais tenro.

Por volta da meia-noite, o Georg passou o volante ao Jarman, mas quando o próprio doutor, às cinco da manhã, começou a cabecear e nos enfiou pela mata dentro, percebi que chegara a minha vez de pegar no volante.

E foi quando fizemos a mudança que reparámos. As minhas mãos tinham manchas escuras, assim como os bancos e o chão do veículo. A lanterna do Georg revelou que o cobertor da Sophie estava encharcado de sangue escuro, quase preto. Dava a impressão de que estava a passar o sangue para a urina. Com o movimento do jipe, espalhara-se por toda a parte. Quanto à Sophie,

delirava e nem sequer reconhecia o marido. Ele parecia estar em pânico, e ninguém conseguia dizer o que quer que fosse para o tranquilizar. Limpámos o que pudemos num silêncio lúgubre e voltámos a partir. Não havia mais nada a fazer.

A irmã Margaret falava continuamente enquanto eu conduzia, mas era o medo que na verdade me mantinha acordada. Quando o Jarman adormeceu, ouvi a Amy e o Georg reverem os sintomas da Sophie e quais as fontes dos casos mais graves: febre de Lassa, febre hemorrágica, ébola, a doença do macaco-verde. Todas eram altamente contagiosas, por regra fatais, e difíceis ou impossíveis de tratar até mesmo num hospital ocidental. A discussão tornou-se ainda mais surreal quando debatemos a opção entre passarmos nós à quarentena ou tentarmos salvar a Sophie. Ficámos exaustos antes de chegarmos a qualquer conclusão.

Foi com alguma surpresa que às 6h30 passámos por algumas palhotas e por uma estrada de brita, antes de chegarmos à pista de asfalto coberta de capim, em Ubulu.

Não se via ninguém, por isso aguardámos. O Sol nasceu, brilhando através da copa da floresta, e os grilos calaram-se. Apareceu um homem com uma vassoura e varreu o pátio do barracão caiado de branco da pista de aviação, depois voltou a desaparecer. Já passava das sete da manhã quando o Georg entrou em contacto com Kisangani através do rádio. De lá disseram que o Cessna já deveria ter chegado.

O Jarman improvisou uma cama ao lado do Land Rover e carregou com a Sophie para lá como se fosse uma criança adormecida. A Amy veio até junto de mim e segredou-me ao ouvido:

— Ela entrou em coma. Tenho receio de dizer ao Jarman, mas ela não vai resistir.

A irmã Margaret sentou-se ao lado da Sophie e pegou no seu terço enquanto o Jarman perscrutava freneticamente o céu vazio, com a mão em pala sobre os olhos, esforçando-se por detetar ao longe o mais minúsculo ponto. Pouco antes das oito da manhã, a irmã Margaret levou o Jarman a dar um curto passeio, pondo-lhe o

braço por cima do ombro como se fossem velhos amigos. Só conseguíamos ver a cabeça dele a abanar lentamente de um lado para o outro. Quando regressou, com o rosto sulcado de lágrimas, ajoelharam-se os dois, curvados sobre a Sophie. A irmã Margaret prestou-lhe o último sacramento. Às 8h17, à sombra do Land Rover e sob um céu sem nuvens e muito azul, Sophie Hofhaus soltou um profundo suspiro e morreu.

(Diário de Erica, 1992)

* * *

Max olhou para o relógio. Eram quase dez horas. A comunicação de Erica na conferência teria início às quatro da tarde. Max sabia que ela chegaria cedo. Erica podia tê-lo expulsado do seu coração, mas os parasitas, os vermes e os insetos serpenteariam ali eternamente. Além disso, poderia haver uma oportunidade de encontrar o professor Jürgen Friederikson e conseguir algumas pistas sobre quem era esse velho amigo que ele mencionara no restaurante. A ausência do computador portátil era um indício de que aquilo tinha tudo a ver com o ensaio dela. Por que outra razão Erica sairia furtivamente para um encontro secreto à meia-noite tendo uma conferência à porta?

Calçou os sapatos e saiu para se dirigir ao carro que tinham alugado. O *Polo* verde estava estacionado na faixa da direita, numa das centenas de lugares de estacionamento oblíquo, com igual espaçamento, e espremidos entre a estreita rua empedrada e a borda do canal.

Quando se encontrava a uns sessenta metros do estacionamento, Max viu uma mulher de cabelo castanho comprido e ondulado, com uma saia azul muito curta. Estava debruçada, a remexer no porta-bagagens de um carro com as rodas bloqueadas. Tirou de lá de dentro um objeto de plástico do tamanho de um livro grande, meteu-o num saco de plástico e prendeu-o no cesto de uma bicicleta. Max sentiu-se de certa forma solidário, depois de ele

próprio, desde que chegara, ter tido de meter moedas de poucas em poucas horas no maldito parquímetro. A rapariga montou na bicicleta, um monte de ferrugem pintado de cor-de-rosa, e passou por ele, com um pedal teimoso a fazer um chinfrim cada vez que ela o pressionava. O olhar de Max demorou-se na sua silhueta bem torneada enquanto ela se afastava.

No momento em que chegou ao lugar de estacionamento, Max percebeu que o carro com as rodas bloqueadas era um *Polo* verde. Verificou a inscrição na chave de controlo remoto, comparando-a com a matrícula. Era mesmo o *seu* carro. Acabara de ser roubado. Em plena luz do dia. O objeto cinzento de plástico — devia ser o computador portátil de Erica. Não podia ser mais nada.

Max praguejou entredentes e desatou a correr ao longo da rua deserta, atrás da rapariga. A ladra estava agora uma boa centena de metros à sua frente, a avançar de forma regular, sem se aperceber da perseguição que ele lhe fazia. Aos dezasseis anos Max completara os 100 metros em 11,8 segundos. Isso tinha sido antes das muitas cervejas e das muitas refeições de micro-ondas que entretanto consumiu. Usou os braços para ganhar impulso, sem recorrer à sua velocidade máxima. Era a única forma de usar apenas a parte exterior e as pontas dos pés para se movimentar. A última coisa que queria era que ela o visse e desatasse a acelerar.

A distância entre os dois era de cerca de quarenta metros quando ela se voltou para trás, com uma expressão surpreendida estampada no rosto. Inclinou-se para a frente e começou a pedalar com força, puxando pelas suas pernas bronzeadas. *Click, click, click*. A bicicleta acelerava, a chocalhar sobre o empedrado. Quando Max reduziu o intervalo para vinte metros, ela agarrou-se com firmeza ao guiador, impulsinando o tronco para a frente para arrancar cada grama de potência da velha bicicleta. Max estava suficientemente perto para ouvir o arranhar da corrente com falta de óleo, para ver o enchimento de espuma a sair do assento partido, para observar o movimento irregular da deformada roda de trás, as longas pernas dela e o traseiro bem torneado a darem o máximo.

Cerca de duzentos metros à frente, um táxi *Mercedes* avançava ruidosamente pelo empedrado na direção deles, ocupando na totalidade a rua estreita. Uma última esperança. Max deu um impulso suplementar, mas sabia que não conseguiria manter o esforço por muito tempo. Quando estava já a cerca de dez metros, a rapariga levantou o corpo e carregou nos pedais com força. A bainha da sua saia levantou, a voar atrás dela, deixando ver umas cuecas coloridas estampadas com personagens de banda desenhada. Max reconheceu o Bugs Bunny e o Road Runner.

Ela estava em rota de colisão com o carro, porém, no último instante, quando a buzina soou de forma estridente, a rapariga guinou a bicicleta para a esquerda, levantando a roda da frente com perícia para saltar a berma, por entre os obstáculos colocados para impedir o estacionamento, circulou um pouco pelo passeio estreito e, depois de o táxi, passar desceu novamente. Max deu um salto para o lado quando o táxi avançou, a abrir caminho como um arado. A mulher tinha agora a possibilidade de escolher entre várias pontes, à esquerda ou à direita, ou também poderia seguir em frente para os semáforos, para uma rua mais larga por onde passava o trilho do elétrico. Mas ela virou à esquerda.

O coração de Max batia com força e a sua respiração fazia-se em descargas fortes e sonoras. Ao dobrar a esquina, o seu estado de espírito animou-se. Três jovens britânicos barulhentos, de *Heineken* na mão e cigarro *Marlboro* na boca, iam começar a subir a ponte. A mulher tocou a campainha da bicicleta quando estava no cimo da ponte, e começou a descer na direção deles sem travar, com o cabelo ao vento.

— Façam-na parar! É uma ladra — gritou Max.

Eles desataram a rir enquanto se afastavam um para cada lado, assobiando à rapariga. Um deles virou-se para Max.

— Roubou-te a melhor bicicleta de corrida, pá, foi isso? É melhor desistires de fumar se a queres apanhar.

Vão-se lixar, pensou Max detendo-se. *Vão-se foder*. Mas mesmo não sendo um fumador, ele não tinha fôlego para lhes dizer aquilo

em voz alta.

A mulher virou a toda a velocidade para a esquerda, ao longo da rua seguinte na margem do canal, olhando uma única vez para trás por cima do ombro, antes de virar à direita para uma viela estreita. Max correu para lá, agarrado à parte lateral do corpo. Dobrou a esquina, apoiando-se na parede de tijolo, a arfar.

A ruela era uma curta passagem para uma rua principal, e estava deserta. A um lado, uma fileira de restaurantes e bares pitorescos, com o primeiro piso saliente em relação ao rés do chão, a formar alpendres, vidro medieval irregular e com bolhas, tabuletas velhas de metal e gastas escadas de acesso a adegas. Do outro lado havia uma série de edifícios entaipados, cobertos de *graffiti* desenhados com *spray*. Via-se cocó de cão por quase todo o lado. Ao fundo da ruela, algumas bicicletas maltratadas estavam acorrentadas ao gradeamento. Nenhuma delas era cor-de-rosa.

Max caminhou ao longo da viela e foi dar a uma rua principal no preciso momento em que um elétrico amarelo passou rente a ele. Pelo aspeto, era uma rua de comércio, mas num domingo de manhã havia apenas algumas pessoas por ali e todas as lojas estavam fechadas. Max escrutinou o fluxo contínuo de ciclistas que se dirigiam para a estação central, do lado esquerdo. A ladra não se encontrava entre eles.

Regressou ao *Polo*. A mala do carro estava destrancada. Ele abriu-a e encontrou a pasta preta do computador portátil de Erica. Vazia. Não conseguia compreender por que motivo Erica tinha posto o computador ali sabendo que nele estava guardado o seu precioso ensaio. Estaria mais seguro no quarto do hotel. Só podia rezar para que ela tivesse uma cópia escondida nalgum sítio. Max passou revista ao resto do carro. Não parecia que tivessem levado mais nada. Até mesmo o leitor de CD estava intacto.

Sentou-se ao volante e tentou pensar. Ninguém conseguiria ver, cá de fora, o interior da mala do carro. No entanto, a ladra, trabalhando em plena luz do dia, preferira ir lá diretamente em vez de se dedicar ao alvo mais óbvio. Só havia uma explicação. Ela

sabia exatamente aquilo que procurava. Não podia ser uma coincidência.

* * *

Estacionámos o Land Rover sobre a Sophie para manter o seu corpo fresco e as moscas à distância, até conseguirmos arranjar uma mortalha de algodão ou uma cobertura de plástico. Muitas crianças e alguns adultos juntaram-se à sua volta para lhe prestar homenagem. Um artesão local trouxe-nos uma urna em contraplacado, que ele próprio decorara. Recusou-se a receber qualquer dinheiro.

Ao meio-dia, chegou finalmente um avião, mas não era o Cessna que a Tetro-Meyer contratara. Pertencia a uma empresa mineira sul-africana. O piloto vinha de Kisangani e tinha visto dois mondeses, homens brancos, entrar no Cessna da Tetro-Meyer. Pensou que estivessem a descolar noutra direção, para Kinshasa. O Jarman estava sem palavras. Quando ele se afastou com as mãos na cabeça, o Georg puxou o piloto para o lado. Vi o piloto meter ao bolso um maço de notas e ouvi-o concordar em levar o Jarman e a sua mulher morta até Kinshasa. Pelo menos, o Jarman não teria de enterrar a pobre Sophie na mata.

O avião levantou voo no meio da neblina provocada pelo calor e foi diminuindo de tamanho até se transformar num pontinho a zumbir sobre a implacável e interminável floresta. Se eu fosse o Jarman, lá em cima com a minha mulher morta e os sonhos desfeitos, não voltaria para tomar conta de um monte de macacos. Mas toda a gente diz que é isso que ele vai fazer. Afirmam que é o tipo de pessoa para dizer: «Isto é o que ela queria que eu fizesse.»

(Diário de Erica, 1992)

Para Jack Erskine, domingo era como qualquer outro dia de trabalho: quando Penny bateu à porta do seu quarto, às cinco da manhã, já ele tinha corrido cerca de três quilómetros, tomara duche, comera um pequeno-almoço de fruta fresca e muito café, antes da sua reunião com a ministra holandesa da Saúde.

Inicialmente, contara chegar a Amesterdão e partir dois dias depois. A Pharmstar havia concordado em comprar os Laboratórios Utrecht NV por três mil milhões de dólares em ações, os protocolos do acordo tinham sido assinados, o negócio fora anunciado, todos estavam felizes. Depois, a ministra, Betsy Dijkstra, pedira para se encontrar com ele. Erskine tinha a sua filosofia acerca dessas coisas. Os ministros gostavam de garantias pessoais relativamente a transações e, neste caso, Erskine ficava satisfeito por adiar um pouco a partida para as dar. Afinal de contas, estava previsto que a senhora Dijkstra fosse a próxima comissária da União Europeia para a Concorrência. Era necessário oferecer todo o seu charme a quem quer que pudesse controlar futuros planos de aquisição por parte da Pharmstar.

— Tens tudo aí? — Erskine olhou para Quiggan enquanto este folheava os arquivos de Mazzio. Encontravam-se numa sala de conferências do Hotel Krasnapolsky e a comitiva de Dijkstra deveria chegar dali a cinco minutos.

— Penso que sim. O Bob tinha feito o trabalho de casa com antecedência — respondeu Quiggan.

— Ainda bem — disse Erskine. — Já é suficientemente embaraçoso ter-se atirado para um canal. Mas ter a documentação atrasada seria imperdoável.

Quiggan olhou para cima de soslaio, à procura de uma centelha de ironia nas feições de Erskine, mas nada encontrou.

— É isso que vais dizer à Heidi?

— A quem?

— À mulher do Bob. Ela chega esta tarde, não te lembravas?

— Ah, sim. A Penny está a tomar conta do assunto.

— Pois, mas a Penny reservou uma mesa para quatro para esta noite. Está à espera de que *nós* levemos a mulher do Bob a jantar. Devias dizer-lhe algumas palavras acerca do contributo dele. Faz com que regresse a casa a sentir-se bem.

Erskine suspirou.

— Vou pôr a Penny a tratar diretamente disso. O tipo só estava connosco há três meses; não se ganha tão depressa direito a uma parada com *confetti*.

Quiggan assentiu com a cabeça.

— Pois. Ele era bom na área financeira, mas não avaliei o seu conhecimento da indústria nem o seu ritmo de trabalho.

— Faltava-lhe empenhamento, Don. O tipo não é nenhuma perda. — Erskine esticou a gravata. — Vou falar com a Penny. Claro que cuidaremos da Heidi e das crianças. Mas jantar, não. Tenho outros planos. — Colocou as mãos em concha por baixo de seios imaginários e piscou o olho a Quiggan.

O diretor financeiro arreganhou um lado da cara num meio-sorriso.

— A loira da última vez?

Erskine confirmou com a cabeça no preciso momento em que o telefone tocou. Quiggan atendeu. Dijkstra tinha chegado e estava a subir com um grupo de funcionários ministeriais. Erskine apoiou-se numa mão para se levantar do sofá.

De repente, sentiu-se tonto, como se estivesse longe, como se olhasse para cima a partir do fundo de uma piscina. A sua cabeça latejava, com o sangue a martelar nos ouvidos. Quiggan parecia-lhe mover-se em câmara lenta, abrindo a porta a uma mulher corpulenta com o cabelo curto e a dois funcionários do sexo masculino. Erskine viu a sua própria mão estender-se para apertar a mão que a ministra lhe estendia, mas não ouvia as palavras que ela lhe estava a dizer, apenas um zumbido na cabeça.

Quando recuperou a consciência, Quiggan apoiava-o contra a parede da casa de banho e lançava-lhe água para a cara.

— Então, Jack? Vamos lá. Como te sentes?

— Esquisito. Que aconteceu?

— Quando estavas a apertar a mão dela, caíste para a frente de joelhos.

— Não acredito. Que desastre!

— Mas não sabes nem metade. A mulher tirou o casaco, disse-me que era médica qualificada, e depois ela própria colocou-te na posição de recobro.

— Raios! Diz-lhe simplesmente que tive uma crise de ansiedade. Foi só isso. Diz-lhe que daqui a uns minutos já lá estarei, está bem?

— Jack, acho que precisas realmente de um médico. Adia a reunião. Estás mesmo pálido, homem.

— Não. Vou ficar bem. — Erskine secou a cara e olhou fixamente para Quiggan. — Não haverá mais adiamentos. Nunca cancelei uma reunião por causa de estar doente e, decididamente, não vou começar agora.

Depois de Quiggan sair, Erskine observou de perto o seu rosto ao espelho. A face bem preenchida de carne e o maxilar largo pareciam massa crua de pastelaria. O bronzeado tinha desaparecido. Os olhos azul-claros estavam raiados de sangue. O suor escurecera o bordo do colarinho da sua camisa *Ralph Lauren* azul. Doíam-lhe as articulações e sentia tonturas. Inspirou três vezes, profundamente, e abriu a porta. Toda a gente olhava para ele. Esboçou um sorriso radioso, atirou um cumprimento sonoro e vigoroso e desceu a correr os dois degraus para a sala de conferências, como se fosse o convidado de um programa de televisão.

— Estou muito contente por ver que recuperou tão bem, senhor Erskine. — A ministra apertou-lhe a mão calorosamente. — Como se sente?

— Muito bem — respondeu ele. — Penso que talvez esteja um pouco engripado, mas é preciso muito mais para me pôr fora de

combate, sabe? Ainda no outro dia estava a dizer aqui ao Don que a Holanda devia ser um local magnífico para se adoecer. O setor da saúde é adequadamente dotado de recursos.

— Fico satisfeita pela sua aprovação. Talvez seja por isso que quis comprar a nossa maior empresa farmacêutica, não é verdade?

— Absolutamente. — Erskine esboçou um largo sorriso. — E acho que, seja o que for que eu tenha apanhado, aqueles indivíduos terão uma cura para isso.

Uma onda de gargalhadas percorreu a sala.

* * *

Li que Henry Stanley visitou Zizunga no século XIX, mas por cá ninguém sabe disso e, por aquilo que me é dado a ver, ninguém o poderá culpar por se ter ido embora imediatamente. Zizunga não tem importância estratégica nem oferece vantagens agrícolas. Para as mulheres que têm de carregar água, é um longo e íngreme esticão desde o rio. Os campos nas terras baixas são frequentemente inundados e as chuvas estão a provocar a erosão dos terrenos em declive devido à desflorestação. Na maior parte dos dias, um fumo pouco denso e de cheiro acre, resultante das queimadas, impregna todo o local.

O chefe de Zizunga é um ancião magro e enrugado, Etenzi Babe-lundo. Etenzi fala gbaya, que nenhum de nós entende, mas nem uma única palavra de inglês. Felizmente, o Georg fala o suficiente da língua utilizada para as trocas comerciais, o sango, para comunicar com ele. A primeira coisa que nos disse foi que não seria seguro ficarmos muito tempo em Zizunga. O Georg perguntou-lhe porquê, e Etenzi riu-se e bateu as palmas. Depois apontou com o seu cajado para sudeste e para as montanhas Ruwenzori. «Kaipelai a vir», foi tudo o que disse.

(Diário de Erica, 1992)

Quando Max entrou no Centro de Congressos RAI de Amsterdão, o professor Friederikson estava a ser entrevistado na receção por um repórter da rádio. Por trás dele, os delegados faziam fila nos balcões para a inscrição e circulavam pelo imenso centro de exposições. Max deteve uma das organizadoras e perguntou-lhe se Erica já tinha chegado. A mulher teclou num computador e disse-lhe que ela havia feito a pré-inscrição por correio eletrónico duas semanas antes, mas não, ainda não se inscrevera. A sua bolsa de viagem providenciada pela organização da conferência, a papelada e demais parafernália de inscrição ainda continuavam à espera dela. Ele rabiscou uma mensagem para Erica e deixou-a lá, para que lha entregassem quando ela chegasse.

A entrevista de Friederikson parecia ter terminado e uma assessora de imprensa com um casaco de padrão escocês, brincos de pérola e saia plissada guiava o professor para fora daquele espaço.

Max fê-los parar.

— Desculpe, professor Friederikson. Posso dar-lhe uma palavra?

— Sim?

— Chamo-me Max Carver. Sou o namorado da Erica.

Ele acenou com a cabeça mas não disse nada; a assessora de imprensa consultava o relógio.

— Viu a Erica hoje?

— Porquê? Perdeu-a?

— Bem...

— Verifique no balcão de inscrições, lá hão de informá-lo...

— No restaurante, o senhor mencionou um amigo dela. De quem se trata?

— Professor... — A assessora de imprensa pousou uma mão carregada de anéis no braço do professor. — O canal de televisão RTL4 está à espera no gabinete de Milward.

— Deixe-os esperar, Tanya. Senhor Carver, qual é o problema?
— Quem era o tal amigo misterioso?
— Se quer mesmo saber, é o ministro da Saúde da República Democrática do Congo, o senhor Loebe. Quando ele chegar, posso apresento-lho. Agora, com a sua licença...

Friederikson e a rapariga dirigiram-se para um gabinete com uma tabuleta na porta a dizer «privado», deixando Max, que se sentou na receção. Durante uma hora, ele observou os delegados que chegavam; eram uma mistura tão multiétnica como uma fila para o autocarro em Nova Iorque. Max estava convencido de que entre eles, algures, se encontrava o seu rival de meia-idade, caixa de óculos e nada de especial. O homem com quem Erica se encontrara na noite anterior. Alguém de quem ela não se dera ao trabalho de lhe falar.

Enquanto esperava, abriu o saco e tirou o diário de Erica. Ao fazê-lo, um velho recorte de um jornal inglês deslizou para o chão. O título era: «Britânicos desaparecidos entre os voluntários em missão humanitária detidos por rebeldes africanos». A fotografia que acompanhava o artigo era de Erica, mais jovem e menos sofisticada, mas já a mostrar o seu zelo e a sua determinação. O artigo estava datado de março de 1992; referia que há quatro meses eram mantidos prisioneiros e que as tentativas para os encontrar haviam falhado, até àquele momento.

Quatro meses é um período de tempo diabólico para se ser mantido refém. Um mês mais do que o tempo de duração da sua relação com Erica. Desde que estavam juntos, ela falava incessantemente sobre África, mas nunca fizera menção ao facto de ter sido raptada. Parecia-lhe muito estranho. Perguntava a si mesmo que outras coisas não lhe teria contado.

Esta tarde, as duas freiras deixaram-me vê-las dar de comer aos macacos. Levaram-me para fora do centro da aldeia, passando pela cabana e pelo maltratado jipe do doutor. Por trás estava uma jaula

robusta de meta com cerca de nove metros de comprimento e três metros de altura, forrada na parte de dentro com um mosquitoire fino. A irmã Margaret destrancou o cadeado do portão e abriu o fecho de correr da rede para podermos aproximar-nos da jaula interior. Depois de transpormos a entrada, voltou a correr o fecho, gracejando com o facto de a Sophie provavelmente ter preferido que ela e a irmã Annette contraíssem malária a que um dos seus preciosos macacos apanhasse a doença.

A irmã Margaret abriu com uma chave a jaula interior, e eu segui-a lá para dentro. Uma extremidade era um emaranhado de arbustos e ramos secos, e na outra havia um bebedouro com água e alguns baldes de plástico. A irmã Annette abasteceu o bebedouro com a água de um jerrican e voltou a encher os baldes de comida com milho e figos. Disse-me que, no seu habitat natural, os macacos comeriam fruta, insetos e algumas folhas da floresta mais facilmente digeríveis.

Havia no ar um forte cheiro a selva, mas nenhum sinal de vida. A irmã Annette apontou para o emaranhado de ramos.

— Eles estão escondidos — segredou —, à espera de que eu me vá embora.

Disse-me que tinha levado mais de um ano para que confiassem suficientemente nela e na irmã Margaret para se mostrarem sequer na sua presença. Apenas a Sophie e o Jarman conseguiam pegá-lhes.

Sáímos da jaula interior e trancámo-la. As freiras levaram-me pelo estreito corredor entre as jaulas interior e exterior, e depois por trás de uma grande folha vertical de zinco que tinha sido encostada à jaula interior. Essa folha dispunha de umas ranhuras cortadas ao nível dos olhos para podermos observar os macacos sem sermos vistas. Decorreram cinco minutos até eu ver o primeiro movimento. Uma criatura castanho-alaranjada não muito maior que um esquilo correu por um ramo abaixo e emergiu das sombras. A sua cara parecia a de um velhote de pequena estatura, tinha o nariz branco, curto e largo, os olhos castanho-claros e bigodes cor de laranja

pendentes da mandíbula. Um tufo de cabelo, como o de um bebé, elevava-se verticalmente da sua cabeça, e uma cauda com listas pretas e castanhas enrolava-se e contorcia-se enquanto o animal farejava o ar. Depois saltou na direção de um balde e meteu a mão lá dentro. Uma dúzia de outros macacos desceu então a correr, incluindo três fêmeas que traziam pendurados bebés muito pequeninos, agarrados com toda a força às suas costas. Em breve estavam a saltar alegremente e a cabriolar pelo chão, correndo atrás uns dos outros à volta dos ramos.

Eu nunca tinha ouvido falar dos macacos Fowler até vir para Zizunga. Agora que os vi, penso que são as mais espantosas criaturas e entristeceu-me vê-los enjaulados.

As freiras dizem que a Sophie e o Jarman adoravam falar sobre macacos, mas eram muito fechados naquilo que dizia respeito ao trabalho que faziam para a empresa suíça. Contudo, há coisas que não se conseguem esconder numa aldeia pequena. Todos os meses chega de Kinshasa um Land Cruiser novinho em folha equipado com um grande frigorífico, conduzido por dois mondeses. Recebem dos doutores uns pacotes de plástico, selados, e colocam-nos nesse frigorífico. Em troca deixam ficar pacotes não refrigerados. Uma vez, a irmã Annette viu um pacote vazio na cabana do Jarman. Estava dirigido aos laboratórios da Tetro-Meyer oHG em Genebra, com a etiqueta «amostras de tecido».

*— Etenzi tem a sua própria explicação — disse a irmã Margaret.
— Eles estão a roubar o espírito dos macacos.*

(Diário de Erica, 1992)

** * **

— Olá, Max. Que estás a fazer aqui?

Max olhou para cima e viu Zoe Whelan, colega de Erica e uma das amigas dela dos tempos de escola. Max fechou o diário e levantou-se para a cumprimentar.

— Olá. Tinha-me esquecido de que provavelmente também estarias cá.

— Sim, *outras* pessoas também vão dar palestras, não sei se sabes.

Zoe especializara-se em parasitas intestinais. Dois meses antes, Max, Erica e Zoe tinham passado uma noite memorável num restaurante em Nova Iorque. A ideia de uma conversa, para Zoe, era descrever como alguns vermes podiam viver vinte anos nos intestinos dos seres humanos, crescendo até cerca de quinze ou vinte metros e pondo milhares de ovos por mês. A determinada altura, Max deixara cair uma garfada de esparguete e molho de amêijoas no prato, incapaz de continuar a comer. Ela e Erica desmancharam-se a rir.

— Já viste a Erica hoje? — perguntou ele.

— Não. Só cheguei esta manhã.

— Tens uns minutinhos, Zoe?

— Claro. — Com um movimento, deixou deslizar a carteira do ombro e sentou-se. — Que se passa?

— A noite passada, a Erica saiu do quarto do hotel onde estamos hospedados e nunca mais voltou.

— Tiveram alguma discussão?

— Não. Mas uma empregada do hotel viu-a tomar um copo com um tipo qualquer à meia-noite. Era um homem de meia-idade e usava óculos. Já sei que não é uma grande descrição. Fazes alguma ideia de quem poderia ser?

— Isso é um pouco vago. Não me vem ninguém à ideia.

— Ela falou-te de algum velho amigo ou antigo colega?

— Não falo com a Erica há uns dias, mas não. Tenho a certeza de que ela irá esclarecer o assunto quando aparecer.

— Se aparecer. Não consigo deixar de perguntar a mim próprio se...

— Ora, Max, ela não faltará aqui hoje, de maneira nenhuma, posso garantir-te.

— Tens de acreditar em mim, Zoe, nada disto faz sentido. Ela não estava a planear passar a noite fora. Tanto quanto pude ver, nem sequer levou o material das lentes de contacto, a escova de dentes ou uma muda de roupa.

— Não há dúvida de que parece irresponsável, tendo em consideração a importância que o dia de hoje tem para a Erica — reconheceu Zoe. — Mas partir desse comportamento estranho para se deduzir que tenha sido raptada vai um grande passo. Sobretudo quando devia confiar em quem se encontrou com ela, fosse quem fosse. Há que reconhecer que as pessoas raramente são raptadas por amigos ou colegas, e se estivesse preocupada com esse encontro, ter-te-ia levado também.

Confrontado com o ceticismo de Zoe, Max sentiu que tinha de lhe dar conhecimento do roubo do computador portátil de Erica. Ela escutou-o, enrolando uma mecha de cabelo loiro no dedo, a avaliar Max como se ele já fizesse parte do passado de Erica.

— Espero não te parecer presunçoso, Zoe, mas penso que lhe aconteceu alguma coisa que não tem nada a ver connosco. A nossa relação está bem. Tenho um pressentimento de que isto está relacionado com a conferência e com o trabalho dela.

— Vamos fazer assim, Max — Zoe riu-se. — São treze e trinta neste momento. Se a Erica não estiver cá às dezassete horas, *nessa altura* acreditarei em ti.

* * *

— Vamos começar por aqui — disse Zoe a Max. — Se o John não souber o que aconteceu à Erica, devemos pelo menos alertá-lo para o furo no programa. — Zoe abriu caminho com ele atrás, passando pelo balcão de inscrições e entrando no gabinete de apoio aos conferencistas. Era um espaço caótico e apinhado de gente, uma cacofonia de toques de *paggers*, trinados de telemóveis e o ruído ritmado e lampejante das fotocopiadoras a trabalhar.

Por trás de resmas de papel até à altura da cintura, a praguejar mais alto que o som dos aparelhos de *telefax*, encontraram o

organizador da conferência, John Milward, de costas, e Zoe apresentou-lhe Max sem ele se virar, perguntando depois de forma casual:

— John, viste por acaso a Erica nas últimas vinte e quatro horas?

— Não. Mas gostava de a ter visto, já que continuo à espera do ensaio dela. Com o malfadado servidor indisponível, não há *e-mail*, e portanto tenho estado aqui a lutar com o *raio* destas engenhocas.

— Deu um murro na tampa de um dos aparelhos de *fax*. Milward pareceu pressentir algo no silêncio atrás de si e, nessa altura, virou-se para eles. — Porquê? Qual é o problema?

Foi Max quem respondeu.

— A Erica desapareceu. Saiu por volta das onze horas da noite passada, encontrou-se com alguém num bar e, desde então, não regressou.

— Santo Deus! — Milward passou as mãos pela sua farta cabeleira cada vez mais encanecida e sentou-se na secretária.

— Nem sequer tem com ela o ensaio ou uma muda de roupa — acrescentou Zoe. — Não me parece que venha diretamente para cá.

— Já foste à polícia? — perguntou Milward.

— Não deram muita importância. Dizem que é demasiado cedo — respondeu Max.

— Demasiado cedo! — Milward pegou numa resma de papel e atirou-a para cima da secretária. — A conferência começa daqui a noventa minutos. Ela tem um ensaio para apresentar às cinco da tarde. Já deveria cá estar para eu poder fazer as cópias rapidamente.

— Seja como for, também já é um pouco tarde, não é? — perguntou Zoe.

— Completamente. — Milward remexeu nos papéis. — Tenho o artigo original aqui arquivado, o que foi para a revista *Nature*. Mas ela telefonou-me a dizer que queria fazer umas revisões de última hora. Eu disse-lhe que havia pouca margem para isso, mas desde que o recebesse antes das onze horas desta manhã...

— Quando foi que ela telefonou? — perguntou Max.

— Na terça-feira da semana passada, penso eu. — Milward abriu com a chave um armário de arquivo e folheou os papéis. — Aqui está. — Virou-se para eles com uma pasta volumosa na mão.

Zoe estendeu a mão para lhe pegar.

— Estou curiosa para ver o que a Erica tem realmente andado a fazer todo este tempo.

Repentinamente, Milward retirou a mão.

— Agora não tenho a certeza do que devo fazer.

— Porquê? — perguntou Zoe.

— Ela fez-me prometer, a pés juntos, que não deixaria ninguém ver isto. Absolutamente ninguém.

— John, eu conheço a Erica desde os nossos onze anos — exclamou Zoe.

— Sim, mas ela não te disse nada, pois não?

— Não. Temos estado todos em suspenso.

— Apenas três pessoas no mundo leram efetivamente o artigo.

— Quem? — perguntou Max.

— O professor dela na Universidade da Columbia, o presidente da comissão científica da *Nature*, e eu.

— E o artigo é bom? — Max perguntou.

— É verdadeiramente assombroso. Não creio que seja um exagero dizer que é o equivalente, em termos de parasitologia, à teoria da divisão do átomo.

Atrás deles ouviu-se o barulho sibilante de uma perna artificial, e a figura magra do professor Friederikson avançou no seu passo bamboleante para dentro da sala, seguido por Tanya, a assessora de imprensa. Milward voltou a meter o artigo no armário de arquivo, rodou a chave e enfiou-a no bolso.

— Ah, o séquito da Erica — disse Friederikson. — E a grande mulher propriamente dita já chegou?

Milward e Zoe olharam um para o outro. Foi Max quem falou.

— Não, não chegou.

— Bom, espero que se apresse. Estamos todos impacientes por tomar conhecimento da sua grande descoberta, se o for

efetivamente.

Milward virou-se para Max.

— O professor Friederikson irá divulgar, na segunda-feira, os seus próprios resultados para a campanha de erradicação da doença. Graças aos seus contactos em África, conseguimos cativar o último projeto da Organização Mundial de Saúde...

— *Pff!* Não se entusiasme demasiado a esse respeito. Inseticida e mosquiteiros, boa vontade e conversa fiada. A malária não se resolve tão facilmente.

Atrás de Friederikson estava um africano de óculos e de constituição robusta, com um fato muito elegante e um sorriso reluzente, o visitante de África que iria surpreender Erica com a sua presença. Loebe cumprimentou-os, apertando com firmeza a mão de todos eles e sorrindo, encantado. Os sorrisos franziam-lhe as maçãs do rosto, o que revelava cicatrizes tribais simétricas. Para Max, eram como as marcas evidentes de uma faca.

— Quando iremos ouvir falar da vacina? — perguntou Loebe.

— O ministro acredita piamente nas vacinas — disse o professor Friederikson, conseguindo exprimir ao mesmo tempo a mensagem de que esse ponto de vista era insensatamente otimista.

— E creio ter entendido que a doutora Stroud-Jones desenvolveu uma — expressou o ministro com um sorriso radiante. — O novo governo de unidade nacional prometeu melhorar a saúde de todo o nosso povo e ficaria satisfeito por ser o primeiro a testar qualquer vacina contra a malária.

— Penso que pode estar a trabalhar com base em rumores, senhor ministro — disse Milward.

— Claro que está — explodiu Friederikson. — Todos nós estamos. Quando é que ela irá dizer-nos o que descobriu? Nessa altura poderá acabar com toda esta especulação inútil. Deduzo, senhor Milward, que o ensaio irá ser apresentado por outra pessoa, mesmo que a doutora Stroud-Jones não esteja cá para o fazer pessoalmente, não é verdade?

— Não. Foi-me expressamente pedido que o mantivesse confidencial. Se, e esperemos que tal não aconteça, a doutora Stroud-Jones não aparecer, o seu ensaio será substituído por outro.

— É um absurdo! Qual é a jogada dela? Sabe Deus como a malária já tem pouca cobertura jornalística quando se corre atrás da sida e da gripe das aves, e mesmo a pouca cobertura que conseguimos concentra-se na sua alegada descoberta. Cada vez que algum jornalista fala comigo, só quer saber de uma coisa: se eu já li o artigo da Stroud-Jones. Pois, não li, e quero ler.

— Onde está ela? — perguntou Loebe.

— Receio que ninguém saiba — respondeu Zoe. — A Erica desapareceu.

— Desapareceu? Só pode haver uma explicação — disse Friederikson. — A sua descoberta é um mito. Não resulta, ela sabe que não resulta, e é demasiado cobarde para vir a público dizê-lo.

— Que grande parvoíce! — exclamou Max. — Não sou cientista, professor, mas de uma coisa tenho a certeza. O senhor não faz a mais pequena ideia do que se passa, portanto, o melhor é esperar e falar depois, não acha?

— E eu conheço a Erica há vinte anos — gritou Zoe. — Se não resultasse, ela admitiria isso. O seu problema é que o senhor não quer que resulte.

— É um absurdo! — vociferou Friederikson, com os nós dos dedos brancos de tanto apertar a bengala. — Antes de a senhora nascer já eu dedicava a minha vida a isto...

— Por favor, acalmem-se todos. — Milward apontou com a cabeça na direção da porta, onde um homem de barba, vestido de calças de ganga e com um livre-trânsito de imprensa preso ao seu polo, rabiscava notas furiosamente. Tanya fazia todos os possíveis para o impedir de se aproximar.

— Mike Penstein, da *Newsweek* — gritou o jornalista. — É verdade que a Stroud-Jones desapareceu?

Zoe, Max, Friederikson, Loebe e Milward olharam uns para os outros por um momento, depois disseram em coro: «Sem

comentários.» O jornalista levantou os olhos para o céu quando Tanya lhe fechou a porta na cara. Ignoraram as perguntas posteriores gritadas através da porta.

Loebe ria-se suavemente para si próprio, o que lhe arrepanhava as cicatrizes.

— Talvez a Erica tenha sido raptada...

— Senhor ministro — disse Milward. — Isto é *Amesterdão*!

* * *

Corcunda e silencioso, ele sacia-se com o sangue das suas vítimas enquanto estas dormem. A doença que transporta mata mais de mil e quinhentos milhões de pessoas por ano e reduz trezentos milhões a um terror trémulo e alagado em suor. Durante cinquenta anos, a humanidade tentou eliminá-lo — e falhou.

O nome da besta é Anopheles, o mosquito transmissor da malária. Adaptou-se de forma brilhante a todos os piores hábitos do homem. Delicia-se com a destruição da floresta tropical, com as alterações climáticas e a poluição. Adora a aglomeração populacional e movimentos de refugiados, o que lhe fornece novas e vulneráveis populações para se alimentar. A guerra é um gozo partilhado apenas com as ratazanas e os vermes.

O adaptável mosquito pode reproduzir-se em algumas gotas de água limpa num pneu velho, numa lata ou no trilho feito por umas rodas, e rapidamente se dirigiu também para as áreas urbanas. Na Índia existe até uma espécie de Anopheles que se reproduz nos depósitos do ar condicionado.

Claro que o Anopheles é apenas o corcel que transporta a malária. Neste apocalipse há também quatro cavaleiros: Plasmodium falciparum, Plasmodium vivax, Plasmodium ovale e Plasmodium malariae. Os seus nomes só são familiares ao pequeno número de dedicados e subfinanciados cientistas que os combatem, mas os seus efeitos são conhecidos por muitos milhões no mundo tropical. São eles os minúsculos parasitas que causam a doença no homem e no mosquito, o ciclo fatal de morte e de doença.

Os parasitas contrariaram todas as tentativas de se desenvolver uma vacina contra eles, e tornaram-se cada vez mais resistentes aos fármacos utilizados para tratar os seus efeitos. Existe uma necessidade desesperada de financiamento para se encontrarem novos medicamentos, mas as principais empresas farmacêuticas, de um modo geral, viraram as costas a um mercado em que as vítimas não têm dinheiro.

Atenção! Nós somos o maior aliado desses quatro cavaleiros. O aquecimento global poderá trazê-los como assassinos para o mundo temperado, no qual, nós, os ricos cheios de complacência, instalámos o nosso refúgio vergonhoso.

(Extrato do discurso do professor Jürgen Friederikson na conferência das Nações Unidas sobre a saúde nos países menos desenvolvidos, 1994)

Henry Waterson não tencionava adormecer, mas acordar numa tarde de domingo com a jovem que ele amava ainda a dormir e enroscada no seu corpo era uma sensação que pretendia saborear devagar. Henry acariciou a coxa dela, sentindo-a escorregadia e pegajosa — permaneciam ainda nela as marcas do ato do amor.

— Já devias estar noutro lugar qualquer, não devias?

— Só daqui a uma hora — respondeu Penny. — Já fiz o que precisava de fazer em nome dele.

Henry olhou de relance para a cama ao lado, onde estavam espalhados sacos de plástico e papel de embrulho.

— Não devias fazer tudo aquilo por ele, Penny.

— Eu sei. Mas se não tivesse andado a comprar mais presentes para a mulher, teria ficado presa em reuniões o dia todo.

Cinquenta minutos mais tarde, Penny Ryan bateu suavemente e em seguida abriu a porta da suíte de Jack Erskine. Logo à entrada tresandava a suor bafiento. Ela atravessou o quarto. As cortinas ocultavam a luz do final da tarde e pairava no ar um cheiro fétido. Acendeu o candeeiro da mesa de cabeceira e ligou o ar condicionado. O diretor-geral olhava para ela com uns olhos perplexos e injetados de sangue, e a sua respiração era um leve ruído arranhado. A roupa da cama estava amarrotada e húmida, o casaco de pijama aberto. Gotas de suor perlavam-lhe o lábio superior e o cabelo parecia uma mancha escura e molhada na sua cabeça.

— Jack, estás com um aspeto horrível!

Ele não disse nada. Penny colocou com cuidado em cima da cómoda os presentes que tinha comprado para o aniversário de Jack e, para se acalmar, começou a arrumar o quarto, apanhando e dobrando roupa, levando-lhe água fresca para colocar ao lado da cama, remexendo no aparelho de ar condicionado. Os olhos de Jack

seguiram-na pelo quarto, mas, por algum motivo, o Jack que ela conhecia não estava nesse olhar.

— Mamã. — A voz que vinha da cama era rouca.

— Jack, sou eu, a Penny. Estás doente, Jack; vamos chamar um médico.

— Por favor, mamã. Abre a janela. Está muito calor.

— Tens febre, mas vais ficar bom. Liguei o ar condicionado. — Penny marcou o número da receção. Prometeram mandar-lhe um médico e um termómetro.

Quando o termómetro chegou, Penny só conseguiu meter-lho debaixo da língua depois de três tentativas, enquanto Erskine continuava a chamar pela mãe no seu delírio. Estava convencido de que tinha regressado à casa da sua infância em Abilene, no Texas. Por fim, Penny perdeu a paciência e, com uma mão, manteve-lhe os maxilares apertados.

— Querido, se não ficares quieto, a mamã vai dar-te tautau! — disse-lhe com o sotaque e o modo do Texas.

O truque resultou. Perguntava a si mesma o que os setenta e oito mil empregados da Pharmstar, todos eles com um medo atroz de Jack de Ferro, achariam deste seu desempenho.

Depois tirou-lhe o termómetro e susteve a respiração, arquejando de espanto. Quase 41° C. Penny desconhecia que um ser humano pudesse atingir uma temperatura tão elevada e sobreviver. Colocou o termómetro num copo e pegou no telefone para chamar a receção.

— Fala da suíte quatrocentos e dezassete. Ainda estamos à espera do médico que prometeram enviar. Se este não chegar dentro de cinco minutos, quero uma ambulância. Sim, é isso mesmo. — Colocou o telefone no descanso, e a seguir agarrou novamente no auscultador. Cinco minutos mais tarde, Quiggan também se encontrava no quarto, sendo interpelado por Penny.

— E queres tu dizer que te limitaste a deixá-lo subir sozinho para o quarto?

— Claro — disse Quiggan. — Já é um rapaz crescido.

— Por que razão não verificaste o que se passava com ele? Por que razão não chamaste imediatamente um médico?

— Ele não me deixou, Penny — respondeu Quiggan. — Disse-me que só precisava de fechar os olhos durante uma hora, e às cinco da tarde temos uma videoconferência com o ministro. — Olhou para o relógio. — Bem, calculo que o Jack não vá melhorar até lá. Talvez devêssemos adiar para amanhã.

— Pelo amor de Deus, Don, ele está a arder em febre, quarenta e um graus. Não vai melhorar sequer numa semana. Isto não é gripe, garanto-te eu.

As batidas na porta sobressaltaram-nos. Quiggan foi abrir. No corredor estava uma mulher de pele escura, com um sorriso enorme e o hálito a cheirar a vinho. Era um pouco mais alta que ele, e o vestido largo cor de creme revelava a sua gravidez.

— Olá. — Os seus olhos castanhos moviam-se para um lado e para o outro enquanto observava o olhar de Quiggan subir lentamente e fixar-se no seu rosto. — Bom, não estou a falar com o doente, pois não?

— Não, ele está ali dentro. Chamo-me Don Quiggan, prazer em conhecê-la.

— Sou Saskia Sivali. Estava por acaso numa receção lá em baixo quando o gerente me pediu para dar uma ajuda. Sou finalista no Randstad Medical Centre.

Quiggan convidou-a a entrar no quarto.

— Esta é a doutora Sivali — disse ele a Penny.

— Não, ainda não sou — corrigiu Saskia. — Será necessário mais um pedaço de papel. Por enquanto não tenho título.

— Diabo! Mas tenho a certeza de que já fez toda a formação necessária. — O sorriso húmido e cobiçoso de Quiggan seguiu as longas pernas da mulher para dentro do quarto.

Saskia Sivali observou os olhos de Erskine, tomou-lhe o pulso e verificou as glândulas por baixo do maxilar.

— Então, como se sente? — Não obteve resposta para além de um gemido. Ela levantou os olhos para Penny. — Tiraram-lhe a

temperatura?

— Sim. Quarenta e um. Graus centígrados, entenda-se.

Saskia deixou transparecer um meio-sorriso de ceticismo quando Penny lhe entregou o termómetro. Examinou a ponta do termómetro com atenção e sacudiu-o várias vezes. Depois virou Erskine de barriga para baixo, desceu-lhe as calças do pijama e fez a sondagem com o instrumento. Quiggan sorriu, divertido, desejando ter uma máquina fotográfica para registar aquele momento precioso.

Ela só precisou de um olhar de relance para o termómetro para ficar em choque.

— Vou chamar uma ambulância imediatamente.

* * *

Esta noite, ficámos acordados na palhota de Etenzi, a ouvir o assobio do candeeiro de petróleo enquanto esperávamos que o Georg traduzisse a conversa do chefe da aldeia. Uma rapariga bonita chamada Cecile estava pendente do que Etenzi precisasse, movendo-se graciosamente com comida e bebidas. Deduzi que fosse neta de Etenzi, mas a irmã Margaret corrigiu-me. «É mulher dele, e só tem catorze anos. As duas primeiras mulheres do Etenzi morreram há muitos anos.»

Etenzi nem sequer olhava para a Cecile quando ela lhe entregava alguma coisa, limitando-se a estender a mão e a continuar a conversar. Aquele procedimento irritou-me bastante, mas a irmã Margaret esclareceu-me. Apontou para as bugigangas que Cecile trazia: braceletes de metal a chocalhar no pulso, no pescoço e nos tornozelos. Depois contou-me. «O Etenzi nunca viu a sua linda esposa. Contraiu a cegueira dos rios há trinta anos, e agora vê-a com os ouvidos. Para ele, isso é tão bonito como qualquer outra coisa no mundo.»

A cegueira dos rios é endémica em Zizunga. As moscas pretas esvoaçam em enxame junto ao rio, e a sua picadela infeta os seres humanos com um minúsculo verme que pode viver até dezoito anos. Este produz as suas larvas no olho, mas por si mesmo não afeta o

corpo. A cegueira resulta da deterioração progressiva dos tecidos, tais como a córnea, provocada pelas larvas mortas.

A irmã Margaret esforça-se por tratar a doença. Recentemente, ficou encantada por conseguir um lote de Ivermectin no mercado negro em Kinshasa. Essa droga é utilizada para matar parasitas do gado no mundo desenvolvido, mas acabou por ser usada em pessoas em África, pura e simplesmente por ter ultrapassado o prazo de validade. O Ivermectin mata os vermes adultos, mas a irmã Margaret reserva a sua utilização para os pacientes que passam num teste ocular. O medicamento deverá ser racionado a favor de quem tenha ainda alguma visão para salvar.

Assim é a África, estou a aprender isso.

(Diário de Erica, 1992)

Milward pegou no microfone e dirigiu-se aos conferencistas.

— Obrigado a todos por estarem aqui no décimo segundo fórum anual sobre Parasitologia. Peço desculpa pelo ligeiro atraso, mas, antes de o professor Friederikson proferir o seu discurso introdutório, gostaria de chamar a vossa atenção para a adenda ao programa da conferência. A palestra das dezassete horas será *A eficácia clínica da Artemisinina*, apresentada pelo doutor Felix Wu da State University de Washington. O artigo da doutora Stroud-Jones, que era para ser apresentado nesse horário, será adiado para quinta-feira à mesma hora. Muito obrigado.

Gerou-se um zunzum. Max e Zoe, sentados na parte de trás, viram uma fila de distintos *sikhs* à frente deles principiarem a reunir os seus papéis e a pôr os sacos ao ombro. Um fluxo contínuo de delegados começou a dirigir-se para a saída.

O jornalista da *Newsweek*, sentado na fila da frente, pôs o braço no ar e gritou qualquer coisa. Milward ouviu durante um momento, depois voltou a pegar no microfone.

— Conforme disse, pedimos desculpa aos delegados pelo adiamento no que se refere à palestra da doutora Stroud-Jones. Sabemos que muitos de vós vieram para a ouvir. Confiamos plenamente em que ela esteja disponível para apresentar o seu ensaio na quinta-feira. Entretanto, gostaria de chamar a vossa atenção para um trabalho muito estimulante que está a ser feito em relação à doença de Chagas, o qual será apresentado pela doutora Emily Tissington na Suíte Singel, às dezassete e trinta.

Tanya emergiu do aglomerado de gente perto do pódio e avançou no seus saltos altos na direção de Zoe.

— Temos de dizer alguma coisa acerca da ausência da doutora Stroud-Jones. Não quer fazer isso com a ajuda do Max? O Friederikson convocou uma conferência de imprensa para daqui a meia hora.

— Oh, ele não; vai distorcer tudo — lamentou-se Zoe.

— Bem, talvez, mas alguém tem de o fazer. Nas duas últimas horas recebemos quinze novos pedidos de acreditação de jornalistas, e não estão nem remotamente interessados na malária ou na doença de Chagas. Tudo o que lhes interessa é o desaparecimento da vossa doutora.

— Por que motivo temos de dizer alguma coisa? — perguntou Zoe.

— Porque os órgãos de comunicação social vão escrever a história, seja como for — respondeu Tanya. — Se pudermos dar alguma informação sobre o assunto na altura em que a notícia sair, pelo menos contribuímos com metade da verdade.

— Está bem. Estou disposto a fazer isso — disse Max. — E, assim, a polícia terá de levar a coisa a sério quando os jornais agarrarem no tema.

— Pode pedir ao Milward que exclua o Friederikson da conferência de imprensa? — perguntou Zoe.

— Pode, mas não vale a pena. A imprensa quer a sua avaliação sobre o trabalho da Erica, e ele quer dá-la. É melhor que seja num fórum, onde poderão contradizê-lo, do que no corredor, onde não o podem fazer.

— Mas ele nem sequer leu o artigo! — exclamou Zoe.

— E depois? — perguntou Tanya. — O homem é o maior perito do mundo no que se refere à malária. Tudo o resto não lhes interessa.

Max encolheu os ombros, e os seus dedos deram com o anel de noivado que estava no seu bolso há dois dias, um peso a recordá-lo que a mulher que ele amava tinha desaparecido. Já não queria saber do artigo, nem da conferência, nem qual o cientista que dissesse o quê sobre que teoria. Que se lixassem todos. Cada hora em que Erica não aparecia convertia-se numa tortura chinesa, começando com as desculpas e a irritação que qualquer pessoa sentiria: ela perdeu-se, ficou com um amigo, esqueceu-se de me dizer, irá regressar em breve e então poderei zangar-me. Naquela

fase, os grandes medos eram facilmente afastados por explicações racionais. Agora, quase vinte e quatro horas depois do seu desaparecimento, só restavam terrores. Erica havia sido impedida de comparecer ao evento mais importante da sua vida profissional, tinha sido sequestrada, raptada. Nenhuma outra razão fazia sentido, exceto talvez a pior de todas. A impensável, horrível hipótese de Erica estar morta.

* * *

Penny Ryan e Don Quiggan estavam sentados no corredor à porta da unidade de cuidados intensivos, no terceiro andar do Centro Médico Randstad da Universidade de Amesterdão. Don folheava um volumoso maço de documentos da Pharmstar e Penny considerava a hipótese de ir lá fora fumar outro cigarro.

A porta através da qual Erskine fora transportado numa maca abriu-se e Saskia Sivali surgiu, agora vestida com uma bata verde, o cabelo comprido e ondulado preso debaixo de uma touca de cirurgia. Acenou à frente dela com uma prancheta de cartão.

— O médico pediu-me que obtivesse algumas informações sobre o senhor Erskine.

— Como está ele? — perguntou Penny.

— Com muita febre, mas esperamos que agora estabilize — respondeu Saskia.

— E o que é que tem? — perguntou Don, levantando os olhos dos papéis e erguendo as sobrancelhas.

— Febre extremamente alta, delírios, anemia, hipoglicemia, e o seu baço está a trabalhar sem descanso para combater a infeção. A prioridade, neste momento, é mantê-lo confortável e assegurar que está hidratado.

— Sim, mas o que tem ele?

— Em breve deveremos ter o resultado das análises ao sangue e à urina...

— Estou a perceber. Vocês não sabem qual é o problema — disse Quiggan, virando-se novamente para os papéis.

Saskia sentou-se e equilibrou a prancheta sobre as suas longas pernas cor de café.

— Várias doenças provocam estes sintomas, senhor Quiggan. Pode ser qualquer coisa desde septicemia, febre tifoide ou meningite, e até uma gastroenterite, uma encefalite viral ou hepatite. Ou, inclusive, algo que ele comeu. Vocês podem efetivamente ajudar-nos muito se souberem alguma coisa sobre o seu historial clínico.

— Tenho um resumo pronto para lhe ser enviado por *fax*; dê-me apenas o seu número — disse Penny. — O médico do Jack, em Atlanta, está disponível neste número, ou também posso pedir-lhe que entre em contacto convosco.

Saskia começou a tomar notas.

— Quando foi a primeira vez que ele se queixou de não se sentir bem?

— Esta tarde, por volta das duas horas, não foi, Don? — inquiriu Penny.

— Ele descreveu os sintomas que tinha? — perguntou Saskia.

Quiggan replicou:

— Sim. Uma terrível dor de cabeça, suores e uma espécie de falta de ar.

— Vómitos ou perturbações de estômago?

— Penso que não.

— Ele é diabético?

— Não — respondeu Penny.

— Toma regularmente alguma medicação?

— Que eu tenha conhecimento, não.

— Sabem se consome drogas por via intravenosa ou se tem comportamentos sexuais de risco? — Saskia manteve a caneta sobre o formulário e não levantou a cabeça.

Quiggan sorriu de forma maliciosa e olhou para Penny.

— Cremos que não — respondeu Penny com cuidado. — Tanto quanto sabemos, é um heterossexual normal e ativo. Creio que o

seu registo médico mostra um teste recente de despiste da sida, que deu negativo.

— Ele esteve nos trópicos nos últimos três meses?

— Talvez. — Penny abriu a sua agenda. — Visita cerca de setenta países num ano. Sim, no mês passado esteve um dia na Cidade do México. E foi só. De resto, desde abril tem estado consecutivamente na América do Norte, na Europa e no Japão. Foi ao Vietname e à China em fevereiro...

— Tem a certeza de que nos últimos três meses ele não pôs os pés em África, nem mesmo para mudar de avião ou em escala?

— Sim, tenho a certeza. Sou eu que lhe reservo e organizo todas as viagens. Nunca vai a lado nenhum sem eu saber.

— Então, isso poupa-nos cerca de cinquenta testes — disse ela, rabiscando numa longa lista de quadrados do formulário e colocando um enfático ponto final com a esferográfica. — Ainda vou dar uma vista de olhos ao seu sangue. Este mês puseram-me a trabalhar que nem uma escrava para o pessoal das doenças tropicais, e não há nada que aquela gente mais aprecie do que espreitar por um microscópio, à procura das mais ínfimas formas de vida.

* * *

Esta manhã, estava deitada na minha rede, a observar o Tomas. Ele levantou-se silenciosamente e a sua silhueta desenhou-se junto da porta, com os primeiros raios de sol a derramar-se à sua volta para dentro da palhota. Vi-lhe a penugem dourada do peito e os pelos encaracolados das pernas. De um lado para o outro sem fazer barulho, com um cigarro pendurado na boca enquanto verificava as suas máquinas fotográficas, parece um Ernest Hemingway ainda jovem.

Deu por mim a observá-lo e sorriu. Disse-me que o Salvation lhe vai mostrar uma grande queda-d'água a meio dia de distância, para norte. Fiz-me de convidada. Não podia suportar mais um dia a ver o

Georg reparar a embraiagem do Land Rover, sobretudo agora que se logrou o meu encontro com o professor Friederikson.

Sáímos de Zizunga antes das oito da manhã, com a névoa ainda a pairar sobre as árvores. Nos ramos mais altos, os guinchos e a ruidosa movimentação de um grande número de macacos. Deve haver um grupo de Colobus por perto. A mata tornou-se bastante densa e o Tomas fazia a maior parte do trabalho com a catana. No espaço de meia hora estávamos todos alagados em suor. Vi a minha primeira coluna de formigas Dorylus. Por alguma razão, esperava que elas avançassem numa frente ampla, mas a coluna era tão estreita como um lápis. O Salvation encontrou um besouro grande e atirou-o para a coluna. Numa questão de segundos, o pobre animal ficou coberto de formigas superexcitadas, que o despedaçaram.

Descemos uma ravina e sentimos a alteração na humidade ainda antes de ouvirmos o fragor da queda-d'água. Um empilhado de placas rochosas, como se fossem pratos num lava-loiça, permitia-nos obter uma vista quase até ao precipício, onde as águas desapareciam. A densa copa das árvores era interrompida nesse ponto, e conseguíamos ver a torrente que se esfumava no meio da neblina, trinta metros abaixo de nós. O Salvation indicou-nos um par de araras Jackson a guinchar lá em cima, e os lindíssimos andorinhões-verdes que vivem por trás das quedas-d'água. O Salvation conduziu-nos por ali abaixo, embrenhando-nos na neblina, e em segundos estávamos encharcados. Ali, por baixo de nós, estava uma piscina cor de esmeralda, emoldurada por lianas e fetos. Soltei um grito exultante, mergulhando deliciada e arrastando o Salvation comigo. A água estava mais fria do que eu esperava, mas era altamente refrescante. O Tomas disparava fotografias sem parar e, portanto, como já tinha a camisa colada ao corpo, entrei na onda e despi-a. Ele tirou-me algumas fotos abraçada a um Salvation ensopado, pele preta enrolada em pele branca em cima de umas rochas. No entanto, o Tomas não se juntou a nós. Estava mais preocupado em manter as suas máquinas limpas e secas.

Subimos penosamente um morro íngreme, descansando quando chegámos ao topo. O almoço foi um pedaço de carne de cabra e uns ovos cozidos, e estávamos prontos. Ali perto havia sinais de uma fogueira e fragmentos de uma caixa de madeira com gravações militares feitas com escantilhão. Encontrei alguns cartuchos que o Tomas disse serem de uma AK-47. Interrogámos o Salvation a esse respeito, e ele disse-nos:

— Kaipelai vir aqui. Há duas semanas.

(Diário de Erica, 1992)

* * *

Max saiu da esquadra da polícia na Warmoesstraat com a sensação de que tinha feito poucos progressos. Ele e Zoe haviam sido conduzidos a uma sala de reuniões, e um detetive corpulento chamado Van der Moolen, com um fato elegante e cinco litros de *aftershave* em cima, fizera à mão um laborioso registo desde o primeiro momento após o desaparecimento de Erica até à descrição do roubo do computador portátil. Van der Moolen estava de acordo em que era difícil explicar por que motivo Erica faltaria ao seu grande dia na conferência. Mas depois fez ele próprio uma pergunta a que Max não era capaz de responder: por que razão alguém quereria impedi-la de ir?

— O próximo passo é o seguinte — disse Van der Moolen, inclinando-se para a frente, como se estivesse a confortar um velho casal relativamente a um gato desaparecido. — Precisamos de todas as informações que possamos obter acerca do seu passado, antigos namorados, coisas desse género. Interrogaremos a empregada que mencionou e registaremos o seu depoimento. Se ela tiver sido sequestrada, irá ser contactado pelos raptos muito em breve. Nessa altura poderemos dar um seguimento rápido e eficaz à operação.

— Então, neste momento, não está a ser dado um seguimento rápido e eficaz? — perguntou Zoe.

— Ouça, as pessoas vêm aqui a toda a hora reportar o desaparecimento de amigos e familiares. Parece sempre um mistério para aqueles que lhes são próximos. Mas, na maioria dos casos, eles voltam a aparecer. Afinal de contas, a doutora Stroud-Jones só está desaparecida há vinte e quatro horas. — Van der Moolen esboçou um sorriso do género «final de conversa» e encaminhou-os para a porta.

— E o roubo do computador? — perguntou Max.

— Também o investigaremos, claro. Provavelmente, é só uma coincidência. Apenas um dos cem mil arrombamentos de veículos que ocorrem por ano nesta cidade. O principal é que não se esqueça de contactar a sua companhia de seguros.

Max não podia deixar simplesmente o assunto nas mãos da polícia. Convenceu Zoe a acompanhá-lo ao bar onde Erica tinha tomado a última bebida.

Sentaram-se na mesma mesa que Erica ocupara, a planear uma estratégia. Max poria um anúncio num jornal local, a oferecer uma recompensa pela devolução do computador, e esquadrinharia todas as feiras ou as vendas em segunda mão feitas em porta-bagagens de carros, onde os artigos roubados possam ser vendidos. Zoe enviaria uma mensagem de correio eletrónico aos colegas cientistas de Erica, indo à cata de qualquer conferencista que pudesse ter combinado encontrar-se com ela. Todas as tardes, às sete horas, Max telefonaria a Zoe para saber que progressos tinham sido feitos.

Quando Zoe regressou ao hotel onde estava hospedada, Max deixou-se ficar no bar, com um vazio a roê-lo por dentro. Olhou para o guardanapo de papel em que ele e Zoe tinham escrevinhado o plano. Ambos sabiam que aquilo era apenas algo para fazer com que se sentissem melhor em relação à sua impotência, à sua ignorância. O que era preciso agora era um golpe de sorte. Este acabaria por chegar, e de uma direcção que ele nunca teria esperado.

Com a sua base em Amesterdão, Henk Schipper era um enérgico comerciante de arte que fora o primeiro a reconhecer em Nova

lorque o talento de Max. Facultou-lhe uma oficina de engenharia na parte oeste de Amesterdão para que Max pudesse preparar-se para a sua primeira exposição na Europa, intitulada *Max Carver: Uma Retrospetiva*. Henk havia publicitado a localização do *workshop* como antestreia da exposição, convencido de que ver a escultura ser feita aumenta sempre as vendas.

Mas já não era o que Max queria fazer. Só conseguia pensar em Erica. Henk tinha uma visão diferente e, enquanto bebia um fumegante *koffie verkeerde* num pequenino estabelecimento manchado pelo fumo de tabaco, traduziu-a em palavras.

— Ouve, Max. Fizeste tudo o que podias pela Erica. A polícia sabe, a imprensa sabe, há um milhar de pares de olhos por aí à procura dela. Deixa o assunto nas mãos dos profissionais. Eles conhecem a linguagem, conhecem o país e conhecem a lei. A Erica não devia querer que desperdiçasses esta grande oportunidade da tua vida. És um artista, e deves a ti próprio, e a *ela*, dares-te a conhecer.

Henk era pálido e de estatura pequena, com um crânio delicado como uma casca de ovo, sobre o qual se esticava uma pele fina e branca. Mas tinha um porte impressionante. Podia estar vestido com a roupa caída de uma carrinha de lavandaria, que haveria de parecer sempre um modelo de alta-costura. E, no entanto, não havia nada de especial na sua pessoa. Henk Schipper deslizava no fio da navalha da arte, mas nunca se cortava. Aquele homem conseguia vender uma cama de solário a um vampiro.

Ao longo dos anos, Henk tinha levado banqueiros, homens de negócios e galerias a abrirem mão de milhões de dólares. Vendera inúmeras telas em branco, um amontoado de quase dois metros de secadores de cabelo baratos fundidos uns nos outros, um mergulhão coberto de alcatrão e preservado num cubo de acrílico, e, a mais famosa das suas proezas, em 1998 recebera cinquenta mil dólares por uma peça designada *Recuo da Linha de Cabelo*, da autoria de uma jovem artista em ascensão chamada Galoo Dipsa. A menina Dipsa, uma americana da Florida, exibicionista e com um

metro e oitenta, tinha pintado de diferentes cores o cabelo e o pelo de todo o corpo, e depois fizera um vídeo de si própria a rapá-los completamente. O cabelo foi enfiado num tubo de plástico claro com cento e cinquenta metros de comprimento, posteriormente torcido e dobrado num nó que se mantinha de pé sem qualquer apoio. Max tinha lido que os visitantes do Museu Stedelijk de Amesterdão, a entidade que adquirira a peça, esquadrihavam o tubo através do emaranhado que continha, tentando descobrir os indefiníveis caracóis prateados que, conforme podiam ver pelo vídeo exibido ao lado da obra, um dia tinham habitado nas partes pudendas da autora.

Max olhou fixamente para Henk.

— Toda esta publicidade acerca da Erica é demasiado boa para desperdiçar, é o que queres dizer, não é?

— Não é isso, Max. Estou a pensar em ti. Trabalhar é uma forma de libertação; se não ocupares a mente, vais endoidecer. Criar arte é a melhor catarse conhecida pelo homem. Vê o que se passa com a *Guernica*, pelo amor de Deus. Picasso não poderia vencer a Guerra Civil Espanhola saindo por ali com uma arma na mão, mas com aquela obra assegurou que ninguém esqueceria jamais a selvajaria da guerra.

Portanto, na segunda-feira, Max afundou a sensação de perda mergulhando na sua arte, que exigia força muscular. Não era a carícia delicada de instrumentos finos na argila, mas o crepitar e faiscar do maçarico de soldar com uma mistura de oxigénio e acetileno, o gritar e o triturar das ferramentas elétricas em aceso conflito com o metal.

Max estava em fato-macaco em cima de um escadote, a quatro metros e meio do chão, a montar *Spoorkana III: Sem Título*, quando ela chegou. E esteve quase a não dar pela sua presença. Sobrepondo-se ao assobio do maçarico de soldar, ouviu a sineta por cima da porta, mas não se deu ao trabalho de olhar. Estava a meio de uma soldadura difícil, e não queria ter de tirar os óculos. Sentiu um par de olhos sobre ele enquanto inspecionava a longa costura

espinal da *Spoorkana* à procura de falhas. Ouviu Henk vir do escritório nas traseiras e dirigir-se ao visitante em holandês. Ela respondeu, e conversaram durante vários minutos. Riram-se em conjunto a propósito de alguma coisa.

Algo no riso dela fez Max parar. Desligou o maçarico e olhou em volta no preciso momento em que a mulher ia a sair. Obteve apenas um relance do cabelo ondulado castanho-escuro e da parte lateral da sua cara antes de a porta se fechar atrás dela. Era inequivocamente a ladra do computador.

— Henk! — sibilou Max. — Conheces aquela mulher?

— Não.

— Faz-me um favor. Corre atrás dela e dá-lhe um convite para a inauguração. Não, dois convites. Rápido.

Henk correu elegantemente lá para fora. Max desceu do escadote e olhou através da porta, mas sem tirar os óculos. A mulher estava a abrir o cadeado que prendia a sua bicicleta cor-de-rosa ao gradeamento ao lado da oficina. Quando Henk a chamou, ela parou. Max viu-a sorrir e depois meter os convites no bolso antes de se afastar a pedalar.

— Prometi-lhe champanhe — disse Henk a Max. — Espero que isso tenha sido determinante. Agora o melhor é ir comprar umas garrafas.

— Só espero que ela venha.

Henk olhou de lado para Max.

— E então a Erica?

— Não tem a ver com desejo, Henk. É o meu lado vigilante. Ela arrombou o meu carro e roubou o computador portátil da Erica. Preciso de saber porquê.

— Pensas que isso poderá levar à Erica?

Max fez que sim com a cabeça.

— Sim. Rezemos para que a rapariga adore champanhe.

Saskia Sivali levantou os olhos do microscópio e pestanejou, em choque. Voltou a observar a amostra de gota espessa do sangue de Jack Erskine. Entre as centenas de formas elípticas cinzentas, com glóbulos vermelhos saudáveis, havia dezenas delas que continham um minúsculo círculo de cor escarlate, o que dava a impressão de ser uma grave infecção com *Plasmodium falciparum*, a forma mais perigosa de malária. Se isso estivesse correto, condizia com dois outros sintomas, ou seja, níveis perigosamente baixos de açúcar no sangue e a presença de um pigmento nas células sanguíneas, mas contrariava o historial de viagens do paciente. Como é que alguém contraía malária sem visitar um país onde a doença era endêmica?

Seria fácil enganar-se. Aquela era apenas a sua segunda semana de destacamento na Medicina Tropical. Segurando na barriga com cuidado, estendeu o braço para um compêndio que se encontrava numa estante alta e folheou-o apressadamente até às imagens identificativas dos tipos de malária. Aquilo que vira ao microscópio não correspondia exatamente a nenhuma das formas ou descrições do livro em qualquer fase da doença, por isso continuou a correr as páginas à procura de outras infecções parasitárias: doença de Chagas, tripanossomíase africana, filaríase linfática, esquistossomose, oncocercose. Nada coincidia.

Chamou os técnicos habituais do laboratório para espreitarem pelo microscópio. Ben Hazelhof e Marja Veldhuis possuíam, entre os dois, trinta anos de experiência, e passavam o dia todo a examinar lâminas com sangue.

Ficaram tão perplexos como ela.

— Devíamos analisar uma amostra com fluorescência — disse Hazelhof. — Então poderemos ver com clareza o que correu mal aqui.

Mostrou a Saskia como preparar uma amostra de sangue centrifugado para separar as diferentes fases do ciclo de vida de

quaisquer parasitas da malária de acordo com o peso. Depois da centrifugação, a amostra de sangue de Erskine era uma agulha de vidro com cinco centímetros de comprimento, transparente no topo, carmim, acastanhado e, por fim, quase preto na parte de baixo. Levaram a amostra para a sala escura e inseriram-na debaixo do microscópio de fluorescência.

Hazelhof encostou bem o olho ao aparelho e ajustou a focagem, examinando o comprimento da amostra.

— Meu Deus! Onde foi que obtiveste esta amostra? — Ele levantou o rosto para olhar para Saskia.

— É de um doente americano que trouxemos para cá ontem à tarde. Pura e simplesmente, não conseguimos descobrir qual era o problema dele. O seu historial de viagens não é indicativo de locais com malária, portanto, foi praticamente a última coisa que tentámos.

— Ele tem ali alguma coisa, não há a menor dúvida. Quase todas as fases de infeção parasitária: trofozoítos, merozoítos e até mesmo gametócitos. É aquilo que poderíamos esperar numa infeção já muito avançada. Mas olhem para as formas, estão todas distorcidas.

Saskia espreitou para dentro do microscópio.

— Não correspondem a nenhum dos quadros, pois não?

— Podes ter a certeza. Que diabo! Nunca vi nada parecido.

— Nesse caso, vamos chamar o Van Diemen aqui — disse Saskia.

Hazelhof suspirou alto.

— Ele não está lá em cima, está na RAI, na conferência de parasitologia, há meses que espera ansiosamente por esse evento. Conheces o temperamento dele. Se descobrir que houve alguma mistura nas amostras ou que se trata de um falso alarme, vai crucificar-nos. Se preparaste a amostra de forma errada, tens a cabeça a prémio, Saskia.

— E se eu não o contactar e aquilo acabar por se revelar uma nova estirpe? Alguém morre! — exclamou Saskia. — Eu sei qual é o erro que preferia cometer.

* * *

Esta noite, as estrelas estão muito brilhantes. Normalmente, eu e o Tomas vamos até às rochas que ficam depois dos montes de térmitas, mas hoje dirigimo-nos à árvore dos macacos. É uma árvore da família das Acácias no extremo da mata, completamente seca e amarela, com um único galho, baixo e fendido, pousado no solo. Foi ali que vimos uma família de macacos Colobus no dia em que chegámos. Trepámos para o galho e sentámo-nos lá, a contar as estrelas cadentes e a absorver o cantar dos grilos.

Estava lua nova e a Via Láctea mostrava-se mais clara do que eu alguma vez tinha visto. Não se limitava a uma faixa brilhante e oblíqua, mas era uma roda gigantesca em três dimensões com um centro denso de muitos milhões de sóis. Dali saía um braço curvo, em espiral, a escorrer mundos, a acenar na direção da Terra e de nós. Parecia impossível que semelhante espetáculo não fizesse barulho de espécie nenhuma.

Mantivemo-nos calados. Não havia nada que fosse preciso dizer, agora que nos compreendíamos um ao outro. Ele apenas me tocou na mão, e eu estremeci. Sabia que recordaria para sempre o toque da sua mão.

(Diário de Erica, 1992)

* * *

A galeria de Schipper era um gigantesco *loft*, que ocupava o espaço do telhado de três casas altas e estreitas junto do canal, na Brouwersgracht. Inicialmente usados para guardar gengibre, cardamomo e cravinho, as madeiras dos velhos armazéns com trezentos anos ainda transmitiam uma nota aromática. Agora vibravam ao som do brindar de copos e das conversas em tom suave dos trinta e cinco convidados de Schipper, gente da comunicação social e negociantes de arte.

Max havia sido monopolizado por Joop Westermanns, o correspondente da secção de arte do jornal local *Het Parool*.

— Então, quando foi que imaginou o termo *Metalgeist* para a sua obra?

— Não foi ideia minha, para ser franco. Foi uma proposta do Henk, como uma expressão abreviada da revelação da alma e da estrutura dos metais, que é de onde deriva a minha arte.

Por cima do ombro de Westermanns, Max viu a sua própria nova imagem refletida, distorcida no flanco de estanho polido da *Oxymania IX*, uma escultura com o preço de venda de vinte e sete mil euros. Nessa mesma tarde, ao longo de um trabalho de duas horas, Max submetera-se ao corte dos seus caracóis, deixando que lhe rapassem também a incipiente barba à italiana que lhe conferia um ar de *designer*. Exibia agora o topo da cabeça plano e aloirado e um único brinco grande de zinco. Tinha trocado o seu casaco aos quadrados e as calças de bombazina por uma camisa amarelo-canário e calças de couro castanho-avermelhado. A ideia era dificultar que a mulher o reconhecesse, se por acaso aparecesse. Mas Max estava preocupado. Eram nove e meia da noite. Faltava meia hora para o fecho, e não havia sinais dela.

— E tive conhecimento de que, quando estava a trabalhar em Nova Iorque, não tinha um agente de vendas, é verdade? — perguntou Westermanns.

— Exatamente. O Henk tem um olho perspicaz para principiantes, e nessa altura reparou em mim. Agora exponho em Nova Iorque através de um sócio dele.

Max bebeu um gole de champanhe e desviou o olhar na direção da porta aberta. Nesse preciso momento, Henk convidava a entrar um *viking* enorme vestido de couro. O homem tinha mais de dois metros, talvez uns impressionantes cento e oitenta quilos, o cabelo escuro e grosso pelos ombros e um bigode à Frank Zappa. A *T-shirt*, as calças de ganga e o casaco de couro eram pretos, e faltava-lhe a ponta do polegar esquerdo a partir da articulação. Ao seu lado estava uma mulher magra, com um vestido formal caro e prateado.

Era a ladra do computador portátil. E estava *deslumbrante*.

O gigante avançou diretamente para a mesa com o champanhe, onde logo despejou duas taças, agarrando em mais duas, uma em cada mão. A mulher olhou em volta e gravitou até ao *Zinctank*, uma esfera de zinco com pouco mais de meio metro de diâmetro pendurada por um arame grosso em cobre. Max observou-a passar a mão sobre a sua superfície polida. Depois espreitou pelo óculo verde de vidro, sorrindo surpreendida quando viu o que estava lá dentro. Ele divertia-se sempre com a reação das pessoas à sua obra.

Henk falou com a mulher e, seguindo instruções, levou-a até junto de Max. Enquanto ela avançava na sua direção, num caminhar que produzia um som roçagante, as luzes de halogéneo da galeria davam ao seu vestido um brilho de arco-íris.

— Aqui está o artista, Max Carver — disse Henk. — Ele poderá explicar-lhe tudo acerca do seu trabalho. — Antes de os deixar, sorriu a Max de forma cúmplice.

— Olá. Chamo-me Lisbeth. — Pronunciou-o como «Lease-bet». Tinha uns olhos azul-cobalto e a pele cor de mel. O cabelo ondulado estava puxado para trás num rabo-de-cavalo, revelando um pescoço fino e uns ombros inclinados e elegantes, que lhe lembraram os de Erica.

— Estou contente por ter conseguido vir. Venha, deixe-me oferecer-lhe uma taça de champanhe. — Max olhou para a mesa das bebidas. O grandalhão estava no canto, ainda a beber por dois copos ao mesmo tempo, enquanto conversava com uma mulher pequena com uns óculos em forma de asas.

— Não gosto de álcool. Talvez um sumo de fruta?

— Claro.

Max regressou com a bebida. Quando lhe entregou o copo, as suas mãos tocaram-se brevemente. Por uns segundos, limitaram-se a olhar um para o outro. Ele viu nos seus olhos algo que não era reconhecimento, tinha a certeza disso.

— Estava precisamente a admirar a sua grande bola de metal — disse ela, acenando na direção da esfera.

— Ah. O *Zinctank*.

— Sim. Qual é o significado do homenzinho que está lá dentro?

— Bem, a figura de bronze deveria estar a resolver um grande problema. Mas adormeceu à secretária e, como pode ver, as águas estão a subir, um símbolo do tempo que se esgota. — Uma imagem de Erica inundou-lhe o pensamento, e Max sentiu-se culpado por estar ali, a beber e a conversar, enquanto ela andava perdida algures. Talvez através daquela mulher ele fosse capaz de a encontrar.

— E fez a água com vidro, tal como a pequena janela?

— Sim.

— E esta peça vale realmente vinte e dois mil euros?

Max riu-se.

— Bom, esse é o preço de venda. Valer ou não depende do quanto gostar dela. Se a detestar, para si não valerá nada. Do meu ponto de vista, pelo número de horas que demorei a fazê-la, teria bem de receber esse montante para atingir o *break-even*.

— Nunca tinha frequentado uma exposição de arte. Mas estou a gostar da sua obra. — Ela olhou em redor para os outros convidados. — E espera-se que eu compre alguma coisa?

— De maneira nenhuma. Em todo o caso, este dia é apenas para a imprensa e para a comunicação social. A maioria dos grandes compradores irá ter uma mostra privada ainda esta semana. Claro que, se quiser comprar alguma coisa e for demasiado cara, tenho uma série de desenhos e esboços por cerca de cinquenta euros.

Ela ergueu os olhos rapidamente e depois semicerrou-os, avaliando-o.

— O Henk disse-me que foi você que me convidou. Porquê?

Max ficou com a garganta seca.

— Há uma boa razão. — Não podia simplesmente confrontá-la com o roubo, ali assim. Ela poderia fugir, ou... Max imaginou o estrago que o gigante seria capaz de fazer. — Vi-a na oficina. Parecia muito interessada em arte.

Ela sorriu e cruzou os braços.

— Tretas!

— Não. A sério.

— Era você que estava em cima do escadote?

— Sim. — Max começou a despejar o resto do champanhe que tinha no copo.

Lisbeth observava-o.

— Convidou-me porque quer fazer sexo comigo?

Por um segundo, Max inalou a sua bebida. Tossiu e borrifou o líquido, sacudindo depois as gotas da mão. Lisbeth tirou um lenço da carteira e limpou-lhe a camisa. Quando Max recuperou o fôlego, toda a gente estava a olhar para ele.

— Nota máxima para a sua frontalidade, Lisbeth — murmurou ele.

— Sou holandesa. — Ela encolheu os ombros. — Dizemos aquilo que pensamos. Isso poupa uma data de tempo.

— Se é isso que pensa, deduzo que não teria vindo, a menos que... — Max apercebeu-se do rumo perigoso das suas palavras.

— Uma excelente dedução, Max. Eu poderia simplesmente gostar de arte.

Max baixou os olhos e deitou uma mirada para o grandalhão, que estava agora espreguiçado num sofá com uma mão sapuda apertada em volta do gargalo de uma garrafa de champanhe e uma revista de arte aberta no colo.

— O seu namorado gosta de arte?

— O Janus gosta de escultura. Mas não é meu namorado.

— O que é então?

— Há muitos anos, alguém que me amava ausentou-se e pediu ao Janus para tomar conta de mim até ele voltar. Uns meses mais tarde, chegaram más notícias do estrangeiro, o meu amor tinha morrido. No funeral, o Janus prometeu-me que olharia por mim, sempre.

— Foi um gesto bonito. — Max conduziu-a a uma das enormes janelas e olhou lá para fora por cima dos telhados escuros, para os canais tão lisos como petróleo. Beberricou o seu champanhe e

deixou as bolhas crepitarem-lhe na língua. Passou para um tratamento mais familiar. — Para ser franco, convidei-te porque nos últimos dias não tinham entrado muitas pessoas na galeria, e queríamos assegurar-nos de que teríamos uma multidão de gente chique esta noite. E tu pareces-me bastante interessante.

Ela fitou-lhe os olhos, como se tentasse adivinhar nele algum duplo sentido.

— Estou a perceber. Tal como uma figurante num filme, então?

Max riu-se.

— Sim. À exceção de que não és paga.

Atrás de Max, as tábuas do soalho rangeram. O olhar de Lisbeth desviou-se da sua face e fixou-se bem acima do seu ombro. Max não precisou de se virar para saber quem ali estava.

— Max, apresento-te o Janus — disse Lisbeth. — Campeão europeu de halterofilismo em 1999... Certo, Janus?

— Foi em 1998 — respondeu Janus, mudando a garrafa de champanhe meio cheia para a mão esquerda enquanto, com a direita, engolia brevemente a mão de Max até ao pulso.

— E quantas garrafas de champanhe conseguia levantar em 1998? — perguntou Max, olhando sem rodeios para o *Moët & Chandon*.

— Mais do que você já bebeu em toda a sua vida — respondeu ele, balançando a garrafa. — E ainda consigo.

— Talvez possamos utilizá-lo mais tarde para deitar ao lixo as garrafas vazias que estão lá fora.

— Desculpe, pensava que esta exposição era acerca do lixo que deitaram *aqui dentro*. — Os olhos escuros de Janus moveram-se de um lado para o outro.

— Ele tem muita gracinha, não tem? — comentou Max com Lisbeth. — Onde foste descobrir um holandês tão divertido?

Janus encolheu os ombros.

— Não sou holandês. Nasci na Bélgica, filho de pais eslovacos. E não gosto do seu trabalho.

Max sorriu.

— Tem esse direito. A arte é uma questão de gosto. Nem toda a gente é capaz de apreciar o desconhecido.

— Desconhecido? Não. Demasiado conhecido. As suas figuras são imitações fracas de Giacometti, as suas montagens derivam de forma óbvia das de Caro. A sua soldagem também é confusa.

Max esgotara a sua reserva de gentilezas.

— Mas vejo que está a apreciar o meu champanhe.

— Sim. É surpreendentemente bom. — Janus levantou a garrafa e examinou o rótulo antes de se virar para Max. — Mas não foi você que o fez, creio. — Depois virou-se para Lisbeth. — Então, vamos andando?

À porta, um Henk sempre atencioso entregou a Lisbeth o casaco e o cachecol. Max pegou no braço de Lisbeth e segredou-lhe:

— Posso voltar a ver-te?

— Porquê?

— Não é óbvio?

Ela sorriu e tocou-lhe levemente no rosto com o cachecol.

— Afinal, tinha razão.

Janus avançou e colocou um grande braço protetor em volta de Lisbeth. Quando a conduzia para a porta, olhou para trás por cima do ombro. Os seus olhos escuros cruzaram-se com os de Max e por um momento nenhum dos homens se moveu. A hostilidade estalou entre eles antes de Janus se virar de novo para a frente.

Max apontou-lhes a porta de saída e ouviu o som rápido dos passos, uns pesados e outros leves, a desvanecer-se enquanto desciam pelas escadas de pedra.

* * *

Sabe-se que alguma coisa está a acontecer quando a floresta fica silenciosa. Acordei cedo e, apertando a minha túnica à volta do corpo, descí até à lagoa dos lírios para tomar banho com privacidade, para observar as flores e pensar. Havia alguns macacos em movimento lá em cima, a guinchar e fazendo o seu

ronco característico enquanto saltavam e balançavam entre os ramos, e um zumbido pulsante de grilos.

O canto estridente de um pássaro silenciou os macacos. Nem um ramo se mexia. Os zumbidos dos insetos pareciam latejar-me dentro da cabeça. O medo dos macacos também me arrepiou, por isso peguei na túnica que tinha pendurado num arbusto e apertei-a bem à volta do corpo. Senti que estava a ser observada, mas não conseguia ver nada entre as sombras inclinadas da copa das árvores e a folhagem densa e molhada.

Vozes distantes e o estalar das catanas faziam-se ouvir desde a floresta mais além. Para regressar à aldeia teria de percorrer cerca de quatrocentos metros, a primeira metade por um monte íngreme acima, a última metade por terreno plano mas exposto. Achei mais seguro esconder-me e corri até à beira da lagoa, agachada para que os arbustos me cobrissem, com a lama fria a escorrer-me por entre os dedos dos pés.

Tinha estado a olhar para ele durante algum tempo antes de o ver, apenas a um metro e meio de mim. Arquejei, surpreendida por ver um rosto ocidental, camuflado com umas listas de lama, a olhar para mim. Levou um dedo aos lábios e arregalou os olhos, enfatizando a ordem para me manter em silêncio. Reparei imediatamente no imundo uniforme militar zairense, na cabeça totalmente rapada, na mochila enorme e no cano firme de uma arma curta apontada à minha testa.

As vozes e as catanas aproximaram-se ainda mais, e o meu coração começou a bater com força. Virei-me para aquele rosto à procura de orientação, e uma mão coberta de lama fez-me sinal para me estender no chão enlameado. Segui as instruções, e ele piscou o olho, em aprovação, antes de virar o rosto na direção do som.

Eram cerca de vinte, dirigindo-se em fila indiana para a clareira. Na sua maioria, eram adolescentes esqueléticos, com chinelos calçados, camisas esfrangalhadas e calções manchados. Alguns, muito poucos, calçavam botas e carregavam com espingardas

pesadas de ar usado, em vez de catanas, e dois mais velhos transportavam armas curtas e robustas parecidas com as pistolas de lubrificação dos mecânicos. Muitos deles transportavam, com enorme esforço, pesados pacotes ou caixas de metal.

Avançaram até se encontrarem a uns dez metros de nós, e então pararam, a discutir de forma loquaz a rota que deveriam seguir. Depois de muito apontar, viraram para a minha direita, como se fossem seguir o vale para montante e contornar a aldeia. Um jovem alto e magro, de cerca de vinte anos, deixou-se ficar para trás, cansado; largou uma desmantelada caixa de munições em cima da erva e caminhou na direção do arbusto onde eu me encontrava. Puxou para cima a perna dos seus calções e urinou ruidosamente para a folhagem. Foi só quando olhou para baixo para se arranjar é que ele me viu.

Inspirou com força e ficou apenas a meio do som de surpresa, pois o meu acompanhante atacou-o como um leopardo. Num momento, o jovem estava de pé; no momento seguinte, estava dobrado num abraço apertado, com a cabeça ternamente pousada no enorme ombro do homem. Só percebi o que tinha acontecido quando vi a comprida faca de bordos irregulares ser retirada das costelas do jovem, e a mão que lhe cobria a boca como uma mordação. Aquele processo silencioso de acabar com uma vida talvez tenha levado quatro segundos.

O homem pegou então no jovem morto com um braço, como se ele fosse um feixe de lenha, e com a outra mão apertou bem o ferimento, mantendo-o mais elevado em relação ao resto do corpo. Depois deitou o cadáver na lama entre mim e ele, voltou a tirar a sua faca e cortou-lhe a orelha esquerda. Sorriu perante a minha expressão horrorizada e meteu o pedaço ensanguentado num saco de plástico, que ficou a fazer um volume no seu bolso. Vi-o erguer-se, depois pousar a bota em cima da testa do jovem, empurrando-a para baixo até uma água ocre começar a entrar-lhe na boca aberta e a cobrir os suaves olhos castanhos com as suas pestanas compridas e finas. Pisou o corpo enterrando-o na pasta viscosa,

deixando apenas uma linha de lama mais alta. Fez-me sinal com as mãos, mostrando-me a necessidade de deitar lama sobre o corpo, para apagar o contorno do cadáver.

Revoltada, abri a boca para recusar. Ele sibilou-me que ficasse calada. Os seus olhos estreitos de predador adquiriram tonalidades amarelas e castanhas sob o efeito do sol, como se também eles fizessem parte da sua camuflagem. Apontou para o corpo e depois escreveu quatro letras na lama: KPLA. Talvez me tivesse salvado a vida. Eu tivera a minha pequena quota-parte na causa daquela morte, por isso obedeci. No fim, esfreguei as mãos enlameadas nas pernas e nos braços, acabando por besuntar o cabelo e a túnica. Ele acenou com a cabeça, em sinal de aprovação.

O soldado examinou cuidadosamente o matagal, depois avançou até à caixa de metal. Abriu a tampa de dobradiças e olhou lá para dentro, para aquilo que à primeira vista me pareceram dezenas de frutos de um verde baço e metálico. Pegou numa das granadas de mão, observando-a com os olhos franzidos. Uma cavilha grossa atravessava o topo da granada com uma argola na extremidade. Ele atou a essa argola um pedaço de arame de uns trinta centímetros de comprimento, a seguir enfiou a granada debaixo das outras, de modo que apenas ficassem de fora alguns centímetros de arame. Com a faca de mato abriu as dobradiças da caixa. Prendeu o arame à face interior da tampa, depois voltou a pô-la no lugar e apertou o fecho, verificando que o estrago feito na dobradiça não poderia ser detetado.

Apontou para a minha escova de dentes e para a toalhinha de mãos, por isso peguei imediatamente nelas. Depois indicou o interior da mata, na direção de onde tinham vindo os KPLA, e eu segui-o. Começaram a aparecer moscas, a zumbir. Debaixo de um arbusto estava um corpo em uniforme zairense, com o rosto desfigurado por formigas cor de sangue que rastejavam pela sua face. Um pouco mais longe surgiram os sinais de uma fogueira, com as cinzas ainda incandescentes.

Cinco minutos mais tarde, uma imensa explosão abalou a floresta e ouvimos gritos, ordens gritadas e tiroteio constante. O soldado empurrou-me para o solo, depois avançou a rastejar, escondendo-se atrás do cadáver. Cinco jovens adolescentes do KPLA apareceram no caminho a correr, salpicados de sangue, a gemer de forma pungente. A arma do soldado rugiu por um momento, depois o movimento parou, à exceção do balançar de uns chinelos de dedo, em azul-claro, agora pendurados num arbusto.

Durante alguns minutos, fiquei ali a soluçar, enquanto o soldado se levantava e voltava a dirigir-se para o caminho. Ouvi a sua arma ao longe outras duas vezes, depois mais nada. Esperei, a tremer, durante dez, quinze, vinte minutos. Com cautela, empreendi o regresso a Zizunga, subindo o caminho até à lagoa e ao cheiro horrível de carne humana queimada. A minha amada clareira era agora um matadouro, com as bonitas flores azul-claras espalhadas à mistura com carne brilhante e farrapos de roupa. Um pedaço denteado de uma caixa de metal sobressaía do ramo de uma árvore por cima da minha cabeça. Havia pelo menos uma dúzia de corpos, incluindo alguns com a garganta cortada. A todos eles faltava a orelha esquerda.

(Diário de Erica, 1992)

Os convidados começaram a desaparecer à medida que se esgotava o champanhe; cerca da meia-noite, Max e Henk estavam a arrumar os copos sujos, enquanto Ricardo, o namorado de Henk, limpava a cozinha. Quando a campainha da porta tocou, Henk falou para o intercomunicador e carregou no botão fazendo ouvir o zumbido produzido lá em baixo.

— É para ti; um tal senhor Loebe — anunciou Henk.

Max abriu a porta, ouvindo a respiração ofegante e os passos cada vez mais lentos à medida que o ministro subia penosamente as escadas.

— Ufa! Por que razão não há elevador, senhor Carver? — Loebe arfava, vestido com um fato enorme de linho em tom creme. — Quem disse que a Holanda é um país plano? Devem ser todos montanhistas!

Max convidou-o a entrar e preparou-lhe uma bebida, enquanto o ministro limpava a testa e a parte de trás do pescoço entroncado com um lenço branco como a neve.

— Esculturas fabulosas, senhor Carver. Vi o anúncio da exposição, por isso espero que não se importe de eu ter aparecido na noite de inauguração sem ser convidado.

— De maneira nenhuma — respondeu Max, acompanhando o ministro numa visita pela galeria.

— Todos os conferencistas se mostraram muito preocupados com a Erica — disse Loebe, acrescentando mais algumas pedras de gelo ao seu sumo de fruta. — Parece-nos de facto extraordinário que ela tenha sido sequestrada. — Quando ele sorria, as cicatrizes da cara adquiriam um traço de guelras de tubarão. — No entanto, se estivesse em liberdade, não consigo acreditar que encontrasse alguma coisa melhor para fazer do que aparecer na conferência para nos explicar como poderemos vencer o flagelo da malária.

— Concordo plenamente consigo — disse Max. — Nunca tive conhecimento de que ela fizesse algo do género e estou realmente preocupado.

— A Erica é uma mulher cheia de recursos perante a adversidade. Muito forte, muito combativa. Muito especial. — Os olhos de Loebe brilharam, enquanto ele apontava um dedo gordo para Max. — É um homem de muita sorte, senhor Carver.

— Como é que a conhece? — perguntou Max, sentindo-se desconfortável com o sorriso excessivamente entusiasmado do ministro.

— Ah. Tivemos um... breve relacionamento, há uns anos. Gosto muito dela. Na verdade, queria ajudá-lo a encontrá-la, se puder. O Zaire pode ter alterado o nome para República Democrática do Congo, mas continua a ser um lugar sem lei. Posso assegurar-lhe que tenho alguma experiência nestes assuntos.

Max semicerrou os olhos.

— Continue.

— Pelo que percebi, se as autoridades policiais não estão a fazer o seu trabalho, isso também me é familiar. Tenho comigo, neste país, um guarda-costas de confiança, que posso colocar à sua disposição. — Loebe deu à mão a forma de uma volumosa pistola castanha e apontou-a à cara de Max. — *Bang*. — Depois piscou o olho de forma obscena. — As maravilhas da mala diplomática.

— Obrigado — disse Max. — Terei isso em mente, mas acho que não estou na fase da vingança sumária. Ainda não, pelo menos.

— Como desejar, senhor Carver. — O ministro levou a mão ao interior do casaco e tirou uma charuteira de prata. Abrindo-a, deixou à mostra um grosso maço de notas de cem dólares. — Agora gostaria de comprar algumas esculturas. Esta, aquela e talvez a outra, ali. Deduzo que a moeda americana não seja um problema, pois não?

— Já alguma vez o foi? — comentou Max quando o telefone começou a tocar. Levantou o auscultador enquanto observava

Loebe semicerrando os olhos através dos seus óculos de meia-lua para as centenas de notas. — Galeria Schipper.

— Max? Fala a Lisbeth. Vem ter comigo e com o Janus logo à noite. Encontramo-nos contigo à uma da manhã no Purple Haze.

Deu-lhe a morada, que Max anotou.

— Que espécie de lugar é esse?

— Um lugar para te encontrares comigo, se quiseses. Ou Max é o diminutivo de Máxima Treta?

— Está bem, sua espertinha. Eu vou. Estou surpreendido com o facto de o Janus querer que eu vá. Não nos demos propriamente bem.

— Ele não sabe. O convite é meu. Isso assusta-te?

— Por que motivo haveria de me assustar? O mundo está cheio de brutamontes, com um grande corpanzil e mal-humorados como esse sujeito. Ele sabe-o, e é por isso que leu alguns livros de arte, para provar que não é o típico brutamontes estúpido.

— Ele é muito inteligente, Max. Gere alguns negócios, incluindo uma loja de antiguidades. Só por ter acidentalmente espancado até à morte aquele gangue de ladrões é que toda a gente pensa que é muito perigoso e cruel. Mas, no fundo, é de facto um bom tipo, gentil e amoroso...

— Bolas! Ele dá cabo de ladrões? Isso parece-me uma bela história para adormecer.

— Estávamos em Roterdão e ele tinha acabado de entrar numa loja quando aqueles três indivíduos vieram a correr e me arrancaram a carteira. Eu gritei, e o Janus logo veio ter comigo, mas um deles sacou de uma pistola e apontou-lha. Ele avançou para o homem, para lhe tirar a pistola. O ladrão disparou, mas o Janus tinha tapado o cano com o polegar.

— Au!

— Pois foi, por isso perdeu a ponta do polegar, mas a pistola ficou bloqueada. Os assaltantes meteram-se dentro do carro que iam utilizar na fuga, um *BMW*, mas o Janus, nessa altura, estava mesmo furioso. Com a mão ilesa pegou numa lambreta que estava

num parque de estacionamento de bicicletas e atirou-a para a frente do carro, obrigando-os a parar. Não havia espaço para os gatunos inverterem a marcha e estavam demasiado assustados para sair do carro, e então o Janus atirou outra motocicleta para o tejadilho do carro, e depois outra. Nessa altura ouviram-se gritos vindos de dentro da viatura, porque o tejadilho tinha cedido e eles estavam encurralados; eu também gritava e havia uma multidão a juntar-se e a buzina do carro tocava, mas ninguém se atrevia a enfrentar o Janus, que gritava mais alto do que toda a gente. Viu então uma *Suzuki* de 750 cc, uma coisa verdadeiramente grande. Era muito pesada e ele necessitava de ambas as mãos apenas para a levantar e a pôr em cima dos ombros. Mas é muito difícil erguer algo tão grande quando nos falta um polegar, e o Janus fez um esforço gigantesco. Inicialmente, pretendia apenas assustá-los, mas o que realmente fez foi deixar cair a moto no centro do tejadilho.

— E todos eles viveram felizes para sempre?

— Não. Um dos ladrões ficou com o crânio esmagado, outro ficou paralisado do pescoço para baixo e o terceiro está internado num hospital psiquiátrico.

— Muito tranquilizador! Que tipo tão simpático! — exclamou Max.

— E então, não lhe disseste que eu ia?

— Não. Será uma surpresa.

* * *

Mesmo com as instruções de Henk e a sua bicicleta, Max levou cinquenta minutos a encontrar o Purple Haze. Tinha pedalado através do Bairro Vermelho, onde as prostitutas acenavam das montras como manequins articulados vestidos com *lingerie*, passou por uma magnífica igreja antiga rodeada por espetáculos eróticos e salas de pornografia, percorreu ruas e vielas com nomes capazes de desarticular os maxilares, tais como Snoekjessteeg e Bloedstraat, Dollebegijnensteeg e Oudezijds Voorburgwal, com uma ortografia tão estranha que uma pessoa até pensava que o

funcionário administrativo encarregado dos registos da cidade tinha andado às cabeçadas à máquina de escrever.

Acabaram por ser os seus ouvidos a encontrar o local. Uma explosão de som e a repercussão distorcida de uma guitarra elétrica e a rápida e forte batida de bateria escoavam de uma viela sombria. Ao fundo, em frente à entrada muito pouco iluminada, Max viu uma pequena multidão a fumar e a beber pela garrafa. Por cima da entrada estava escrito «urple Haz» numa luz néon em tom violeta, com o resto das letras apagadas ou a piscar.

Max conduziu a bicicleta à mão ao longo da ruela. Depois de a prender com cadeado a um gradeamento, forçou a entrada pelo meio do aglomerado de gente, passando por uma rapariga muito magra que fumava um charro do tamanho de um cone de gelado. Um indivíduo gordo e calvo, em sandálias, recebeu o dinheiro da entrada e carimbou-lhe uma estrela nas costas da mão. O bengaleiro parecia uma feira de garagem e era guardado por uma criatura escanzelada com ar de criança abandonada, o cabelo às trancinhas pintadas e um anel com uma pedra brilhante no nariz. Umas escadas de madeira íngremes fizeram-no descer para uma torrente de som que lhe provocou ressonância nas costelas. Um quadro negro exibia a lista das bandas dessa noite: Amorphea, Gradgrind Spine e Holy Polio. O local estava a abarrotar de miúdos no final da adolescência, com roupas de aspeto sujo e uma grande quantidade de metal na cara, com mechas de cabelo pintado, verniz prateado e lábios negros. Não se via sinal de Lisbeth ou de Janus.

Max percorreu corredores pintados de preto, cujas paredes, com a tinta a escamar e a estalar, estavam cobertas de cartazes de antigas bandas, passou por casais andróginos em atitude indolente, lunáticos de olhos baços e dançarinos de membros espasmódicos, até que entrou numa sala com luz estroboscópica e encontrou a banda, ao fundo, encafuada entre colunas do tamanho de caixões. A gritar ao microfone estava uma mulher baixa, de aspeto duro e com uns braços grandes tatuados, óculos quadrados de aros vermelho-acastanhados para condizer com o cabelo, e uma

gargantilha tipo coleira de cão com enfeites metálicos pontiagudos. Cada vez que sacudia a cabeça, fazia chover suor sobre quem dançava à sua frente. Atrás dela, um guitarrista esguio de cabelo comprido acariciava em êxtase o seu instrumento, fazendo-o guinchar, gemer e tossir em notas desconexas, enquanto um monstro flácido de cabelo crespo, vestido com uma *T-shirt* com o nome Gradgrind Spine gravado, martelava na bateria. Uma esbelta baixista de rabo-de-cavalo estava entalada atrás de uma coluna.

O balcão ficava numa sala vazia por trás do palco, onde se encontrava uma loira de cabelo descolorido com um cardo tatuado no ombro a vender garrafas de *Heineken* e *Amstel* diretamente da grade. Max comprou uma garrafa e observou a mulher a tirar a tampa com os dentes e a cuspi-la depois com força para um canto.

— Não tem abre-cápsulas? — perguntou Max.

— Um punheteiro qualquer roubou essa merda — replicou ela com um carregado sotaque de Glasgow enquanto empurrava contra a barriga de Max a garrafa com a espuma a transbordar.

Max voltou para trás e ficou a assistir ao desempenho da banda, até que, com um final explosivo através de uma repetição improvisada, o grupo terminou a atuação. Depois de um agradecimento rude e de uns aplausos esporádicos, a vocalista saltou cá para baixo e começou a desligar fios elétricos e cabos. Abriu-se uma porta nas traseiras e surgiu a figura enorme de Janus, com as mãos cheias de garrafas de cerveja e água mineral para a banda. Pareceu não dar pela presença de Max.

A baixista desceu até à cintura as jardineiras com aspeto molhado, revelando uma *T-shirt* tingida com efeitos de batique. Deu um longo gole na sua bebida e foi saindo lentamente, com cuidado, do minúsculo palco. Calçava uns absurdos botins em PVC com o tacão muito alto e fino, e a pintura dos seus olhos era uma grossa faixa negra de orelha a orelha, a fazer lembrar o focinho de um texugo. Max retirara-se lentamente para a parte de trás da sala, ficando junto do indivíduo da mesa de som, e ia começar a interrogá-lo acerca de Janus quando a baixista avançou para ele

com ar despreocupado, as alças das jardineiras a baterem-lhe nos joelhos.

— Olá, Max. Fico contente por teres vindo.

— Lisbeth, não te reconheci.

— E eu não te reconheci a ti, mas agora sim, apesar de também a tua aparência ter mudado. Vamos beber alguma coisa.

Max sentiu o olhar invejoso do homem do som quando Lisbeth lhe pegou na mão para o levar para outro lado. Max comprou outra cerveja e uma garrafa de água mineral, que entregou a Lisbeth. Depois avançaram para um canto escuro e com pouca gente.

— Quer dizer que sabes quem sou?

— Sim. És um corredor rápido, mas agora não vou fugir. Nem podia, com estes tacões.

— Não precisas de fugir. Não me interessa de que forma ganhas a vida, só preciso que me devolvas o computador.

— Não é possível, desculpa. Já não o tenho comigo.

— Vendeste-o?

— Não. Pagaram-me adiantado. A pessoa que queria o computador disse-me exatamente onde estava.

A banda Holy Polio tinha começado a tocar naquele momento, e Max era obrigado a gritar ao ouvido de Lisbeth para se fazer ouvir.

— Olha, a minha namorada, a Erica, desapareceu. Só quero encontrá-la. Aquele computador tem a agenda dela e os *e-mails*, e eu preciso de os consultar. Estou convencido de que ela concordou em encontrar-se com o seu sequestrador, e deve haver uma mensagem dele. Por que outra razão haveria ele de querer o computador senão para apagar as suas pistas?

— Não sei por que motivo ele queria o aparelho, e também não lhe perguntei. Sei como se faz o meu trabalho. Desempenho-o e não faço perguntas.

— Mas não se trata apenas de um computador de mil dólares, trata-se de uma mulher exatamente como tu, cuja vida está em perigo.

— Lamento, Max. — Lisbeth bebeu um gole de água e abanou a orla da *T-shirt* para arejar a barriga. — Tenho muito calor aqui. Apalpa. — Pegou-lhe na mão e pressionou-a brevemente contra o seu estômago molhado e liso.

— Não é propriamente o computador que me interessa. Mesmo que só consigas arranjar uma cópia dos ficheiros de correio eletrónico que estão no disco, isso já ajudaria. E posso pagar-te. Tenho de facto algum dinheiro, não muito, mas algum. Podemos fazer isso desta maneira ou através da polícia, como preferires. Afinal de contas, és uma ladra. — Nesse momento estavam muito juntos.

— Gostaria de te ajudar, Max. És um homem simpático, mas isto não é um assunto para homens simpáticos.

— Não sou assim tão simpático. Não vou deixar as coisas assim. Lisbeth acendeu um cigarro e inspirou profundamente, inspecionando o rosto de Max com um olhar que roçava a compaixão.

— Não sabia do desaparecimento da tua namorada, e lamento muito a esse respeito. *OK?*

— Não preciso da tua compaixão e solidariedade. Preciso do nome dele.

— Vou tentar ajudar-te, mas é muito perigoso. Dá-me a tua mão, Max. Depois compreenderás.

Max suspirou.

— Esta coisa do tato está a passar das marcas para mim. — Deixou-a pegar-lhe no braço. Ela pôs-lhe a palma da mão na barriga, depois começou a conduzi-la pelas jardineiras abaixo. Soltava risadinhas enquanto se contorcia de maneira a arranjar espaço para a mão por baixo do tecido colado ao corpo.

Max começou a retirar a mão.

— És uma miúda meio esquisita. Deves estar a sentir grande prazer nisto.

Ela inclinou-se para a frente e soprou-lhe fumo para a cara.

— Confia em mim. Toca aqui, apenas uns centímetros mais abaixo.

— Estás a gozar comigo? Já sei o que há aí em baixo. Ou vais dizer-me que, em vez disso, tens uma pila aí escondida?

Mesmo junto do pelo crespo, Max sentiu algo na pele dela. Os seus olhos arregalaram-se quando ele acompanhou o traçado denteado e irregular.

— Meu Deus, fizeste uma cirurgia num vão de escada ou algo do género?

— Bela cicatriz, não é? Apalpa. O que é que diz?

— Estás a querer dizer-me que essa talhada tem um significado?

— Sim.

— Não sei ler braille. Porque não me dizes e pronto?

— Não, aqui não. Tenta sentir. É o nome que pretendes. Ele quis que eu nunca esquecesse o seu nome.

Até àquele momento, Max não tinha pensado que os seus receios em relação a Erica pudessem intensificar-se.

Lisbeth apertou o corpo contra o dele, a sua face quente na curva do pescoço de Max.

— Há um A, um N, um V... ou será um W? Ei, fica quieta, sim? Como é que posso ler se continuares a rebolar assim o rabo?

— Desculpa, a pele é muito... sensível. — Ela lambeu o pescoço de Max.

— Chega. — Max retirou a mão e afastou-a. — Seja qual for a tua tara sexual, não estou interessado. Se quiseres dizer-me, diz. Mas deixa de brincar comigo.

— Cada vez que tomo banho, cada vez que me dispo, ele está ali, como uma violação que nunca tem fim. — Mas o seu sorriso até se alargou, uma máscara frágil esticada sobre o sofrimento. — Obriga-me a abraçá-lo e a odiá-lo, tal como todas as mulheres abraçam e odeiam simultaneamente o seu próprio corpo. Impôs-se como uma parte de mim.

— Por que razão ele te feriu assim?

— Estava zangado com uma coisa que fiz.

— Calculo. — Max olhou para ela. — E então, por que motivo o Janus não te protegeu disto?

— O Janus é muito forte, mas tem os seus limites. O homem que me fez este corte não tem limites, não tem sentimentos humanos e tem a força do próprio Demónio.

— Meu Deus! — murmurou Max.

— Nunca ninguém poderia ter-me protegido, exceto talvez o meu Johnny. E o Johnny partiu há muito tempo. Faz treze anos na próxima sexta-feira. — Lisbeth ergueu o copo. — A ti, Johnny.

Max levou a garrafa de cerveja aos lábios. O sabor amargo inundou-lhe a língua, fazendo efervescência na sua garganta, mas tudo o que ele sentia era um medo frio. Aquilo que precisava de ser feito ainda tinha de ser feito, mas agora era mais difícil, e fê-lo sentir-se ainda mais só. Olhou para Lisbeth.

Ela também o estudava, e então pôs-lhe a mão no braço, apertando-o com força. Max sentiu a transpiração nas suas mãos.

— Eu posso ajudar-te, Max. Mas se deres informações a meu respeito, e a polícia me associar a esse homem, matam-me. Percebes? Ele há de encontrar-me e aquilo que sentiste aqui em baixo não será nada em comparação com o que me faria. Portanto, tens de me prometer, pela tua vida, pela tua alma, não revelar jamais o papel que desempenhei nisto.

— Lisbeth, não faço promessas de ânimo leve, mas cumpro-as sempre. Se me ajudares a encontrar a Erica, prometo-te que farei o que quer que seja por ti. Mas preciso do seu nome, de saber por onde ele costuma andar, alguma ideia de como o encontrar.

— Não podes fazer isso sozinho. Ele mata-te sem pensar duas vezes e serás apenas mais um turista morto a boiar no canal. Arranja algumas provas de que é ele que tem a Erica, depois vai à polícia com aquilo que conseguires descobrir.

— Está bem. Seja como for, pode ser que eu tenha alguma ajuda.

— Max pensou na oferta de Loebe. Um homem com uma pistola iria ser muito útil. — Então como é que ele se chama?

Lisbeth inclinou-se para a frente e segredou-lhe ao ouvido.

— Chama-se Anvil.

— Só assim?

— Sim.

— E como poderei encontrá-lo?

Lisbeth levou um dedo aos lábios.

— Mais tarde mostro-te. — Uma confusão de pessoas a empurrarem-se mais à frente assinalou a chegada dos Gradgrind Spine ao balcão. Max foi apresentado ao vocalista, Jay, ao guitarrista, Nico, e ao baterista, PJ. Gritavam aos ouvidos uns dos outros para se fazerem ouvir sobre o barulho ensurdecedor e emborcaram algumas cervejas enquanto Max e Lisbeth olhavam um para o outro. Lisbeth gritou qualquer coisa a Nico e, em troca, foi-lhe entregue uma caneta de feltro. Ela pegou na mão de Max e rabiscou algo na palma. Depois dobrou-lhe a mão, fechando-lha, e fez-lhe sinal a despedir-se. Olhou para um lado, apontou com insistência e recuou. Janus abria caminho através da sala. Olhava para Max com ar ameaçador.

Nico inclinou-se para Max e gritou-lhe ao ouvido:

— Penso que estás na altura de te ires embora.

Max abanou a cabeça. As suas costas estavam perto da parede, e a única saída passava por Janus. Quando o grandalhão chegou até ele, enfrentou-o.

— Tu, lá para fora. — O físico de Janus quase explodia de força, tal como uma arma quando o gatilho é apertado nove décimos.

— Acho que vou primeiro acabar de beber a cerveja.

Max ficou a meio caminho de levar a garrafa à boca. Não faz nenhum sentido tentar um homem a partir-nos os dentes com um murro.

— Não entendes uma mensagem, pois não? — Janus fez sinal a alguém do outro lado da sala e, de repente, a música parou. No meio do silêncio, todos os olhares convergiram para ele.

— Deixa-o, Janus — disse Lisbeth. — Fui eu que o convidei.

— Paguei para entrar. — Max levantou o pulso para mostrar o carimbo com a estrela. — Acho que posso ficar até ao fim.

Janus afastou Lisbeth com um empurrão, e o resto do grupo recuou. Lisbeth desequilibrou-se em cima dos seus tacões precários até Nico a segurar. Ela parecia quase excitada, com os olhos a brilhar.

— Para ti, isto é o fim — sussurrou Janus.

Mesmo cinco anos depois de deixar o serviço da Guarda Costeira, o mecanismo de autodefesa de Max ainda funcionava bem: uma respiração pouco profunda e rápida, os músculos relaxados para movimentos rápidos. Ele preparou-se, com o pé direito atrás, a mão direita em baixo agarrada ao gargalo da garrafa, a mão esquerda levantada em atitude de defesa, como se faltasse a outra metade para o gesto de oração.

Talvez fosse a sua única hipótese. Max nunca vira um grandalhão como aquele mover-se tão depressa. O punho do gigante explodiu contra a sua orelha como uma bomba atômica de dor e levantou-o por momentos do chão. A arquejar, Max rodou com o golpe e, baixando-se, esquivou-se à esquerda seguinte, que lhe passou por cima. Uma nuvem de poeira choveu sobre ele quando o punho gigantesco de Janus se cravou profundamente na parede de gesso.

Max lutou contra os enormes braços e disparou o joelho direito para cima, desferindo um golpe nas virilhas de Janus. O grandalhão urrou, mas a mão esquerda não fraquejou. Agarrou Max pelo pescoço, com o toco do polegar sobre a traqueia, e puxou atrás o punho direito para ganhar força, como uma bola de demolição. Max agarrou-se com força ao toco do dedo e conseguiu afastá-lo a tempo de libertar o pescoço. Sentiu a deslocação de ar provocada pelo movimento do punho, mesmo por cima da sua cabeça.

Algo no meio da multidão atraiu a atenção de Max. Um indivíduo magro, com o cabelo penteado com gel num bico cor de laranja, chamara o nome de Janus. Firme, na sua mão estendida estava um revólver de cano muito curto, a culatra oferecida em primeiro lugar, pronto para a ação.

Se se juntar ao instinto de sobrevivência o treino de combate, e pulsando, além disso, a adrenalina, toda a hesitação humana

desaparece. Max deu um impulso às pernas, disparando-se a si próprio como um míssil dirigido à delicada parte inferior do nariz de Janus. Em vez disso, apanhou-lhe o maxilar em cheio. Os dentes de Janus esmagaram-se uns contra os outros e a sua cabeça, que parecia talhada à faca, dobrou-se para trás com um rugido de dor. Por um segundo, toda a extensão do pescoço de Janus ficou exposta como um fruto mole, incitando a uma resposta sem misericórdia. Max deu por si a partir a garrafa na parede, o seu braço a avançar com o vidro irregular do gargalo num arco rápido e amplo.

Na sua mente perpassou por um breve instante a cara destroçada de Samuel Ng, com quatro balas da Guarda Costeira já dentro dele, o sangue a escorrer-lhe da boca, e Samuel a pedir «ajuda-me, ajuda-me». «Não, não te posso ajudar, perdeste-te na tramoia que engendraste, Samuel. A questão é essa. Mergulhaste na parte mais fria e mais funda do pesadelo humano, e depois percebeste que não sabes nadar. Ninguém pode nadar até aí, Samuel. Ninguém.»

Max rugia quando a garrafa atingiu o alvo, e sentiu rasgarem-se músculo e pele, e umas mãos agarradas a ele, sentiu o sangue quente nas suas próprias mãos. Só quando abriu os olhos é que se apercebeu de que os tinha mantido fechados, e quando viu o que fizera, voltou a cerrá-los com força, desejando ficar cego para sempre.

* * *

Estamos todos aterrorizados. Temos mesmo de sair daqui depressa, por causa de possíveis represálias do KPLA. A irmã Margaret e o Georg passaram o dia inteiro deitados de costas debaixo do Land Rover, todos salpicados de óleo, mas conseguiram remendar o cárter furado. No entanto, a embraiagem continua a ser um problema. Apenas o Georg crê que é melhor ficar aqui do que ter uma avaria no meio da mata. A Amy cometeu o erro de

interrogar a irmã Margaret sobre a quantidade de bagagem de que ela e a irmã Annette iriam precisar.

— Mas nós não vamos — respondeu calmamente a irmã Margaret.

— Estão doidas? Vocês serão um alvo muito, muito importante se o KPLA voltar.

— Amy, olhe para esta gente. — Apontou para o bando de mulheres e crianças aglomeradas em redor do Land Rover. — Para onde é que eles podem ir? E os cegos e os doentes? O nosso lugar é junto deles.

— Ouça, querida. Se está determinada a ser mártir, vá em frente. Mas lembre-se apenas de que a África se desenvencilhou bem antes de a Igreja Católica chegar, e voltará a fazer a mesma coisa depois...

— Pelo amor de Deus, Amy — interrompeu o Georg. — Estou a tentar ouvir. — Tinha a cabeça encostada a um rádio de ondas curtas. — O governo acaba de anunciar uma importante derrota do KPLA. Isto vai dar azo a um contra-ataque dos rebeldes, para provar que os governantes estão enganados.

O Tomas acabou de regressar depois de fotografar os corpos na lagoa. Estava pálido mas excitado, e agora quer que eu escreva a minha versão como testemunha, para uma história que acompanhe as fotografias. Está em pulgas por regressar a Kisangani com o seu furo jornalístico. Não sou capaz de pensar como ele. Só consigo ver o rosto daquele rapaz a ser enterrado na lama por uma bota do exército.

(Diário de Erica, 1992)

Sozinha a observar pelo microscópio, abandonada pelos colegas, Saskia Sivali aguardava a chegada do professor Van Diemen. O seu coração saltou quando as portas do elevador rangeram ao ser abertas, e três conjuntos de portas duplas no longo corredor ressoaram consecutivamente como o rufar de um tambor a aproximar-se. Depois ouviu o chiar rápido e zangado de umas solas de qualidade sobre o linóleo, antes de o professor baixinho entrar impetuosamente no laboratório.

— É bom que seja algo que valha a pena, menina Sivali. — O professor quase arrancou o casaco e vestiu à pressa uma bata esfarrapada. Manchas de suor tinham escurecido os sovacos da sua camisa azul, e o seu rosto estava vermelho como um tomate. — Para estar aqui, estou a perder a palestra do Jürgen Friederikson sobre enzimas de adesão.

— Temos aqui um paciente gravemente doente com algo muito estranho no sangue. Talvez seja uma nova estirpe de malária.

— Nova? Pelo amor de Deus, mulher, há uma centena de anos que não aparece uma nova espécie de *Plasmodium*. — Van Diemen emitiu um suspiro exasperado. — Pronto, qual é o microscópio?

Ela apontou para o *Olympus*. Van Diemen puxou uma cadeira para perto do aparelho.

— Se não tinha a certeza, podia ter chamado o Veldhuis ou o Hazelhof para a ajudarem a verificar — disse ele, elevando o assento de forma a poder chegar confortavelmente às lentes.

— E chamei. Eles deram-me razão — respondeu Saskia, calmamente. — Foi por isso que o contactei.

Durante alguns momentos, Van Diemen limitou-se a pigarrear, dando ares de importante, às voltas com o botão de focagem. Quando finalmente olhou para cima, as suas feições tinham-se suavizado.

— Isto é espetacular. Eliminou as hipóteses de infeção dupla?

— Algumas, sim. Deu negativo no que respeita à febre-amarela, ao dengue e à encefalite viral.

— Hemorragia retiniana?

— Sim, e muita.

O professor ficou a olhar para fora da janela, mergulhado em reflexão profunda, antes de voltar a fixar os olhos no *Olympus*.

— Hum. Sim. Isto é quase como uma infeção parasitária dos répteis ou até mesmo das aves. Mas os humanos não podem apanhar a malária dos animais. — O seu tom de voz tinha-se suavizado consideravelmente. — Mandou uma amostra para PCR¹?

— Deve estar pronta dentro de trinta minutos.

O teste de reação em cadeia da polimérase seria a prova, procurando a assinatura genética única que cada parasita conhecido possuía. Um resultado positivo diria o que era a infeção, mas um resultado negativo diria apenas aquilo que não era.

No entanto, Saskia e Van Diemen vasculharam a biblioteca do hospital onde estavam arquivadas as lâminas de sangue, analisando dezenas de amostras de malária animal e humana em comparação com a amostra de sangue de Erskine. Por fim, Van Diemen teve de concordar. Nada correspondia.

Enquanto lavava bem as mãos no lavatório, Van Diemen interrogou Saskia sobre o paciente e a progressão dos sintomas. Ouviu com atenção até Saskia mencionar que a febre começara apenas um dia antes. Van Diemen bufou, mostrando claramente o seu desacordo.

— Muito improvável. Aquilo que me está a dizer é que essa infeção se desenvolveu três ou quatro vezes mais rápido do que a malária *falciparum*. Neste momento, ele está sete por cento infetado, é isso?

— Sim.

— Nesse caso, em três ou quatro dias o doente não teria uma única célula de glóbulos vermelhos a que pudesse chamar sua. Não, o grau de infeção e a presença de gametócitos apontam para um período não inferior a duas semanas.

Um técnico assomou à porta e atirou uma prancheta para cima de uma secretária.

— Os resultados do PCR — anunciou.

Van Diemen agarrou na folha com avidez e examinou-a atentamente de cima a baixo.

— Negativo, negativo, negativo, ao longo de toda a página. Meu Deus. — Passou a prancheta a Saskia. — Bem, aí está a prova. Nos últimos cem anos, a humanidade apenas teve de lidar com quatro espécies de malária. Parece que agora encontrámos a número cinco.

* * *

Dois camiões todos amassados, cheios de tropas do governo, entraram esta manhã em Zizunga com os motores a roncar, antes de se dirigirem para nordeste. Toda a gente soltou um suspiro de alívio. Entre os militares estão alguns dos homens da aldeia recrutados no ano passado, e viram-se muitas cenas felizes de reencontro, e bandos de crianças maravilhadas. As tropas pareciam bem alimentadas, bem equipadas e com o moral elevado. No radiador do camião da frente tinha sido montada uma cabeça de hiena comida pelas traças, com as letras KPLA pintadas no nariz do animal.

Houve duas surpresas. A viajar com eles estava o doutor Jarman Herrera, pálido e esquelético. Tínhamos partido do princípio de que ele estaria ausente durante semanas, mas disse-nos que ouvira notícias do confronto e sentira a necessidade de voltar para olhar pelos preciosos macacos da Sophie. O Georg está felicíssimo, porque ele trouxe a peça da embraiagem do Land Rover de que precisamos.

Para mim, a segunda surpresa foi maior. Atrás do segundo camião, a conversar com o Jarman, estava um soldado ocidental alto, vestido com um uniforme zairense muito sujo. Mesmo de costas para mim, reconheci-lhe a constituição possante e a sua de pele branca debaixo da lama. Era o soldado que me tinha salvado a

vida, aquele que emboscara os soldados do KPLA e cortara as orelhas dos mortos. De alguma maneira, senti que ele sabia que eu estava ali. Talvez devesse ter-me aproximado para lhe agradecer. Em vez disso, senti-me muito assustada, e afastei-me.

(Diário de Erica, 1992)

* * *

Max encontrava-se numa cela na esquadra de polícia em Marnixstraat. Tendo por referência o comprimento desde o calcanhar à ponta do pé, a cela tinha seis medidas e meia de sapato, por nove. As portas eram duplas: do lado de fora uma porta em madeira, do lado de dentro uma em aço. As janelas também eram duplas, uma camada exterior fosca, apenas o suficiente para deixar entrar a luz pálida do amanhecer, e uma camada interior em placa de vidro transparente, com cerca de dois centímetros e meio de espessura. Entre as duas camadas ficava o olho imperturbável de uma câmara de videovigilância, uma luz permanente, e um relógio digital com um mostrador verde. O colchão fino e a almofada estavam cobertos por plástico verde-azulado, para condizer com os azulejos brilhantes da parede. Tratava-se de um cativeiro de *designer*, moderno e humano, com o chão suficientemente imaculado para se poder comer as refeições nele. Os carcereiros designavam-se a si próprios por cuidadores, e informaram-no que o colchão era à prova de fogo e de urina. Depois tinham-lhe tirado os atacadores dos sapatos, o cinto e o seu fio com o São Cristóvão, não fosse dar-se o caso de ele pensar em causar dano a si próprio.

Max ficou sentado num arrependimento incessante, até a dor nos ombros o fazer perceber que tinha os punhos cerrados com toda a força. Algumas exalações profundas ajudaram-no a aliviar a tensão. Voltou a pensar na mensagem de Lisbeth, nas cócegas que sentira enquanto ela lhe escrevinhava na palma da mão esquerda, e na promessa que ela lhe arrancara de não a ler durante uma hora. Aquilo que Lisbeth tinha escrito era um número de telefone e um

conselho: «Um homem cuja mão transpira não está preparado para o enfrentar e, por conseguinte, não o deve fazer.»

O número não havia sido apagado. Max passara naquele teste, estava preparado. Mas era o antigo Max Carver, enterrado no passado e perigoso que estava preparado. A parte de si de que ele não gostava, que temia e pensava que se fora para sempre quando matara Samuel Ng, depois de ser demitido da Guarda Costeira. Quando tivera as costas junto da parede, essa parte regressara. E cada partícula dele teria de viver com as consequências.

A interminável reprodução em câmara lenta da noite no Purple Haze voltou-lhe à memória: Lisbeth a tentar interpor-se; a cara dela onde deveria estar o pescoço de Janus; os dois cortes paralelos abertos desde a parte inferior do lado esquerdo da face, através de uma maçã do rosto até então perfeita, e para cima, um sulco de cada lado do seu olho esquerdo; o olhar dela, em choque, o sangue a jorrar, os gritos.

Depois disso, Max só se recordava de estar deitado no chão, derrubado por Janus, e daqueles punhos gigantescos a socá-lo com violência para o castigar. Janus, que devia ter protegido Lisbeth. E que falhou de novo.

As horas seguintes eram uma imagem turva. A chegada da polícia; a visita ao hospital; já sob custódia; a médica com a delicada técnica de sutura; a dor que sentiu quando ela lhe enfaixou as costelas; e, por fim, o dentista a abanar a cabeça perante o cenário de um bombardeamento em que a sua boca se transformara. Ao longo daquele tempo, ele só pensava em Lisbeth, no quarto de algum hospital, toda a gente com medo de lhe mostrar um espelho.

Umas chaves tilintaram na fechadura e a porta da cela abriu-se de par em par. Max reconheceu o corpulento carcereiro que o trancara ali dentro na noite anterior. Com ele estava um sujeito mais baixo. Magro e com a barba por fazer, com umas calças de ganga rasgadas e manchadas de tinta, uma camisola de futebol do Ajax, e um ar de escárnio.

— Levanta-te, Carver. — Os braços do indivíduo de aspeto descuidado eram só tendões tensos e tatuagens contraídas.

Max levantou-se.

— É polícia? Pensei que vinha partilhar a cela comigo.

O desmazelado chegou-se tão perto que Max podia ver os derames vermelhos nos seus olhos azul-claros e sentir o cheiro a cebola velha no seu hálito.

— Não partilharia contigo nem o meu último borrão de merda — sussurrou ele. — Fui eu que a levei para o hospital. Vi o que lhe fizeste. Dá-me apenas o mais ínfimo pretexto e reduzirei cada osso do teu corpo a estilhaços, transformando-te em cola.

— Prazer em conhecê-lo também — disse Max, estendendo-lhe a mão. — O meu nome é Carver. E o senhor é?

— Stokenbrand — rosnou ele. — Sargento detetive.

O polícia fardado conduziu Max para fora da cela; Stokenbrand caminhava logo atrás, pisando deliberadamente nos calcanhares de Max sempre que esperavam que uma porta fosse destrancada. Com as mãos algemadas atrás das costas, Max foi levado para uma carrinha estacionada lá fora.

— Vá lá, Carver — sibilou Stokenbrand. — Para saíres daqui são apenas cinquenta metros, o portão está aberto. Porque não corres até lá e tentas fugir? — Empurrou-o com força contra a traseira da carrinha. — Vá lá. Perseguir-te pelos esgotos iria ser um grande divertimento.

Max tentou libertar-se o melhor que podia.

— Se ao menos o Johnny estivesse vivo para ver o que fizeste à miúda dele — disse Stokenbrand enquanto empurrava Max para a parte de trás da carrinha, onde um polícia fardado aguardava.

— Quem?

— Johnny Gee. O pugilista.

— Nunca fui adepto de boxe — exclamou Max.

— Há quinze anos treinei com ele. Era mesmo espantoso, caraças! Maravilhosos punhos rápidos, maravilhosos. Venceu uma medalha olímpica em Seul. Iria transformar-te em carne picada por

aquilo que fizeste à Lisbeth. — Stokenbrand virou-se para o outro polícia e perguntou-lhe qualquer coisa. O agente encolheu os ombros e saiu da carrinha, fechando a porta atrás de si. Stokenbrand viu-o afastar-se através da janela de inspeção. — Apenas tu e eu, Max. Tenho um minuto para te elucidar a respeito do boxe, como um favor especial à Lisbeth. Ninguém vai reparar em mais algumas nódoas negras. Bom, exceto tu.

Max preparou-se para o ataque, que foi rápida e profissionalmente administrado tanto por botas como por punhos, aos seus rins, costelas e virilhas, com o cuidado de nunca fazer sangue. Com uma respiração pesada, Stokenbrand voltou a içar Max para o banco, fincando o joelho com força entre as suas coxas, e prendendo com um segundo par de algemas os pulsos do americano a uma barra. O detetive puxou pelas secreções da garganta e do nariz até estar a mastigar a mucosidade da expetoração, e apertou o nariz de Max, tentando forçá-lo a abrir a boca para receber o escarro.

Max conseguia aguentar algumas coisas. Mas aquilo não, fossem quais fossem as consequências. Esperou pelo seu momento, deu um esticão ao pescoço para trás e depois atirou-o com toda a força para a frente. Sentiu a sua testa partir cartilagem, e ouviu um grito quando Stokenbrand caiu para trás, do outro lado da carrinha, pondo-a a balançar. O detetive sentou-se energicamente, com as mãos apertadas sobre o nariz partido, uma única faixa de sangue a escorrer-lhe para dentro da boca.

— Já chega, está bem? — disse Max.

Antes que Stokenbrand pudesse responder, o outro polícia regressou com dois colegas, um deles um sargento com uma prancheta. O sargento olhou para Max e depois para Stokenbrand, que fungava e tentava cobrir o nariz. O sargento teve uma conversa curta e dura com Stokenbrand, pontuada de imensos gestos com um dedo acusador. Depois virou-se para Max.

— Está bem? Há alguma coisa que me queira contar?

— Não. Está tudo ótimo — respondeu Max. O sargento encolheu os ombros e bateu na porta da carrinha com força. Max foi transportado para a sede distrital, em Warmoesstraat, levado para uma fria sala de reuniões e atirado para uma cadeira de metal à frente de uma mesa também metálica. Ambas as peças de mobiliário estavam aparafusadas ao chão. Stokenbrand mandou sair também o outro polícia, bateu com a porta e trancou-a por fora. Esboçou um último sorriso zombeteiro e venenoso através do vidro de inspeção, depois desapareceu.

Max levantou-se e durante algum tempo circulou pela sala. Estava extremamente cansado, mas não conseguia dormir. Pareciam ter passado cerca de duas horas quando a porta se abriu, e Stokenbrand entrou com duas cadeiras de plástico e um tampão de algodão enfiado no nariz. Atrás dele encontrava-se uma mulher à volta dos quarenta anos com um blusão de fecho de correr e calças de couro, e um jovem com um fato de aspeto barato. Sentaram-se lado a lado à frente de Max, no outro da mesa, enquanto Stokenbrand ficou de pé junto deles.

A mulher falou.

— Sou a inspetora Voos. Este é o senhor De Haan, que cuidará dos seus direitos legais a expensas do Estado holandês, até encontrar o seu próprio advogado.

Abriu uma pasta e começou a ler.

— Maxim Carver, o seu caso vai ser enviado para a Procuradoria sob a acusação de agressão agravada. — O homem leu em voz alta as formalidades da advertência. — Tem alguma coisa a dizer?

— Como lhes disse na noite passada, foi um acidente.

Voos olhou para ele por cima dos seus modernos óculos de aros finos. Nos seus olhos cinzentos não havia nem uma sombra de comiseração ou simpatia.

— Quer dizer que a garrafa se partiu sozinha contra a parede, acidentalmente, e que o seu braço lhe fez aqueles cortes na cara, acidentalmente?

— Foi um acidente o facto de ela estar no caminho. Claro que eu queria chegar ao grandalhão, para me defender. Aquele indivíduo de cabelo cor de laranja estava a dar-lhe uma pistola para a mão, e eu não podia deixar que isso acontecesse.

— Ninguém viu isso, Carver — disse Stokenbrand. — Mas também ninguém consegue ver para dentro da tua mente retorcida e mentirosa, que é o único local onde a arma existe.

— Perguntaram a Lisbeth de Laan?

— Iremos perguntar quando ela estiver em estado de poder falar — respondeu Voos. — Este género de coisa põe-me muito zangada. — Atirou uma polaroide para cima da mesa. Era Lisbeth, com a sua delicada face cortada, inchada e ensanguentada.

— Nada do que diga fará com que me sinta pior do que já me sinto em relação a isto. Ela era a última pessoa que eu pretendia ferir — disse Max.

— Por que razão não abandonou a discoteca quando o dono lhe pediu para o fazer?

— Nunca vi o dono. Apenas esse gorila que me odeia desde que comecei a falar com a Lisbeth.

— Janus Pretzcik é o dono. Temos uma série de testemunhas que nos contaram que ele o mandou sair, mas você recusou-se. Quando ele tentou conduzi-lo à saída, resistiu e começou a lutar.

Max abanou a cabeça.

— Não foi nada assim. A Lisbeth poderá dizer-vos. — Começou a contar a sua versão dos acontecimentos, mas Voos interrompeu-o.

— Diz que já conhecia Lisbeth de Laan. Mas também afirma que, antes desta semana, nunca tinha estado em Amesterdão. De onde a conhece?

Max manteve a promessa que fizera a Lisbeth.

— Ela esteve ontem na minha exposição artística.

— Ela esteve na sua exposição artística. Ontem. — Voos olhou fixamente para ele. — Portanto, foi a primeira vez que a viu. E qual é o seu interesse nela?

Max hesitou.

— Pediu-me para ir à discoteca com ela, mais nada.

— Sentiu-se atraído, é isso? Uma rapariga bonita como ela deve atrair muitos homens.

— Não é exatamente isso — respondeu Max.

— Agora já não — rosnou Stokenbrand. — Com setenta pontos na cara. Se não conseguiste que fosse tua, também não poderia ser de mais ninguém, não é verdade?

Max negou vigorosamente com a cabeça.

— O senhor odeia as mulheres? — A pergunta foi feita por Voos.

— O quê?

— Primeiro veio a Amesterdão para se encontrar com a sua namorada. A seguir denunciou o seu desaparecimento. Desde essa altura, a menina Stroud-Jones nunca mais foi vista. Depois muda a sua aparência, tingi e corta o cabelo. Então conhece outra mulher e ataca-a com uma garrafa partida. Será que neste momento não deveríamos andar à procura do corpo da sua namorada?

— Suspeitam de *mim*? — Pelo canto do olho, Max viu as tatuagens no braço de Stokenbrand ficarem esticadas, os punhos cerrados. — São vocês que não querem saber da Erica. Foram vocês, meus senhores, que tentaram convencer-me de que não era grave, que a Erica teria encontrado novos amigos, ou que partira em viagem ou outra treta qualquer.

— Pois, antes de sabermos aquilo de que você é capaz. — Voos abriu uma pasta fina contendo pedaços de papel brilhante e densamente preenchidos a tinta que, libertos da sujeição da capa, pareceram querer enrolar-se. — O que aqui está foi-me enviado por *fax* pela embaixada americana em Haia, e é muito interessante este retrato do artista enquanto jovem.

Max sabia o que iria lá estar. Um passado a que ele tentara fugir estava novamente a cair-lhe em cima. Crimes de grande crueza, quando destituídos de contexto ou emoção e esvaziados da intenção de tentar fazer o melhor possível apenas com um minuto para pensar.

Voos folheou as páginas.

— Vamos resumir, Max. Em 1982, assalto e luta...

— Alto aí! Aqueles dois meliantes estavam a passar cocaína a miúdos da escola. Diz isso aí? Não, claro que não. Eles foram para uma prisão federal, nem por isso muito pesada. Eu fiquei em liberdade condicional.

— E em 1984. Porte de arma sem licença.

— Se tivessem vivido em Brooklyn, saberiam como aquilo é mau. Eu tinha feito alguns inimigos.

— Parece ser um talento teu, Carver — Stokenbrand sorriu com sarcasmo.

Voos continuou.

— Depois, em 1994, uma desonrosa demissão do Serviço da Guarda Costeira dos Estados Unidos, após ter sido levado a tribunal militar pela morte de um civil. A embaixada disse-nos que podem ter esse processo pronto amanhã, mas porque não nos conta o que aconteceu?

— Com certeza. Matei um contrabandista de drogas durante um embarque de material. Julguei que ele estivesse armado. Afinal, não estava. O tiro que matou o meu colega não tinha partido dele, mas de um dos nossos próprios agentes que ficara muito nervoso. O comando da Guarda Costeira precisava de um bode expiatório para apresentar ao comité de investigação do Congresso, e fui eu.

Voos sorriu.

— Nos Estados Unidos permitem que criminosos condenados sejam admitidos na Guarda Costeira?

Max devolveu-lhe o sorriso.

— Não, não permitem. Era só pena suspensa, por isso pensei «que se lixe», e não lhes disse. Calculo que, por alguma razão, eles também não tenham investigado. Até ao caso de Samuel Ng, que lhes deu o pretexto de que necessitavam para me castigar com severidade.

— Um homem precipitado, com mau feitio, violento — atirou Stokenbrand maliciosamente. — Eu pensava ter lido isso na tua cara. Agora vejo-o claramente, preto no branco.

— É muita desfaçatez, vindo de si, camarada — disse Max, depois virou-se para Voos. — Aquilo que não vê aí são os cinco anos que passei a gelar o traseiro no patrulhamento internacional de icebergues, não lê nada sobre as trinta e sete abordagens pacíficas que efetuei ao largo de Seattle, nem ouve o testemunho de duas velejadoras que arrastei para fora das águas de Portland, ou sente sequer o cheiro dos trezentos e quarenta quilos de cocaína que a minha tripulação intercetou numa operação em que não se derramou uma gota de sangue.

— Houve uma grande quantidade de sangue derramado na noite passada, Max — disse Voos.

— Ouça, estou a tentar encontrar a minha namorada. Mais nada. Se vocês me tivessem levado a sério, nada disto teria acontecido.

Voos acenou com a cabeça e uniu as pontas dos dedos.

— Posso garantir-lhe que agora o levamos muito a sério, Max. — A inspetora possuía uma atração austera, com uma pincelada cinzenta no cabelo escuro e curto. A sua aliança de casamento era larga, e no anel de noivado cintilava uma pedra considerável. Havia nela uma aura de autossuficiência, até mesmo de autossatisfação. Estava ali uma mulher que conhecia o amor, mas que não o vislumbrava na sua vida.

— Inspetora Voos, porque iria eu matar a pessoa por quem estou apaixonado?

— Contamos que nos responda a isso. E depois pode dizer-nos também por que razão alguém que está apaixonado passa a noite atrás de outra mulher, ou por que motivo alguém que proclama estar louco de preocupação com o desaparecimento da namorada vai beber e ouvir música *rock*. — Voos pousou o queixo na mão, com a cabeça inclinada num ar interrogativo e impertinente.

— Vocês interpretaram tudo mal... — Max abanava a cabeça de forma enfática. — Existe uma testemunha, de facto, que viu a Erica com um homem num bar na noite em que desapareceu. O Van der Moolen já a interrogou?

Voos ignorou a pergunta.

— Vamos supor que você está certo em relação à hipótese de rapto. Por que motivo alguém faria uma coisa dessas? Ela é rica? A família é rica?

— Vivem confortavelmente, mas não são ricos, tanto quanto sei.

— Ela é cientista e ganha um salário modesto, num campo de estudo obscuro. Não existe nenhuma nota com um pedido de resgate, nada. Pura e simplesmente, não faz sentido, pois não, senhor Carver?

— A Erica estava prestes a revelar uma descoberta científica, possivelmente um grande passo para se produzir uma vacina contra a malária...

Stokenbrand inclinou-se para Max.

— Treta! E nem sequer uma treta de jeito. Faz um favor a ti próprio. Mostra-nos lá onde está o corpo da tua namorada.

Max cruzou os braços.

— Talvez seja melhor eu arranjar um advogado que faça alguma coisa em vez de estar aí sentado como um boneco.

Foi a vez de Haan se inclinar para a frente, com o bigode de menino de escola a tremer.

— Senhor Carver, só estou aqui para assegurar que os seus direitos são protegidos. Não estou aqui para o defender.

— Então, tudo isto significa que os senhores não vão fazer nada para encontrar a Erica? — Max olhou em redor da sala.

— Para além de o termos aqui preso, quer você dizer? — respondeu Voos. — Fizemos interrogatórios de rotina, pusemos a circular a descrição dela, contactámos o consulado britânico para podermos localizar a sua família, e outras coisas do género. Claro que não tenho nenhuma intenção de lhe justificar ou descrever aquilo que possamos ou não fazer.

— Mas estão contentes por me terem aqui dentro. E quanto ao outro indivíduo, o Janus? Também o têm numa cela?

Voos negou com a cabeça, num gesto de desdém.

— Porque haveríamos de o prender? Não há nenhuma prova de que ele tenha cometido um crime.

— E isto não é nada, pois não? E isto, e isto. — Max foi apontando para o nariz partido, o lábio aberto e a orelha inchada. — Não é nenhuma agressão brutal e gratuita, nem nada do género; são apenas as tradicionais boas-vindas calorosas dos holandeses.

— É claro que investigaremos as suas alegações, mas os relatos das testemunhas de que dispomos até ao momento são muito diferentes daquilo que nos diz.

Max não se apercebera da gravidade do seu aspeto até mandarem entrar Henk na sala de interrogatórios. Quando viu a sua cara, o negociante de arte recuou e sentou-se na cadeira, prostrado, e Max voltou a contar a história. Henk escutou, impassível, remexendo nas coisas que tinha levado, dobrando e voltando a dobrar a muda de roupa, revirando o estojo de barbear. Por fim, levantou os olhos.

— Max, Max, Max. Pensava que te conhecia; realmente, era o que eu pensava. Mas a pessoa sentada à minha frente é um estranho.

* * *

As notícias de Kinshasa não são boas. O Jarman tem com ele a certidão de óbito da sua mulher. Quando a mostraram ao Georg, ele abanou a cabeça, incrédulo. A causa de morte registada foi malária. Ficámos chocados, e a Amy opinou que provavelmente se tratava de mais um diagnóstico errado de Kinshasa. Todos esperamos que assim seja. Afinal de contas, as freiras tinham cloroquina e mefloquina no seu dispensário, mas como o despiste da malária deu negativo, ninguém pensou em utilizar isso. Ninguém se atreve a dizê-lo. Mas é provável que a Sophie tenha morrido em vão.

(Diário de Erica, 1992)

[Polymerase Chain Reaction, PCR no original. A reação em cadeia da polimerase é um método de amplificação, ou de criação de múltiplas cópias, de ADN, sem a utilização de um organismo vivo ou de leveduras. (NT)

Shaun Miller trabalhava como comercial na Biomedical Supplies, de Nova Jérсия, e era a sua vez de se encarregar do *stand* no Fórum Internacional de Parasitologia. Shaun considerava aquilo um tempo morto. O *stand* estava cheio de visitantes, cientistas de fato coçado e doutores com ar desmazelado a examinar os microscópios e os testes de diagnóstico que a sua empresa fazia, mas nada de compradores. Os parasitas significavam hospitais com orçamentos baixos, ausência de grandes empresas compradoras e governantes mesquinhos do Terceiro Mundo à procura de coisas de borla.

Andando para trás e para a frente, ele sabia bem onde deveria realmente estar. Em Las Vegas, para a convenção mundial sobre a sida, ou no Rio de Janeiro, no evento sobre oncologia. Era aí que estava o dinheiro.

Shaun estava justamente a maldizer o seu diretor regional de vendas por lhe atribuir aquele cemitério, quando uma horda de pessoas se aproximou e se dirigiu para o *stand* como um enxame.

— Cavalheiros, em que posso...

— Sou o professor Cornelis van Diemen do Randstad Medical Centre, de Amesterdão.

— Prazer em conhecê-lo, professor. O meu nome é Shaun Miller, posso...

— Precisamos de utilizar aquele microscópio — disse o professor Van Diemen, apontando para o artigo mais caro da gama da Biomedical. — Apenas por alguns minutos.

— O modelo 2010? Com certeza, queira sentar-se. O aparelho tem uma focagem multiplanar, e pode ver que...

— Onde está o interruptor?

— Aqui. Agora, neste modelo...

— Quer fazer o favor de se afastar um pouco, caro jovem? Depois de eu ter utilizado o aparelho, poderá tentar vender-mo.

Em breve, Saskia estava também na fila de um grupo de ansiosos cientistas e funcionários que se empurravam a tentar avançar, observando o desenvolvimento da ordem hierárquica à medida que Van Diemen convidava os delegados a espreitarem para a lâmina de microscópio com o sangue de Erskine. Os peritos mais conhecidos, como F. Bruce McKilliam, do Centro de Controlo e Prevenção de Doenças de Atlanta, e Kathryn Delaney, do Walter Reed Army Institute, tiveram direito à sua própria lâmina, para a levarem consigo e a poderem examinar à vontade. Outros foram obrigados a aguardar que chegasse a sua vez de olhar apenas por um instante através da lente.

A hierarquia foi posta de parte no momento em que o professor Jürgen Friederikson chegou. Os peritos abriram alas para deixar o grande homem tomar o seu lugar à frente do microscópio, e esperaram em silêncio pelo seu veredicto. Van Diemen ficou de pé, com uma mão sobre o microscópio, como se fosse propriedade sua, e a outra na cadeira de Friederikson. Este tamborilava na secretária.

— Sim, Cornelis. Decididamente.

Um sorriso de beatitude iluminou as feições de Van Diemen enquanto aguardava os restantes comentários de Friederikson.

— É, sem dúvida nenhuma, algo de novo — disse Friederikson. E os dois abandonaram o *stand*, seguidos pelos outros delegados, que, de ouvido atento, assistiam ao momento histórico.

Quando se virou para retirar a lâmina, Saskia viu o comercial que vendia o microscópio a espreitar para a amostra colocada no aparelho da sua própria empresa. Ela riu-se, e Miller levantou os olhos, sobressaltado e perplexo.

— Pode dizer-me o que estou a ver aqui?

— É uma nova forma de malária. Tão nova, de facto, que só foi descoberta esta manhã.

— Livra! E por aquele indivíduo? — Apontou para Van Diemen. Ela sorriu.

— Estou a contar que seja assim que vá ficar registado.

Shaun voltou a espreitar pelo aparelho.

— Corre-se perigo?

— Toda a forma de malária é perigosa. Mas este pode ser o pior tipo.

— Porquê?

— Simplesmente porque não sabemos de onde veio, não sabemos onde o doente a apanhou e não fazemos a mais pequena ideia se os fármacos de que dispomos irão curar a doença. Tudo o que sabemos é que progride muito, muito depressa.

Shaun recuou apressadamente de junto do microscópio.

— Cruzes, canhoto!

O *pager* de Saskia começou a tocar.

— Tenho de ir. — Ela pegou na lâmina e meteu-a numa bolsa de plástico. — Obrigada por nos ter emprestado o seu microscópio.

— Foi um prazer — disse Shaun, oferecendo-lhe o seu cartão de visita. — Mantenha-me a par dos desenvolvimentos, está bem? Se hoje se fez história aqui mesmo, no nosso modelo 2010, vou pôr isso estampado por todo o catálogo de vendas.

Saskia pegou no cartão e sorriu face à velocidade com que se tentava agarrar a glória.

— Se tiver tempo, telefone-lhe. Agora, se me dá licença, tenho um paciente muito doente para ver.

* * *

Era quase meia-noite quando o professor Jürgen Friederikson fez deslizar o seu *Bentley* azul-escuro de 1964 para o seu lugar de estacionamento reservado no *campus* de investigação dos Laboratórios Utrecht. Do banco do passageiro retirou uma resma de publicações médicas e um saco de polietileno contendo um frasco de plástico, após o que se içou laboriosamente para fora do carro.

Friederikson acenou com a cabeça ao rececionista do turno da noite, que o cumprimentou pelo nome. No seu escritório, lançou os jornais num cesto já a abarrotar, soltando uma interjeição de enfado ao reparar na luz que indicava que o atendedor de chamadas tinha a memória cheia. Cartas, telefonemas, mensagens de correio

eletrónico, tudo teria de esperar mais uma semana. Não era com muita frequência que ele podia levar a ciência para território desconhecido.

As suas mãos tremeram quando expôs o frasco de plástico à luz. Eram 10 cc de um sangue muito especial. Uma maior quantidade teria sido melhor, mas por enquanto ficava-se pelo que tinha conseguido arranjar.

Apanhou o elevador para a cave. Numa das arrecadações vestiu uma bata branca e pegou em tubos, caixas e recipientes, que colocou num tabuleiro de plástico. Ao chegar a uma porta com o aviso «acesso restrito», encostou o seu cartão magnético a um sensor. A porta deslizou, abrindo-se, e uma onda de calor húmido esgueirou-se de lá de dentro para o corredor.

O professor ligou a luz e olhou em redor da sala. No chão estava uma gaiola com ratos brancos, e nas prateleiras havia duas dúzias de aquários retangulares, cada um deles envolvido numa rede fina. À primeira vista, os tanques davam a impressão de não conter senão um prato raso com água. Mas à medida que o professor espreitava para cada aquário, um por um, estes ganhavam vida, com mosquitos a esvoaçar numa dança frenética, como se estivessem ansiosos pelo seu regresso.

* * *

Hoje descobri finalmente o segredo da colónia de macacos. O Jarman e eu estávamos abrigados na sua barraca enquanto a chuva metralhava o telhado de zinco, quando decidi perguntar-lhe simplesmente. Estendido numa rede debaixo do mosquiteiro atado com uns nós, o Jarman levantou a cabeça e olhou para mim semicerrando aqueles olhos castanhos e tristes. Durante um longo momento não disse nada, depois começou a contar a história.

Em 1978, a Sophie encontrava-se a trabalhar na zona de armazenamento do laboratório da universidade em Graz quando descobriu uma cabeça e os órgãos de um macaco com cerca de cinquenta anos preservados em formaldeído. Estavam catalogados

como pertencendo a um macaco colobus. Ela trabalhara com colobus e tinha a certeza de que aquele macaco não fazia parte dessa espécie. Mas o que seria? Não se parecia com nada que alguma vez tivesse visto. Então, num jornal de Zoologia de 1953, deparou-se com uma fotografia pouco nítida e uma breve descrição de um macaco noturno, pequeno e muito tímido, que habitava as florestas do Norte daquilo que era então o Congo. O artigo estava assinado por um tal David Fowler da Universidade de Cambridge. Intrigada, ela entrou em contacto com a referida universidade. Disseram-lhe que Sir David, como era agora conhecido, se reformara há muito tempo, mas acreditavam que ainda estivesse vivo. Por fim, Sophie conseguiu chegar à fala com ele num lar de terceira idade em Wisbech, através de uma linha de telefone cheia de estática. Fowler devia andar pelos oitenta e muitos anos, mas ainda estava lúcido, e a descrição convenceu-o de que aquilo que ela tinha em mãos era sem dúvida um macaco Fowler.

Não havia Fowlers em cativeiro em nenhuma parte do mundo, e Sophie, sendo relativamente desconhecida, teve extrema dificuldade em arranjar dinheiro para uma viagem ao Zaire a fim de estudar os animais no seu habitat natural. Foi em 1980 que apareceu um patrocinador, uma empresa privada suíça chamada Tetro-Meyer, a qual oferecia 115 mil francos suíços em troca de relatórios regulares. Sophie ficou de tal forma entusiasmada que concordou sem fazer quaisquer outras perguntas, e o Jarman, que andava a estudar os mosquitos tropicais, conseguiria assim fazê-lo em primeira mão.

A viagem começara de forma desastrosa. Sophie e Jarman passaram três meses no Zaire e não encontraram um único macaco Fowler, apesar de oferecerem uma recompensa avultada a quem encontrasse espécimes vivos. Nos seis meses seguintes viajaram pela República Centro-Africana, pelo Sudão, Camarões, Ruanda e Burundi, sem sucesso. No Sudão, contraíram ambos disenteria. Nos Camarões, formigas *Dorylus* devoraram a colónia de mosquitos do

Jarman enquanto ele se encontrava doente com hepatite A. No Burundi, sem saber sequer que estava grávida, a Sophie abortou.

Por fim, exaustos e desanimados, regressaram ao Zaire para passarem a última semana. Estavam em Zizunga na última noite antes da programada partida, quando uma mulher da aldeia lhes bateu à porta por volta da meia-noite. Tinha para vender um macaco jovem e aterrorizado dentro de um saco. Era um macaco Fowler. A Sophie comprou o animal, que parecia ter apenas alguns meses de idade. Pôs-lhe o nome de Sam e tentou alimentá-lo a bananas esmagadas e figos, enquanto o Jarman, recorrendo a rede de galinheiro e madeira, improvisava uma jaula grande. Ao princípio, o Sam emagreceu assustadoramente, guinchando toda a noite e recusando-se a comer. Cada vez que algum deles se aproximava da jaula, o Sam escondia-se. Decorreu um mês antes que começasse a comer adequadamente.

Comunicaram à Tetro-Meyer o seu sucesso, e a empresa estendeu o subsídio na condição de enviarem uma amostra de sangue e de esfregaço da garganta do Sam para a sede da empresa na Suíça.

Uma noite, ele e a Sophie acordaram ao som de gritos, tosse e barulhos guturais de animais. Olharam lá para fora e viram um grupo de macacos Fowler cercando a jaula do Sam. Dois grandes machos ora saltavam para cima da cobertura, ora desciam, puxando pela rede; outros tentavam cavar por baixo. Uma fêmea corria para cá e para lá em redor da jaula; o Sam, do lado de dentro, replicava os seus movimentos. A determinada altura, acariciaram-se e cataram-se um ao outro através da malha de arame. Quando a cobertura da jaula começou a ceder, o Jarman correu lá para fora e assustou os macacos, que fugiram em debandada para as árvores. Depois de alguns minutos, os guinchos e o abanar dos ramos cessaram, e o Jarman começou a reparar a jaula do Sam. Precisamente quando pensava que o grupo se tinha ido embora, sentiu um borrifo quente de urina de macaco nos ombros, e lá muito em cima ouviu um pequeno guincho de triunfo.

A Sophie estava deliciada com o vínculo e o altruísmo do grupo de macacos, mas aquilo fê-la sentir-se pouco à vontade em relação ao estabelecimento da colônia enjaulada que a Tetro-Meyer tinha em mente. Eles haviam enviado as amostras, mas durante algum tempo não receberam qualquer dinheiro, e os telexes enviados continuavam sem resposta.

Finalmente, foram convocados para uma reunião em Kinshasa com Bruno Zilkich, um cientista jovem e muito excitado, da sede da Tetro-Meyer. Disse-lhes que as amostras de sangue e saliva do Sam relevavam um sistema imunitário notável, paralelo ao do ser humano, apresentando semelhanças muito maiores do que as existentes entre o homem e o seu outro parente vivo mais próximo, o chimpanzé.

Também lhes disse que a Tetro-Meyer fazia um uso extensivo de primatas para testar novos e promissor medicamentos em nome de outras empresas, e que o macaco Fowler seria um acréscimo valiosíssimo. Estava fora de questão a hipótese de os macacos serem maltratados. Só depois de as drogas passarem nos respetivos testes de toxicidade é que seriam utilizadas na colônia de macacos da Sophie e do Jarman, para se verificar a sua eficácia no homem.

Zilkich foi bastante sincero acerca dos problemas que a Tetro-Meyer enfrentava. Um grupo de defensores dos direitos dos animais, que vinha ganhando cada vez mais influência, tentara fechar a colônia de chimpanzés em Berna. Não tinham conseguido, mas a imagem pública da empresa estava a ressentir-se. As pessoas não eram capazes de compreender que a cura das doenças humanas requeria a experimentação em animais que partilhavam algumas características com o homem. A sua única apreensão acerca dos macacos Fowler era por estes serem, em termos visuais, ainda mais atraentes que os chimpanzés. Referiu que o seu ideal seria um primata com a face tão repugnante como a de um morcego. Fosse como fosse, todas as novas experiências com primatas, a partir de então, teriam lugar em Kinshasa, bem

longe de olhares indiscretos, utilizando macacos fornecidos por Zizunga. A Sophie e o Jarman teriam, com certeza, de assinar uma cláusula de confidencialidade, como parte do processo de financiamento, e organizar a captura de muitos mais macacos.

Um tanto surpreendida, a Sophie perguntara que tipos de medicamentos iriam ser testados. O cientista verificou as suas notas e respondeu que o primeiro candidato era um composto para ajudar a emagrecer.

(Diário de Erica 1992)

O professor Friederikson foi ao frigorífico e retirou um recipiente de plástico identificado como «concentrado equino». Calçou um par de luvas cirúrgicas, decantou metade do espesso líquido vermelho-acastanhado para um recipiente de medida, deitou lá dentro metade do frasco com o precioso sangue infetado e encheu-o de água. Depois despejou cuidadosamente a mistura obtida em quatro recipientes de plástico do tamanho de cinzeiros, até estes estarem cheios até à borda. Cobriu-os e selou-os com película transparente, a seguir fixou a cada um deles um pequeno dispositivo de aquecimento.

O professor consultou o relógio. Passados dois minutos, os boiões estavam à temperatura corporal. Abriu o cordão da comprida manga de rede que dava aceso ao primeiro dos quatro tanques com mosquitos que ele havia escolhido e, com cuidado, fez deslizar lá para dentro o recipiente quente e cheio de sangue. Retirou então o braço rapidamente e fechou a manga de rede. No espaço de dez segundos, uma dúzia de mosquitos pousou em cima da película, espetando através desta os seus tubos de alimentação para chegar ao sangue quente.

Depois de repetir o processo com os outros três tanques, Friederikson alimentou o resto da sua colónia. Sangue de cavalo era perfeito para algumas espécies de mosquitos, mas havia outras espécies que só chupavam sangue de presas vivas. Pegou num rato de uma gaiola, anestesiou a criatura que se debatia e largou-a em cima da rede de um tanque. Em poucos segundos, dezenas de mosquitos estavam pousados na parte de baixo do roedor, sugando-lhe o sangue essencial à vida. Seguiu este mesmo processo com outras três caixas, devolvendo os ratos às respetivas gaiolas depois de cinco minutos.

Finalmente, virou-se para um tanque com o rótulo «*Anopheles gambiae*». Esta espécie de mosquito era o habitual portador africano

da mais mortífera estirpe da malária.

— Agora tenho um trabalho especial para vocês, meus pequenos demónios — murmurou ele. Ergueu um braço mesmo por cima da rede, mas fora do alcance dos insetos. As fêmeas sedentas de sangue dispararam para o fino material como se fossem agulhas, esforçando-se por lhe chegar, enquanto os machos sugadores de néctar continuavam distribuídos pelo tanque. Colocou na boca um comprido tubo de plástico, conhecido por aparelho de aspiração, e enfiou a outra extremidade pelo meio do cordão que apertava a manga de rede. Com uma forte aspiração sugou meia dúzia de fêmeas para o tubo, onde ficaram presas contra um filtro de gaze. Continuando a chupar, retirou o tubo da manga, fechou-o, e depois soprou os insetos para dentro de um recipiente de plástico, após o que atarraxou a tampa.

Os mosquitos dentro do recipiente precisavam de permanecer esfomeados durante algum tempo. Para o resto destas criaturas mortíferas mas exigentes só havia uma forma de as alimentar. O professor arregaçou a manga da camisa e pressionou o braço nu contra a cobertura de rede. Em segundos, centenas de fêmeas de mosquito extasiadas lançaram-se como setas e furaram-lhe a carne, regalando-se gulosamente com o seu sangue.

* * *

Foi antes de amanhecer que ouvi gritos, e a seguir tiros. Saltei da rede e agarrei na minha túnica. O Tomas já se encontrava à porta com a máquina fotográfica, praguejando e a tentar ligar o flash. A Amy já estava de pé e tentava acordar o Georg.

Mais tiros e gritos contínuos e horríveis. Sem tempo para encontrar as minhas lentes de contacto, agarrei nos óculos antigos e saí à cautela. No lusco-fusco conseguia ver silhuetas de homens com espingardas e catanas a correr pela clareira. Onde estava o exército zaireense quando precisávamos dele?

O Tomas levantou a sua máquina, mas eu impedi-o.

— Tomas, não sejas estúpido. Eles vão ver a luz do flash. Queres que sejamos todos mortos?

Ele afastou-me, zangado.

— Esta é a razão pela qual aqui estou. Mete-te na mata. Esconde-te. Irei ter contigo mais tarde.

O Georg passou por nós a toda a pressa e embrenhou-se na escuridão, com a Amy a reboque.

— Vamos — sibilou ele. — Se é que vens. Encontramo-nos no Land Rover!

— Tomas, por favor — pedi, puxando-lhe pelo braço. — Não te armes em herói. Espera até ser dia, ou até eles terem partido. Depois podes tirar as tuas fotografias.

Ele virou-se e deu-me um beijo rápido na testa.

— Não te preocupes. Ficarei bem. Se não fores para o Land Rover, encontramo-nos naquela árvore, a árvore dos macacos. Despacha-te. — Avançou agachado ao longo da palhota, passou pela rede de voleibol e desapareceu.

Fechei os punhos com força e amaldiçoei-o pela sua estupidez, depois corri no encalço do Georg e da Amy. Atrás de mim ouviu-se um rugido baixo e uma das cabanas no extremo mais distante começou a arder.

À minha frente encontravam-se dois homens de costas voltadas para mim. Estavam de pé, debruçados sobre um volume escuro no chão. Um dos homens apontava uma espingarda. O outro levantou qualquer coisa brilhante acima da cabeça e, na sua lâmina, vi refletido o primeiro lampejo cor de laranja da manhã. Depois, baixou a catana com força. Esta atingiu o alvo com um barulho suave e diabólico. O vulto gemeu. Elevando-se gentilmente daquela trouxa, surgiu um braço, a mão de uma mulher a abrir-se num gesto largo, como uma flor ao sol. O homem que segurava na espingarda riu-se e acendeu um cigarro. Então, a lâmina voltou a descer, uma vez, duas, três.

Fugi a correr, sem fazer barulho, na direção da mata. Atrás de mim, recortados pelo clarão das chamas, vi homens com armas.

Baixei-me por trás de velhos pneus de caminhão empilhados, e observei. Alguns dos homens arrastavam pelo chão volumes pesados. Ouvi o motor do Land Rover começar a trabalhar. Rezei para que fossem o Georg e a Amy, mas, passados cinco segundos, percebi que estava enganada. Eles não teriam ficado à espera, a acelerarem como desvairados. Uma rajada contínua de tiros abafou o motor. Ouvi alguém discutir.

Estava a nascer o dia, e esconder-me onde quer que fosse, em Zizunga, tornar-se-ia em breve impossível. As árvores mais próximas encontravam-se a alguns trinta metros. Uns cem metros mais além ficava a barraca do Jarman com a gaiola dos macacos. Talvez o KPLA não o descobrisse. Mesmo que isso acontecesse, lembrei-me de que ele tinha uma arma.

Movi-me para me afastar da pilha de pneus e tropecei em qualquer coisa. Estendida de costas no solo estava uma mulher, as pernas castanhas afastadas e dobradas pelos joelhos, com os calcanhares quase juntos, e os braços abertos para os lados. O seu vestido comprido, às flores, tresandava a urina, e tinha sido puxado para cima, sobre a cabeça, de modo a deixá-la exposta.

Não suportei levantar o vestido para lhe ver o rosto, e também não era preciso. Onde o delicado padrão de primulas lhe tocava no tronco e na face, estava impressa a imagem carmim da sua tortura. Era a Cecile, a jovem noiva de Etenzi. Violada, assassinada e mutilada na véspera do seu décimo quinto aniversário.

(Diário de Erica, 1992)

* * *

Os polícias chamaram-lhe Bela Adormecida. Mesmo pelos padrões holandeses era alta, andaria pelos vinte e poucos anos, tinha o cabelo ondulado, loiro e comprido, os dentes perfeitos, grandes olhos castanhos. Na segunda-feira fora encontrada inconsciente numa casa de banho do comboio expresso de Amesterdão para Arnhem. Nenhum indício do que tinha acontecido.

Estava completamente vestida. Não havia agulhas, garrafas, comprimidos, ferimentos ou nódoas negras. E não possuía identificação. Se alguma vez tivera uma carteira ou mala de mão, já tinha desaparecido na altura em que o revisor a encontrara, sentada na casa de banho, com o corpo caído contra a porta meio fechada.

Quando viram que não voltava a si, mandaram parar o comboio em Utrecht e foi chamada uma ambulância. Talvez tivesse sido vítima de assalto, mas a polícia deu-se por satisfeita com o facto de não parecer que ela tivesse sido violentada, e entregou-a nas mãos dos paramédicos. No hospital não tiveram tempo para se preocuparem em saber o seu nome; estavam mais preocupados com o baço, duro como uma pedra por baixo do abdómen. Aquele corpo maravilhoso lutava contra qualquer coisa, lutava pela vida. Mas quando as análises ao sangue deram negativo em relação a sobredosagem de qualquer espécie, e ela ardia de febre, quiseram por todos os meios saber o que se passava. Quem era aquela mulher?

No primeiro dia depararam-se com hipoglicemia e falência renal. Em resposta, administraram-lhe glucose por via intravenosa, fizeram hemodiálise e deram-lhe antipiréticos. Os médicos sabiam que não estavam a salvar-lhe a vida, apenas a mantê-la no limbo. Por diversas vezes, ela quase recobrou a consciência, com os olhos a piscar e os lábios a moverem-se. Em breve, no entanto, os médicos começariam a usar a palavra «coma». As complicações acumulavam-se: icterícia, alterações eletrolíticas e do equilíbrio ácido-base, anemia grave, acumulação de líquido nos pulmões.

Mas foi só no segundo dia, quando a urina começou a sair negra, que souberam do que se tratava. Era uma forma maligna de malária, um sinal de que o sangue da mulher estava a morrer nas suas veias. Causa esmagadoramente provável: malária grave.

Os médicos em Utrecht olhavam para a lâmina com a gota espessa de sangue, mas não conseguiam interpretar o resultado. Nessa altura, enviaram pelo correio uma amostra para o Randstad Medical Centre. E foi assim que esta chegou às mãos de Saskia

Sivali, que, sentada à frente do microscópio, encontrava o segundo caso daquilo que começaram a designar por *Plasmodium cinco*.

Mas foi preciso outra pessoa para descobrir quem era a Bela Adormecida.

* * *

Tive a impressão de que o Jarman não estava na sua barraca. Quando chamei por ele, assobiou-me de um arbusto próximo. Queria contar-lhe acerca da Cecile, mas faltaram-me as palavras. Em vez disso, os olhos encheram-se-me de lágrimas e agarrei-me a ele a tremer e a soluçar. O Jarman pôs-me o braço à volta dos ombros e deu-me umas palmadinhas afetuosas nas costas, conduzindo-me depois para o interior da mata. Por fim, parei de chorar e fiquei deitada de costas, a olhar fixamente para as nuvens que redemoinhavam lá em cima. Estaria prestes a chover. Eu estava ali assim há uma hora quando o Jarman falou. Perguntou-me se sabia disparar uma arma.

— Não — repliquei.

— Então, agora é a oportunidade perfeita para aprenderes. Eu fico com a Beretta, porque é mais difícil fazer pontaria com ela. Podes utilizar aquela. — Apontou para uma espingarda enorme e pesada, que se encontrava num saco de lona junto de si.

— Não sou capaz de usar isso.

— É contigo. Trata-se de uma Lee Enfield 303 de ferrolho manual. Admito que é antiga e pesada, mas durante cinquenta anos foi a arma de eleição do exército britânico. Hoje, pode salvar-te a vida. E se sobrevivermos até logo à noite, poderá arranjar-nos alguma coisa para o jantar.

Deitei-me ao seu lado e peguei na arma. Ele mostrou-me como equilibrar o peso nos meus cotovelos, como utilizar o mecanismo deslizante do travão e fazer pontaria através da mira.

— Não sabia que usavas óculos — disse-me ele.

— Deixei de usar há alguns anos. Estes óculos são apenas para uma emergência. Preciso de voltar lá dentro para ir buscar as lentes

de contacto e uma série de outras coisas. Tal como roupas decentes, por exemplo.

— Até logo à noite não. Ou até eles partirem, seja quando for. Não ficarão por cá muito tempo. Esta é uma aldeia do governo.

Mais tarde, fui até à árvore dos macacos, com a esperança de que o Tomas tivesse ido para lá. Esperei durante duas horas, mas ele não apareceu. Até os macacos se tinham ido embora. Rasguei uma tira da bainha da minha túnica e ateí-a num ramo baixo para que ele soubesse que eu estivera lá.

Durante todo o dia, ouvimo-los na aldeia. As crianças choravam e houve alguns tiros. Pelo final da tarde, o silêncio instalou-se, e ainda ninguém viera até à barraca do Jarman. Ele voltou lá a correr e trouxe alguma fruta e carne seca. Havia muito arroz e massa, mas decidimos economizar a pouca água que restava no seu jerrican, guardando-a para beber.

Esperámos até estar escuro e, com cuidado, aproximámo-nos da clareira. Sentimos fumo. Os guerrilheiros tinham feito uma enorme fogueira e estavam à volta dela, a gracejar e a rir. A cabana onde dormíamos distava uns trinta metros da fogueira, mas a entrada ficava de frente para a mesma. Era um risco, mas eu precisava de ir buscar alguma roupa. Também concordámos em que seriam bastante essenciais as pilhas para a lanterna, o rádio de ondas curtas e um grande jerrican dobrável. O Jarman propôs ir lá sozinho, mas fiz-lhe notar que ele não seria capaz de arrastar a água e o material de que eu necessitava, e ter ao mesmo tempo a pistola na mão.

O Jarman inspecionou e carregou a espingarda, entregando-a depois. Deslocámo-nos através dos arbustos em redor do perímetro da clareira, até a cabana estar entre nós e a fogueira. Mantendo-nos agachados, atravessámos esse espaço a correr até chegar à zona sombria da varanda. Não ouvimos sons, por isso esgueirámo-nos lá para dentro.

Pus a espingarda de lado e avancei para a escuridão. Não podíamos arriscar atrair as atenções utilizando a lanterna do

Jarman. Encontrei umas calças e uma camisa e vesti-as. Enfiar nos bolsos da camisa alguma roupa interior para mudar e uns artigos de toilette.

No chão, junto das minhas botas, encontrei um saco de polietileno, que continha o meu diário e uma caneta. Meti-os no bolso das calças e estava prestes a levantar-me quando ouvi um som muito próximo. Estava alguém ali à minha frente. O Jarman empunhou a arma. Eu podia ouvir uma respiração. Rápida e urgente.

— Quem está aí? — sussurrei.

Não houve resposta. O Jarman decidiu que tinha de arriscar acender a lanterna, e o seu feixe iluminou um aterrorizado Salvation deitado no chão, escondido entre as mochilas. Aninhei-me e beijei-o na testa.

— Salvation, estou tão contente por estares a salvo. Viste o Tomas? — Quando lhe fiz a pergunta, o meu coração batia com força.

— Kaipelai levou-o. Esmagar máquina. Bater nele.

Ajudei o Salvation a levantar-se, abracei-o e entreguei-lhe a sua muleta. O Jarman virou-se para a porta. Dera apenas um passo para o exterior quando uma pancada forte com a coronha de uma espingarda o atirou violentamente ao chão. Quando eles entraram para nos agarrar, gritei. O Salvation pôs-se de pé entre mim e dois guerrilheiros, a saltitar numa perna e com a muleta no ar como se fosse um cacete. Sem o menor esforço, varreram-no e à sua louca bravura para o lado.

A mim socaram-me repetidamente até eu cair. A seguir veio a agonia, quando uma pesada bota me esmagou a boca. Senti o sangue, e a última coisa que me lembro de pensar foi no meu dentista de Dorchester, e em como ele ficaria feliz por me saber ali sentada na sala de espera, a ler revistas, até chegar a minha vez de reparar aquela desgraça.

Quando acordei, alguém segurava-me na mão. Estava escuro, mas senti várias pessoas por perto.

— Erica, estás acordada? — Era o Tomas.

Tentei expressar o meu alívio, mas quando movi o maxilar, apenas se me escapou um uivo em tom baixo. Sangue fresco escorria-me para a língua. Abracei o Tomas com força e ouvi a sua inspiração forte e brusca. Ele também estava ferido.

— Com cuidado — disse-me.

Afaguei-lhe a face. Havia algo mais para além de suor, e segui-lhe o rasto até aos olhos repletos de lágrimas. Depois beijei-lhe o pescoço suado e salgado. Foi a melhor coisa que tinha provado até então. Contraí a boca e soltei um suspiro baixo.

— O Jarman e o Salvation estão aqui?

— Sim.

— Como estão?

— Não muito bem.

Ouvi a voz do Georg.

— Bateram-lhes a valer. Estão a dormir.

— Oh, Georg. Quem mais está aqui? — perguntei, com medo de referir a Amy.

— A Amy está aqui. E a Margaret.

Ouvi as suas saudações.

— E a Annette? E o Etenzi?

Durante alguns segundos, ninguém falou.

— Não — respondeu o Georg, delicadamente.

Aos poucos, contei-lhes sobre a Cecile, e eles falaram-me das mortes que tinham visto e ouvido. O Etenzi fora morto à catanada em frente dos netos, que gritavam. A Annette havia sido levada por um dos captores. Ninguém mais a vira deste então.

— Vais sair daqui amanhã de manhã — disse o Tomas.

— Eu?

— Todos vocês, quero dizer.

— E tu?

— Não posso ir. — Ele estava ajoelhado ao meu lado, imóvel, no chão duro de cimento.

— Porque não? — Ninguém pronunciou uma palavra. Senti que estavam todos a par daquele segredo.

— Esta tarde, tentei escapar. Eles apanharam-me e imobilizaram-me no chão. Cortaram-me os tendões de Aquiles com uma catana.

— Oh, meu Deus, Tomas! — Deixou-me tocar-lhe e passar a mão ao longo da parte de trás das suas pernas. Senti uns torniquetes rudimentares em torno dos tornozelos dele, que, sob a crosta de sangue seco, estavam ambos húmidos.

— Tem piada — disse o Tomas. — Nós, os jornalistas, empregamos o verbo «paralisar» a toda a hora. Nunca tinha pensado no que isso significava realmente. Agora tenho de ficar ajoelhado desta maneira apenas para manter as feridas fechadas. Nem sequer consigo rastejar, e estou a perder a sensibilidade dos joelhos para baixo. Se tiver sorte, talvez o governo apareça daqui a alguns dias com um camião ou um jipe. Ou... — Ele encolheu os ombros.

— E o kit médico?

— Não nos deixam ficar com isso. E não temos água nenhuma.

— A voz da Amy estava cheia de ódio. — E também levaram a medicação do Georg.

Toda a gente se calou no momento em que ouvimos vozes. A porta foi aberta com brutalidade e a luz banhou a nossa prisão. Era a sala de aulas de Zizunga. Tinha três metros por seis, o chão em cimento, um telhado de zinco sobre meia dúzia de vigas de madeira cobertas de teias de aranha. O Jarman e o Salvation estavam a dormir ao fundo da sala. Na parede havia um crucifixo e uma grande fotografia emoldurada do papa João Paulo II. Ao longo de uma das paredes viam-se os bancos de madeira empilhados.

Entrou um guerrilheiro com um candeeiro a petróleo, que emitia o característico silvo, e uma catana na outra mão. Era alto e magro, com a cabeça rapada e lúzida como uma escultura em teca. Os seus olhos fundos brilhavam à luz do candeeiro, e ele mirou-nos, um por um. Reparei que a manga direita do seu uniforme estava

salpicada de sangue seco. Todos nos encolhemos, incapazes de enfrentar o seu olhar maligno.

— Precisamos de água. — A voz do Georg era baixa mas firme. — Não bebemos nada durante todo o dia. E temos de ter medicamentos.

Ele virou-se para o Georg e desembainhou um sorriso em que faltavam dentes.

— Água. Sim. — Virou-se e saiu, entregando o candeeiro a dois jovens guardas que estavam atrás de si.

Um deles, um rapaz que devia andar pelos treze anos, avançou a sorrir. Tinha uma camisa verde puída e sandálias baratas de plástico. Apercebi-me de que ele se encontrava na patrulha do KPLA na semana anterior, e senti-me estranhamente aliviada por terem sobrevivido alguns.

O rapaz olhou para nós e, depois, de repente, deu um salto brusco para a frente com a velha espingarda ao ombro.

— Ratatá-ratatá-ratatá-ratatá-ratatá!!! — gritou. — Amanhã! — Cheia de medo, fui de encontro ao Tomas, que praguejou quando os seus ferimentos voltaram a abrir. A Margaret soluçava. A Amy tinha a cabeça entre as mãos.

O rapaz olhou em volta e acenou com a cabeça enquanto saía lentamente.

— Todos mortos. Amanhã — disse ele, e fechou a porta.

(Diário de Erica, 1992)

Penny Ryan estava com Don Quiggan, em silêncio, junto da cama de hospital. Era difícil acreditar que aquela figura mirrada e pálida ligada a uma infinidade de tubos fosse Jack Erskine, o Jack de Ferro. Penny chamara suavemente pelo seu nome, e Jack tinha virado a cabeça. Abriu a boca, mas não saiu nem uma palavra, apenas um estalido seco. Não pareceu reconhecê-los.

Os médicos tinham dito que a febre baixara, mas os seus glóbulos vermelhos continuavam a ser infetados e destruídos. Talvez necessitasse de uma transfusão, a menos que houvesse uma clara resposta positiva aos medicamentos contra a malária que estavam a utilizar. Penny providenciara para que a mulher e os filhos de Erskine voassem de Nova Iorque para ir vê-lo. Tentou pensar no que lhes poderia dizer para os tranquilizar quando chegassem. Havia o facto de ele estar, ao que parecia, aos cuidados de um famoso professor, um especialista em doenças tropicais. Penny já vira muitos hospitais em muitos sítios, e confiava em que não poderia haver melhor tratamento do que aquele que estava a ser ministrado ali.

Quiggan tinha comido metade das uvas que trouxera e estava a começar a comer a banana quando Saskia entrou com o professor Van Diemen. Ela apresentou-o a Quiggan e a Penny.

— Peço desculpa por não ter conseguido falar convosco antes — disse Van Diemen. — Mas temos estado a enfrentar o inesperado. Penso que já vos foi dito: isto parece ser uma nova forma de malária. Tanto quanto sabemos, os dois únicos casos no mundo estão aqui nos cuidados intensivos.

— Quem é o outro caso? — perguntou Quiggan com a boca cheia de banana.

— Uma jovem misteriosa — respondeu o professor, apontando através da divisória de vidro para o quarto adjacente. — Dentro de um momento irei levá-los a vê-la. Não sabemos nada a seu respeito

e, por isso, se algum de vós a conhecer, podemos começar a descobrir o que tem ela em comum com o senhor Erskine.

— Quer dizer que ambos foram infetados da mesma maneira? — perguntou Penny.

— Quase de certeza que sim. Durante cem anos não surgiram quaisquer novas formas de malária em nenhuma parte do mundo. As hipóteses estatísticas de duas ocorrências destas terem lugar independentemente são ínfimas. Penso que iremos descobrir que eles estiveram no mesmo lugar ao mesmo tempo, e que foram infetados da mesma maneira.

— Mas a Saskia disse-me que, seja como for, o Jack não tinha estado nos trópicos no passado recente para poder ter apanhado malária.

— Pela informação que nos forneceram das viagens dele, isso é verdade. Mas não podemos basear-nos em parâmetros normais da malária. Apenas sabemos que ele e a outra paciente têm em comum o facto de ambos terem estado na Holanda. Que outros lugares visitaram, não sei. Talvez Nova Iorque, talvez outros locais, não sei mesmo.

— Pensava que não havia surtos de malária em Nova Iorque — disse Quiggan.

— Nem na Holanda, pelo menos desde a década de cinquenta do século passado. Mas quando se lida com algo novo, o melhor é não fazer nenhuma dedução, só isso.

Quiggan encolheu os ombros.

— Tenho lido coisas acerca de o aquecimento global estar a deslocar a malária de África para Espanha e para os Balcãs — disse Penny. — Poderá ser esse o caso?

— Não. Aí referem-se a tipos existentes de malária que estão a alargar o seu campo de ação. Isto é diferente: temos um novo parasita, e quero dizer novo para a ciência, desconhecido na literatura própria. Não sabemos praticamente nada sobre ele, exceto que, ao microscópio, parece ser a pior forma de parasita causador de malária e que aqueles que o têm no sangue dão a impressão de

apresentar todos os sintomas de malária grave. Os seus genes, contudo, não condizem com nada que exista na nossa biblioteca de parasitologia.

— Não consigo mesmo entender como poderá o Jack ter contraído a doença — desabafou Penny.

— Talvez o parasita fique latente muito mais tempo antes de provocar os sintomas da malária, por isso precisamos de um historial mais alargado das viagens do paciente. Talvez tivessem sido picados por mosquitos tropicais que ficassem presos na cabina de um avião. Ou talvez se trate de uma nova malária, que se desenvolva em climas temperados, propagada por mosquitos locais. A verdade é que não sabemos.

— Há outra possibilidade — disse Saskia. — Não podemos partir do princípio de que tenha havido sequer o envolvimento de mosquitos. Há um risco teórico de se contrair malária através de uma transfusão de sangue, partilha de agulhas, no caso de drogas, e coisas do género.

— Ora, poupe-me — exclamou Quiggan. — A seguir vão dizer-nos que até nem sabem ao certo se se trata de malária. Queremos resultados! O que me estão a transmitir até agora é aquilo que não sabem. O Jack Erskine construiu a Pharmstar como uma grande empresa baseada no conhecimento, e que transformou a indústria farmacêutica. Agora está ali deitado com um tubo enfiado pelo nariz acima, como se fosse um maricas ou um drogado com sida. Era bom que compreendessem isto. Não podemos dar-nos ao luxo de o perder. E vocês vão conseguir safá-lo!

— Don, por favor, isso não ajuda em nada. — Penny puxou-o para trás e sentou-o na cadeira.

— Penny, ouve, podíamos transferi-lo de urgência esta noite, sob supervisão médica. Pô-lo num bom hospital particular no país dele. Arranjar-lhe cuidados de qualidade.

— Sabe que ele está demasiado doente para ser deslocado.

— Ouçam, não temos de engolir isto assim. Vou telefonar para Howard imediatamente e pôr aqueles supercomputadores em

Princeton a trabalhar a todo o vapor. Ver o que conseguimos obter em termos de genética. Temos dez milhões de dólares que podemos atirar para lá de maneira a fazer desse estudo um projeto de emergência. Utilizem as bases de dados, liguem-se ao Centro de Controlo e Prevenção de Doenças em Atlanta. Descobriremos todos os casos deste novo parasita a nível mundial, seguiremos a sua pista até à fonte.

Penny suspirou.

— Don, por favor. Eles estão a fazer tudo o que é possível ser feito.

— Lamento dizer, mas o vosso diretor-geral viverá ou morrerá com base naquilo que possamos fazer com o conhecimento atual — anunciou Van Diemen. — Seja qual for a quantidade de dinheiro que tenham para gastar, não podem comprar o avanço médico da noite para o dia.

Quiggan esfregou as têmporas.

— Porra, o fator tempo é horrível. Precisamos do Jack de excelente saúde. Neste momento temos em andamento uma série de negócios importantes. Há por aí uma infinidade de indivíduos a querer passar-nos a perna. — Ele levantou-se. — Vou fazer uns telefonemas. — Tirou o telemóvel do bolso, atirou a casca da banana para o caixote de lixo e saiu num passo largo para o corredor.

O professor Van Diemen ficou a vê-lo ir.

— Ele tem mesmo possibilidade de arranjar dez milhões de dólares assim do pé para a mão?

— Com toda a facilidade — respondeu Penny.

— Mas isso daria um mosquito para todas as crianças da Tanzânia!

— Para a Pharmstar, dez milhões são uma bagatela — disse Penny. — Na semana passada, bastou-lhe uma dúzia de telefonemas para juntar três mil milhões de dólares.

— Para quê, santo Deus? — perguntou o professor.

— Para assumir o controlo dos Laboratórios Utrecht.

Van Diemen resmungou.

— Li sobre esse assunto. Fusões, aquisições. Nunca percebo qual é o interesse de as empresas andarem com o pessoal, a investigação e as fábricas de um lado para o outro. Não me parece que isso vá tornar um único doente mais saudável.

— Acredite, é o contrário. Os investidores da Pharmstar *estão mortinhos* para ter este negócio concluído dentro do prazo. Mas sim, sei bem o que quer dizer. Ao ver o Jack aqui desta maneira, tenho realmente uma perspetiva mais clara sobre as coisas — disse Penny.

Van Diemen levou-a até ao quarto contíguo, onde duas enfermeiras faziam deslizar para o lado um monitor de frequência cardíaca a fim de arranjar espaço para um segundo suporte de material intravenoso. Ali deitada, inconsciente, com o cabelo loiro tornado escuro pelo suor, estava uma mulher jovem.

— Só podemos ficar aqui um momento. Ela está prestes a levar uma transfusão de sangue — disse Van Diemen.

— Aquela cara é-me familiar — disse Penny, enquanto Quiggan entrava no quarto.

— Don, conheces esta mulher? — perguntou Penny.

Quiggan acenou afirmativamente com a cabeça.

— Alguma vez poderia esquecer uma cara como a dela? É a hospedeira do voo da KLM.

* * *

Max saiu do tribunal para o sol quente do exterior e respirou profundamente, como se nunca o tivesse feito na vida. O advogado de Henk, um indivíduo manhoso chamado Maarten Winkel, com uma cabeça luzidia e os pés dentro de uns *mocassins* com borla, tinha conseguido a liberdade de Max sob fiança, apesar da oposição do advogado de acusação. Mas havia um preço: aproximadamente vinte mil dólares, que Henk disponibilizara; além disso, Max teria de entregar o passaporte de Max e, o que era o pior, estava obrigado a

comparecer todos os dias na esquadra de polícia em Warmoesstraat.

Por sua vez, Henk impusera uma condição, e esse facto mostrava até que ponto a cordialidade e a confiança entre eles dera lugar a uma espécie de frágil formalidade, apenas a um pequeno passo da destruição. Max deveria ceder a Henk, para pagar os honorários de Winkel e a fiança, quase todas as esculturas que faziam parte da exposição recente. O dedo de Winkel ia apontando para cada secção desse acordo e a sua respiração irritava o pescoço de Max, que assinava, assinava e voltava a assinar.

O negociante de arte também sugeriu que se resolvesse um aspeto prático. Como Max estava praticamente falido, Henk ofereceu-se para o acolher — Max poderia dormir no sofá. O apartamento ficava no andar por baixo da galeria, e Max podia ficar com umas chaves suplentes. Não havia interesse em pagar contas desnecessárias, dissera Henk.

Assim, Max voltou ao hotel onde estivera hospedado, à lembrança da última noite que passou com Erica, e empacotou o que restava da sua antiga vida. A camareira fizera o melhor possível em relação à balbúrdia que Max tinha deixado. As roupas de Erica estavam ordenadamente dobradas em cima de uma cadeira ou penduradas no guarda-fato, os jornais empilhados, os artigos de higiene numa mesa junto da janela. Max trabalhou a dobrar para empacotar tudo: fez a sua própria mala, e depois as de Erica. O estranho é que estava meio à espera de ver entre as coisas da namorada algo que o fizesse pensar onde ela poderia estar, que o fizesse chegar um pouco mais perto do motivo do seu desaparecimento. Mas não havia nada, apenas o esforço para arrumar os acessórios descartados da vida dela, os três grossos volumes ainda por ler da história da sua vida, meter tudo nas duas malas não demasiado grandes que ela trouxera.

Foi a sua própria roupa que produziu a surpresa. Max estava já com a mala cheia e tinha tirado do guarda-fato o seu melhor casaco, dobrando-o para o colocar por cima, a última coisa antes de fechar a

tampa. Ouviu qualquer coisa saltando no chão de ladrilhos, com um som quase metálico, como se fosse um botão a cair. Mas o casaco estava perfeito, não lhe faltava nenhum botão à frente, nem nos punhos. De joelhos, encontrou aquilo que fizera o barulho. Um comprimido cor de laranja com um pequeno ponto azul, que devia ter-se enfiado no bolso lateral do casaco durante o voo. Pois era. Recordou-se de o indivíduo com ar nervoso que viajava ao lado dele ter espalhado os seus comprimidos por todo o lado.

Max deitou o comprimido no cesto do lixo.

Percorreu o quilómetro e meio até casa de Henk ao longo de uma movimentada artéria ao lado do canal, bloqueando a rua estreita enquanto descarregava as malas, depois foi entregar o carro alugado e regressou de eléctrico à casa de Henk. Os seus olhos cansados apreciaram as pitorescas ruas laterais, o frenesim das pessoas que andavam às compras e as colunas de ciclistas, como se olhasse para eles a partir do fundo turvo de um canal. A recordação de ter estado ali com Erica, a excitação da sua primeira exposição na Europa, eram apenas luz superficial e distorção; ele estava agora a afogar-se num mundo diferente.

Se as coisas eram assim, o melhor seria adaptar-se.

De regresso ao apartamento de Henk, Max tomou um duche e, enquanto se secava na elegante casa de banho pintada de amarelo-açafrão, viu de repente o seu reflexo no espelho comprido de moldura dourada. Os seus músculos tinham deixado de estar definidos há muito, desde os tempos da Guarda Costeira, quando, com os seus braços batatudos, era capaz de levantar quase cem quilos e completar vinte repetições de um exercício sem transpirar. Nessa altura pesava setenta quilos. Agora era um homem corpulento e pesava quase noventa. Os primeiros anos de solidão após ter sido demitido da Guarda Costeira foram os piores: subsídio de desemprego, comida rápida, depressão. Mais tarde, o sucesso como artista profissional elevava-lhe o espírito sem lhe baixar o peso. Dali a mais dez anos chamar-lhe-iam gordo.

Quando Henk regressou, uma hora mais tarde, Max estava em cima do tapete da sala de estar, vestido apenas com calções, a grunhir e a praguejar enquanto executava alguns exercícios físicos que aprendera na Guarda Costeira.

— Oh, é o meu aniversário! E ofereceram-me um culturista seminu. — Henk fez uma expressão teatral de deleite.

Max esboçou um esgar que pretendia ser um sorriso, terminando a sua quadragésima sétima elevação, e depois ergueu-se, ficando de joelhos.

— Estou a reconstruir este corpo desde as fundações, a partir de hoje.

Henk abanou a cabeça enquanto o observava.

— Espero que não estejas a planear meter-te em mais zaragatas.

— Isto é preparação mental, e não física. O meu corpo levará um ano a recompor-se, mas posso estimular o meu pensamento e a minha força de vontade desde já. A Lisbeth era a única ligação de que eu dispunha para o desaparecimento da Erica, e agora é bem possível que não queira falar comigo. Tudo o que tenho é um reles número de telefone que ela me deu. Enquanto faço elevações e abdominais, o que estou realmente a fazer é pensar naquilo que direi à espécie de indivíduo que grava o seu nome no ventre de uma mulher.

* * *

Quando nos deixaram sozinhos, o Georg tomou a palavra.

— Não me parece que eles nos vão matar. As chefias do KPLA sabem que precisam de reféns como moeda de troca. Trata-se de um bando de loucos, mas acho que o pior já passou. Se nos quisessem matar, já o teriam feito.

— Como podes ter tanta certeza? — perguntei-lhe.

— Já fui raptado e mantido como refém por duas vezes. Pela UNITA em Angola, em 1988, e no ano passado no Sudão. O perigo maior são sempre as primeiras horas, sobretudo se os captores estiverem nervosos. O tratamento começa a melhorar assim que os

fores conhecendo. Estabelecem-se rotinas e o conhecimento mútuo. Se sobrevivermos, é isso que temos de fazer.

O jovem guarda regressou com uma garrafa imunda de Fanta cheia de água e pousou-a no chão.

— Água — disse ele em jeito de explicação. Depois saiu, voltando a mergulhar a sala na escuridão.

Um rápido olhar bastou. Sabíamos que se tratava da garrafa das latrinas, utilizada para despejar água pelos canos abaixo e no chão, e também, informalmente, para esmagar baratas que vinham rapinar ao lixo. A Amy soltou em voz baixa um longo resmungo de nojo.

Tomas olhou em volta para toda a gente.

— Preciso de beber um pouco — disse ele, como que a pedir desculpa.

A Amy abanou com a cabeça.

— Tomas, podes apanhar qualquer coisa nessa garrafa. E vais ficar com diarreia. Nas tuas condições, isso matar-te-á no espaço de quarenta e oito horas.

— E quanto tempo vou durar sem beber água?

— E se tentássemos filtrá-la com uma camisa? — sugeri.

— Isso poderia retirar alguma matéria fecal, mas não as bactérias e os protozoários. Quer dizer, não fazemos ideia... — Os olhos da Amy fecharam-se e as suas mãos pareciam asas a bater em desespero.

O Georg falou com suavidade.

— Amy, seja como for, há apenas um litro para sete pessoas. Penso que temos de deixar beber aqueles que sentirem que têm de o fazer.

Ela encolheu os ombros.

— A ideia da Erica é boa, se for a única coisa que podemos fazer para limpar a água — disse o Georg ao grupo. — Primeiro deveríamos todos vasculhar os bolsos à procura de pastilhas de esterilização, fragmentos de sabão, até mesmo grãos de detergente. Eu tenho alguns lenços limpos que dariam um bom filtro adicional

dentro de uma camisa. — Todos expressaram o seu acordo num murmúrio. — Vou procurar nas coisas do Jarman e do Salvation.

Foi a vez de a Margaret falar.

— O armário com material escolar tem giz e papel; também há lápis, borrachas e uma garrafa de plástico. Pelo cheiro, penso que costumava conter desinfetante, mas agora parece-me vazia.

— Excelente — exclamou o Georg. — Podemos purificar a água. Só preciso de luz suficiente. — Pelo leve clarão luminoso, deduzi que estivesse a consultar o seu relógio de pulso. — Daqui a uns quarenta minutos, mais ou menos, o dia vai começar a clarear. Tomas, consegues aguentar esse tempo?

— Suponho que sim.

— O Jarman e o Salvation não têm nada de útil — anunciou o Georg. — Dá a impressão de que foram minuciosamente revistados. Verifiquei os meus bolsos.

— Eu não fui revistada. Ainda tenho tudo.

— Que altura estranha para perceber que há boas maneiras no KPLA — murmurou a Amy.

Ficámos ali sentados em silêncio até que uma luz ténue se filtrou para dentro da barraca. O Georg começou a movimentar-se. Inspeccionou a garrafa de plástico. Não era desinfetante, mas sim lixívia. Conferenciou com a Amy e decidiram que uma ou duas gotas na garrafa das latrinas bastariam para a limpar, e era o mínimo para considerarem seguro beber por ela. A Amy segurou na garrafa de lixívia enquanto o Georg despejava lá para dentro algumas gotas de água da garrafa das latrinas. Depois tirou um lenço de papel do bolso. Amy dobrou-o numa pequena almofada e colocou-o por cima da garrafa de lixívia, virando-a ao contrário. O Georg limpou cuidadosamente o exterior e o gargalo da garrafa das latrinas, e a Amy despejou lá para dentro umas gotinhas da solução de lixívia.

— Temos de esperar dez minutos até se produzir o efeito desejado — disse ela, agitando o conteúdo.

— Meu Deus — murmurou o Tomas. — Que tortura!

Amy levantou a garrafa e inspeccionou-a contra a luz.

— Ugh! Ainda precisa de ser filtrada. Olhem só para aquela... matéria fecal.

— Pode ser merda, mas agora é merda limpa — disse o Georg.

— Esperem lá — exclamei. — Temos mais algum recipiente por onde possamos beber?

— Eu tenho o cálice da comunhão — respondeu a Margaret. Passou-lhes uma pequena taça de alumínio.

— OK. — Remexi no meu bolso e tirei um tampão. Depois retirei-lhe o invólucro de celofane. Ocupava apenas dois terços do diâmetro do gargalo da garrafa das latrinas, mas mergulhei-o na água segurando-o pelo fio e, num instante, aumentou de tamanho, de maneira que bloqueava todo o gargalo.

— Muito bem — apoiou o Georg. Houve outros murmúrios de aprovação.

Virei a garrafa ao contrário e esperei que a água gotejasse para a taça. Saía muito devagar, por isso pressionei o tampão com o dedo. Ouviu-se o tilintar de água limpa ao cair dentro da taça. Quando já tinha quase enchido a taça, passei-a ao Tomas.

— Uma vez que é o cálice da comunhão, não deveria benzê-lo para mim, Margaret? — disse o Tomas levando a taça à boca. A Margaret sorriu, vendo-o beber avidamente. Voltámos a encher a taça e demos um pouco ao Jarman e ao Salvation, que estavam semiconscientes. Depois enchemo-la de novo uma terceira e última vez e passámo-la em volta. Todos beberam. Apesar de um leve travo a lixívia, sabia maravilhosamente bem.

(Diário de Erica, 1992)

Dentro da cabina telefónica, Max respirou fundo e, de memória, pressionou os dígitos. Durante um minuto não houve resposta, depois entrou em ação um atendedor de chamadas, primeiro em holandês, depois em inglês, convidando a deixar mensagem para uma empresa chamada Xenix Molecular Solutions BV. Max desligou.

Não estava nada à espera daquilo, mas quanto mais pensava no assunto, mais sentido fazia. Xenix soava mesmo ao género de empresa que podia utilizar um computador portátil cheio de informação científica.

Descobrir o endereço da Xenix também não foi tão fácil como ele contava. Não vinha listada nos livros de referência existentes na principal biblioteca de Amesterdão, nem constava da lista da Câmara de Comércio. A Internet tinha imensas referências para cada palavra do nome da empresa, mas nenhuma para a designação completa, e absolutamente nada que dissesse respeito à Holanda.

Por fim, uma visita ao serviço nacional de registo de empresas forneceu-lhe aquilo de que necessitava. A maior surpresa foi a data de constituição da Xenix, abril do presente ano. Não era de admirar que tivesse sido tão difícil localizá-la. O registo mencionava o nome de apenas um diretor, um tal L. de Wit, e um endereço fiscal em Roterdão. Max decidiu que o dia seguinte seria uma boa altura para aparecer lá sem se fazer anunciar.

* * *

— Não, Max. Pago a fiança por ti, muito bem. Pago o advogado para te ajudar, tudo bem. Pago para ires ao meu dentista quando te dão cabo dos dentes, tudo bem. Deixo-te dormir no meu apartamento, porque não podes pagar um hotel, empresto-te dinheiro, dou-te de comer, nenhum problema. Mas *não* podes pegar no meu *Jaguar* para ires sabe Deus aonde em Roterdão, entendido?

— Não sabia que era um *Jaguar*!
— Um *E-type* de 1967, e não to vou emprestar.
— Oh, vá lá, Henk. Não me fazes esse favor?
— Não. A menos...
— A menos que quê?
— Que eu vá também. — Henk sorriu e deu umas palmadinhas no braço de Max. — Precisas de alguém sensato ao teu lado para te manter afastado de sarilhos.
— E para garantir que eu não risque a pintura.
— Exatamente!

No dia seguinte, eram cinco da manhã quando o carro desportivo de Henk, comprido e baixo, meteu o nariz fora da garagem e avançou pelas ruas ainda escuras. Quando chegou à autoestrada rumo a sul, Max pisou o pedal do acelerador, e o motor, como se fosse um gato grande, ronronou e fê-los passar a varrer pela curva rápida do aeroporto de Schiphol, numa viagem de noventa minutos até ao maior porto do mundo.

— Max, acima das duas mil rotações não, por favor. Este carro é um investimento. Só é conduzido três vezes por ano.

Max abrandou um pouco, mas ainda assim chegaram a Roterdão antes das 6h30. Henk guiava-os pelo moderno centro, com os seus altos edifícios de escritórios; passaram por blocos cinzentos de apartamentos e intermináveis ruas com casas dos anos sessenta, até as silhuetas de gruas gigantescas emergirem de um horizonte plano, faminto de árvores. Em breve estavam metidos no meio do tráfego que se dirigia para o Terminal Europeu de Contentores, a oeste da cidade, com o carro baixo entalado ao nível dos escapes de uma longa fila de sujos camiões de carga provenientes de toda a Europa e que se moviam a passo de boi.

— A estrada que queremos é a próxima à esquerda — disse Henk. Max virou para uma rua lateral entre armazéns, satisfeito por escapar ao mau cheiro e ao som de descarga dos travões hidráulicos. A estrada estendia-se pontuada, à berma, por cisternas metálicas de armazenamento, que cintilavam ao alvorecer, e sob as

sombras compridas de petroleiros atracados, com as suas superestruturas erguendo-se como torres de cinco ou seis andares sobre os cais. À frente deles, de cada lado da rua, ficavam dois armazéns compridos e baixos e, logo a seguir, um cais com um portão de metal, com contentores empilhados até ao céu, como um conjunto de gigantescos legos envelhecidos pelo tempo.

— É algures por aqui — disse Henk. — No número dezasseis-C.

Max travou e olhou com ceticismo para o mapa, depois saiu do carro e franziu os olhos para olhar em volta. Do lado esquerdo havia um parque de estacionamento interminável de viaturas novas em folha, ainda cobertas pela cera opaca de proteção, e todas iguais exceto na cor. À direita ficava um terreno baldio polvilhado de vidros partidos, pneus e a carcaça grafitada de uma câmara frigorífica. Começou a andar na direção dos armazéns e do portão de segurança. Henk caminhava apressadamente atrás dele.

Os armazéns pareciam abandonados, com obscenidades desenhadas nas janelas poeirentas e ervas daninhas a espreitar ao longo da borda do cimento todo rachado. Do lado esquerdo do armazém, acorrentada a uma escada de metal, estava uma motorizada feia e atarracada, pintada num preto mate e com os cromados a descascar. O depósito de combustível da moto tinha um curioso tampão personalizado: um pedaço de crómio semelhante a uma lágrima e arredondado na ponta. Max contornou o veículo para o ver pela frente. Depois tornou-se-lhe óbvio.

Uma bigorna². Encontrava-se no local certo. Max olhou em redor. Não estava a ser observado de nenhuma janela. Pôs a mão em cima do cárter e sentiu-o frio. Há mais de uma hora, pelo menos, que a motorizada não trabalhava. No entanto, devia ter sido utilizada regularmente até ao dia anterior, ou coisa assim, porque o cimento por baixo tinha manchas negras de óleo que gotejara em diversos sítios, e nem todas elas estavam completamente secas. Max anotou o número da matrícula na palma da mão.

A escada conduzia a um escritório no primeiro andar, instalada como uma crosta de madeira na parte lateral do edifício. Os pés de

Max ressoaram nos degraus quando ele subiu. Na porta figurava uma placa de metal com a inscrição «16C». A fechadura era nova, e de tamanho considerável. O vidro reforçado da porta e as janelas estavam protegidos por venezianas sujas. Max acocorou-se para espreitar pela fresta da veneziana da porta. Não conseguia ver grande coisa lá para dentro, apenas uma secretária e alguns papéis, um armário de arquivo cinzento, uma cadeira com um blusão de fecho de correr pendurado nas costas, um calendário com mulheres seminuas e uma porta fechada, provavelmente para um escritório interior. Nenhum sinal de um computador portátil. Max levantou a aba da caixa de correio, espreitou para dentro e viu um monte de cartas no chão. Encostado à porta estava um envelope grande.

Apoiando a face na porta, Max enfiou o braço direito na ranhura larga até onde lhe era possível. Encravou no cotovelo. Não conseguia chegar ao chão, mas apalpou o envelope com as pontas dos dedos. A porta, pressionada contra a sua orelha, amplificava o som, e ele julgou ter ouvido um clique vindo de dentro do escritório, como se uma porta se abrisse com uma corrente de ar. Algo lhe disse que devia apressar-se. Prendeu o envelope contra a porta, arrastando-o com a ponta do dedo médio em direção à ranhura. Abaixo da aba havia um rebordo saliente e a extremidade superior do envelope parou aí. Max amassou o envelope, tentando obter uma dobra que pudesse agarrar com o indicador e o polegar.

Max ouviu um segundo clique e o esgaravatar de garras. Com uma rosnadela explosiva e selvagem, umas mandíbulas possantes cravaram-se com uma dentada lancinante no seu pulso. Ele sacudiu o braço para a esquerda e para a direita, fazendo o animal patinar, mas apesar de a respiração rouca do animal parecer ofegante, os dentes mantiveram-se implacáveis. Max atirou-se para trás, até a cabeça do cão bater na porta, do lado de dentro. Quando Max perdeu o equilíbrio, a besta retaliou com um imenso puxão que levou Max a cortar o lábio na aba da caixa do correio. Tratava-se de um cão forte, um animal pesado.

Lutando contra a dor, Max vasculhou nos bolsos: um pacote de lenços de papel, um pente de plástico e uma esferográfica, não muita coisa com que pudesse lutar. Pegou na esferográfica, mas não havia espaço na caixa de correio para introduzir o braço esquerdo ao lado do direito. Se ao menos os seus ombros não fossem tão largos!

Os crocodilos têm um método de desalojar a presa de qualquer apoio a que ela se finque na margem do rio. Depois de a agarrarem com as mandíbulas, rolam sobre si mesmos dentro da água. Supostamente, funciona sempre. Max interrogou-se se funcionaria ao contrário, se a presa conseguiria libertar-se do predador. Se assim fosse, ele teria de ser rápido, sem dar tempo ao cão para ajustar a dentada. Agachou-se, trazendo o animal para mais perto da porta de forma a dar a si próprio alguma liberdade de movimentos, depois virou as costas, o que inverteu o seu braço. O cão tossiu e soltou-o por um segundo. Era o suficiente para Max puxar o braço atrás, arrastando entre os dedos o que restava de um envelope cheio de sangue.

Deu um puxão ao envelope e correu pelas escadas abaixo enquanto o cão ladrava e rosnava, atirando-se com força contra a porta. Atrás do portão estava um estivador barbudo, a ver Max correr na direção das acolhedoras luzes de travão do *Jaguar* de Henk.

Dentro do escritório, um homem afastava as lâminas da persiana com dedos cuidadosos para observar a retirada do intruso, murmurando o nome que lhe haviam dito. Max. Sim, devia ser Max Carver. Claro que soubera da sua existência, tinha ouvido falar dele, mas não estava à espera daquela persistência irritante. Talvez fizesse alguma coisa em relação a esse homem. Mas não antes de se ocupar *dela*.

* * *

Max envolveu a mão na camisa, mas ainda assim deixou cair umas pingas de sangue nos estofos de couro claro do *Jaguar*. Tinha

perdido uma unha, o anel de sinete e a maior parte da pele dos nós dos dedos. E o pior de tudo era que os tecidos conjuntivos entre o segundo dedo e o terceiro haviam sido rasgados. Doía-lhe como o diabo.

Henk não disse uma palavra. No momento em que Max entrou, acelerou para fora dali e seguiu disparado pela rua principal, com os pneus a chiar. As mudanças de velocidade rápidas e enfáticas e a postura dura do seu maxilar traduziam o seu estado de espírito.

— Vou levar-te imediatamente a um hospital.

— Está bem. — Max desembrulhou a mão com cuidado e inspecionou a palma. — Meu Deus, o número da matrícula da motorizada desapareceu. Tinha-o escrito na mão.

— O cão comeu-o, é o que estás a dizer?

— Sim.

— Também já tomava o pequeno-almoço. Isto é demasiado assustador para um estômago vazio. — Olhou para a mão mutilada de Max. — E agora, queres fazer o favor de deixar à polícia a tarefa de encontrar a Erica?

— Como posso fazer isso? Para eles sou o único suspeito. Henk, se eu disponho de alguma vantagem nisto tudo em relação a qualquer outra pessoa, é que eu *sei* que não tenho nada a ver com o desaparecimento da Erica.

— Mas contaste-lhes sobre a Lisbeth e o número de telefone?

— Não. Prometi-lhe solenemente mantê-la fora do assunto. Ela ajudou-me dando-me aquele número de telefone, portanto, é o mínimo que posso fazer. Tal como as coisas estão, não creio que volte a falar comigo.

— Devias tentar pedir-lhe desculpa.

— E tentarei, se conseguir localizá-la. Mas a lista telefónica está repleta de Laans. Aqui é como Smith ou algo do género.

Henk meteu para o parque de estacionamento de um hospital, depois apontou para uma porta de vaivém.

— A unidade de traumatizados é ali dentro. Irei ter contigo assim que limpar o *teu* sangue do *meu* carro.

Duas horas mais tarde, estavam a acabar de tomar o pequeno-almoço num movimentado café à beira da estrada. O braço direito de Max encontrava-se suspenso num suporte, a mão havia sido cosida e ligada, adquirindo o aspeto de uma luva de boxe. Ele passou o envelope manchado de sangue a Henk, para que este o abrisse.

— Depois de todo o trabalho a que te deste para o conseguires, esperemos que não seja apenas a conta da eletricidade — disse Henk, enquanto os seus dedos delicados abriam o invólucro. Lá dentro estava uma única folha de papel escrita em holandês.

— É uma avaliação.

— Para quê?

— Diamantes. É de uma empresa com sede em Antuérpia.

— Quanto?

— Não é dado nenhum valor. Mas menciona-se um peso bruto de mil e duzentos quilates e é mencionada «uma percentagem elevada de gemas de qualidade, com boa cor e pureza». Max, isto soa-me a muito dinheiro. E olha para este parágrafo: «Com referência à questão da documentação, pensamos que seria possível encontrar uma solução. Agradecemos que nos contactem diretamente.»

— Diamantes roubados?

— Ou, no mínimo, contrabandeados — disse Henk. — Podias mostrá-lo à polícia.

— Claro, e a primeira coisa que haveriam de querer saber era como arranjei isto. Mais as interessantes manchas de sangue. Não, Henk, não podemos ir ter com eles até dispormos de algo conclusivo e que prove onde está a Erica.

— Então e agora?

— Vigiamos aquele escritório até aparecer alguém ali.

Henk resmungou.

— Isso pode levar dias. E o que conseguirás quando encontrares alguém? Vais deitá-los ao chão à cacetada com o teu punho magoado?

— Ei, Henk... — Max sorriu. — Porque é que tenho a sensação de que não estás empenhado nisto?

— Porque sou um negociante de arte, não um investigador privado. Tinha planeado passar esta tarde com o homem que me faz as molduras, a discutir os méritos de um pequeno e meigo pintor de aquarelas de Nijmegen. Depois queria ir para casa e mergulhar num longo banho quente sob montanhas de espuma fofa.

— Então deixa-me aqui. Eu apanho o comboio.

— Max, tu não tens dinheiro nenhum.

— Muito bem. Então pedirei boleia. Para isso só preciso de um polegar. — Ele levantou a mão esquerda.

Henk apoiou-se no volante e olhou fixamente para Max.

— Realmente, fico parvo contigo. A sério. És tão teimoso!

Eram 10h30 quando regressaram ao seu posto de vigia. Max tinha sugerido que aquele não era propriamente o tipo de carro anónimo ideal para vigilância, por isso estacionaram numa rua residencial degradada a algumas centenas de metros e depois fizeram o resto do percurso a pé. A sossegada rua lateral depois do escritório da Anvil estava agora cheia de enormes camiões de transporte de contentores, que faziam fila para sair do cais e meter-se na estrada principal. Max e Henk caminharam pela direita até conseguirem ver o escritório do lado esquerdo, através dos intervalos entre os camiões que se arrastavam na fila. A motorizada já não se encontrava lá. No seu lugar estava estacionado um *Toyota* branco, mas não se via ninguém lá dentro. Ao cimo da escada, de frente para a porta do escritório, encontrava-se um homem de fato. Max pegou numa objetiva de longo alcance *Nikon* e tirou-lhe a fotografia, depois escondeu-se numa entrada quando o homem se virou para descer as escadas. Por um frustrante meio minuto, um enorme camião interpôs-se, tapando-lhe a vista.

Quando o camião avançou, Max viu de relance o homem meter-se no carro. Trazia um laço no pescoço. Max conhecia-o. Até tinha falado com ele, embora o nome levasse algum tempo a vir-lhe à lembrança. O mais alto dos três académicos que estavam no

restaurante, um amigo do professor Jürgen Friederikson e do baixote e corado Van Diemen. E conhecia Erica.
Era Henry Waterson.

[2](#) «*Anvil*» no original, o nome que Lisbeth Ihe tinha fornecido. (NT)

Ao vasculhar o quarto de hotel de Jack Erskine, Penny Ryan não se sentia ela própria, com a sua habitual eficiência. Estava a tentar reunir roupa lavada para lhe levar para o hospital e a procurar quaisquer papéis de que Don Quiggan e os investidores pudessem necessitar.

Mas, naquele momento, apenas conseguia pensar que Jack estaria a levar uma transfusão de sangue, que visava substituir as células moribundas por sangue limpo transportador de oxigénio. Saskia explicara-lhes que essa medida apenas lhes permitiria ganhar algum tempo no combate à doença. Os parasitas iriam tomar conta das novas células introduzidas pela transfusão, transformando-as em fábricas para as suas crias até surgir uma de duas eventualidades. Ou se encontrava uma forma de as matar, ou elas matavam Jack.

Penny imaginou diabinhos com cornos e tridentes acorados em bolhas cor de carmim, a multiplicar-se sem cessar. Deu consigo a chorar, e limpou os olhos com um lenço.

Para se recompor, virou o conteúdo da pasta de Erskine em cima da cama. Ela já lhe tinha organizado a maior parte dos papéis, mas ainda havia uma série de pequenas coisas: recibos, invólucros de pastilha elástica, esferográficas, discos de computador e um postal.

Ela pegou no postal. A parte da frente tinha uma fotografia de um mercado africano. Virou-o e leu a escrita rabiscada.

Caro Jack,

Espero sinceramente que esteja bem. Tenho estado a pensar nas sugestões que me fez no ano passado. Creio que posso ter o que procura. Enviei-lhe uma amostra para poder testar. Faça-me saber se corresponde àquilo que pretendia! Com os melhores cumprimentos.

A assinatura era ilegível. O cartão fora enviado por correio de Kinshasa poucas semanas antes, endereçado à sede da Pharmstar em Atlanta, com dois selos grandes e coloridos. Penny pensou no

filho Carl, de oito anos, e na sua coleção de selos. Levou o postal para a *kitchenette*, pôs a chaleira ao lume e, depois de a água ferver, manteve o canto selado do cartão sobre o jato de vapor até amolecer a cola.

Quando os selos deslizaram do sítio, ficou atónita por descobrir um minúsculo pacote de celofane debaixo deles. Selado lá dentro, com alguns grãos de sílica, estava o corpo de um inseto. Um pouco esborrachado, mas ainda reconhecível. Era um mosquito.

* * *

Acordámos uma hora mais tarde ao som do motor do Land Rover a acelerar, e o medo começou imediatamente a palpar no meu peito. Na barraca, naquele calor impregnado de suor, ouviram-se gemidos. Desenredei os meus braços do corpo do Tomas, que continuava na sua posição ajoelhada, e sentei-me. Um simples olhar para a cara dele mostrou-me que não tinha dormido nada. Eu sabia que o Tomas era agnóstico, mas as circunstâncias tinham-no forçado a adquirir uma posição de oração. Nunca haveria melhor altura para rezar.

O seu rosto exibia uma aceitação que achei aterradora. Quando afastou as mãos, no entanto, não foi para revelar um rosário, mas sim uma caixinha preta de plástico com um rolo fotográfico.

— Erica, por favor, fica com isto. Tirei as fotografias na manhã em que eles chegaram. Apanhei os corpos, as mortes, tudo.

— Mas eu pensava que te tinham partido a máquina fotográfica.

— E partiram, mas eu já estava no segundo rolo. Este é o primeiro. — Apertou o rolo na minha mão. — Mantém-no seco e tão fresco quanto possível. Entrega-o ao meu chefe em Nairobi. O endereço está aí dentro num cartão de visita.

Apertei os lábios ao olhar para o seu rosto. Aproximava-se alguém com passos pesados.

— Amo-te, Tomas. — Peguei na caixinha. — E vamos garantir que o mundo saiba o que eles fizeram em Zizunga. — Meti a caixa no bolso mesmo antes de a porta se abrir.

Ali estava o guerrilheiro desdentado da noite anterior. Tinha uma boina na cabeça e vestia uma camisa militar de manga curta. Com uma sacudidela da mão fez-nos sinal a todos.

— Vocês vêm.

— Onde vamos? — perguntou o Georg.

— Sem perguntas — disse o guerrilheiro.

— E os feridos? — perguntou a irmã Margaret. — Eles não podem andar.

Ele ignorou-a e saiu. Três adolescentes sujos e com espingardas entraram aos gritos, entre deles o Dakka, nome que o Tomas tinha dado ao jovem guarda que ruidosamente predissera a nossa execução.³

O Georg e a Amy ajudaram o Jarman a levantar-se enquanto eu me acocorava junto do Tomas. A irmã Margaret tentava ajudar o Salvation a apoiar-se na sua única perna em bom estado, mas ele não queria levantar-se. Só quando ouvimos os gritos é que percebemos que eles lhe tinham esmagado a rótula que lhe restava.

Ergui o Tomas o melhor que podia, mas ele abanava a cabeça.

— Não. Não. Não consegues.

O Dakka esboçou um sorriso de escárnio perante o meu esforço e aproximou-se. Pensei que fosse pegar no outro braço do Tomas; em vez disso, afastou-me com um empurrão. O Tomas caiu ao chão, lançando gritos agudos de dor.

— Vê. — O guerrilheiro apontou para a figura contorcida do Tomas. — Este rapaz estragado, Lady.

— Seu cabrão! — gritei ao Dakka e atirei-me a ele. Esgadanhei-lhe a face com as unhas e, num pontapé de sorte, derrubei-o. Os outros dois rapazes caíram sobre mim num instante e fui arrastada lá para fora pelas pernas, enquanto todos os outros gritavam e berravam.

O Dakka reapareceu, correndo ao meu lado enquanto me arrastavam penosamente pela clareira. Ele sangrava dos arranhões que eu lhe fizera na cara, e os outros dois guardas fizeram troça. O Dakka tinha uma catana na mão e o ódio gravado nos maxilares

cerrados. Moveu os braços como se fosse um moinho, cortando o ar, praticando aquilo que me iria fazer.

Levaram-me para debaixo de umas figueiras, a falar e a rir o tempo todo. Eu ainda explodia de fúria, mas, sob essa fúria, o medo espalhou-se como gelo quando me dei conta de que estava totalmente sozinha. Eles pararam, mantendo-me os braços bem abertos enquanto o Dakka permanecia à minha frente em silêncio, com uma respiração forte e pesada, a catana pousada perto dos meus pés, que estrebuchavam.

Durante alguns momentos parei de gritar e de dar pontapés, ficando apenas à escuta. Não compreendia uma única palavra, mas o tom áspero dos rapazes que me seguravam nos braços tornou-se subitamente claro para mim. Estavam a espicaçar o Dakka, e não apenas pelo facto de ter sido arranhado por uma mulher. Isto era algo que tinha importância para ele, uma certa inferioridade, que se sobrepunha ao poder absoluto nas suas mãos. Eu podia imaginá-los num outro mundo, de sacola e uniforme escolar, miúdos de escola de treze ou catorze anos mergulhados em ansiedades no recreio, e essa visão deu-me esperança.

O Dakka observava enquanto os outros dois me rasgavam a camisa. Um estranho ar distante assomou-lhe à face quando olhou para o meu peito. Mais uma fria curiosidade do que o calor do desejo. Foi quando ele limpou cuidadosamente o sangue da cara com a manga que eu tive a certeza de que ainda era virgem. A sua primeira vez, ali em frente dos outros mais experientes, seria para dominar uma mulher ocidental com o dobro da sua idade, que se debatia. Estava quase tão assustado como eu.

O Dakka ergueu os olhos de relance para a minha cara e levantou a catana, a rosar de fúria. Lançou-a com violência para o chão, e esta ficou apenas a alguns centímetros do meu joelho. A lâmina tremeu, entre os nossos respetivos medos, enquanto ele desapertava lentamente o cinto.

(Diário de Erica, 1992)

* * *

Marijke Wildenberg, a assistente de bordo da KLM, morreu trinta e seis horas depois de ter sido internada no hospital, sem nunca recuperar a consciência. A confirmação da sua identidade, e o facto de tanto ela como Jack Erskine terem estado no mesmo voo, trouxe ao professor Van Diemen uma nova vaga de visitas dos delegados participantes no Fórum de Parasitologia e um dilúvio de interesse por parte dos meios de comunicação social. A febre Van Diemen, era assim que os jornais começavam a denominá-la, para grande irritação do professor. Os médicos de todo o país contribuíam para a pressão. Perante qualquer paciente com uma febre alta e sem explicação, enviavam amostras de sangue para o Randstad Medical Centre sem pensar duas vezes.

Quanto mais tempo Van Diemen era mantido fora do laboratório, mais trabalho recaía sobre Saskia. Sendo a única pessoa, para além do professor, que poderia reconhecer o *Plasmodium cinco*, foi destacada para o laboratório de microbiologia a tempo inteiro para dar vazão à carga de trabalho adicional. Quando Saskia levantou a questão dos seus estudos, Van Diemen prometeu-lhe que ela não sairia prejudicada. Disse-lhe que acertaria todas as contas com o júri de exame. Além disso, esta era uma oportunidade única na vida: estar na linha da frente da medicina, criar a sua própria reputação antes de completar vinte e cinco anos.

Levou apenas alguns dias a ganhar consciência da realidade. Nove horas por dia a espreitar por um microscópio, e mais três a tomar notas. Tinha identificado três outros casos de *Plasmodium cinco*, três em quatrocentas amostras que haviam sido submetidas a testes. Nesse momento eram nove da noite, altura de ir para casa. Saskia estava exausta, o seu bebé deveria nascer dali a menos de dois meses, e sentia a vista turva devido ao tempo excessivo que passava a olhar para as lâminas do microscópio.

Estava a arrumar as coisas e a lavar bem as mãos quando se lembrou de uma promessa que fizera naquela manhã. Ela ia toda

apressada pelo corredor a caminho da unidade de cuidados intensivos, quando uma mulher saltara de uma cadeira em que se encontrava sentada e lhe empurrou para a mão um saco de plástico claro. Inicialmente, Saskia não a reconhecera. Era Penny Ryan. O seu rosto mostrava-se tenso, algumas madeixas de cabelo haviam escapado do rabo-de-cavalo torcido e apanhado para cima, ficando suspensas e a balançar junto das orelhas e as olheiras eram por demais evidentes.

— Saskia — disse ela roucamente, com uma voz de fumadora, baixa e líquida. — Encontrei isto no saco do Jack. Enviaram-lhe um mosquito. Por que razão alguém faria uma coisa dessas?

Saskia não respondeu, demasiado chocada pela deterioração na compostura de Penny para olhar sequer para o saco de plástico que lhe fora entregue.

— O Jack está a morrer, não está? Vocês não nos dizem nada, mas ele está a morrer por causa de alguma coisa que apanhou no avião. Mas não se tratou de um acidente, pois não? Eles querem apanhá-lo. Prometa-me que fará alguma coisa; tem de ajudar a descobrir o que isto é.

Saskia murmurara uma resposta tranquilizadora, palavras de ocasião e vazias de conteúdo utilizadas para lidar com o desespero e a dor. Quando viu a desilusão nos olhos de Penny Ryan, Saskia abandonou as banalidades e prometeu-lhe fazer tudo o que estivesse ao seu alcance. Depois transpusera disparada as portas duplas de acesso à segurança dos cuidados intensivos, com a culpa a pesar-lhe nos ombros.

Eles querem apanhá-lo. Mas quem eram «eles»?

Depois de secar as mãos, Saskia voltou a vestir a sua bata de laboratório e pegou no cartão postal. Com uma pinça retirou o pacote de celofane e depositou-o em cima de uma caixa de observação iluminada, depois tirou de uma gaveta a maior lente de aumento de que dispunha.

Ela não era entomologista, sendo esta, inclusive, a primeira vez que via um mosquito assim de perto. Tratava-se de um monstro

corcunda, com um emaranhado de membros tão repugnante como os de uma aranha. A cabeça como um capacete voador, dominada por uns olhos protuberantes, era provida de uma agulheta comprida e peluda para furar a carne e sugar o sangue. O comprido abdómen era gordo e revestido de escamas. Um pus amarelo emergia dos pontos em que o seu corpo fora esmagado, cobrindo a profusão de pelos que nasciam das articulações na sua armadura.

Este era o género de trabalho de detetive que Friederikson adoraria fazer. A ela trazia-lhe apenas uma leve náusea, mas Saskia prosseguiu sozinha, porque lhe tinham pedido para ajudar. A teoria da conspiração de Penny Ryan não teria arrancado a Friederikson senão umas gargalhadas de gozo, e Saskia não queria envolvê-lo. Pelo menos por enquanto.

Os livros de referência que identificavam os mosquitos dispunham de uma prateleira própria no laboratório. Era uma dúzia de grossos volumes, com as capas amarelecidas e repetidamente coladas nos sítios em que se iam rasgando. Um rápido folhear mostrou-lhe a tarefa hercúlea que tinha assumido. Estavam listadas mais de 2500 espécies de mosquitos e, com técnicas melhoradas de análise de ADN, essas espécies subdividiam-se agora de forma mais apurada. Havia centenas de desenhos em grande plano, de asas e probóscides, antenas e patas, e cada volume estava cheio de páginas com errata e adendas, artigos de jornais e fotocópias, uma vez que os utilizadores tinham tentado mantê-los atualizados.

Para piorar a situação, havia milhares de outros pequenos insetos voadores que poderiam ser confundidos com verdadeiros mosquitos. A criatura dentro da película de celofane poderia ser qualquer um das dezenas de milhares de repulsivos e estrábicos sugadores de sangue.

Quando a porta se abriu atrás de si, Saskia deu um salto.

— Adquiriu um interesse notívago por mosquitos, Saskia? — perguntou o professor Friederikson.

— Estou apenas a tentar identificar um deles em particular — respondeu ela.

Por cima dos óculos, Friederikson espreitou para o pacote de celofane.

— Onde arranjou isso?

Saskia entregou o cartão postal ao professor e explicou-lhe onde o inseto fora encontrado. Não fez qualquer menção à interpretação de Penny Ryan. Friederikson sentou-se e franziu os olhos para espreitar através da lupa.

— E estava a planear manter este desenvolvimento só para si?

— Não propriamente. Achei apenas que o senhor e o professor Van Diemen estavam tão ocupados que...

— Gostaria de saber acerca do mosquito?

— Com certeza.

— É uma fêmea adulta. Antes de morrer, há vários dias que não tinha uma refeição de sangue. O corpo parece estar seco e em bom estado, por isso devemos conseguir descobrir uma série de coisas.

— A que espécie pertence?

Friederikson levantou os olhos para ela.

— Efetivamente, não sei. Começaria com Gillies e Coetzee, para ver se é africano. — Deu umas palmadinhas no volume mais grosso que se encontrava em cima da secretária. — Este aqui vai ajudar-nos a restringir a busca. Algumas coisas são fáceis: por exemplo, pode ver que as suas asas têm escamas coloridas, o que faz com que pareçam pintalgadas. Isso significa que pertence ao género *Anopheles*, e não ao género *Aedes* ou *Culex*.

— Então pode ser portador de malária?

— Somente sessenta das duzentas e oitenta espécies de *Anopheles* podem ser portadoras da malária. Estou familiarizado com a maior parte dessas sessenta espécies. Esta não é uma delas. Tão-pouco é um mosquito nativo da Holanda.

— Portanto, não acha que poderia ser o portador do *Plasmodium cinco*?

Friederikson encolheu os ombros.

— Depende. O *cinco* é novo para a ciência, pelo que, muito possivelmente, o mosquito que o transmite também é desconhecido.

Existem duas possibilidades. Primeira hipótese: o *cinco* incubou o parasita nos humanos já há algum tempo, mas tem sido ignorado. Talvez as limitações do *habitat* do mosquito hospedeiro o tenham mantido restrito a uma área muito pequena. Segunda hipótese: podemos ter simplesmente tropeçado numa zoonose.

— O que é isso?

— Um cruzamento das fronteiras das espécies. Talvez o *cinco* tenha inicialmente infetado outros animais, e essa infecção passasse recentemente para o homem, tal como aconteceu com o VIH. As aves, os roedores, os macacos e os lagartos sofriam todos de malária antes de o homem ter sequer aparecido à face da Terra, e continuam a sofrer. Não tem sido uma área estudada de forma intensiva, mas deveria sê-lo se alguma vez quisermos antecipar futuras doenças do ser humano. Afinal de contas, os quatro tipos de malária que afligem os humanos cruzaram as fronteiras entre espécies numa altura qualquer ao longo dos últimos dois milhões de anos, e este poderá ser o quinto tipo.

— Há alguma forma de descobrir se este mosquito está infetado com o *cinco*?

— Não sem lhe triturar o corpo para testes químicos. E como é o único exemplar que possuímos desta espécie, eu teria muita relutância em fazer isso. — O professor Friederikson pegou no pacote de celofane e no cartão postal e enfiou-os num envelope. — Espero que não se importe se eu levar isto para estudar no meu laboratório.

— De maneira nenhuma.

— Dar-lhe-ei conhecimento se descobrir do que se trata. Claro que a solução elegante seria obter mais alguns mosquitos destes, vivos. Com um pouco de ciência prática, poderíamos então descobrir realmente se eles são portadores do *Plasmodium cinco*. Por exemplo... — Friederikson abriu a sua pasta e entregou a Saskia um recipiente de plástico tapado com gaze. Lá dentro estavam várias dezenas de mosquitos, com o corpo corcunda inchado de sangue, pousados na parte inferior da gaze.

— Criaturas repugnantes — exclamou Saskia, devolvendo-lhe o recipiente.

— Repugnantes, talvez; formidáveis, sem dúvida. Devia mostrar algum respeito por algo que é capaz de matar mais de um milhão de pessoas por ano — disse Friederikson. — O *Anopheles gambiae* é o Gengis Khan do mundo da malária. Adaptável, duro, fecundo e crescentemente resistente aos inseticidas.

— Continuo a achar que são repelentes.

— Mas eles iriam *adorá-la*. Voltariam a picar, ainda que eu tenha acabado de os levar a jantar fora, como um presente especial.

Saskia abafou o riso quando viu o olhar intenso de Friederikson.

— O que é que fez? — perguntou ela.

— Levei-os a dar um passeio até aos cuidados intensivos, para visitarem o senhor Erskine. Quando descobrem alimento, são muito eficientes. Demorou apenas dois minutos ao encostar a extremidade da gaze ao corpo do nosso patrão favorito da indústria farmacêutica.

Saskia ficou sem palavras.

— Não ponha esse ar preocupado. Os mosquitos não têm doença, fui eu próprio que os criei. Possivelmente, não lhe poderão passar nada — disse Friederikson.

— Professor Friederikson, sabe muito bem que não pode simplesmente aparecer por aí e interferir com os doentes do professor Van Diemen. Se ele soubesse disto, ficaria furibundo.

— Claro que ficaria, mas confio em que alguém como você, com uma mente aberta, não lhe vá dizer. O problema do Van Diemen é que está tão atolado na papelada que não lhe resta espaço na cabeça para a imaginação. Ele pensa que aquilo com que estamos a lidar é apenas uma pequena importação desagradável, algum monstro africano da malária que matará meia dúzia de pessoas e desaparecerá tão depressa como chegou.

— Isso já é mau que chegue, sem dúvida nenhuma.

— Pensando nos indivíduos afetados, é trágico, com certeza, mas irrelevante em termos de malária. Mesmo que todos os viajantes do voo 648 da KLM fossem mortos pelo *Plasmodium*

cinco, isso equivaleria apenas a três horas da taxa de mortalidade anual, em África, devido à malária.

Friederikson ergueu o recipiente.

— O que importa é aquilo que acontece aos mosquitos. A razão pela qual alimentei estes mosquitos com o sangue do Erskine foi para ver se *ele* poderá infetar os *insetos* com o *Plasmodium cinco*. Se houver uma ampla variedade de mosquitos com capacidade de transmitir este parasita, então podemos esquecer a tuberculose e o VIH. Aquilo que estaríamos a enfrentar seria a mais séria ameaça para a saúde global desde a Peste Negra.

* * *

O Dakka afastou-me as pernas e saltou para cima de mim. Só deixei de me debater quando um dos outros me apontou ao pescoço uma catana salpicada de sangue. Como uma guilhotina misericordiosa, cortou a minha mente daquilo que iria acontecer ao meu corpo.

O ronco de um motor a acelerar penetrou na minha consciência. O Dakka levantou-se como uma mola no preciso momento em que o Land Rover irrompeu pelos arbustos. Os outros dois rapazes largaram-me os braços e afastaram-se com um salto, pelo que aproveitei para me tapar. No banco do condutor, inclinado para fora e a gritar furiosamente, estava o soldado que conhecíamos como Desdentado. Parou o veículo e saltou fora, juntamente com três ou quatro guerrilheiros. Calculei que tivessem uma patente superior pela sua idade, e pelo facto de calçarem botas militares em vez de sandálias de plástico.

O medo do Dakka depressa se justificou. O Desdentado atacou-o, deixando-o estendido no chão com um único soco; depois gritou com o vulto curvado e soluçante caído no solo. Os outros dois rapazes estavam em sentido. O Desdentado veio até junto de mim e levantou-me gentilmente pelo cotovelo. Sacudiu-me a roupa e olhou para mim com preocupação.

— Mando alguém coser botão. — Apontou para a minha camisa rasgada.

Assenti com a cabeça, a tremer.

— Este soldado — apontou para o Dakka, que se levantava do chão — não respeita senhoras. Por isso, ensinamos.

Atrás dele, um dos soldados mais velhos voltou a atirar o Dakka para o solo com um pontapé, pisando-o quando aquele gemia já deitado no chão.

— Brigadeiro Crocodilo quer ver-te. Ele respeita senhoras.

Escoltaram-me de regresso à clareira da aldeia. Ali, de pé, encontravam-se a Margaret, o Georg e a Amy. O Jarman estava sentado no chão de pernas cruzadas, com as mãos sobre os olhos. Todos olhavam para mim com medo de perguntar.

— Está tudo bem — disse eu, tentando sorrir. — Não aconteceu nada. Fui salva no último segundo. — Apontei com a cabeça na direção do Desdentado, que estava a organizar o carregamento do Land Rover. — Onde está o Tomas?

— Ainda está na barraca.

O Desdentado veio ter connosco.

— Nós partimos. A maior parte de vocês vai pelo meio das árvores ver o Brigadeiro Crocodilo. Uma pessoa no carro para Kisan-gani, depois soltamos. Leva mensagem do KPLA.

Olhámos todos uns para os outros.

— Devia ir o Tomas — disse eu. O Georg e a Margaret concordaram com a cabeça. Olhei para o Desdentado. — Leve o Tomas. O homem que está na cabana.

Ele mirou-me como se eu fosse maluca.

— Por favor — pedi. — Ele não pode andar.

— Ele não é bom para mensagem. Precisa andar. Mando homem barbudo. — O Desdentado apontou para o Georg.

— Mande a Amy, eu fico — disse o Georg.

A Amy começou a protestar, liderando um coro de voluntários para ficar, até que o Desdentado nos deu um grito para nos calarmos.

— *Acabou! Homem de barba vai.*

Seguindo as ordens do Desdentado, dois guerrilheiros escoltaram o Georg até ao Land Rover. Cerca de uma dúzia de homens empilharam-se lá dentro ou penduraram-se nos lados do jipe. Arrancaram rumo a sul pelo caminho de terra. A última coisa que vimos foi o balançar dos soldados pendurados do lado de fora, enquanto o veículo serpenteava abrindo caminho por entre os grandes buracos. Foi só nessa altura, um minuto tarde demais, que me dei conta de que deveria ter-lhe passado sub-repticiamente para a mão o rolo fotográfico do Tomas.

Agora éramos quatro: a Amy, a irmã Margaret, o Jarman e eu. Na barraca estavam o Tomas e o Salvation, nenhum deles em condições de andar. Havia quatro guardas, que nos escoltariam na nossa marcha para irmos ao encontro do Brigadeiro Crocodilo: dois soldados com o cabelo encarapinhado, que nós pensámos que fossem gémeos; um jovem risonho com óculos de sol espelhados, uma faixa na cabeça e um brinco em forma de crucifixo, e o Dakka, agora soturno e com muitas pisaduras. O chefe era o soldado dos óculos de sol, que se apresentou como Rambo-Rambo. Estava muito orgulhoso da sua arma AK-47 automática, que gostava de levantar no ar movendo-a para um lado e para o outro. Chamou o Dakka e disse-lhe qualquer coisa rapidamente. Apontou para a cabana onde estavam o Tomas e o Salvation. O Dakka tirou a espingarda do ombro e correu naquela direção. Por um momento, o meu coração deixou de bater.

Rambo-Rambo e os Gémeos empurraram-nos na direção contrária, apontando-nos as armas. Comecei a soluçar. Amy chorava baixinho. A irmã Margaret pôs-me o braço por cima e apertou-me com força. Ouviu-se um tiro ecoar pela clareira. As aves e os macacos ficaram silenciosos, à espera, como nós, do segundo tiro. Quando este chegou, tive a certeza de que o meu Tomas estava morto.

(Diário de Erica, 1992)

} Nome retirado da expressão onomatopaica que o jovem tinha utilizado anteriormente para imitar o som da metralhadora em inglês: *Dakka-Dakka-Dakka-Dakka*. (NT)

O *Jaguar* entrou rapidamente na garagem privativa por baixo da galeria. Henk desligou o motor e suspirou.

— Graças a Deus que tudo terminou; sinto os joelhos sem força, como se fossem gelatina.

— Acontece o mesmo com a minha mão — replicou Max. — Mas, pelo menos, o teu precioso carro não tem um risco.

Ouviram algures um alarme antirroubo. Henk tirou as chaves do bolso e abriu a porta metálica de acesso à escada que conduzia ao seu apartamento e à galeria no andar superior. O alarme tornou-se ensurdecedor. Um homem com o uniforme de uma empresa de segurança aguardava junto da porta da rua, a preencher alguns pormenores numa prancheta.

— Que aconteceu? — gritou Henk.

— Não sei. Também acabei de chegar. — Mostrou o crachá com a identificação e confirmou o nome do Henk na prancheta onde estava a escrever. Depois inseriu uma chave num dispositivo na parede que piscava em tom laranja, e o barulho infernal cessou.

— Que cheiro horrível é este? — Henk torceu o nariz, olhando para o segurança como se ele nunca tomasse banho. No topo do primeiro lanço das escadas de pedra estava uma mancha ensanguentada que tresandava a decomposição. Gotas de sangue subiam pelo lanço de escadas seguinte, passando pelo apartamento até à porta maciça da galeria, em madeira de carvalho. As mãos de Henk tremiam quando meteu a grande chave de estilo medieval na fechadura grosseira de ferro e abriu a porta.

O fedor a peixe podre quase os fez cair. Um puré piscícola fétido, misturado com cascas de camarão e a cabeça de um peixe esquisito, tudo isto espalhado pela galeria. Depois de pisado, entranhara-se nos tapetes, fora pincelado no sofá forrado a seda selvagem e salpicado pelo teto alto. O pior ainda estava para vir. Todas as esculturas de Max, doze anos de trabalho, tinham sido

feitas em cacos, e cada um dos quadros, uma coleção de todos os artistas que Henk promovera ao longo dos anos, estavam cortados e manchados de sangue.

— Tem seguro? — perguntou o segurança.

— Que utilidade tem o seguro para uma coisa destas?! — exclamou Henk, com as lágrimas a assomarem-lhe aos olhos.

— Só há uma forma de lidarmos com a situação — disse Max, virando-se para Henk. — Respiramos fundo e limpamos o melhor que pudermos, já. Tens de canalizar a tua fúria. Está bem?

Os polícias não apareceram senão quando a limpeza já estava em bom andamento, e pouco mais fizeram do que ficar a olhar através do vão da porta. Henk e Max, a trabalhar lado a lado com o pessoal de limpeza contratado, pararam quando viram os dois agentes de ar inexperiente, e saíram para o patamar para prestar declarações. Os polícias, que mais pareciam ter ambos cerca de dezoito anos, franziram o rosto ao sentirem o cheiro nauseabundo, anotaram o mínimo de pormenores e foram-se embora passados cinco minutos.

Max agarrou Henk pelo ombro e conduziu-o para o sol que fazia lá fora, na direção de um bar local.

— Precisas de uma bebida, meu amigo.

Henk sentou-se, a olhar fixamente para a cerveja enquanto Max emborcava a sua.

— Quem poderia fazer semelhante coisa? — indagou Henk.

— Alguém que quer avisar-me para parar com aquilo que estou a fazer. Talvez o Janus, talvez a Anvil. Talvez até mesmo um chui chamado Stokenbrand, que parece odiar-me. Mesmo que não tenha sido um polícia, eles não vão ajudar-nos a descobrir.

— É com certeza alguma maldição que fizeste cair sobre mim — disse Henk, esboçando um meio-sorriso. — Dantes, eu era respeitável.

Quando passou por eles, a empregada deitou-lhes um olhar de pouca estima.

Max disse:

— Henk, ninguém que tresande a tripas de peixe conseguirá alguma vez ser respeitado. — Levantou os olhos e acrescentou: — Acho que devo sair do teu apartamento. Sinto-me muito mal por ter provocado tudo isto.

— Para onde irias? E com que dinheiro? Aquilo que tens não te vai manter por mais do que alguns dias.

— Sobrevivi na Guarda Costeira. Também posso sobreviver aqui, sem problemas. Talvez a inspetora Voos me ponha numa cela. Além disso, não poderia suportar se te acontecesse mais alguma coisa por minha causa.

— Ouve, Max, a menos que mandes aos teus inimigos o endereço para onde vais, poderá acontecer-me na mesma. E se tiveres deixado a minha casa, não vais estar por perto para me proteger. Seremos só eu e o Ricardo, dois maricas efeminados aos guinchos contra os brutais Filisteus. Não, preferia que ficasses. Apenas tomaremos mais precauções.

Estavam a regressar, percorrendo a pé as poucas centenas de metros até à porta da frente da casa de Henk, quando Max estacou.

— Preciso de te fazer uma pergunta de filisteu.

— Com certeza. Que outro género de pergunta poderia eu esperar de ti?

— Está bem. Os objetos de arte estavam de facto no seguro?

Henk deixou escapar um meio-sorriso.

— De modo exagerado, na realidade. Podes partir do princípio de que a tua exposição vendeu tudo. As seguradoras normalmente contentam-se com a aceitação dos preços de venda publicados como avaliação, desde que algumas obras tenham sido vendidas a esses preços. Felizmente para o teu ministro africano, as peças compradas por ele já lhe foram entregues.

— Talvez eu consiga devolver-te o dinheiro da fiança.

— Espero que sim, Max.

— Ei, olha só. — Max acocorou-se, mesmo à porta do edifício da galeria. No empedrado, junto da sarjeta, havia uma mancha de óleo do tamanho de uma colher de chá. Ainda estava bastante húmida.

* * *

Saskia Sivali estava deitada de costas num tapete almofadado, a olhar para o teto do ginásio enquanto escutava música relaxante. À sua volta ouvia as expirações controladas de outras nove futuras mães, elevando e contraindo a zona pélvica, e o eco das instruções da professora do curso de preparação para o parto.

Da ponta do tapete chegou um apito estridente. Suspirando fortemente, Saskia pegou no *pager* e na toalha, e retirou-se para o compartimento onde se mudava de roupa. Então pegou no telemóvel e marcou o número que aparecia no mostrador do *pager*, preparando-se para ouvir o inevitável vociferar do professor Van Diemen, o que iria arrasar a sua disposição calma e relaxada.

— Saskia, tenho más notícias. — O professor parecia invulgarmente ponderado, e a sua voz mal se fazia ouvir sobre o rebuliço daquilo que parecia ser um bar. — Temos alguém com um diagnóstico confirmado de *Plasmodium cinco* e que não estava no avião. Nem sequer esteve no estrangeiro nos últimos dez anos, portanto, só pode tê-lo contraído cá.

— Não terá um mosquito escapado do avião depois de aterrar?

— Hum... Ele vive a cerca de vinte quilómetros do aeroporto de Schiphol, o que é bastante puxado mesmo para um mosquito cheio de energia.

— Acha que os mosquitos holandeses poderão ter sido infetados?

Van Diemen suspirou.

— Não sei, não me atrevo a pensar nisso. O epidemiologista é o Friederikson. Esse *Plasmodium cinco* parece-se com o *Plasmodium falciparum*, e não existe nada na literatura dessa área que sugira que os mosquitos *Anopheles* de climas temperados possam transmitir o *falciparum*. E se não o puderem transmitir, espero que também não o possam fazer em relação ao *cinco*. Claro que é um pressuposto, mas um pressuposto de que eu quero partir. Já há mortos que cheguem, na realidade.

— Falou deste caso ao Friederikson?

— Ainda não. Para ser franco, tenho estado a adiar. Sabe como ele é. Num instante estará na televisão, a distribuir chavões apocalípticos. O homem tem uma mente brilhante, mas nenhum respeito pela precaução científica.

Saskia estava chocada com o facto de Van Diemen desabafar com uma mera estudante de medicina em relação a tão distinto colega. Depois percebeu a razão. O professor estava bêbado.

— Com certeza, Saskia, que ele pode estar certo. Hoje foram comunicados três casos suspeitos no país. Ainda não vi os historiais de viagem, mas é abusar da credulidade pensar que todos eles vinham no mesmo voo da KLM. Mais uma coisa... — Van Diemen bebeu um gole da sua bebida, e a voz tornou-se ainda mais suave.
— Acho que devia ter conhecimento desta notícia: esta noite, tivemos mais uma morte.

— Quem?

— Visser, o jovem patinador de velocidade.

— Meu Deus. — Saskia desequilibrou-se para trás contra os cacifos. — Mas, esta manhã, ele estava completamente consciente e a falar acerca das provas para as Olimpíadas e tudo. Se alguém pudesse combater aquilo... — Ela deixou a reflexão inútil desembocar no silêncio.

— Lamento, Saskia. Tentei de tudo, todo o maldito arsenal contra a malária. Cloroquina por via intravenosa, primaquina, um *cocktail* de tetraciclinas, uma panóplia de sulfonamidas, proguanil, pirimetamina e, por fim, o bom do velho quinino. Nem mesmo a artemisinina faz qualquer efeito.

— É inacreditável — comentou Saskia.

— O que mais perplexidade me causa é isto: como é que uma espécie de parasita da malária, que nós nunca *vimos* sequer anteriormente, quanto mais tratá-la, *já* está imune a todo e qualquer fármaco contra a malária de que a medicina dispõe?

— Talvez tenha uma bioquímica completamente diferente da dos parasitas da malária existentes — sugeriu Saskia.

— Anda como um pato, parece um pato, grasna como um pato. E, no entanto, não é um pato⁴... Muito difícil de acreditar. Digo-lhe, Saskia, é horrível sentir-me tão impotente em relação a isto. E sabe uma coisa? Penso que vai piorar muito. Uma coisa é em África, mas nós aqui no mundo desenvolvido não estamos habituados a ficar parados, impotentes, enquanto morrem homens e mulheres jovens e fortes. Não estamos absolutamente nada habituados.

* * *

Max e Henk estiveram a limpar a galeria até à meia-noite. Havia muito mais para fazer e o local ainda tresandava, mas eles estavam exaustos. Amanhã seria outro dia.

A campainha lá em baixo acordou Max como uma explosão antes das sete da manhã. Era como se alguém tivesse ficado encostado ao botão. Mal-humorado, Max arrastou-se para fora do saco-cama colocado em cima do sofá e carregou no botão do intercomunicador. Nem sequer teve hipótese de falar.

— Polícia. Deixem-nos subir. Queremos falar com o Carver. — Aquela voz trouxe-lhe recordações, ainda mais amargas por serem tão recentes.

— Sargento Stokenbrand! Que prazer inesperado! — Max carregou no botão para abrir a porta e enfiou uma *T-shirt* e umas calças de ganga, preparando-se mentalmente para um dia que prometia ser ainda pior que o anterior. Saiu para o patamar e ficou a observar Stokenbrand e o detetive Van der Moolen subirem as escadas. Van der Moolen estava de fato e gravata e poderia bem ter saído diretamente da montra de um alfaiate, enquanto Stokenbrand parecia ter caído de um estaleiro de construção. Vestia calças de ganga rasgadas e uma camisa manchada de tinta e calçava ténis baratos. O seu blusão de avião era tão velho que a tinta negra desbotara em redor do colarinho e dos punhos, revelando um couro coçado e esbranquiçado.

— Que pretendem? — perguntou Max.

Stokenbrand sorriu mas não disse nada até ter chegado ao pátio e a diferença de altura em relação a Max se reduzir para cerca de dez centímetros.

— Peixe para o jantar? — Stokenbrand torceu o nariz. — Ou é o teu *aftershave*?

Max forçou um sorriso.

— Então, o que é que querem de mim?

— Nada. — Stokenbrand fez um esgar, mais uma careta do que um sorriso. — Hoje viemos dar, e não receber.

— Temos algumas informações para si — disse Van der Moolen. — Podemos entrar?

Henk estava à espera lá dentro, com um quimono de seda verde e chinelos a condizer. Max fez as apresentações.

— Tomam café, meus senhores? — perguntou Henk.

— Forte, quatro colheres de açúcar para mim, e um copo de leite para o meu amigo — replicou Stokenbrand, estendendo-se em cima de um sofá de linho branco como se fosse uma mancha indelével. — Há por aí um pouco de pão e queijo? Tenho estado demasiado ocupado e ainda não tomei o pequeno-almoço.

Henk arqueou uma sobrancelha, desaparecendo depois na cozinha.

— Têm notícias da Erica? — perguntou Max.

— Na noite passada houve um incêndio num apartamento na zona sudeste de Amesterdão. Lá dentro encontrámos o corpo de uma mulher. — Stokenbrand sacou de uma bolsa com tabaco *Drum* e de um pacote de mortalhas *Rizla*, colocando as duas coisas em cima de um joelho.

— Digam lá o que têm a dizer — sentenciou Max, com um frio entorpecimento a invadi-lo lentamente.

Stokenbrand virou os seus olhos azul-claros para Max enquanto espalhava pedaços de tabaco ao longo do papel.

— Estava muito quente naquele incêndio. Uma sorte, na verdade, o prédio inteiro não ter ido pelos ares. O corpo da mulher ficou

quase completamente carbonizado. Tudo o que temos são ossos e alguns pingos de ouro provenientes de joalheria derretida.

— Vá direto ao assunto.

— Estávamos para aqui a interrogar-nos se saberias o endereço do dentista da Erica. Talvez precisemos de consultar os seus registos.

— O que o faz pensar que seja ela? — Max sentiu ódio por aquele polícia, que se divertia a esgaravatar com a sua faca em qualquer ferida que pudesse encontrar.

Stokenbrand enrolou o cigarro com uma mão experiente e levou-o à boca. A sua língua amarelecida moveu-se rapidamente para a esquerda e para a direita ao longo do papel, mas os seus olhos nunca largaram o rosto de Max.

— Já te digo porquê; um momento. — Puxou de um isqueiro enorme e feio, acendeu o cigarro e deu um trago profundo. — Primeiro, quero saber onde estiveste na noite passada.

— Aqui.

Henk entrou com um tabuleiro carregado de café e bolos, pão escuro cortado em fatias e rodela de queijo e de carnes frias.

— Ele esteve aqui. Posso confirmar isso.

Stokenbrand deu uma risada de gozo e uma baforada de fumo azul subiu em caracol na direção do teto alto.

— Dois rapazes bonitos enroladinhos um no outro.

— Não. Eu dormi precisamente aqui na sala de estar, no caso de ser da sua conta.

— É da minha conta o facto de poderes ter saído sem ser visto, enquanto o teu amiguinho querido dormia no quarto.

— Só que não saí. — Max cruzou os braços.

— Não tens nenhum álibi — disse Stokenbrand, apontando o cigarro enrolado para Max. — Por isso, vê lá por onde andas. — O polícia estendeu o braço para debaixo do sofá. — Por falar nisso, estes sapatos são teus?

— Sim.

Stokenbrand espreitou para dentro dos esfolados *mocassins* castanhos e inspecionou as solas, depois mostrou-os a Van der Moolen, que acenou com a cabeça e disse qualquer coisa a Henk em holandês.

— Que se passa? — perguntou Max.

— Querem que eu identifique todos os teus sapatos. Não sei por que razão — explicou Henk.

Max tirou da mala de viagem os seus botins de atacadores, muito bem engraxados.

— Estes, aqueles e um par de ténis velhos são tudo o que tenho.

— Vamos experimentá-los na Cinderela, todos eles. — Stokenbrand riu-se, enquanto examinava cada um dos pares, verificando as solas e escrevendo qualquer coisa no seu bloco de notas.

Max calçou-os.

— Muito bem, já sabem o número que calço, grande coisa. Agora digam-me o que sabem sobre a Erica. Não estou com disposição para brincar às sapatarias.

Stokenbrand pegou nos botins e nos *mocassins* e colocou-os com cuidado, e separadamente, dentro de sacos de plástico. Depois de ter atado bem a parte de cima dos sacos tirou do bolso um pequeno saco de provas, também em plástico. Olhou para o seu conteúdo, depois ergueu-o no ar na direção de Max.

— Encontrámos isto no apartamento que ardeu. O que achas?

Dentro do saco de provas encontrava-se um cartão Visa deformado e enegrecido. Estava em nome de Erica, mas já não era possível ler a assinatura. Max virou e revirou o saco com os dedos trémulos, lendo e voltando a ler o nome impresso no cartão, como se por algum acaso pudesse ter-se enganado da primeira vez.

— Lamento muito, Max. — Stokenbrand estendeu um braço tatuado como se fosse dar umas palmadinhas reconfortantes no braço de Max. Em vez disso, o polícia agarrou numa fatia de queijo, dobrou-a e meteu-a na boca.

‡ Tradução literal por inexistência de correspondente em português. Expressão que, em inglês, significa que, provavelmente, uma coisa é exatamente o que parece e que devemos confiar no nosso julgamento a esse respeito. (NT)

Mentira e verdade por vezes andam de mão dada, tal como nascimento e morte, dor e prazer. Na sua mente, Max virava-se ora para uma, ora para outra, incapaz de aceitar o que Stokenbrand lhe dissera. Depois de os polícias saírem, Max fez uma longa caminhada, tentando ainda não se deixar afundar no sofrimento e evitar as condolências que Henk lhe oferecera. Stokenbrand tinha mencionado joalharia fundida. Max sabia que Erica usava prata, mas nunca a tinha visto com ouro. Stokenbrand referira, sem nenhuma dúvida, que era ouro. Uma pequena esperança a que se agarrar, mas, mesmo assim, adiava apenas uma horrível verdade.

Pediu a Henk que lhe emprestasse o dicionário, comprou alguns jornais holandeses e sentou-se num café a folheá-los, à procura da notícia sobre o incêndio. Num deles havia uma breve história e uma fotografia que mostrava um prédio de apartamentos enegrecido. Max bebeu o café e esvaziou um cálice de *vieux*. Estava na hora de ir verificar por si próprio.

Do outro lado da rua havia uma praça de táxis. Max mostrou o artigo a um motorista. Ele assentiu com a cabeça, ligou o taxímetro e com um gesto indicou-lhe o banco traseiro. Saíram do centro de Amesterdão, ziguezagueando por entre o zumbido dos elétricos multicoloridos e ao longo da margem do rio Amstel, passando por enxames de ciclistas curvados a pedalar em direção à cidade. O motorista era um homem de poucas palavras e nenhuma pergunta. O que convinha a Max. Em breve, as ruas apinhadas de gente e as lojas de luxo do Old South deram lugar a uma paisagem mais aberta, dominada por torres cinzentas e autoestradas onde cada centímetro que um adolescente pudesse alcançar com uma lata de *spray* era revestido de *graffiti* repetitivos em preto, branco e prateado. O *Mercedes* cinzento metalizado foi seguindo o seu caminho através de ruas secundárias, onde miúdos de todos os matizes étnicos jogavam futebol de rua ou sentavam-se em muros

baixos de tijolo a chutar neles com os seus ténis de marca e a comparar telemóveis. O motorista parou junto de um caminho inclinado. Apontou para cima na direção de um bloco de apartamentos entre árvores novas de folha larga. Uma chamuscadela negra desfigurava o exterior do edifício desde uma janela do rés do chão até ao terceiro andar. A janela era apenas um caixilho incinerado e havia sido selada com película transparente. Um polícia fardado, esguio, aparentando ter cerca de vinte e poucos anos, mantinha um pequeno grupo de curiosos atrás de uma barreira de fitas. Max dirigiu-se-lhe e mentiu acerca de um encontro marcado com a inspetora Voos. O agente tinha um bigode loiro e fino, e uns olhos cinzentos e nervosos. Olhou para Max de cima a baixo, disse-lhe para esperar ali e encaminhou-se para o edifício. Assim que ele desapareceu lá dentro, Max passou por baixo da fita e seguiu-o.

Ao entrar no prédio, uma parte do átrio estava envolta numa cobertura translúcida de plástico, atrás da qual figuras vestidas com macacões brancos se moviam como se fossem fantasmas. Por trás da escada para os andares superiores ficava a entrada do apartamento. A porta azul de madeira tinha sido arrancada do caixilho estilhaçado e exibia as marcas de repetidas machadadas. Lá dentro acocoravam-se mais figuras de macacão, com bonés azuis de basebol e botas brancas plastificadas, empunhando sacos de plástico, vassouras e pinças.

Voos estava de pé, de costas voltadas para Max, a ouvir uma explicação qualquer de uma figura de meia-idade, que, vestida de macacão e com luvas de plástico, segurava num extintor de cozinha enegrecido. O jovem polícia tentava atrair a atenção da inspetora, mas foi mandado calar. Max não conseguia compreender as palavras, no entanto, o tom e a atitude desolada de quem falava, apontando com o dedo na direção do extintor, transmitiam uma importância sombria.

Max deslizou ao longo da parede do átrio de entrada até conseguir ver diretamente para dentro do apartamento. O fogo

parecia ter-se confinado sobretudo a um compartimento. À volta do caixilho da porta havia um halo de fuligem. Lá dentro era carvão puro, cinzas até à altura do tornozelo, exalando um cheiro desagradável a crematório. Uma antena em forma de V salientava-se de uma bolha de vidro carbonizada, que outrora podia ter sido uma televisão. Os únicos artefactos verdadeiramente reconhecíveis eram as molas de um colchão, entre as quais se encontravam acocorados dois técnicos. Um terceiro elemento tirava fotografias de cima. Max não conseguia ver para onde estavam a olhar, até um deles se afastar para o lado.

Em baixo, no meio de um monte de cinzas, via-se um crânio em preto mate, com o maxilar imobilizado num gesto largo, posando de forma ambígua entre o riso e a agonia para o relampejar implacável da máquina fotográfica. Max sentiu uma onda crescente de náusea, e virou costas.

O polícia jovem deu pela sua presença e gritou. Era o género de fúria inarticulada que assinala a falta de uma autoridade confiante. Voos virou-se e, quando viu Max, a sua face tornou-se tão cinzenta e austera como o edifício em que se encontrava.

— Lá para fora! Não devia estar aqui — disse ela.

— Irei quando souber quem morreu ali dentro.

O jovem agente desembainhou o seu cassetete, brilhante e novo como o brinquedo de Natal de uma criança. Avançou, deleitado com a primeira oportunidade de o utilizar.

— Usa isso, miúdo, e vais ficar com o pulso partido — disse-lhe Max. — Experimenta e verás.

Voos agarrou no braço do agente.

— Reemers, tens de voltar para junto da barreira. Eu trato disto.

Ao sair, Reemers lançou um olhar venenoso a Max.

— Acidente ou fogo posto? — perguntou Max.

Voos não respondeu, conduzindo Max através de uma porta traseira do átrio de entrada, e depois por um curto túnel construído com madeira e filme de polietileno. O túnel dava para uma tenda quadrada, na qual um grupo de polícias estava sentado em cadeiras

de plástico a beber café. Em redor das aberturas laterais da tenda viam-se algumas carrinhas da polícia, uma caravana comprida e um grande escritório móvel. Assim que se afastaram do apartamento, ela começou a descontrair.

— Carver, sei que está perturbado, mas vir aqui foi uma loucura. Se contaminar o local do crime, pode esquecer a liberdade condicional. Ficará preso até terminarmos, quanto a isso não há dúvidas. Os peritos forenses precisam de saber que quaisquer impressões digitais ou cabelos que encontrarmos ali dentro, incluindo os seus, foram deixados na noite passada, e não apenas há um momento.

— Deixe-se disso! Vocês não podem suspeitar de mim. Eu nunca faria uma coisa destas.

— Talvez não fizesse. Mas uma pessoa inocente ficaria a um quilómetro de distância. Somente o perpetrador quereria ver descobertas forenses retiradas do conjunto de provas, que era o que poderia ter acontecido se você tivesse entrado ali.

— O Stokenbrand mostrou-me o cartão de crédito da Erica, que ele diz ter sido encontrado aqui. Não confio nele para me dizer com honestidade, mas confiaria em si. Têm a certeza de que se trata da Erica?

— Não, ainda não. O cartão da Erica era o único elemento de identificação que estava no apartamento. Mesmo sem isso, teríamos procedido a investigações relativamente à Erica. Começamos sempre por procurar uma associação entre os cadáveres e as pessoas desaparecidas.

— Eles encontraram mais alguma coisa? O Stokenbrand fez referência a joalharia derretida.

Voos conduziu-o a uma caravana da polícia.

— Isto é tudo o que podemos mostrar-lhe de momento. — Em cima de uma mesa estavam dois sacos de provas em plástico transparente. Um deles continha um relógio de senhora em prata, e o outro uma carteira de camurça com pompons. — Estes objetos pertencem à Erica?

— A carteira de camurça de certeza que não; quanto ao relógio, teria de ver melhor. — Max estendeu a mão para o saco.

Voos puxou-o rapidamente para si.

— Ainda não. Estamos a aguardar a recolha das impressões digitais.

— E em relação ao material derretido? O Stokenbrand disse que era ouro. A Erica nunca usava ouro.

— Parece ouro, mas derreteu e está colado ao chão, por isso, demorará algum tempo até ser analisado. Tudo o que sabemos é que os pingos de metal estão entre os ossos da mão direita, provavelmente provenientes de anéis.

— Por norma, a Erica não usa anéis — disse Max.

Ao longo da parede viam-se muitos outros artigos dispostos em sacos. Havia um candeeiro de mesa queimado com o abajur derretido, uma série intacta de gravuras impressionistas dentro de molduras, três pares de sapatos de senhora e uma guitarra-baixo elétrica. Um medo novo começou a adensar-se dentro de Max. A última vez que vira uma *Gibson* em vermelho metalizado como aquela tinha sido no Purple Haze, pendurada em volta do pescoço de Lisbeth.

— Este poderia ser o apartamento da Lisbeth de Laan? Parece a guitarra dela.

Voos franziu os lábios, matutando naquela hipótese.

— Não está registada como inquilina, mas quem sabe? O apartamento é propriedade da Câmara Municipal de Amesterdão e o inquilino registado chama-se Gerrit Hoorn. Os vizinhos dizem que ele saiu há vários meses, entrando uma mulher para o seu lugar. Disse-lhes que se chamava Karen, embora possa ter-lhes dado um nome falso.

— Qual era o seu aspeto?

— Ainda não temos depoimentos. Só sabemos que era holandesa. Essa Karen não poderia ser a Erica, porque falava a língua e mudou-se para cá antes de a Erica desaparecer.

— Mas a Karen podia ser a Lisbeth de Laan.

— Talvez. Ou talvez a Karen seja realmente a Karen — disse Voos. — Temos simplesmente de esperar pela identificação.

A inspetora sabia que em Bijlmermeer nada poderia ser tomado por garantido. As propriedades que se estendem para a parte sudeste de Amesterdão marcam o ponto em que a coesão social holandesa finalmente termina num emaranhado de crime e pobreza. Os enormes blocos de apartamentos em forma de asa de gaivota apresentam a maior mistura étnica da cidade; são uma espécie de interface para imigrantes ilegais, fugitivos, gente à procura de asilo e os criminosos que se aproveitam deles.

Em 1992, um avião de carga 747 da EL-Al embateu num prédio de apartamentos em Bijlmermeer, transformando-o numa bola de fogo de querosene, que matou pelo menos quarenta pessoas. Os investigadores passaram um ano a tentar determinar o total de mortos, até que, por fim, avançaram com um número, porque era o que se esperava deles. Mas nunca se terá a certeza se esse número estava correto.

Voos mostrou-lhe mais sacos de provas. Um par de botas de tacão alto e fino em PVC. Umas jardineiras de couro.

— Essas peças pertencem, decididamente, à Lisbeth — disse Max. Em vez de puro alívio por não se tratar de Erica, ele sentia agora o peso da culpa em relação a Lisbeth, e também uma fúria que o queimava. Lisbeth era uma ladra, sem dúvida, mas não merecia isto. Ninguém merecia uma coisa assim. Lisbeth tinha atraído a morte ao oferecer a Max aquilo que ele queria. Um nome. Sem aquele ato de generosidade, Lisbeth estaria viva e feliz, com o seu bonito rosto incólume, a tocar guitarra-baixo na banda Gradgrind Spine ao sábado à noite e levando a cabo, por fora, um ou outro pequeno roubo.

— Senhora inspetora, eu sei quem fez isto — disse Max. Se a Lisbeth estava morta, já não faria mal nenhum falar à polícia sobre Anvil.

Voos interrompeu a tarefa de voltar a pôr os sacos de provas no lugar. Não olhou para Max, mas não havia dúvida de que estava a

ouvi-lo.

— Foi alguém chamado Anvil. A Lisbeth conhecia-o, e tinha um medo terrível dele. Além disso, penso que ele tem a Erica como refém.

Quando levantou o rosto, os olhos cinzentos de Voos estavam intensamente concentrados.

— Conte-me mais.

— Foi o que a Lisbeth me disse. Não sei mais nada. Dá a impressão de ser um escroque da pior espécie, sem nenhum pudor em matar.

— Isso serve pouco como prova. Contudo, vou dizer-lhe uma coisa. Nunca achei realmente que este género de maldade premeditada fosse obra sua — disse Voos.

— Oh, que género de maldade premeditada é o meu tipo?

O sarcasmo pareceu não encontrar eco em Voos.

— Alguém veio cá às quatro da madrugada e explorou o local pela frente e pelas traseiras. As pegadas nos canteiros condizem com aquelas que foram encontradas na entrada. Foi por isso que quisemos ver os seus sapatos. Posso dizer desde já que não correspondem, portanto, o meu palpite estava certo.

— Fico contente com os seus palpites — disse Max.

— cremos que essa pessoa terá encontrado a janela de batente do quarto aberta, metendo o braço por dentro para encontrar uma fresta na persiana. Talvez a vítima tenha acordado aos gritos nessa altura, ou talvez mais tarde, quando o produto incendiário de fabrico artesanal que ele atirou começou a queimá-la. Em qualquer dos casos, ela deve ter sido tomada de tal forma pelo pânico que não conseguiu sair.

Max sentiu uma onda de náusea quando viu mentalmente uma imagem de Lisbeth, uma tocha humana a contorcer-se, apenas porque lhe tinha dado um número de telefone.

— E aquele extintor? Não prova que ela saiu do quarto para começar a combater o fogo?

— Também nós nos deixámos levar por esse equívoco. Até um dos técnicos do Serviço de Bombeiros reparar que o extintor tinha uma válvula modificada. Os resíduos lá dentro deveriam ser espuma. Mas pensamos que eram, de facto, uma mistura de nafta e de um óleo de cozinha viscoso, talvez óleo de palma. Foi utilizado pelo agressor, não pela vítima.

— Napalm de fabrico caseiro num lança-chamas artesanal. — Max estremeceu ao pensar nisso. O napalm comercial é barato e mortífero, a atual arma de eleição do exército para destruir tanques. Largado de um avião, como uma bomba, transforma-se numa geleia adesiva, que arde com um calor tão intenso que até mesmo um quase-falhanço, a queda ligeiramente ao lado e não no alvo, coze a tripulação viva através da blindagem do veículo. Das muitas mortes sinistras do moderno campo de batalha, nenhuma delas é pior que esta. Que alguém escolhesse recrear esse horror no quarto de uma mulher era ainda mais demoníaco.

— O agressor era esperto — disse Voos. — A maioria das armas deixadas no local do crime sobressai a um quilómetro de distância. Mas um extintor de incêndio não parece fora do lugar no caso de fogo. Não se está à espera que um incendiário o tivesse utilizado.

— Estava mais alguém no apartamento quando aquilo aconteceu?

Voos franziu os lábios.

— É possível. Só há um corpo no quarto, e mais nenhum sítio estava significativamente queimado. Encontrámos de facto o fecho aberto de uma janela na sala de estar, embora não consigamos encontrar um segundo conjunto de pegadas.

— E em relação ao Anvil?

— Não conheço esse nome. Iremos investigar. Mas, por favor, de agora em diante deixe a investigação por nossa conta. Mantenha-se afastado de testemunhas, de locais de crime e porte-se como deve ser.

Max encolheu os ombros.

— Se vocês fizerem o vosso trabalho, nada me tornará mais feliz. Uma última dica, e deixarei tudo nas vossas mãos.

Pela maneira como Voos o mirou, ficou claro que ela não queria ouvir.

— Há um indivíduo que tem uma empresa chamada Xenix Molecular, em Roterdão. Ele está metido nisto tudo, e poderia querer aquilo que a Erica tinha descoberto. Chama-se De Wit, com a inicial L., e pode ser ou não o tal Anvil. O meu palpite é que seja.

* * *

Voos ofereceu boleia a Max para regressar à cidade num carro-patrolha. Era uma forma de assegurar que ele fazia o que lhe era dito, mas também não havia mais nada que pudesse fazer até o corpo ter sido identificado. Na altura em que Max deixou a caravana havia uma multidão considerável reunida em volta do edifício. Na sua maioria, eram apenas mirones, mas mesmo à frente, junto da fita, estava um grupo multiétnico de adolescentes, a gritar para os polícias e a felicitarem-se uns aos outros pelo que estavam a dizer, fosse lá o que fosse. Entre eles encontrava-se um jovem pernalta tatuado, com o cabelo cortado rente, à exceção de uma lâmina de cabelo cor de laranja, armada com gel sobre a testa, como um bico. Max reconheceu-o como o indivíduo que oferecera a arma a Janus no Purple Haze, e os seus olhos encontraram-se. O rapaz mal aprendera a barbear-se, mas achava que era um gângster. O lábio arreganhado, os olhos semicerrados e o maxilar duro eram o seu á-bê-cê da intimidação.

Max dirigia-se para o carro-patrolha, mas abrandou o passo quando viu Stokenbrand junto da viatura; um sorriso escarninho rasgava-lhe a cara desgastada.

— De repente, apetece-me apanhar o metro — disse Max.

— Sei que gostas da minha companhia, Carver. Não te faças de difícil — retrucou Stokenbrand.

O «Bico Laranja» tinha passado pelo carro, a olhar para Max com ar ameaçador. Cerca de vinte metros mais à frente, subiu para uma

motorizada preta de estrutura larga, carregou com o pé no pedal de arranque e começou a acelerar. Os tubos de escape da moto, com os cromados a descascar, expeliram uma densa nuvem oleosa enquanto o motor roncava.

Max ignorou Stokenbrand, passando ao seu lado para se dirigir à moto, mas o agente cortou-lhe o passo.

— Nada de lutas no recreio — rosnou. — A escola terminou. Está na hora de ires para casa ter com o teu cota fofucho.

Enquanto Max era empurrado para o banco traseiro do carro da polícia, o Bico Laranja passou por eles de moto, muito devagar. Mostrou a Max o dedo médio levantado, à laia de saudação, a articular obscenidades com a boca. Mas Max só estava à procura de uma coisa, e viu-a. Uma tampa cromada e modificada no depósito de combustível, com a forma de uma bigorna. Era a motorizada de Roterdão. O motociclista devia ser um dos aprendizes de Anvil.

Stokenbrand comprimiu-se no banco de trás. O motorista era um rastafári com o característico entrançado do cabelo e um corta-vento garrido. Max inclinou-se para ele e sussurrou:

— Como se chama o tipo do cabelo cor de laranja? Conheces?

— Ei, idiota — disse Stokenbrand, puxando Max para trás e fazendo-o sentar-se. — Aqui não há vinganças, Carver. A não ser que sejam minhas. De acordo?

Max não disse nada, mas sabia que tinha de regressar ali. Se conseguisse voltar a encontrar o Bico Laranja, talvez conseguisse também descobrir Anvil.

* * *

Há três dias que caminhamos através da mata, em direção a um destino sem nome. Tanto quanto possível, tento manter-me longe do Dakka, mas pressinto que ele tem fome de vingança. Eu sou o alvo óbvio.

Felizmente, ele tem tido poucas oportunidades. Levantamo-nos ao alvorecer, andamos quase sem fazer uma pausa até o Sol se pôr e dormimos onde caímos, exaustos. Todos os dias, ficamos sujos e

suados, e depois deitamo-nos na cama húmida das folhas caídas das árvores. Nunca estamos secos, mesmo antes da chuva que cai na maioria das tardes. A tristeza absoluta disto tudo, mesmo com o calor, é difícil de descrever. Sonho acordada com um banho quente, uma toalha, uma muda de roupa interior. Na noite passada sonhei que estava a dormir numa maravilhosa rede muito fofa, tecida com cordas de papel higiénico cor-de-rosa. Dois luxos num só sonho.

O que mais nos preocupa é o Jarman. Tem um olho quase fechado e os lábios estão inchados e com crostas de sangue. Queixa-se de que lhe doem as costas e os rins dos pontapés, e coxeia de forma pronunciada. A caminhada incessante atormenta-o. Tirou a bota direita para nos mostrar porquê. Quando lhe bateram, esmagaram-lhe o pé descalço com a coroa da espingarda. Três unhas, que se tinham tornado negras, já caíram, e as esfoladelas infetaram. A Amy acha que um dos dedos também poderá estar partido. Se a inflamação piorar muito, a bota transformar-se-á numa agonia.

O pior de tudo é que o Jarman está a tornar-se distante e fatalista. É difícil conseguirmos arrancar-lhe uma palavra. Nesta altura, a colónia de macacos da Sophie deve estar destruída. A coleção de mosquitos do Jarman estará morta, os seus anos de investigação perdidos, tudo deixado para trás a apodrecer no meio do calor e da humidade. Desconfio que são os seus sonhos africanos que estão a enfrentar a morte mais dura.

A conversa com os nossos captores é desencorajada. De qualquer maneira, eles também só falam algumas palavras de inglês. O Rambo-Rambo fala uma mistura rudimentar de francês, que a irmã Margaret nos traduz. Acho os seus nomes impronunciáveis, à exceção do nome de um dos Gémeos, que, ao que parece, foi batizado como Albert, e do Dakka, cujo nome verdadeiro é Leopold. Penso, no entanto, que eles terão a mesma dificuldade em pronunciar Erica Stroud-Jones. Quando descobriram que eu era inglesa, começaram a referir-se a mim simplesmente como Manchester, por causa do Manchester United. O Jarman,

sendo brasileiro, é inevitavelmente conhecido por Pelé. A Amy foi definida como amiga, por causa do francês, e a Irmã Margaret é apenas «irmã».

Bebemos água quando a encontramos. Os guardas só transportam o suficiente para eles próprios. Para comer temos unicamente a recolha aleatória que os Gémeos fizeram na nossa cabana: um saco grande de bolachas Quaker de aveia, uma lata de carne, preparado de creme de pasteleiro, leite em pó e salsichas desidratadas. Não possuímos outros utensílios para além do canivete suíço da irmã Margaret e, a servir de prato, usamos folhas de bananeira. Comemos essencialmente «granadas Quaker», uma invenção do Jarman que consiste em salsicha desidratada e flocos de aveia misturados num pastel com o auxílio de um pouco de água. São bastante difíceis de comer, mas nada como o «estrangulamento por creme de pasteleiro» criado pela Amy, constituído por esse preparado e leite em pó metidos numa folha de bananeira enformada como um copo e misturados com a quantidade de água que a folha possa levar. Por cozinhar, o creme de pasteleiro é quase impossível de engolir.

Comemos bananas quando as encontramos, mesmo que estejam verdes. A falta de fruta é uma descoberta amarga. Árvores a dar fruto são mais raras do que eu imaginava. Ou chegamos demasiado cedo e arriscamo-nos a ter dores de estômago por causa dos frutos e das bagas por amadurecer, ou então as árvores já foram limpas pelas aves e pelos macacos. Não é nenhum Jardim do Éden.

Esta manhã, quando surpreendemos uma família de javalis, tivemos grandes esperanças de comida melhor. O Rambo-Rambo abriu fogo com a sua arma automática a uma distância de aproximadamente quarenta metros. Em vez de despachar um único filhote de forma limpa e ordenada, desfez um deles em pedaços, feriu gravemente uma fêmea e outro leitão, e pôs o javali macho a coxear. A roncar, esse enorme animal meteu-se no meio do matagal e desapareceu, enquanto a pobre fêmea atingida choramingava como uma criança arrastando-se nas patas dianteiras.

Os guerrilheiros ficaram aterrorizados com a possibilidade de o javali enraivecido nos atacar. Amontoaram-nos nos ramos baixos de uma árvore cheia de espinhos, onde nos sentámos desconfortavelmente, eles de armas em riste apontadas em todas as direções, e a levar com uma chuva de caca quando abutres esfomeados começaram a juntar-se nos ramos mais altos.

A arma do Rambo-Rambo encravara-se, por isso ficámos reduzidos às velhas espingardas dos Gémeos e do Dakka. Durante meia hora, eles abriam fogo contra qualquer vulto que pudesse ser o javali. Se precisássemos de mais provas da sua fraca pontaria, bastava ver os cinco minutos que levaram para pôr fim ao sofrimento da javalina. Depois, o leitãozinho desorientado recusou-se a sair de junto da mãe. Eles desistiram de tentar atingir a pobre criatura depois de qualquer coisa como cinquenta tiros. Penso que as suas espingardas deviam ter os canos tortos!

Os javalis tinham estado a esgaravatar debaixo do emaranhado de ramos de uma figueira e, pela primeira vez, consegui até sentir o cheiro da fruta madura a pesar nos seus ramos. Deslizei com cuidado ao longo de um galho, encorajada pelos gritos excitados dos nossos captores, até conseguir agarrar um ramo mais alto para atravessar para a figueira. Mas, quando me aproximei, descobri que a árvore estava coberta de ferozes formigas que mordem, e que se amontoavam à volta da fruta pegajosa. Bati rapidamente em retirada e, mais uma vez, vimos a tentativa gorada.

Por fim, descemos da árvore e arrastámos o leitãozinho connosco, deixando para as formigas e os abutres o resto daquela família massacrada. Os Gémeos golpearam o leitão para o abrir e ordenaram-nos, a mim e à irmã Margaret, que retirássemos as vísceras e preparássemos a carne. A Amy procurou alguns figos, que assámos dentro da carcaça, por cima de uma fogueira a fazer muito fumo. Depois de dois dias sem comida de jeito, a carne de porco enegrecida e crocante foi um manjar dos deuses, ainda que só tivéssemos uma água enlameada para ajudar a engoli-la.

Foi a nossa primeira paragem propriamente dita, e os nossos captores, até então severos, agora riam-se e brincavam entre si. A irmã Margaret sondou o Rambo-Rambo em francês. Eles não tinham um conhecimento coerente da estratégia do KPLA, exceto que a mesma envolvia desalojar uma elite corrupta instalada em Kinshasa e dar a todo o povo o suficiente para comer. Todos eles admitiram que uma barriga cheia e a promessa de uma farda elegante, visivelmente ainda por cumprir, tinham sido a principal razão para se juntarem à causa. Achavam que o KPLA era um exército enorme, com tanques e aviões e milhares de soldados escondidos pelo país. O seu líder, o Brigadeiro Crocodilo, era para eles um Napoleão dos tempos modernos.

O resumo do Georg, dado no início da nossa captura, era diferente. O KPLA era provavelmente o mais pequeno e menos poderoso dos quatro exércitos rebeldes existentes no país, e ninguém os conhecia fora dos gabinetes de analistas nas capitais europeias. Segundo as suas estimativas, teriam menos de um milhar de tropas, sendo que metade não possuía senão uma catana. Deduzia que o objetivo principal dos rebeldes era arrancar das mãos do governo a mina de diamantes de aluvião de Obtuvanna, apenas a cerca de cento e cinquenta quilómetros dali. Com os proveitos daí resultantes poderiam equipar-se com armas modernas de fabrico chinês. Só isso, dissera o Georg, lhes garantiria um lugar nas planeadas conversações de reconciliação nacional.

Esta tarde, encontrei uma pequena lagoa entre rochas num riacho próximo, a nossa primeira hipótese de um agradável banho desde que partimos. Espetei um pau na água e não perturbei nada mais assustador do que um pequeno peixe. Fui buscar a Amy e a irmã Margaret, que pediu ao Rambo-Rambo que não permitisse que fôssemos incomodadas. Para ele estava tudo bem quanto a deixar-nos vaguear um pouco, pois sabia que, sozinhas, não poderíamos ir longe. Contudo, logo dei pelo Dakka ao fundo a espreitar.

Esperei que se fosse embora enquanto colocava o meu diário e o lápis dentro de um saco de plástico, em cima de uma rocha ali à

mão. No entanto, ele continuava a observar-nos. Não consegui despir-me à sua frente e entrei na água antes de tirar as minhas roupas imundas. A Amy fez o mesmo. A irmã Margaret não teve essas reservas e despiu-se à beira da água. O Dakka ficou de olhos esbugalhados perante a sua estranha roupa interior de matrona e o seu corpo branco e flácido.

A água estava a uma temperatura maravilhosa e começámos a divertir-nos, a chapinhar água umas para as outras e a rir como crianças. Depois lavámos a roupa, estendendo-a a secar nas rochas. Eu estava com a água até aos ombros e a esfregar as calças quando senti um volume no bolso.

O rolo fotográfico do Tomas! Saltei para fora da água e amaldiçoei-me a mim própria pela cabrona estúpida e inútil em que me transformara. A irmã Margaret tapou os ouvidos. Uma culpa esmagadora encheu-me os olhos de lágrimas, enquanto as minhas mãos molhadas tentavam de forma atabalhoada retirar do bolso a caixinha de plástico.

Misericordiosamente, a tampa ainda estava intacta, e o rolo lá dentro continuava seco. Aninhei-me à beira da água, nua e infeliz, e desatei num pranto descontrolado. Não sabia se chorava por ele ou por mim própria, mas senti-me mais perdida e miserável do que alguma vez me sentira na vida. As outras, ainda perplexas, tentavam confortar-me. À distância, ouvi o Dakka, o assassino do meu amor, a rir à socapa.

(Diário de Erica, 1992)

Janus Pretzik sentou-se muito rígido na cama, a *Browning GP 35* já bem segura na sua mão enorme. Não tinha sonhado com o suave tilintar que o acordara — um espanta-espíritos que trouxera da loja. Era um processo de segurança infalível e barato. Com as correntes de ar que se faziam sentir por aqueles lados, não era possível abrir uma porta ou uma janela, atrás ou à frente, sem que se ouvisse o tilintar dos sininhos. Agarrou no relógio que se encontrava em cima da mesa de cabeceira e semicerrou os olhos para ver o seu mostrador luminoso. Passava pouco das duas da manhã. Içou o seu corpanzil de cento e oitenta quilos para fora da cama, vestiu umas calças de ganga e uma *T-shirt*. Tirou de debaixo da cama uma pesada lanterna, que enfiou no cós das calças.

Afastou as cortinas. A rua estava deserta; um saco de plástico redemoinhava no ar, uma lata de bebida rolava por baixo de um banco. Janus atravessou rapidamente o quarto, evitando todas as tábuas do soalho que rangiam, e desceu silenciosamente as escadas de cimento que conduziam ao armazém situado nas traseiras da loja às escuras. Janus já tivera de lidar com assaltantes, ladrões e indivíduos espertinhos. Mas não era isso que lhe gelava o suor na pele, que fazia com que o seu coração batesse com força no peito. Este era um terror muito específico, muito recente.

Manteve as luzes apagadas para preservar a sua vantagem. A loja era grande, com três fachadas para a rua, e os estreitos corredores interiores estavam obstruídos com objetos. Janus conhecia a localização de cada cadeira e mesa antigas, das prateleiras com as esculturas africanas de madeira, da máquina de escrever *Olivetti* de 1910 que se encontrava no chão, da armação da pesada máquina de costura *Singer*. Avançou devagar e com cuidado para espreitar para dentro da loja. Na montra, recortadas contra o clarão alaranjado dos candeeiros da rua, viu as silhuetas das suas valiosas guitarras de 1970: a *Gibson SG* e a *Fender*

Stratocaster unicolor. A porta da loja estava fechada, e todas as janelas intactas.

Tudo estava em silêncio. Janus expirou o ar longamente, estendeu a mão para o interruptor e inundou o espaço de luz. Não parecia faltar nada. Por brincadeira, bateu com o punho no espanta-espíritos ao virar-se de volta para as escadas. Os sinos não fizeram barulho. Olhou para cima e viu um pedaço translúcido de carne coriácea suspensa por um fio entre os três carrilhões cilíndricos. Em face daquela orelha humana seca, Janus gemeu, porque agora sabia quem tinha voltado ali para o apanhar.

Só havia um sítio onde estaria a salvo. Correu novamente para as escadas, descendo-as desta vez e trancando a porta da cave atrás de si. Deteve-se para arrancar os fusíveis da caixa de derivação, voltando a mergulhar a loja na escuridão. A lanterna iluminou a grande e velha travessa de madeira que suportava a casa, e ele baixou os seus dois metros de altura para passar por baixo e descer os íngremes degraus que davam para um corredor estreito em tijolo. À sua frente havia uma entrada de metal de cerca de um metro e meio de altura, como uma escotilha de submarino, com a porta de sete centímetros de grossura entreaberta e a encher-se de ferrugem sob a tinta verde que descascava, mas ainda com ferro suficiente para sobreviver a um milhar de anos de corrosão. O brasão do fabricante por cima do seu rebordo curvo dizia *Koninklijke IJzergieterij en Staal Fabrieken 1876*. A loja tinha sido um banco até 1910, e aqui era a caixa-forte. Janus tirou à bruta da fechadura a grossa chave de metal e lançou-se lá para dentro, com o corpo a bater com estrondo no chão de ferro. A porta possuía uma grossa corrente que conduzia ao interior da caixa-forte, para que os empregados do banco pudessem trancar-se com os seus valores no espaço do tamanho de uma garagem. Há décadas que a porta não era movida e as dobradiças de trinta centímetros pareciam completamente enferrujadas.

Continuava a não se ouvir barulho vindo de fora.

Janus pousou a lanterna de maneira que esta iluminasse a entrada, apoiou os pés de cada lado da porta e pegou na parte folgada da corrente. Enrolou os elos ferrugentos à volta dos seus braços grossos como presuntos, agachando-se de modo firme. Depois respirou fundo e berrou enquanto esticava completamente as pernas. Uma vez, Janus tinha empurrado um camião de dezasseis toneladas para um programa de televisão, mas isto era mais difícil. O seu rosto contorcia-se enquanto ele empurrava para cima. Finalmente, a porta cedeu, fechando-se de modo retumbante como se fosse a porta do Inferno, catapultando-o para trás, para cima da sua lanterna e, ao som de uma lâmpada partida, para a escuridão total.

Quando o zumbido nos seus ouvidos diminuiu, ele escutou a sua própria respiração áspera, e um curioso eco de respirações lentas e regulares, que vinha das prateleiras altas da caixa-forte.

— Muito forte, mas muito estúpido. — A voz era suave e em tom baixo, prova de que Janus não fechara o seu inimigo do lado de fora. Tinha-se fechado com ele lá dentro.

— Por favor, meu Deus, não — murmurou Janus.

— Mentiste-me. Era outra mulher qualquer que vivia ali. Avisei-te em relação às mentiras.

— Não, não. Nunca te mentiria, Anvil. Era para lá que a Lisbeth ia, foi ela própria que me disse. Eu era a única pessoa em quem ela confiava, Anvil.

Não houve resposta, mas a descrença silenciosa prolongou-se, até que uma suave ressonância anunciou que algo pesado aterrara no chão da caixa-forte. Janus soluçou e sacou rapidamente da *Browning* que enfiara no cóis das calças, apontando-a na direção do barulho. Pela primeira vez na vida, Janus sentiu o aperto de umas mãos mais fortes que as suas. A arma foi afastada com uma torção e o dedo indicador de Janus, preso na argola de proteção do gatilho, partiu-se como um pequeno galho. Duas pancadas imensas: a rótula de um joelho rebentada, um maxilar esmagado. E Janus jazia no chão frio de metal, com as lágrimas a correrem-lhe para as

orelhas, enquanto suplicava pela sua vida através de uma papa de dentes partidos.

Ouviu-se o som de um assobio e sentiu-se o cheiro a gás.

— Faça-se luz — disse a voz baixa. O clique de um isqueiro, e o maçarico iluminou-se com um sopro e uma pequena explosão, formando a sua chama uma ponta azul e sibilante. Os olhos de Anvil refletiram-se nesse clarão, em cores de mel e de lascas de chocolate.

— E a luz fez-se. E ele viu que era Deus.

Anvil concentrou-se então na sua tarefa.

* * *

Passados quatro dias, chegámos a uma pequena clareira com dois edifícios, em que se evidenciava o contraste entre ambos, e um caminho de terra a ziguezaguear pelo meio. Um dos edifícios estava pintado de branco, tinha vidros nas janelas e uma antena de rádio muito alta no telhado. O outro era comprido e tinha um ar lúgubre, uma estrutura sem janelas feita com blocos de betão. Apareceram dois soldados fardados, com boinas militares de estilo francês, e saudaram o Rambo-Rambo com bofetadas amigáveis e uma palmada com a mão levantada na vertical, palma contra palma. Vendaram-nos os olhos e fizeram-nos atravessar a clareira. Ouviu-se o chocalhar de chaves, e depois um rangido. Fomos empurrados para uma escuridão quente e asfixiante imersa em sons, cheiro e sofrimento humano. Levados em manada ao longo de um corredor estreito, ouvimos murmurar, cumprimentar, tossir e gemer. Sentimos o roçar de dedos antes de o silvo da cana do guarda os fazer recuar.

Mais chaves, mais rangidos. Empurraram-me a cabeça para baixo e depois fui atirada para dentro de uma cela com o chão duro. Os outros caíram em cima de mim. A seguir, um som metálico. Alguém gritou-nos em francês, e a irmã Margaret disse-nos que era um aviso para não retirarmos as vendas.

O chão era frio, as paredes grosseiras e inacabadas. Tateei pelo solo e encontrei a mão da Amy. Apertei-lha. O Jarman pigarreou e murmurou qualquer coisa.

— As vendas são uma excelente notícia. — Eram as primeiras palavras que ele pronunciava ao fim de muitas horas.

— Porquê? — perguntou a Amy.

— Os mortos não contam histórias. Por isso, não vale a pena vendá-los.

— Achas que isso significa que nos vão libertar? — perguntei-lhe.

— Poderão não ter decidido, mas pelo menos têm essa opção em aberto.

Após alguns minutos, levantei a cabeça para espreitar por baixo do trapo imundo atado à volta dos meus olhos. Tudo o que vi foi a irmã Margaret à minha frente do outro lado da cela, a fazer exatamente o mesmo. Arrisquei levantar a venda, e então vi a cela em toda a sua glória. Tinha talvez um metro e meio de largura por dois de comprimento, e estava construída com blocos de betão, o chão cimentado de modo grosseiro. A porta era estreita e de madeira, à exceção de uma portinhola com grades à altura do tornozelo. O teto era um gradeamento de barras de reforço enferrujadas, do tipo usado no cimento armado, e apenas a cerca de um metro do chão. Era impossível, para qualquer um de nós, ficar de pé. Da porta para o lado de dentro, o piso tinha um ligeiro declive, e havia um buraco sujo, do tamanho de um rato, na base da parede que dava para o exterior. Aquilo era a sanita. Ao lado estava um galho imundo.

Havia outro andar entre nós e as enormes folhas de zinco quatro metros e meio acima da nossa cabeça. Esse andar dispunha de umas pequenas janelas, pelo que uma luz pálida se infiltrava até nós, mas o ângulo era tal que, mesmo pressionando a face contra as barras do teto, não conseguíamos ver nem um centímetro do céu.

(Diário de Erica, 1992)

* * *

No Centro de Congressos RAI, em Amesterdão, não acontece nada de especial às cinco da manhã. Normalmente. O agente de segurança Jan-Erik Smit estava no décimo oitavo jogo de Tetris com que se entretinha no seu turno, enquanto os primeiros raios de sol de verão se filtravam obliquamente através das janelas incidindo sobre a sua caneca de café, o jornal e o exemplar mais que folheado da revista erótica *Rustler*. Os blocos coloridos do Tetris desciam densa e rapidamente no ecrã do computador e, por mais depressa que ele dedilhasse no teclado, mal tinha tempo de os manobrar para os espaços disponíveis.

Claro que Smit não dispunha de tempo para olhar para os monitores de segurança à sua esquerda. Foi por essa razão que não viu o intruso, no outro extremo do complexo de vinte hectares, descer a rampa para o cais de carga situado na cave. Foi por isso que não viu uma chave ser introduzida na fechadura da porta da cozinha do pessoal, perdendo a sua última oportunidade quando a figura aí entrou e desapareceu do campo de visão da câmara de videovigilância.

O intruso avançou lentamente ao longo dos oitocentos metros de corredores, sabendo exatamente para onde se dirigia. Já no gabinete do organizador da conferência, tirou uma segunda chave do bolso e abriu a porta, depois ligou a luz. O gabinete, com as paredes forradas de armários de arquivo, máquinas de *fax* e fotocopiadoras grandes e pequenas, estava atulhado de resmas altas de papéis e brochuras.

Uma vez lá dentro, fechou a porta e ligou uma fotocopiadora pequena. No silêncio do escritório, o zumbido da máquina parecia ensurdecedor, mas ele sabia que não se propagaria até à receção. Dirigiu-se sem hesitações a uma gaveta de arquivo com a identificação «Apresentação de Parasitologia: Colaboradores R-Z» e puxou-a suavemente. O armário estava fechado à chave, como ele já esperava, e não conseguira arranjar essa chave. Mas aquilo era

um escritório, não a caixa-forte de um banco. Levou apenas alguns minutos a mover levemente uma navalha de bolso para cima e para baixo, para trás e para a frente, e a fechadura barata cedeu, permitindo-lhe abrir a gaveta. Foi direito ao artigo que pretendia. A copiadora emitiu um aviso sonoro de que estava pronta a ser utilizada, mas o intruso não conseguiu resistir a ler primeiro cada página, gravando mentalmente aquela peça científica há muito aguardada, antes de a reproduzir em papel.

O original foi devolvido ao seu lugar exato, a gaveta fechada, a fotocopiadora e as luzes desligadas. O intruso enfiou a cópia junto ao peito e voltou a percorrer, em sentido contrário e como um sonâmbulo, o caminho ao longo do labirinto de corredores. Esqueceu-se de fechar a porta exterior e, completamente aturdido, encaminhou-se para o parque de estacionamento em frente à receção, em vez de se dirigir para Wielingstraat, onde tinha deixado o *Bentley*. Mas foi só quando se encontrava finalmente no carro, depois de pousar a bengala e instalar a sua perna artificial na cavidade para o pé, que as implicações do trabalho da Dra. Erica Stroud-Jones o atingiram em pleno.

Em menos de cinco anos, ela tinha descoberto, de forma brilhante, uma nova arma no combate contra a malária. Numa luta de cinco décadas, ele não o conseguira. Ela estava certa, ele estava errado. Erica poderia reivindicar o prémio, mas as décadas de serviço dele seriam esquecidas. Pela primeira vez em mais de cinquenta anos, o professor Jürgen Friederikson foi-se abaixo e chorou.

* * *

Naquela tarde, Max telefonou para a embaixada da República Democrática do Congo e deixou uma mensagem para o ministro Loebe. Às 19h00, exatamente, estando Henk ausente, o guarda-costas do ministro chegou ao apartamento vestido com um elegante fato escuro, de camisa branca muito bem engomada e um saco na mão. Num sotaque britânico excessivamente carregado,

apresentou-se como Leo. Sem ter nada a ver com leões, conforme Max descobriu, fora simplesmente batizado com o nome de um rei belga, Leopoldo. Leo aceitava com prazer aquele trabalho, e ainda mais. Era magro, media cerca de um metro e oitenta e cinco, tinha um sorriso fácil e uns punhos tensos como uma corda.

Uma vez lá em cima, Leo abriu o fecho do saco e ofereceu a Max uma *Walther PKK* e dois carregadores repletos de munições.

— Não creio que precisemos de uma coisa dessas neste momento — disse Max. — Mas se quiseses carregar com isso, fica à vontade. Se a polícia andar por perto, vai estar a vigiar-me, e não a ti, portanto atuas separadamente. Não te prendas por mim, está bem? Avanças e pronto.

— Está bem. Concordo.

Leo fora informado em detalhe acerca do desaparecimento de Erica, presumivelmente por Loebe. Max tinha ficado muito contente por vender a Loebe três das esculturas mais caras. Mas isto era um presente dos deuses. Depois de três semanas de ceticismo generalizado, era agradável que alguém acreditasse nele.

Max conduziu Leo através da movimentada estação central de Amesterdão, onde apanharam o metro para Bijlmermeer. Na altura em que lá chegaram, começava a escurecer, mas o ar ainda estava agradavelmente quente. Max e Leo caminharam pelas alamedas e pela paisagem de blocos de apartamentos até encontrarem o prédio onde o incêndio tinha ocorrido. Não se via sinal da moto. A janela incendiada estava agora tapada com tábuas e a fita que demarcava o local do crime fora retirada. Um segurança com ar enfastiado, acompanhado por um cão, circulava nas imediações para a frente e para trás.

Max escrutinou a zona à procura de algum dos miúdos que o confrontara anteriormente. Interrogou uma mulher acerca do adolescente com a crista de cabelo cor de laranja. O sorriso com que ela mostrou reconhecê-lo deixou bem patente o cansaço e o aborrecimento em relação ao objeto de interesse, e identificou-o como Michael Korten, um dos filhos do seu vizinho. Perguntou a

Max se ele voltara a meter-se em sarilhos. Max abanou a cabeça, tomou nota do endereço e agradeceu à senhora.

Korten vivia no terceiro andar de um prédio próximo. As fileiras de apartamentos partilhavam um caminho exterior cimentado, que dava para um parque e para uma linha elevada de metro. Max e Leo caminharam ao longo dessa alameda, saltando por cima de brinquedos e bicicletas de criança e comprimindo-se para passar pelo meio de canteiros cheios de flores e um carrinho de bebé vazio. No apartamento do rapaz ouviram vozes e o crepitar de frituras ao lume. Max estava a cerca de três metros da porta quando esta se abriu. Ele e Leo esconderam-se no vão de entrada do apartamento ao lado. Korten passou por eles espetando a poupa em bico para a frente, como se estivesse a debicar, ao ritmo de qualquer coisa que estava a ouvir no seu *walkman*.

Max virou-se e cobriu a boca de Korten com a mão ilesa enquanto Leo lhe pressionava as costelas com a arma. Só quando o adolescente prometeu ficar calado é que o levaram dali, esquivando-se para o compartimento comunitário de recolha de lixo e fechando a porta atrás deles.

— Andamos à procura de um tipo chamado Anvil — disse Max.

Korten arregalou os olhos.

— De quem?

— Tu andas com a motorizada dele, seu imbecil. — Max baixou a poupa laranja de Korten, cuidadosamente levantada com gel, deixando-a colada à sua cara ameaçadora. — Não gosto de ti. Lembro-te de ti do Purple Haze. Quando há distúrbios a começar a ferver, tu estás sempre lá a cozinhá-los.

Os punhos de Korten apertaram-se.

— Como está a tua cara, Carver? O Janus deixou-te algum dente?

— Os suficientes para te morder a sério — respondeu Max. Em resposta a um movimento imaginário de Korten, o punho de Leo socou-o na barriga. O miúdo dobrou-se e caiu para a frente, a tossir no chão imundo, com a *Walther* de Leo encostada à sua têmpora

com firmeza. — Dou cabo deste miúdo e atiro-o pela conduta do lixo? — perguntou Leo de modo ansioso, enquanto pegava no *walkman* e o metia no bolso.

— Bela ideia, mas fica para depois. — Max estava mais alarmado com a ferocidade de Leo do que o próprio Korten parecia estar.

— Então, como vai ser, Michael? Dizes-nos onde podemos encontrar o Anvil, assim como o seu verdadeiro nome, ou aqui o meu amigo atira-te lá para baixo, de cabeça, três andares até ao resto do lixo?

— Ninguém dá informações sobre ele. A polícia não consegue tocar-lhe. Por que razão seria diferente convosco?

— Não preciso de o condenar em tribunal, idiota. Não preciso de testemunhas. Sou juiz e júri, e aqui o meu amigo é um carrasco entusiasta.

Leo puxou o cinto das calças de Korten e atou-lhe as mãos atrás das costas. Depois abriu a porta da conduta do lixo, batendo com a cabeça de Korten duas vezes no bordo de metal, apenas para se divertir. O adolescente não soltou sequer um murmúrio, mas o sangue correu-lhe pelo crânio abaixo, até à orelha, por entre as mechas alisadas de cabelo cor de laranja. Leo agarrou-o pelo cabelo e empurrou-lhe a cara para dentro do vazio pestilento, para a corrente ascendente de couves bafientas e urina.

Korten tremia, finalmente assustado, mas a sua língua ainda continuava a contra-atacar.

— Estás a ir para além das tuas capacidades, pá. Muito acima dessa estúpida cabeça. Devias sair disto enquanto podes.

— Tudo o que ele diz é muito chato, Max. Talvez lhe dê um tiro agora, não? — Leo encostou a *Walther* à têmpora de Korten e pressionou o dedo no gatilho.

Korten fechou os olhos com força e começou a falar.

— Há um bar. Der Ridder. — Deu-lhes indicações para lá chegarem. — Eles conhecem o Anvil. O seu nome verdadeiro é Luc.

— Seria Luc de Wit?

Korten fez que sim com a cabeça, conservando-se mudo. Lentamente, as ligações começavam a solidificar-se na mente de Max. Portanto, Anvil era de facto De Wit, por sua vez, o único diretor registado da Xenix Molecular. Mas, em certos aspetos, aquilo não vinha acrescentar nada. Anvil era um criminoso. Talvez mais aterrador e mais esperto do que a maioria deles. Mas para que diabo queria ele um computador portátil cheio de dados sobre a malária?

— Quer dizer que poderemos encontrar o Anvil no Der Ridder.

— Às vezes vai lá beber um copo, ouvir música naquela *jukebox* antiga. Se alguém perguntar, digam que foi o Stokenbrand quem vos contou.

— O chui? — De repente, Max começava a achar piada àquilo.

— Sim. É o detetive mais porco que existe, um autêntico *klootzak*⁵. Vão acreditar em vocês. Não digam que fui eu quem vos disse, senão matam-me.

— Acordo fechado — disse-lhe Max.

Quando iam a sair, Leo virou-se para Korten.

— Sabemos onde é a tua casa. Se estiveres a mentir... — Ergueu a *Walther*. — Irmão, irmã, pais, todos mortos, percebeste?

Korten fez que sim com a cabeça. Leo agarrou-lhe nos pulsos, colocou-os bem alto atrás das costas e atou o cinto com força à volta do puxador da tampa conduta do lixo. — Ficas aqui — disse ele, de forma desnecessária.

Em menos de um minuto tinham descido com um barulho de trovada os três lanços das escadas de cimento e estavam cá fora no calor do final de tarde, cada vez mais escuro. Max pôs o braço à volta do ombro do zairese enquanto se dirigiam para o Der Ridder.

— Leo, as ameaças funcionam, mas temos de ter cuidado, está bem? Estou em liberdade condicional, percebes? Portanto, nada de tiroteios. Por favor.

Leo mostrou-se desiludido.

— Mas esta gente é escumalha, Max. No meu país, são encostados à parede. — Pôs ao ombro uma arma imaginária. —

Ratatatá ratatatá ratatatá. Acabam-se os problemas. — Sorriu como uma criança no Natal.

§ Em holandês no original. Significa «filho da mãe», «estupor». (NT)

Saskia Sivali pegou na pasta e no guarda-chuva numa mão, com a outra aconchegou o seu ventre inchado e correu ao longo dos duzentos metros desde a estação central ferroviária de Haia até ao Ministério da Saúde. Não se pode deixar um ministro à espera, ainda que se esteja no sétimo mês de gravidez.

Na Praça Parnassus deslizou para a zona abrigada das torres gémeas do departamento de Saúde, Castelia e Helicon, com o primeiro sol da manhã a fazer evaporar o orvalho dos seus telhados de duas águas, do tamanho de um campo de ténis.

Saskia encontrou os professores Van Diemen e Friederikson impacientemente à sua espera na receção e juntos apanharam o elevador para o topo. O corredor silencioso do vigésimo andar cheirava a tinta fresca. Na parede estavam penduradas molduras douradas vazias, ainda a aguardar as respetivas imagens. Tinham dito a Saskia que das janelas de três metros e meio de altura se obtinha, para oeste e sobre o edifício do parlamento e as torres das igrejas, uma ampla vista até ao mar do Norte. Mas não havia tempo para se pôr a observar.

Foram conduzidos à sala A2035, a «sala de guerra». Tinha umas portas enormes em aço, guarnecidas de tachas distanciadas alguns centímetros entre si, como se estivesse preparada para resistir a aríetes medievais. O candelabro era um emaranhado de arame dourado, um arbusto espinhoso tocado pelo rei Midas. O estilo grandioso era uma piada permanente para o pessoal que se sentava ali para discutir o planeamento familiar, vacinação contra o sarampo e o grupo consultivo para problemas da próstata.

E então surgiu o *Plasmodium cinco*. Cinquenta e dois casos de malária sem tratamento possível. Subindo para pelo menos cinco casos diários. Trinta e uma mortes até ao momento. Nenhuma possibilidade de cura. Todas as piadas foram esquecidas.

A ministra da Saúde Betsy Dijkstra começou a reunião ainda antes de fechar a porta atrás de si.

— Podemos esquecer as habituais formalidades departamentais. Penso que a maior parte dos presentes conhece os professores Friederikson e Van Diemen. Saskia Sivali é uma das alunas do professor Van Diemen. Pedimos-lhe para participar porque tem estado muito envolvida na identificação do parasita.

A ministra apresentou os seus funcionários. Peter Huisman, o diretor-geral de saúde pública, era alto e estava vestido de forma elegante, jorrando autossatisfação de todos os poros. Willem Pierson, o conselheiro para o ambiente, andava na casa dos trinta anos, com a face permanentemente vincada pela ansiedade sob uma cabeça abobadada que se impunha através de um anel de cabelo loiro cortado curto. Ao seu lado sentava-se a assessora para a política de saúde pública. A estrutura magra de Kia Spiegel fazia com que parecesse ainda mais nova do que os seus vinte e seis anos, mas o aspeto pode ser enganoso. Ela era a estrela em ascensão daquele departamento.

— Não temos tempo para reuniões separadas com a equipa de gestão deste surto e o comité de política pública — disse Dijkstra. — As pessoas precisam de respostas já, e imediatamente após esta reunião vão entrar as câmaras de televisão. Espero que sejam capazes de me dar algo de positivo para lhes dizer.

— Faremos o que pudermos — retrucou Friederikson. — Mas não podemos fazer o impossível. — Saskia examinou o professor. Parecia cansado, e com um temperamento ainda pior do que de costume.

Dijkstra bateu num grosso documento que estava à sua frente em cima da secretária.

— Li o seu relatório sobre a nova estirpe de malária, professor Van Diemen, mas o que mais me surpreende é ainda não sabermos como ela chegou até cá.

Van Diemen acenou com a cabeça.

— Ao certo, sabemos muito pouco. Nos primeiros trinta e oito casos, conseguimos seguir-lhes o rasto até ao voo 648 da KLM, proveniente de Nova Iorque. Quanto aos outros, ainda estamos a investigar, mas parece de facto provável que o surto tenha começado com picadas de mosquito naquele voo. Representantes da KLM confirmaram-me que diversos passageiros do piso superior afirmaram ter sido picados ou ter visto mosquitos a altas horas da noite durante o voo. A tripulação de cabina não tomou conhecimento desse facto senão de manhã, tendo pulverizado todos os compartimentos com inseticida duas horas antes da aterragem. Infelizmente, quando o avião foi limpo, ninguém pensou em guardar algum corpo desses insetos, pelo que não conseguimos identificar a espécie de mosquito.

Peter Huisman tomou a palavra:

— Mas os Estados Unidos não são geralmente um país de malária. Como poderiam os insetos portadores de malária ter entrado a bordo?

Van Diemen aclarou a voz.

— Não sabemos. Talvez na bagagem de mão de alguém que tenha mudado de avião no Aeroporto JFK. Os funcionários da Autoridade Federal de Aviação estão a consultar os passageiros com voos de ligação para ver se alguém comunicou ter-se sentido doente.

O professor Friederikson abanou a cabeça.

— Senhora ministra, o problema nesta teoria é o número de passageiros infetados no voo 648 da KLM. Para provocar trinta ou quarenta casos de malária teria de haver dezenas de mosquitos, provavelmente centenas. Não seria, de certeza, um punhado de insetos que porventura pudessem ter ficado presos em casacos ou bagagem provenientes dos trópicos.

— Então tem alguma ideia melhor? — perguntou Dijkstra a Friederikson.

— A única maneira de haver tantos mosquitos num avião era alguém tê-los levado para lá. O candidato óbvio seria algum cien-

tista a caminho da Conferência de Parasitologia a decorrer cá.

— Por que razão alguém traria mosquitos na bagagem? — perguntou Dijkstra.

— Obter autorização oficial para transportar espécies portadoras de doenças é, para não dizer pior, um processo muito burocrático. Geralmente, levo um frasco ou uma caixa de plástico para comida, e é dessa forma que transporto mosquitos adultos ou larvas. Nunca fui apanhado.

Dijkstra virou-se para Van Diemen.

— Esta é uma prática comum?

— Ouvi falar disso, sim. Mas nenhum cientista responsável transportaria mosquitos que soubesse estarem infetados, como é de deduzir que estes estivessem — acrescentou ele rapidamente.

— Trata-se de um assunto muito sério. — A ministra sustentou o olhar dos dois professores. — Obviamente, quem quer que o tenha feito não o comunicou. Isso é extremamente condenável e chocante em qualquer cientista. — Dijkstra tomava notas, com os lábios apertados numa expressão de fúria.

Huisman olhou por cima dos óculos e bateu com a mão nos papéis que se encontravam à sua frente.

— O seu relatório, professor Van Diemen, mostra uma taxa de mortalidade de vinte por cento no espaço de trinta a seis horas. Como é que a doença mata?

— A causa habitual é a malária cerebral — respondeu Van Diemen. — Os parasitas agregam-se e aderem às paredes de capilares no cérebro, inibindo o fluxo sanguíneo e privando-o de oxigénio. É idêntica à malária *falciparum*, mas mais aguda e mais rápida.

— Por todo o país, as pessoas estão a correr para o médico assim que são picadas por qualquer mosquito. Que garantias lhes pode dar para as tranquilizar? — perguntou Dijkstra.

— Não é tarefa *minha* tranquilizar o público, senhora ministra. Eu sou professor de Medicina Tropical. Fico satisfeito por contribuir com a minha opinião especializada, aquilo que fazem com ela é assunto vosso — respondeu Van Diemen. — Se escaparam mosquitos do

avião, o público deveria ter conhecimento de que, tratando-se de uma espécie tropical, os insetos só poderão sobreviver algumas semanas, até mesmo no mais quente dos verões holandeses. As hipóteses de se ser picado por algum são remotas, e eles acham as nossas águas demasiado frias para pôr os ovos.

— Bem, isso já nos tranquiliza um pouco — exclamou o diretor-geral.

— E eu receio que também seja um disparate irresponsável — interrompeu Friederikson. — Esqueçam os mosquitos do avião; aquilo que deveria estar a preocupar-nos são os mosquitos locais.

— Não temos provas nenhuma de que eles possam transmitir o parasita, pois não? — perguntou Dijkstra olhando diretamente para Van Diemen, que abanou a cabeça em silêncio.

— Temos provas acessórias — disse Friederikson, desdobrando um grande mapa em cima da mesa. — Nos últimos dias tenho estado ao telefone com todos os hospitais holandeses, a fim de obter informação exaustiva sobre os doentes que se confirma serem portadores do novo parasita. Cada um destes pontos é um caso confirmado, com base no local onde o paciente vive. Conforme podem ver, estão espalhados por todo o lado. Em primeiro lugar, ignorem os pontos azuis. São doentes que sabemos que tomaram o voo 648 da KLM, e que foram infetados antes de chegarem ao país. Os três pontos amarelos representam aqueles que estiveram no estrangeiro há tempo suficiente para terem sido infetados lá. Para onde quero que olhem é para os oito pontos vermelhos, correspondentes aos que afirmam não ter estado no estrangeiro nos últimos meses.

— Isso não significa nada — disse Van Diemen, abanando a mão com desdém por cima do mapa. — O local onde essas pessoas vivem é irrelevante. E se todas trabalharem no aeroporto de Schiphol? Podiam ter sido picadas por mosquitos que vinham no avião.

— Este caso é de uma criança de três anos — retrucou Friederikson bruscamente, colocando o dedo sobre um dos pontos

vermelhos. — E esta senhora está num lar de terceira idade. Ambos vivem a mais de setenta quilómetros de Schiphol.

— Estatisticamente insignificante — murmurou Van Diemen. — Pura e simplesmente, é demasiado cedo para dizer.

— Quando for estatisticamente significativo, poderemos ter uma epidemia em larga escala, com centenas de mortes — retorquiu Friederikson, com os nós dos dedos brancos. — Não é altura para subtilezas estatísticas. Precisamos de ação.

— Esta manhã, emitimos outro aviso sanitário sobre o assunto — disse o diretor-geral.

— De que serve isso? — perguntou Friederikson. — Noventa e três pessoas do voo 648 ignoraram o aviso anterior. Deveria ser *obrigatório*.

— Não temos poderes para forçar as pessoas a ir ao hospital — retrucou Huisman. — Em todo o caso, muitos dos passageiros daquele voo já não se encontram no nosso país.

— Se tivessem atuado rapidamente, cada um dos passageiros daquele voo teria recebido um mosquiteiro e um frasco de repelente quer tivessem sintomas de malária ou não.

— Um exemplo de pôr trancas à porta depois da casa arrombada, professor, não há dúvida. — Huisman sorriu com arrogância.

— Não, não, não. Não seria para proteger *as pessoas*, mas para proteger os nossos mosquitos holandeses! Têm de deixar de pensar na malária como uma doença propagada pelos mosquitos — disse Friederikson. — Pensem nela como uma doença propagada pelos *humanos*. Os mosquitos basicamente permanecem onde estão, influenciados pelo clima, pela altitude e coisas do género. Mas os humanos viajam pelo mundo em poucas horas, e se tiverem o parasita da malária no sangue, podem ser capazes de infetar os mosquitos locais, o que transforma então um surto menor numa epidemia autossustentada. Logo, a melhor maneira de quebrar o ciclo infeccioso será impedir que os mosquitos não infetados consigam chegar aos humanos infetados.

— Nesse caso, poderemos esperar uma epidemia? — perguntou Huisman.

— É demasiado cedo para dizer, mas antecipem o pior — respondeu Friederikson. — Devíamos pulverizar inseticida em todos os canais, diques e vias navegáveis. É uma pena que já não se possa utilizar o DDT. É barato, efetivo e dura para sempre.

Dijkstra começou a abanar a cabeça, até os brincos compridos chocalharem.

— Não, professor. Não estamos nos anos sessenta. Não podemos encharcar o país em inseticida; o movimento ambientalista ficaria num alvoroço. Tão-pouco podemos estimular o pânico generalizado. De qualquer maneira, muitas destas medidas levariam meses a organizar, e ainda não temos a certeza de quanto tempo mais irá durar este surto.

Friederikson sorriu, como se aquela fosse a resposta de que estava à espera.

— Nesse caso, terão de aguardar que eu descubra que espécie de mosquito holandês é o culpado, para podermos atacá-lo de forma mais seletiva.

— Consegue ver se um determinado mosquito tem malária? — perguntou Kia Spiegel.

— Normalmente, sim — respondeu Friederikson. — Primeiro, trituramos o seu corpo e acrescentamos um químico especial denominado por anticorpo monoclonal. Temos um anticorpo monoclonal específico que reage a cada um dos quatro tipos de malária naquilo que designamos por teste ELISA. Com uma nova espécie de malária como esta, normalmente estaríamos às escuras até ser desenvolvido um novo monoclonal, mas estou encantado por vos dizer que a Saskia descobriu que o *Plasmodium cinco* apresenta uma reatividade cruzada. Reage com o monoclonal que já utilizamos para a malária *falciparum*.

A ministra sorriu a Saskia, agradecendo-lhe por aquele pequeno alívio.

— Agora — disse Friederikson, abrindo a sua pasta. Colocou em cima da mesa dois recipientes de plástico transparente contendo mosquitos vivos. — Estas, minhas senhoras e meus senhores, são apenas duas das dezenas de espécies que podemos encontrar neste país. Tentei infetar ambos os tipos com *Plasmodium cinco* utilizando amostras de sangue de um paciente infetado.

Van Diemen olhou-o do outro lado da mesa, estupefacto. Saskia confirmou lentamente com a cabeça na sua direção, e ele abanou a sua com indignação.

Friederikson continuou:

— Saberei os resultados daqui a dois ou três dias, quando os parasitas tiverem tido oportunidade de amadurecer dentro do mosquito. Os resultados podem ser qualquer coisa, desde triviais a cataclísmicos.

Pegou num frasco com uma tampa verde.

— Estes são *Anopheles atroparvus*, mosquitos indígenas que no passado transmitiram um tipo de malária e que permanecem dentro das casas, picando ao longo de todo o inverno. Não ficaria surpreendido se ele fosse capaz de transmitir o *Plasmodium cinco*, mas como o mosquito atualmente é bastante raro, não poderia sustentar nenhuma epidemia grave. A infeção através do *atroparvus* é, por conseguinte, a extremidade otimista da escala de possibilidades.

Friederikson pegou depois no outro recipiente, que tinha uma tampa vermelha. — Este é a extremidade mais assustadora da escala epidemiológica.

Saskia encontrava-se suficientemente perto para ver como o frasco estava cheio, com dezenas de mosquitos frenéticos desesperados por escapar dali.

— Aqui estão aproximadamente cem fêmeas esfomeadas de *Culex pipiens pipiens*, o comum picador holandês de tornozelos das margens dos canais. São de *habitat* urbano, picam exclusivamente os seres humanos e estão ativos desde março até ao final de

outubro. Existem milhares de milhões deles por todo o Norte da Europa e não temos a menor esperança de os exterminar.

— Senhora ministra, não fique alarmada com esta charada — interrompeu Van Diemen. — Os mosquitos da família *Culex* não transmitem nenhuma espécie de malária, apenas os *Anopheles* o fazem. O professor Friederikson sabe-o muito bem, e estou surpreendido por ele sugerir outra coisa.

— Ah, mas nós não sabemos nada sobre este parasita — retorquiu Friederikson. — Vocês chamam-lhe *Plasmodium cinco*, mas, na realidade, ainda não sabemos se pertence à família do *Plasmodium*. Sim, é verdade que provoca sintomas semelhantes aos da malária. Mas existe uma série de doenças, tais como o dengue, por exemplo, que são transmitidas por mosquitos não anofelinos.

— Meus senhores, por favor — disse Dijkstra. — É essencial que trabalhem nisto em conjunto. Estão *realmente* vidas em jogo.

— Sim, realmente — disse Friederikson com voz de trovão. — Claro que as vidas dos dois milhões de pessoas que morrem anualmente por causa da malária no mundo em desenvolvimento não estão *realmente* em jogo...

— Sim, eu sei — exclamou Dijkstra. — Aquilo que eu quis dizer foi...

— Aquilo que a senhora ministra quis dizer foi que estão a morrer *aqui*. Portanto, agora já interessa.

— Não foi de maneira nenhuma o que pretendi dizer, professor. Por favor, sente-se e pare de gritar. — Dijkstra fixou-o com o olhar.

Friederikson não mostrou sinais de se intimidar. Apontou um dedo comprido e ossudo à ministra.

— Já imaginou o que acontecerá quando o *Plasmodium cinco* regressar à África Subsariana? Onde existem poucos hospitais e nenhum dinheiro e toda a gente é regularmente picada por mosquitos transmissores de malária?

— Sim, e isso preocupa-me muito.

Um ar de escárnio, como uma contração muscular, convulsionou a face de Friederikson, e ele arrancou a tampa vermelha.

— Agora ainda poderá preocupá-la mais.

— Que está a fazer? — gritou Huisman, afastando-se rapidamente da mesa enquanto os mosquitos saíam numa nuvem, como se fossem fumo.

— Jürgen, isso é uma loucura! — exclamou Van Diemen, puxando o casaco para cobrir a cabeça como um capucho.

— Qual é o problema, Cornelis? — retorquiu Friederikson. — Se tem tanta certeza de que os mosquitos *Culex* não transmitem esta doença, então não tem nada a temer senão alguma comichão.

Os altos funcionários preferiram não arriscar. Willem Pierson e Kia Spiegel deslocaram-se para junto da janela, bem encostados ao vidro, a abanar freneticamente uns documentos à frente da cara. Huisman tinha corrido lá para fora para o corredor. Apenas Dijkstra permaneceu à mesa, com uma expressão de perplexidade no rosto, uma mão a golpear ocasionalmente em redor das orelhas.

— Esta é, de facto, uma forma desnecessária de expor as suas ideias, Jürgen.

Friederikson voltou a colocar a tampa no recipiente e meteu-o no seu saco com dois compartimentos de tamanho igual. Sivali reparou num mosquito pousado no pescoço dele, mesmo por baixo da orelha, mas se se tinha dado conta, Friederikson não mostrou qualquer sinal. Pressionou com um clique o engate do fecho do saco, levantou-se com dificuldade e, com um suspiro e o assobio da sua perna artificial, coxeou para a porta.

— Somos todos um pouco menos condescendentes quando a nossa própria vida está em jogo, não é verdade? Aí têm, em suma, a verdadeira história da malária. Um bom dia para todos. — E Friederikson avançou para o elevador.

* * *

Estamos aqui há quatro dias, mas parecem-nos quatro anos. No primeiro dia retiraram-nos as vendas, mas não ajuda grande coisa.

De tantas em tantas horas arrastamos os pés por esta cela minúscula, para combater as câibras, a fome e, sobretudo, a depressão. Às seis da manhã do primeiro dia, algo pareceu estar a acontecer, e podíamos ouvir a excitação intensificar-se nas outras celas. Ouvimos um som de plástico a ser raspado no cimento. Por fim, alguém abriu do lado de fora a portinhola na parte inferior da porta, empurrando para dentro da nossa cela um balde azul muito sujo.

Olhámos para o conteúdo do balde enquanto escutávamos os sons provenientes das outras celas, de comida a ser devorada com avidez. Por que razão lhes era dada comida quando nós só tínhamos aquilo, um fluido cinzento e frio com glóbulos de gordura e alguns grãos de arroz a flutuar à superfície? Durante meia hora, ninguém lhe tocou, apesar de estarmos todos com muita fome. Depois, a irmã Margaret levou o balde aos lábios e sorveu o líquido. Tentou sorrir, mas o sabor derrotou-a. O balde foi passado à Amy, que virou a cara. Peguei nele e cheirei. Depois dei um gole. Era indescritível, mas engoli-o. No entanto, não consegui voltar a tocar-lhe.

Passámos aquela noite em estado de choque, embalados apenas pelos maravilhosos cantos e pelo rítmico bater de palmas, que, de tantos em tantos minutos, tomava conta dos prisioneiros. Não conseguimos deixar de reparar nas mãos hábeis a marcar o ritmo em baldes, que, pelo som, estavam vazios.

De manhã trouxeram-nos um balde de água para partilhar; à parte isso, deixaram-nos sozinhos. Apenas vemos os pés dos nossos guardas através da portinhola na base da porta. Um deles tem calçadas umas botas gastas, enquanto o outro usa alpercatas rasgadas. Nunca falam connosco, ignorando todos os pedidos de comida melhor, de medicamentos ou mais água. Para nós os quatro, a cela transformou-se num mundo, e nós somos a sua modesta e patética democracia. Temos muito tempo para cumprir os deveres públicos, tal como massajar os membros com câibras uns dos outros, e poucos recursos para partilhar. Mas esses recursos

assumem uma maior importância: cantos preferidos para nos sentarmos, espaço para esticar as pernas, pedaços de papel e tocos de lápis, restos de pomada antisséptica e pensos rápidos, um corta-unhas e, o maior prêmio de todos, o canivete suíço da irmã Margaret.

Só nós, entre os cerca de cinquenta prisioneiros apinhados naquela prisão, tínhamos o luxo de dispor de espaço suficiente para esticar as pernas. O Jarman até concebeu um regime para manter a forma, em que enganchava os braços ou as pernas através da grelha do teto, ficando assim dependurado. Apesar da sua dedicação, nenhum de nós se devotou àquela prática.

Desde que parámos de marchar, o inchaço no pé do Jarman foi diminuindo ao longo dos dias, mas os cortes ainda deitam pus e a ferida tem uma cor vermelha característica de uma grande inflamação. Tudo o que o Jarman possui para desinfetar a ferida é suor fresco e salgado depois de fazer os seus exercícios. Esfrega-o laboriosamente com as pontas dos dedos, esperando que o sal vença as bactérias. A Amy duvida, e insiste em que devemos arranjar-lhe um antibiótico.

Certa manhã, uma pequena bola de borracha saltou para dentro da nossa cela através da cobertura, e ouvimos um riso maroto na cela ao lado. Depois de a atirmos entre nós durante algum tempo, o Jarman devolveu-a. Durante a hora seguinte, aproximadamente, ondas de gargalhadas tomaram conta da prisão à medida que a bola era atirada de cela para cela. Estamos reduzidos a prazeres desse género.

A bola foi a causa de um desentendimento grave. A Amy tinha estado a bater com a bola no chão durante algum tempo e depois tentou atirá-la para a cela ao lado através do telhado. Infelizmente, a bola fez ricochete numa das nossas grades e rolou direitinha para fora através do buraco da «sanita». Não fazíamos a menor ideia de onde poderia ter ido parar. Quando começou um tumulto entre os prisioneiros das outras celas, agora privados do seu desporto, nomeámos a Amy para tentar recuperar a bola. Aquela tarefa

ofensiva e nojenta estava quase para além das suas possibilidades e ela recusou-se a introduzir mais do que o antebraço no tubo escuro e imundo. Ficámos atónitos perante a fúria que a perda da bola gerou nos outros prisioneiros, e mesmo quando a irmã Margaret transmitiu sonoramente em francês os factos do incidente, aquilo pouco contribuiu para acalmar o ressentimento.

Inevitavelmente, a utilização do local para as necessidades básicas era a pior experiência. A única pequena parcela de dignidade consistia em virar as costas e tapar os ouvidos, mas a sujidade e o cheiro ficavam connosco. Manter a limpeza daquele local e de nós próprios era impossível, tornando-se pior porque pelo menos um de nós tinha perturbações de estômago em algum momento. Em breve aprendemos a beber o mínimo do nosso balde de água e guardar o que pudéssemos para deitar pelo tubo da latrina para o exterior.

Éramos uma grande atração para as moscas e também para a bicharada rastejante notívaga, e a partir do meio da tarde em diante ouvíamos as garras dos abutres batendo impacientemente no telhado de zinco. Os ratos eram visitas ocasionais, a que depressa nos fomos habituando, mas ficámos todos nervosos quando, certa tarde, uma cobra se esgueirou despreocupadamente pelo telhado da nossa cela.

O nosso único aliado era o tempo. Ao terceiro dia, estávamos a comer a sopa e a conseguir mantê-la lá dentro, mal dávamos pelas abluções dos outros e aceitámos a nossa imundície. No quarto dia trouxeram um grupo de novos prisioneiros. Um deles foi colocado na cela ao lado, já apinhada de gente. Deve ter-nos ouvido falar, porque nos chamou.

— São de onde?

— Inglaterra, Brasil, Bélgica e Estados Unidos — repliquei.

— América. — Ele suspirou de modo reverente.

— E tu?

— Sou de Kinshasa. Quantos vocês? Quantas senhoras?

— *Três mulheres, um homem* — respondi. *Trocámos nomes. O dele era Moses.*

— *Por que motivo estás aqui?* — perguntou o Jarman.

— *Soldado do governo* — replicou Moses.

— *Então só chegaste hoje?* — perguntou-lhe o Jarman.

— *Não. Há dois meses, mas levaram-me na patrulha. Tenho sorte, sou cabo especialista em comunicações. Sou útil para eles. Sei usar o aparelho de rádio que capturaram.*

— *E a tua família?* — perguntou a Amy.

— *A minha mulher está numa cela lá ao fundo. Está à espera do meu primeiro filho. Tem febre. Estou muito preocupado com ela.* — Moses chamou pela mulher, e ouvimos uma resposta fraca.

— *Quando é que nasce o bebé?* — quis saber a Amy.

— *Talvez hoje, talvez na próxima semana. Condição não é boa. O silêncio prolongou-se de forma desconfortável. Eu quebrei-o:*

— *Quando estavas na patrulha, encontraste o líder deles?*

— *Sim.* — Moses fez uma pausa.

— *Fala-me dele* — pedi-lhe.

— *O Brigadeiro Crocodilo.* — Fez nova pausa. — *Homem muito cruel. Cara de bebé, mas sorriso com muitos dentes afiados.*

(Diário de Erica, 1992)

Ao estacionar à porta de casa o seu *Ford Escort* cheio de amolgadelas, Saskia estava tão cansada que mal conseguia concentrar-se. Há mais de uma semana que não chegava a casa antes da meia-noite, mas nunca antes chegara tão tarde. O familiar sentido de culpa de mãe solteira voltou a acossá-la, e sabia que não podia continuar assim. Sentiu o bebé dar um pontapé, depois um movimento mais lento no útero, como se o pequeno ser desse uma volta.

As luzes ainda estavam acesas pela casa, incluindo o quarto de Caroline. Saskia avançou como um furacão pelo caminho de entrada. Se a *babysitter* não era suficientemente boa para pôr uma criança de seis anos a dormir, então...

A porta da frente abriu-se antes mesmo de Saskia conseguir tirar as chaves da carteira. À sua frente estava Hennie, a *babysitter* de catorze anos, com o rosto branco como cal.

— Saskia, a Caroline está muito doente, tem estado a vomitar e doem-lhe as pernas. Dei-lhe muita água, mas ela voltou a deitá-la fora, e pergunta insistentemente pelo avô; ele morreu, não foi? Não sabe quem sou, e eu perdi o seu número de telefone...

— Está tudo bem, Hennie, está tudo bem. E obrigada por teres ficado até tão tarde. — Quando entrou silenciosamente no quarto e lhe penetrou nas narinas o cheiro húmido, a biscoitos, do suor da criança, Saskia sentiu-se mais preocupada do que no cenário de uma sala de urgências. Caroline estava deitada de costas, com o cabelo escuro a alagar a almofada, a boca aberta, humedecida e os lábios pálidos.

— Mamã! Dói-me. — Começou a chorar quando Saskia a abraçou, e a médica também sentiu os olhos picar enquanto apertava nos braços o corpo mole, quente, molhado e trémulo da sua filha.

— Pronto, está tudo bem. A mamã agora está aqui. Então, o que se passa contigo? Estás tão quente!

Saskia afastou da almofada de Caroline o pequeno elefante cor-de-rosa e macio chamado *Kusje*, tomando nota mentalmente para lavar o galhardete de vomitado que agora manchava a perna do boneco. Enquanto apalpava debaixo do maxilar e no pescoço da filha, reparou que Caroline se coçava. Olhando para baixo, viu três marcas minúsculas e ligeiramente inchadas nas costas da mão da criança. Picadas de mosquito antigas, em que ela teria reparado antes se não fossem aquelas horríveis horas intermináveis de trabalho.

Meu Deus! Que não seja aquilo, por favor. Não a minha própria pequenina.

O termómetro tremia na mão de Saskia; ela fechou os olhos, rezando uma pequena oração antes de se atrever a olhar para o resultado. A oração não foi atendida. Caroline estava com uma febre monstruosa, quase tão alta como a de Erskine quando o vira no hotel. Saskia apalpou o abdómen da filha. O baço estava tão duro como uma casca de noz.

— Hennie, querida. Posso pedir-te um grande favor? Preciso que venhas comigo ao hospital, para segurares na Caroline no carro. Sei que é muito tarde. Telefonarei à tua mãe pelo caminho para a avisar.

— Está bem. Então, a Caroline está muito doente? — perguntou Hennie muito séria.

— Poderá estar. Preciso de lhe fazer uns testes ao sangue, e levá-la no meu carro é mais rápido do que esperar por uma ambulância.

— Ela não vai morrer, pois não? — Hennie estava com os olhos esbugalhados, a boca aberta na expectativa de uma resposta totalmente tranquilizadora.

— Não, claro que não. — Saskia forçou a cara a abrir-se num largo sorriso, como se pusesse uma máscara que se ajustava mal, enquanto as lágrimas lhe obstruíam a vista. — Eu trabalho no hospital, Hennie. É onde pomos as pessoas boas outra vez.

Dentro dela, a criança por nascer deu um pontapé como que a negar aquela afirmação.

* * *

O Der Ridder ficava no extremo de uma fileira de cinco casas entaipadas e manchadas de *graffiti*, à sombra de um viaduto de oito faixas. Era um tradicional bar holandês com luzes berrantes, uma mesa de bilhar e bocados de carpete nos tampo das mesas em vez de no chão. A peça central era uma grande e velha caixa de música *Wurlitzer* e, à sua volta, as paredes estavam cobertas de peças antigas, cachimbos de cerâmica e enfeites circulares em latão para os arreios dos cavalos, que chocalhavam de cada vez que um camião grande estrondeava ao passar na autoestrada. Um gato dormia num banco ao balcão. O único cliente era um velho das Antilhas que se encontrava a um canto, com um chapéu de feltro empoleirado na parte de trás da cabeça, a beber qualquer coisa azul num copo comprido.

Max pediu cerveja para ele e para Leo e outro creme de menta com gelo para a mulher de meia-idade que estava atrás do balcão, com um ar abatido e a trabalhar com afinco no polimento do cobre amassado do tampo. Tinha o cabelo pintado de loiro, grisalho na raiz, e a pele tão queimada que parecia quase cor de laranja sob as luzes do bar. Talvez ela a tivesse polido também.

— Bastante sossegado por aqui esta noite — disse Max.

Ela assentiu com a cabeça.

— Todas as noites são assim. Ser-se dono deste bar é uma maneira tão boa de ficar endividado como qualquer outra que eu conheça.

— Talvez eu possa ajudar. Só quero uma pequena informação. — Max colocou um cisne de papel em cima do balcão, dobrado a partir de uma nota de cem euros. — Acerca de Luc de Wit, aliás Anvil.

A mulher abanou a cabeça demasiado rápido, vacilando na sua tarefa de polir o cobre.

— Não conheço.

Max sabia que ela o conhecia. E disse-lho.

— Ouça — retrucou ela —, nunca vejo nada, nunca ouço nada, e nunca digo nada. É isso que mantém as minhas janelas intactas e o meu filho em segurança na escola. Compreende o que estou a dizer?

Algures nas cercanias, um comboio expresso passou a apitar rumo a sul, na direção de Utreque, Eindhoven e da fronteira com a Bélgica.

O velhote tinha levantado a cara do seu jornal e estava a olhar para Max.

— Reparei em si hoje — disse ele. — Com os polícias.

— Exatamente — respondeu Max, apresentando-se. — Podemos fazer-lhe companhia?

— Claro. Mas de caminho podiam trazer-me um copázio de *Blue Curaçao*, pouco gelo.

Max foi buscar-lhe a bebida e fê-la deslizar por cima da mesa ao sentar-se. Leo desapareceu para a casa de banho. Passados alguns segundos, regressou, murmurou qualquer coisa a Max acerca de deixar a porta de trás entreaberta e sentou-se sozinho noutra mesa, donde podia ver a entrada do bar. Tudo boas precauções, muito profissionais.

O velhote apresentou-se como Joseph Gimbel.

— Você estava com os polícias, mas não parece polícia, e o seu amigo nervoso não sei de onde é. O que se passa?

— Ando à procura de uma mulher inglesa chamada Erica Stroud-Jones. Desapareceu do centro de Amesterdão há cerca de uma semana. Sabe alguma coisa a esse respeito?

— Li acerca do assunto no jornal. Por que razão a procura aqui?

— Acho que o Anvil poderá saber alguma coisa.

— Porquê?

— Quem faz as perguntas sou eu. Mas se quiser que seja de outra forma, paga-me você as bebidas — disse Max enquanto retirava o *Blue Curaçao* de modo tão brusco que uma parte do líquido saltou para cima da mesa.

O velhote emitiu um som de desaprovação face ao desperdício e voltou a agarrar na bebida, despejando o resto de uma golada e limpando a boca com as costas da mão. Depois inclinou-se para a frente e segredou:

— Ouça, homem, estou aqui todos os dias. Às vezes ele vem cá, outras vezes não. Não me presta atenção nenhuma. Mas ouço coisas. Posso ficar à escuta para saber notícias sobre a rapariga. Faça o meu tempo valer a pena, está bem?

— Duzentos euros?

O homem chupou os dentes e abanou a cabeça.

— O Anvil é um tipo perigoso. Isso nem sequer dará para me pagar um funeral modesto. Digamos mil euros. Está a ver, a minha Dorothy gostaria de me ver partir com flores, um caixão como deve ser, e essas coisas.

Max suspirou.

— Nem saberia o que havia de fazer com mil euros. Trezentos ou nada. Metade agora, e metade quando conseguir saber aquilo que pretendo.

Joseph assentiu com a cabeça.

— Arranje-me a morada da casa dele, nomes de amigos, descubra em que espécie de negócio sujo ele anda metido com a tal Xenix Molecular. E qualquer rumor acerca da Erica. Onde ela poderá estar e por que motivo a mantêm presa. De acordo? — Da provisão que lhe fora emprestada, contou uma nota de cem euros, duas de vinte e duas de cinco, e empurrou o dinheiro por cima da mesa. Joseph enfiou as notas rapidamente no bolso.

De repente, o tráfego tornou-se mais sonoro e Max ouviu Leo aclarar deliberadamente a garganta. A porta estava aberta, e ele viu três indivíduos acabados de entrar, com a barba mal feita, de fatos-macacos manchados de óleo e botas pesadonas. O homem mais alto, com o nariz partido e o cabelo cortado à escovinha dos lados e atrás da cabeça, trazia um cão pela trela. Joseph levantou a mão e saudou-os, mas eles ignoraram-no, observando em vez disso o gato que saltou do seu banco e fugiu para trás do balcão.

O animal era um cão de luta, arraçado de *bull terrier*, com olhos de porco, uns bocados ratados no lugar das orelhas e um lábio rasgado que lhe dava um meio-sorriso cruel. Algo nele fez com que Max sentisse uma pontada na mão ferida, por baixo da ligadura. O cão urinou contra um banco do balcão, depois virou-se e examinou o espaço abaixo do nível do tampo das mesas, tal como o comandante de um submarino da marinha alemã à procura de alvos fáceis. No momento em que se deparou com Leo, atirou-se, puxando a corrente da trela até ao extremo, num frenesim de rosnadelas e latidos, com as unhas a raspar furiosamente no chão de madeira.

— *Terug! Godverdomme!* — O *Nariz Partido* enfiou o cigarro na boca, puxando a trela estranguladora como se fosse um esquiador aquático a segurar na corda presa ao barco. — *Terug. Terug!*

— És mesmo um bichaninho, não és, *Terug*?! — exclamou Max, dobrando-se na direção do cão para o distrair enquanto o Leo se escapulia.

— *Terug!* — disse um indivíduo baixo e musculoso, esgueirando-se ao passar por Max para evitar o animal. Os braços do *Nariz Partido* quase lhe eram arrancados das cavidades articulares quando a besta se virou para o seu novo alvo. Max retirou rapidamente os dedos do alcance das mandíbulas da fera, que rosnava de modo frenético, mas uma meada espumosa de saliva salpicou-lhe a camisa e ficou ali pendurada.

— Um nome meio estranho para um cão — disse Max, limpando a cuspidela da camisa. Os maldosos olhos de porco devoravam-no.

A mulher que atendia ao balcão inclinou-se para eles.

— *Terug* significa «para trás». O nome do cão é *Mandy*. E tire o seu amigo da minha mesa. Só porque é carpete não quer dizer que seja para se andar lá em cima.

Leo saltou de uma mesa para outra acompanhado pelas queixas da mulher, até se encontrar fora da zona de perigo, junto da porta para as casas de banho.

— Esse cão é um cabrão — murmurou.

— Nunca conheci um *Mandy* que não o fosse — replicou Max. Regressou à mesa de Joseph e segredou ao velhote:

— Encontro-me aqui consigo amanhã de manhã às oito. Combinado?

Joseph bateu na testa, imitando a saudação militar.

— É melhor vir depois de amanhã. Posso dizer-lhe uma coisa de borla. Nenhum dos três é o Anvil, mas aquele é o cão dele.

Max assentiu com a cabeça e virou-se para se ir embora. Os três indivíduos tinham-se espalhado pela sala, bloqueando a saída. *Mandy* estava deitado no chão à frente deles, em silêncio, parecendo sorrir através do lábio rasgado. Olhou fixamente para Max, levantou a cabeça e começou a morder a perna de uma pesada mesa de ferro fundido. Todos os presentes na sala se encolheram. Max sentiu uma dor nos dentes por contágio do som agudo daquele rangido, quase à espera de ver saltarem faíscas.

O indivíduo musculoso disse qualquer coisa a Max em holandês, de forma agressiva.

— Ei, vocês são as primeiras pessoas que encontrei neste país que não falam inglês — disse Max. — Pensem só nas conversas engraçadas que poderíamos ter tido.

— Ele disse para deixar de provocar o cão — traduziu a mulher atrás do balcão.

— Só por existir, é isso? Por ter o descaramento de querer tomar uma bebida sossegado?

O indivíduo musculoso apontou bruscamente com o polegar na direção de Leo e soltou um chorrilho de insultos que pareciam gargarejados. Mais uma vez, a empregada traduziu:

— Ele quis referir-se ao facto de trazer o seu macaco de estimação para aqui. O *Mandy* ataca macacos, diz ele.

— Bem, isto aqui não é propriamente um bastião de harmonia racial — disse Max. — Sempre pensei que os holandeses fossem muito unidos, até vir a esta pocilga.

Traduzida aquela provocação, o *Musculoso* tirou uma chave de torque do bolso do fato-macaco. Mas foi só quando o *Nariz Partido*

se baixou para soltar *Mandy* da corrente que Max e Leo se precipitaram para a porta das casas de banho. Max fechou a porta atrás de si, mas esta não tinha fecho. Leo correu para o compartimento dos homens, derrapando ao tentar travar e forçando ruidosamente a maçaneta de uma porta.

— Merda! Abri a porta, agora está trancada!

Max segurava na porta exterior, que era pontapeada do lado de fora.

— Tenta a casa de banho das senhoras. Não consigo aguentar esta por muito tempo. — O pontapé seguinte abriu a porta cerca de cinco centímetros, o suficiente para *Mandy* meter as mandíbulas na base. Max não conseguia fincar os pés no chão de tijoleira de forma a empurrá-la para a manter fechada e, entretanto, viu o cão retirar à dentada um pedaço, do tamanho de um punho, do bordo inferior da porta. Com um empurrão final, atirou com a porta contra o focinho malhado do cão e correu como uma bala para a casa de banho das senhoras, atrás de Leo. O africano tinha aberto uma janela pequena e estava a trepar para o reservatório do autoclismo para se atirar lá para fora de cabeça. A aproximação ofegante de *Mandy* e o som das suas garras a raspar no chão de tijoleira deram a Max o pressentimento de que ele não iria conseguir. Agarrou num rolo suplente de papel higiénico, enfiou três dedos da sua mão ilesa dentro do tubo interior do rolo e virou-se para enfrentar o cão que rosnava furiosamente.

— Cãozinho lindo! — disse Max e, provocado por essa difamação, *Mandy* saltou sobre ele.

Max enfiou a mão almofadada entre as mandíbulas do animal e sentiu toda a pressão da sua mordida. Depois puxou os dedos para fora, deixando o cão com a boca atulhada de papel. Nessa altura, Leo já se encontrava fora da janela e, antes de se juntar a ele, Max só se deteve para esguichar para os olhos da besta um ambientador aerossol que estava à mão. Emergiram numa zona recreativa para crianças com alguns baloiços e um balancé de plástico. Saltaram por cima de uma sebe, atravessaram um parque de estacionamento

e caminharam ao longo de uma curva de cerca de oitocentos metros até à estação de metro, certificando-se de que não estavam a ser seguidos. Só quando se encontravam finalmente no caminho de regresso a Amesterdão é que descontraíram.

— Quando eu era miúdo, tinha um cão — disse Max.

— De que raça?

— Era apenas um rafeiro. Sempre gostei deles.

— És o melhor amigo do *Mandy*, não és? — disse Leo, e ambos se riram.

O velho *Ford* fazia uma chiadeira pela Amstelveenseweg acima, e depois pela circunvalação sul, dirigindo-se para o Randstad Medical Centre, na parte leste de Amesterdão. Saskia tinha o telemóvel pressionado contra o ouvido e falava com Paul Jeker, o responsável pelas admissões nos cuidados intensivos. Carregou no acelerador ao ultrapassar pelo lado de dentro um camião das pedreiras mal iluminado, recebendo uma buzina explosiva e zangada em tom de barítono. Depois da ultrapassagem, olhou pelo retrovisor. No banco traseiro, uma Hennie nervosa segurava Caroline no colo, embrulhada num cobertor. A criança tinha convulsões e tremia, murmurando para si própria. O carro tresandava a vomitado.

Saskia precisava de saber ao certo, e a única forma era voltar a fazer, agora, a meio da noite, aquilo que passara o dia inteiro a fazer. Colocar uma gota espessa de sangue da sua preciosa filha numa lâmina e compará-la, debaixo do olho de um microscópio, com o sangue de Erskine, à procura dos anéis cinzentos nas células sanguíneas.

— Estamos quase lá, estamos quase lá. Aguenta-te.

A forma bem conhecida da entrada em betão do Randstad pareceu-lhe tão acolhedora como os braços de uma mãe. Saskia foi diretamente para a zona de estacionamento das ambulâncias, por baixo da entrada principal, mostrando de relance o seu passe ao segurança. Dois assistentes e uma enfermeira estavam com Paul Jeker junto das arranhadas portas duplas, através das quais, ao longo dos anos, tanta gente fora transportada a correr, entre a morte e a salvação.

Quinze minutos mais tarde, sentada ao microscópio, Saskia pôs a cabeça entre as mãos e uivou de dor. Jeker, de pé ao seu lado, abraçou a cabeça de Saskia e afagou-lhe a face, enquanto ela cerrava os punhos e martelava com eles na secretária.

— Vá, Saskia. Tem calma, minha querida. Aquilo pode estar dentro dela, mas a luta ainda nem começou. O melhor pessoal do mundo está em cima disto, bem sabes. E a nossa filha é uma sobrevivente.

* * *

Na manhã seguinte, a conferência de Parasitologia era devotada à cegueira dos rios, mas ainda que fossem só dez da manhã, a maioria dos delegados já tinha saído. Max passara em vão uma hora a aguardar na receção do Centro de Congressos RAI, à espera de avistar Henry Waterson, à espera de descobrir por que razão se tinha ele deslocado a uma obscura empresa chamada Xenix Molecular Solutions numa zona abandonada de Roterdão. Por fim, desistiu e dirigiu-se para o gabinete do organizador, onde John Milward estava a empilhar pacotes de programas não utilizados.

— Olá, Max. Alguma notícia da Erica?

— Nenhuma, infelizmente. Viste o Waterson?

— Não. Não o vejo há dias. Pode já ter partido.

— Sabes onde ele estava hospedado?

Milward soltou um forte suspiro.

— Não, mas a maior parte dos convidados importantes ficou no Golden Tulip, no Marriot, no Okura ou no Hilton.

Max agradeceu-lhe; depois de vinte minutos ao telefone, conseguiu descobrir o que queria. Waterson estava no Marriot. A rececionista ligara-lhe para o quarto, mas não obtivera resposta, e Max desligou ao ouvir entrar em ação o serviço de atendimento automático.

Quando Max lá chegou, o átrio de entrada do Marriot fervilhava com o movimento ruidoso resultante da chegada de um autocarro cheio de turistas. Ele contornou-os, mantendo a mão ligada no bolso, e dirigiu-se à mulher com o aspeto mais jovem e inexperiente que se encontrava ao balcão da receção.

— Olá. O meu nome é Henry Waterson. Gostaria de fazer o *checkout*.

— Número do quarto? — A rapariga nem sequer olhou para ele ao consultar o computador.

— Hum... — Max mostrou-se confuso. — Ou é 466 ou 646. — Vasculhou nos bolsos como se estivesse à procura da chave.

— O número não estará impresso na sua chave de plástico, senhor. Só um momento. — Introduziu o nome dele e pareceu encontrar aquilo que procurava. — Bebeu alguma coisa do minibar?

— Não.

Ela imprimiu a fatura e entregou-lha para assinar. O quarto era o 312.

— Caramba, até me enganei no andar. Já passei por muitos quartos de hotel, é esse o problema. — Max bateu no bolso do casaco. — Raios! Penso que deixei a carteira no quarto. Voltarei num minuto. Não se vá embora. — A rececionista lançou-lhe um olhar baço mas furioso quando ele se encaminhou para o elevador.

Ao sair do elevador no terceiro andar, Max foi saudado pelo roncar de um aspirador. O quarto de Waterson ficava perto do final de um corredor comprido, e o carrinho da camareira estava mesmo junto do quarto ao lado, de cuja porta aberta soprava uma corrente de ar frio. Max recuou quando surgiu uma filipina baixa e de meia-idade, carregada de lençóis e toalhas, e se bamboleou pelo corredor adiante em direção à rouparia.

Assim que a empregada desapareceu de vista, Max pôs-se brevemente à escuta no quarto de Waterson. Nenhum barulho. Esgueirou-se para o quarto ao lado e viu que, conforme esperava, a janela estava aberta. Olhou para a cidade lá fora, para as suas torres brilhantes e para o tráfego, pestanejando face à luminosidade do sol. Esticando um pouco mais o pescoço, viu que a metódica camareira abrira alguns centímetros das janelas de todos os quartos que tinham sido arrumados, incluindo o de Waterson, que ficava apenas um metro e meio para a esquerda. Max abriu a janela completamente e respirou fundo. A má notícia era que se tratava de um hotel moderno, em que o parapeito de cimento por baixo da

janela tinha menos de cinco centímetros de largura, cerca de metade do comprimento dos seus sapatos.

Com cuidado, passou para o lado de fora, virando o corpo de modo a ficar de frente para o quarto e colocando os pés de lado no parapeito. Com os dedos no caixilho da janela ele estava bem. Mas tinha que cobrir o vão até à janela de Waterson, agora à sua direita, sem o benefício de qualquer apoio, o que seria complicado. Cuidadosamente, deslizou o pé para a direita, arrastando-o ao longo do parapeito o mais que podia enquanto continuava agarrado ao caixilho da janela com ambas as mãos. Depois soltou a mão direita ainda com as ligaduras, de cara encostada ao tijolo nu, e esticou-se às cegas até a ponta dos seus dedos feridos estabelecer contacto com o bordo em alumínio do caixilho da janela de Waterson. De pernas abertas, encostado à parede, deslizou mais um pouco os pés para o lado direito até não poder ir mais além sem largar a janela de onde tinha saído. Max respirou fundo e entregou-se ao esforço final, fazendo um arco com a mão livre por cima da cabeça. Por um segundo, ficou apenas agarrado pelas pontas dos dedos da mão ferida e com crostas. Depois encontrou um segundo apoio e procedeu a uma última e desesperada deslocação dos pés, até que conseguiu ver para dentro do quarto de Waterson.

Estava vazio e arrumado, à exceção de algumas roupas dobradas numa cadeira. Max abriu a janela deslizante e içou-se para dentro do quarto. Na mesa circular junto da janela encontrava-se um molho de publicações científicas. Folheou-as rapidamente, mas não conseguiu ver nenhuma referência à Xenix Molecular Solutions.

Dentro do roupeiro encontrou alguns fatos e uma pasta moderna e elegante de executivo. Estava fechada à chave, mas, tal como a maior parte da bagagem chique e moderna, a segurança ocupa o segundo plano em relação à aparência. Max colocou a pasta de pé apoiada no bordo, bateu-lhe por duas vezes e as finas fechaduras de aço abriram-se como uma mola. Lá dentro estava um livro de

cheques, o passaporte, canetas, papéis, o bilhete de avião e um frasco de comprimidos cor de laranja.

Max agarrou no frasco, abriu-o e, batendo com o recipiente na mão, tirou um punhado deles. Eram cor de laranja com um pequeno ponto azul, exatamente iguais aos do indivíduo que ia ao seu lado no avião. O frasco não tinha rótulo. Embrulhou uma dúzia de comprimidos num lenço de papel e meteu-os no bolso, a seguir voltou a fechar e a guardar o frasco no lugar. Cinco minutos de esforço não conseguiram persuadir a fechadura da pasta a voltar a engatar, pelo que Max desistiu e olhou em redor do quarto para ver se tinha alterado mais alguma coisa. Os papéis estavam arrumados, a janela parcialmente fechada. Só precisava de limpar as suas pegadas poeirentas da beirada saliente da janela. Depois de ter feito isso, abriu a porta e fechou-a atrás de si com cuidado.

Fez rapidamente o percurso de regresso até dobrar a esquina do corredor para o elevador. Ali à espera encontrava-se o homem incapacitado que Max ajudara a carregar pelas escadas acima no Hotel Erwin no seu primeiro dia em Amesterdão. Estava numa cadeira de rodas de alta tecnologia, com um ecrã fino de computador instalado no braço da cadeira, ligado por um tubo grosso a um bocal de metal. Os seus olhos giraram na direção de Max e reconheceram-no.

— Suponho que este seja mais do seu agrado do que o Erwin — disse Max. — Vai para o rés do chão?

A cabeça ossuda do homem mexeu-se de forma convulsiva e os seus olhos castanhos enrugaram-se. No ecrã do computador, com o clique semelhante ao de um teclado, começaram a aparecer letras.

— *Sim. Pelo menos agora posso agradecer-lhe. Além de não poder falar, sou bastante incapaz nesta cadeira de rodas articulável. A Mary-Anne não se tinha apercebido de que o Erwin não dispunha de elevador. Este é muito mais adequado.*

O elevador chegou e Max manteve a porta aberta enquanto o homem conduzia a cadeira de rodas lá para dentro.

— E o que o traz a Amesterdão?

— *A criminalidade. Especializei-me na compreensão da mente criminoso.*

— Então, isso faz de si um psicólogo ou um psiquiatra?

— *Um psicólogo. Sou o doutor Johan Grzalawicz, da Universidade de Antuérpia.*

— Max Carver. Prazer em conhecê-lo.

— *No meu campo nunca há falta de trabalho. Todos os dias há um novo e fascinante acontecimento. Tal como no seu caso, senhor Carver. O senhor não é Henry Waterson. Por que motivo estava a fazer-se passar por ele ao balcão da receção?*

* * *

Em determinado momento da escuridão intemporal em que se encontrava, John Sanford Erskine III acordou, sabendo que nunca veria o amanhã. Um carro passou, com o característico sibilar dos pneus, as suas luzes a varrer como um farol o oceano branco do teto. No silêncio que se seguiu, escutou o bombear do coração a pulsar-lhe nos ouvidos, a respiração áspera e difícil, os motores cansados da sua existência. Agora sabia que esse corpo era apenas algo que alugara para a ocasião da vida. Muito em breve teria de o devolver. Não lhe pertencia. Aquilo que o aterrorizava era imaginar o que restaria dele no fim.

Um zumbido muito leve em tom agudo distraiu-o. Um negro ponto de exclamação separou-se da parede por cima da sua cabeça e desceu em direção ao seu pesado braço nu pousado em cima do peito. Com a cabeça de alienígena dobrada para baixo, os olhos como uns óculos de proteção, o mosquito aterrou suavemente entre a selva de pelos do seu pulso, rastejando até conseguir descobrir um caminho até à pele. Paralisado, Erskine não conseguiu desviar os olhos quando a agulha penetrou, enquanto o corpo do mosquito dilatava com o sangue que ia sugando até não poder mais, as suas antenas em espasmos de desejo.

Repentinamente, Erskine compreendeu. *Seu estupor, pensou. Porque não me lembrei de ti mais cedo? Tenho de chamar a Penny,*

ela conseguirá encontrá-lo.

— Penny! Penny! — A sua voz, não mais do que um grasnido, esfumou-se no ar que o envolvia. — Penny. É importante. Eu sei... quem é.

Um vulto escuro e turvo entrou no quarto, e o mosquito voou para longe. A voz tranquilizadora dava a impressão de vir numas asas quentes, de centenas de quilómetros de distância.

— Calma, senhor Erskine. Estava só a sonhar.

Erskine sentiu qualquer coisa fresca a esfregar-lhe a sobrancelha.

— Penny?

— Não, sou a enfermeira de serviço. A Penny só pode vir de manhã, está bem? Quando o senhor se sentir um pouco melhor.

— Não! Tenho... urgência... Penny!

— Tente dormir.

— Não me resta tempo... não há tempo. É essencial.

* * *

A enfermeira desligou o monitor de frequência cardíaca e afastou o suporte do conta-gotas da solução intravenosa, retirou os lençóis sujos da cama. Estava surpreendida pela força com que o doente se agarrara naqueles últimos segundos de vida. Os dedos dela ainda formigavam, arrepiados, vários minutos depois de o corpo ter sido levado numa maca para a morgue do hospital. Havia uma grande quantidade de batas brancas à volta dele, atendendo a que se estava a meio da noite, e tinham passado muito tempo a tentar reanimá-lo.

Perguntava a si mesma se ele seria famoso. Não reconhecia o seu rosto. Se alguém chamado Penny viesse vê-lo, dir-lhe-ia que era o seu nome que o senhor Erskine tinha chamado, no fim. Talvez isso a fizesse feliz ou, pelo menos, atenuasse a dor.

* * *

Na manhã seguinte, depois de a água ter sido distribuída, ouvimos sons de chaves e conversas e de muitas botas pesadas.

Havia diversas vozes, baixas e subservientes. Sobrepondo-se a elas ouvia-se um timbre lento e enfático, que imaginei vir de um corpo bem alimentado. Os passos aproximaram-se da nossa porta. Escutámos uma respiração profunda e rouca. A ansiedade cresceu dentro de mim enquanto esperava que a porta se abrisse, mas, em vez disso, as botas passaram e subiram. Uma sombra desceu sobre nós e, quando olhámos para cima, vimos um homem enorme em uniforme militar, a mirar-nos da grelha que funcionava como telhado da nossa cela. Acocorou-se para nos observar mais de perto. As barras gemeram. À meia-luz, não conseguíamos ver-lhe o rosto, apenas uma forma oval bem provida de carne.

— Bem-vindos, amigos ocidentais, à cidade capital do KPLA — disse a voz, articulando cada palavra cuidadosamente. — Ou, pelo menos, é aqui que iremos construí-la.

Ninguém falou. Sentíamos o cheiro do suor gorduroso do homem que se encontrava lá em cima, mas o nosso medo era um aroma mais forte.

— Digam-me os vossos nomes e as vossas nacionalidades, para quem trabalham e há quanto tempo estão no nosso país.

A irmã Margaret começou, declamando os seus doze anos ao serviço da Igreja Católica com um orgulho sereno e a voz firme. A seguir fui eu, depois a Amy e por fim o Jarman. Nós os três estávamos muito menos seguros.

— Quero que se considerem hóspedes do KPLA. Quero tratar-vos de forma simpática, para que possam dizer ao mundo como somos civilizados. — Pronunciou devagar: «ci-vi-li-za-dos». — O único problema é que estamos um pouco sobrelotados. O meu objetivo é dar-vos algum espaço e conforto, comida melhor e um pouco de exercício durante o tempo em que estiverem connosco.

Houve alguns murmúrios de aprovação dentro da cela. A irmã Margaret falou em nome de todos.

— Monsieur, um de nós precisa de medicamentos. Tem uma infeção no pé.

— Vou tratar disso. Antibiótico, certo?

— Sim, por favor. — A irmã Margaret teve dificuldade em ocultar a sua surpresa.

— E a comida também não receberia uma estrela Michelin, pois não? — Soltou uma gargalhada ribombante; nervosos, fizemos coro com ele.

— Verei o que posso fazer a esse respeito, mas têm de ser tolerantes comigo. Vai levar algum tempo. Mais tarde, espero trazer uma cidade de lagos e árvores.

Olhámos uns para os outros, confusos.

— Eletricidade — refletiu ele em voz alta —, para termos luz para ler, e água quente, ar condicionado, refrigeração. O que acham?

— A mim parece-me que vai ser bom — respondeu a Amy.

— Será bom — disse ele a acenar enfaticamente com a cabeça, salpicando-nos com pingos de suor. Assim que ele se afastou, passei a manga da camisa pelos olhos. Não me atrevera a fazer isso antes.

— Posso perguntar o seu nome? — gritou a irmã Margaret.

Fez-se uma pausa.

— Penso que sabe quem sou, irmã.

— O Brigadeiro Crocodilo?

Ele riu-se e foi-se embora.

(Diário de Erica, 1992)

* * *

Max não fazia ideia se Grzalawicz iria fazer queixa dele à polícia, mas com certeza que diria a Waterson, que num instante descobriria quem lhe tinha arrombado a pasta. Sem dúvida nenhuma, isso significaria o fim da liberdade condicional. A rapidez agora era essencial. Voltar ao Der Ridder talvez fosse difícil, mas não tinha alternativa se queria saber o que Joseph Gimbel descobrira acerca de Erica.

Uma hora antes do encontro marcado, Max e Leo vigiaram o bar instalados nuns arbustos perto do topo dos suportes da autoestrada.

O Der Ridder ficava situado num entroncamento, do outro lado da saída da autoestrada através de uma via de descida íngreme, e Max conseguia ver quem quer que se aproximasse vindo da esquerda ou da direita da estrada principal, ou da autoestrada atrás de si.

Os binóculos de observação de pássaros que Henk lhe emprestara permitiam uma boa visão para o interior do bar profusamente iluminado. A mulher que servia ao balcão estava a falar com um único cliente, que a Max e Leo pareceu ser o indivíduo baixo e musculoso do trio de rufias que tinham ido lá duas noites antes. Este partiu imediatamente depois das 19h30. Não apareceu mais ninguém até às 19h55, altura em que surgiu uma figura curvada vinda da esquerda, em passo lento. Era Joseph Gimbel.

Quando Gimbel se encontrava lá dentro, eles deslizaram pela ladeira abaixo e atravessaram a rua. Leo inspecionou a área de estacionamento nas traseiras e os diversos anexos, enquanto Max entrava no bar. Joseph estava no lugar que ocupava habitualmente, com um jornal aberto à sua frente e um copo de *Blue Curaçao* na mão. Levantou os olhos quando eles se aproximaram.

— Olá, Joseph — cumprimentou Max, e sentou-se. Leo foi inspecionar as casas de banho e, quando regressou, foi sentar-se a uma mesa de onde pudesse vigiar a porta principal.

— Olá. Onde foi parar aquela antiga caixa de música toda bonita?
— Leo apontou para um espaço vazio na parede onde a grande *Wurlitzer* tinha estado duas noites antes.

— Está a ser arranjada — respondeu a mulher, acendendo um cigarro e inalando o fumo profundamente. — Neste local já nada funciona. — Tirou duas cervejas grandes e levou-lhas. — São por conta da casa.

Max encolheu os ombros e agradeceu-lhe antes de se virar de novo para Joseph.

— Então? O que é que descobriu?

— Ele tem a mulher — respondeu. — Erica Stroud-Jones, é esse o nome dela, não é?

Max ofegou, engasgando-se. O bar ficou silencioso, à exceção do barulho surdo e prolongado dos grandes camiões que passavam em cima do viaduto.

— Onde?

— Isso vai levar-me um pouco mais de tempo a descobrir. Mas é o Anvil. Não está a trabalhar sozinho, há outro indivíduo.

— Chama-se Henry Waterson?

— Não sei o nome dele.

— Que aspeto tem?

— Não faço ideia. Dizem que o Anvil se meteu ao barulho com esse tipo, mais nada. Há algum tempo que ele não aparece por aqui. Estão a cozinhar coisa graúda.

Max agarrou-o pelos ombros.

— Joseph, preciso de saber esse nome. Está bem?

— Tem aqui algumas fotografias que talvez ache úteis. Dê uma olhadela enquanto vou verter águas. — Joseph levantou-se e entrou na casa de banho. Max chamou Leo e contou-lhe as novidades, depois começaram a analisar as fotos.

Demoraram uns minutos a passar as fotografias. Pareciam instantâneos turísticos de Amesterdão, e não havia nenhuma que Max reconhecesse.

— Isto é uma treta, Leo. Estas fotografias não significam nada. — Max levantou os olhos e viu que se encontravam completamente sozinhos.

— Onde foi a mulher que estava atrás do balcão?

— Não sei. Mas levou a carteira com ela — respondeu Leo.

Vindo do viaduto, ouviu-se o engatar forçado e arranhado das velocidades de um camião. Max olhou para Leo e, de repente, percebeu claramente o que estava a acontecer.

— É uma emboscada — disse Max.

Leo sacou da *Walther* e espreitou para as casas de banho através da porta. Não se via sinal de Joseph. Max já estava a dirigir-se para a porta principal quando o seu cérebro reconheceu o som.

Um motor a roncar, a acelerar ao máximo, abalou os vidros das janelas e fez os copos vibrar num zumbido em cima das mesas.

— Leo, vamos pirar-nos daqui. Já!

Max agarrou no seu companheiro e desataram a correr. Num último relance através da montra do bar, viu o camião-cisterna que se aproximava, sem condutor, a descer com um barulho atoador pela estrada de acesso, o logótipo da empresa petrolífera gravado acima do enorme radiador cromado. Eles tinham-se afastado alguns metros da porta quando a viatura lavrou pelo edifício dentro com um ronco infernal e o rangido de metal. Max continuou a correr no meio do barulho ensurdecedor, da chuva de tijolos e de madeira, continuou a correr quando as chamas irromperam como um mar cor de laranja atrás dele, e continuou a correr quando as suas roupas começaram a arder. Continuou a correr quando já não conseguia sentir Leo ao seu lado, porque não sabia que mais poderia fazer.

Quando deixou de ter forças para correr, atirou-se para o chão, rolando na erva húmida e esfregando lama sobre a sua cabeça queimada. Ficou deitado de costas e olhou para o céu, a arquejar. Por cima de si, como um cogumelo, havia um manto de fumo negro. Ergueu-se e pôs-se de joelhos. O Der Ridder tinha desaparecido, varrido por um mar de chamas que corriam ao longo da estrada em ambos os sentidos, numa extensão de uns cem metros, arrastando consigo uma dúzia de veículos que estavam estacionados. Um carro tinha capotado para fora da estrada e ardia intensamente. Max pronunciou uma pequena oração por quem quer que estivesse lá dentro, e interrogou-se sobre o destino cruel que os tinha conduzido àquele fim infernal, a que ele sobrevivera.

No sítio onde o bar antes estivera encontrava-se agora o esqueleto metálico de um camião envolto em chamas. O tráfego na autoestrada tinha parado e algumas pessoas começavam a descer pelo aterro. Não havia sinais de Leo, mas através do fumo queimado que se elevava pareceu a Max ver um homem alto do outro lado da rua, com um cão preso por uma corrente. Quando o fumo se dissipou, ele tinha desaparecido.

* * *

Num fim de tarde quente e húmido, o professor Jürgen Friederikson saiu para o seu jardim nos arredores de Utreque. Estava inadequadamente vestido para aquele tempo, com um agasalho grosso por cima de um pesado fato de treino, um chapéu de lã, luvas de couro e botas altas. Do ponto de observação de um pequeno dique que separava a sua casa do canal, viu um Sol cor de laranja deslizar para trás de um horizonte tão plano como uma régua. Dentro de uma hora estaria escuro. Não havia um sopro de vento, nenhuma ondulação na água.

O professor respirou profundamente. Asfixiava dentro da sua roupa grossa. Há vinte e quatro horas que não tomava banho e, quando levantou o braço, um cheiro a suor instalado assaltou-lhe as narinas. Perfeito.

O professor voltou a casa e regressou com um livro, uma lanterna e três objetos volumosos, colocando-os debaixo de uma grande macieira. O primeiro era uma grande cobertura de plástico cor de laranja, que ele estendeu e limpou cuidadosamente. Em cima disso desenrolou um grosso saco-cama acolchoado e um mosquiteiro branco. Procurou a argola de latão no centro da rede e atou-a a um ramo da árvore. Depois de puxar a orla do mosquiteiro para fora e colocar quatro pedras em cima, obteve um espaço em forma de pirâmide à volta do saco-cama, rodeado por um bordo de cerca de um metro do plástico cor de laranja. O professor deslizou para o chão e contorceu o corpo para se enfiar debaixo da rede. Depois tirou as botas, arregaçou a perna direita das calças e desapertou as tiras de couro da sua perna artificial. Colocou o membro de metal baço junto de si enquanto se metia dentro do saco-cama, puxando o fecho de correr até à cintura. Tirou o chapéu, as luvas e a camisola. O toque final naquela peça de ciência prática era um par de tampões auriculares. Sem eles, o zumbido agudo do cerco empreendido pelo inseto que ele estava prestes a provocar não o deixaria dormir.

À solta, em algum lado, havia uma espécie de mosquito capaz de transmitir o *Plasmodium cinco*. Friederikson sabia que era muito mais fácil atraí-los até si do que sair por aí à procura deles. Os mosquitos são atraídos pelo suor dos seres humanos. Quanto mais suor houver, mais intenso é o alvo. A recente onda de calor tinha aumentado enormemente o número de mosquitos e, quando o anoitecer chegasse, dezenas de milhares de fêmeas esfomeadas iriam persegui-lo sem cessar, o alvo maior, mais quente e mais transpirado da zona. Atacariam a rede, tentando alcançá-lo. Desesperadas por sangue para permitir que os seus ovos incubassem, tentariam repetidamente descobrir uma forma de entrar.

E então morreriam. Duas horas antes, Friederikson havia embebido o mosquiteiro num inseticida de ação rápida. Inofensivo para os seres humanos, um toque apenas era fatal para os insetos. Naquela experiência não deveria haver sobreviventes. O que ele pretendia era os seus corpos mortos. De todos. O importante era manter os mosquitos na rede, a tentar chegar até ele até a toxina fazer efeito, para que os seus corpos caíssem na cobertura de plástico. De manhã ele recolheria os corpos dos mosquitos e levá-los-ia para o laboratório. Nos dias seguintes iria triturá-los e usar o ELISA, o teste com um anticorpo monoclonal. Num daqueles corpos, talvez em mais do que um, esperava encontrar parasitas da malária.

Friederikson imaginou os mosquitos como helicópteros de combate de voo noturno, utilizando equipamento de visão térmica para descobrir os seus alvos. A sua experiência em enfermarias hospitalares em África mostrara-lhe que os doentes com febre provocada pela malária eram picados mais vezes por mosquitos do que os outros doentes, uma probabilidade acima da média de um parasita voltar a saltar para um mosquito e completar o seu ciclo de vida. Durante anos, ele perguntara a si mesmo se o facto de o parasita produzir febre era apenas uma feliz coincidência, ou se seria intencional.

Agora estava convencido de que era intencional. Os cientistas têm mostrado que a malária não é um mero passageiro dentro do mosquito, mas um piloto audacioso que altera o comportamento do mosquito de maneira a trazer-lhe vantagem. Ao princípio, a teoria parecera-lhe rebuscada, até levar em consideração o vírus da raiva, uma doença que transforma um cão tranquilo e sossegado num monstro que se baba e morde. Cada mordidela aumenta a possibilidade de o vírus se transmitir pela saliva do cão, aumentando também as suas hipóteses de sobrevivência.

Com o mosquito acontece o mesmo. Até o parasita da malária estar pronto para ser transmitido, ele inibe o mosquito de se alimentar. Uma vez preparado, torna o seu hospedeiro mais agressivo, picando repetidamente, deslocando-se para mais longe e mais depressa. A forma como faz isso é um mistério. A razão é fácil de entender. Através de cada nova picadela, aumenta a possibilidade de ser transmitido a um humano, para sobreviver e se reproduzir.

Portanto, se a malária controla um mosquito, poderia controlar uma vítima humana? Nem todas as infeções parasitárias provocam febre. Contudo, no caso da malária, a febre confere uma vantagem no que diz respeito ao desenvolvimento evolutivo. Uma provocação ao sistema imunitário do ser humano, de modo a elevar a temperatura corporal e pôr à disposição as luzes de aterragem para os mosquitos assaltantes. Mas Friederikson sabia que qualquer teoria que se baseasse apenas na gravidade da febre apresentava falhas. O pico da febre na malária ocorre demasiado cedo para o parasita voltar a transmitir-se a um mosquito. Ainda não estará pronto para completar o seu ciclo de vida. E em África, onde tem lugar o maior número das infeções de malária, milhares de pessoas estão parcialmente imunes. Não têm febres significativas, mas atuam de facto como um reservatório de criação para o parasita.

Quando o céu azul-escuro se tornou negro, Friederikson virou-se e tirou os tampões para os ouvidos. O zumbido e o assobio em tom agudo tinham começado a sério. Ao apontar a lanterna acesa para o

mosquiteiro por cima de si, a alguns centímetros da sua cara, viu uma dúzia de insetos na rede, tentando encontrá-lo, com as antenas em espasmos excitados, as asas a tremer.

Friederikson levantou os olhos para os seus inimigos. Conhecê-los equivalia a derrotá-los. Mas depois de cem anos de luta científica contra a malária, ainda havia muitíssimo por descobrir.

* * *

Hoje aconteceu uma coisa muito estranha. Fomos acordados às sete da manhã e levados para fora da nossa cela por um guarda sorridente. Tinha um olho fechado e cosido, e só quando saímos para o frio da clareira é que percebi que se tratava do Rambo-Rambo, sendo a primeira vez que o víamos sem os óculos de sol. Pestanejámos e espreguiçámo-nos, deixando-nos banhar pelo som dos pássaros. A floresta evaporava uma neblina fresca para um céu azul-cobalto e sem nuvens, e o Sol nascente revelava amarelos e verdes deslumbrantes na folhagem alta.

O Desdentado estava lá com um dos Gémeos. Sorriam, com o aspeto de quem ia para a praia. Cada um deles tinha uma camisa colorida em tons berrantes, calções manchados e rasgados, mochila e jerrican. O Desdentado exibia na outra mão um feixe de canas grossas. Não conseguíamos ver nenhuma arma, mas as canas eram bastante suspeitas.

Atrás de nós ouvimos correr e arfar. O Dakka apareceu, como uma bola de futebol em plástico, que ele pontapeava no ar com os pés descalços, e depois ficou parado a equilibrá-la na cabeça ou a fazê-la saltar com os joelhos e o peito.

— Gary Lineker! — guinchou o Rambo-Rambo. — Ryan Giggs, Bobby Charlton.

— Quem são esses? — perguntou a irmã Margaret. A Amy também se mostrou confusa.

— Jogadores de futebol ingleses, do passado e do presente — repliquei. A irmã Margaret riu-se.

— Espero que eles não estejam a contar que entremos no jogo — disse a Amy.

— Qual é o mal? — perguntei. — Precisamos de um pouco de exercício, e isso torna-os felizes. Farei qualquer coisa que nos dê mais hipóteses, nem que seja só meio por cento, de sair com vida desta experiência.

Ela assimilou as minhas palavras com um olhar inexpressivo e depois disse:

— Aposto que farias.

Levaram-nos por um monte abaixo em direção a um rio largo em tom cinzento-azulado, onde o terreno era plano e a erva baixa e flexível. Na outra margem estava uma manada de búfalos africanos, com os cornos como se fossem jugos a pesar-lhes na cabeça, até ao solo, enquanto eles bebiam e pastavam.

O Desdentado espetou duas canas no terreno mole, afastadas cerca de três metros entre si, e depois caminhou uns quinze metros numa passada larga e espetou outras duas, de modo a estabelecer uma segunda baliza. O Dakka corria de um lado para o outro, driblando a bola em redor do desengonçado Gémeo. O Dakka e o Desdentado escolheram as equipas. O Dakka escolheu o Jarman e o Gémeo. O Desdentado tinha o Rambo-Rambo, a irmã Margaret e eu. Fui designada como guarda-redes.

— Ele quer que eu jogue à defesa, como líbero — disse a irmã Margaret, dobrando o vestido sujo e comprido até meio da coxa e dando-lhe um nó. — Que quer isso dizer?

— Não se preocupe. Se a bola for ter consigo, afaste-a simplesmente com um pontapé na direção da outra baliza.

O jogo foi esgotante e confuso, mas era uma deliciosa camaradagem igualitária depois do nosso cativeiro. O Dakka era demasiado ágil para ser apanhado, o Rambo-Rambo fez excitadamente o relato para si próprio, em francês, no momento em que apanhou a bola. A irmã Margaret riu-se e ficou a tossir. Meteu golos acidentais para cada lado, uma vez com o traseiro e outra vez

com a cabeça. Até o Jarman sorriu, usando uma perna com agilidade e arrastando a outra.

O Dakka estava no seu elemento. Vezes sem conta intercetou a bola e avançou a toda a velocidade na minha direção, a bola nos pés e o rosto a brilhar com a alegria do poder. Às vezes trazia a bola até perto de mim, uma provocação para eu o desafiar. Coloquei-me à margem, aliviada pelo facto de a vingança do Dakka ter uma válvula de escape tão inofensiva, e bastante feliz por apanhar a bola mesmo que ele a chutasse de muito longe para a baliza.

Por fim, o calor e o esforço físico venceram-nos. O Jarman e eu juntámo-nos à irmã Margaret, que há muito tempo se retirara com a cara muito vermelha. O Dakka e o Rambo-Rambo continuaram a jogar. Enquanto absorvíamos a luz do sol e a brisa, o Desdentado ordenou à Amy que fosse encher os jerricans ao rio. A maior surpresa ainda estava para vir. Das mochilas, o Desdentado tirou três ananases, uma romã e um saco com tâmaras.

— *Presentes do Brigadeiro Crocodilo* — disse ele. Cortou a fruta e estendeu-a em cima da erva. Era deliciosa, e a sua doçura e o seu aroma permaneceram connosco muito tempo depois de a termos devorado. Por fim, apresentou-nos uma dúzia de ovos cozidos, que descascámos e comemos, acompanhados de água fresca e saborosa. Eu estava tão descontraída que a minha sensação de cativo mal existia. Apenas a Amy parecia infeliz, murmurando que a água deveria ter sido fervida antes de a bebermos.

Regressámos às barracas ao início da tarde. À exceção dos abutres que batiam as asas nas árvores, estava tudo sossegado. Demasiado sossegado. Sentimos que havia ali algo terrivelmente errado.

(Diário de Erica, 1992)

Max estava chamuscado, todo negro, mas ileso. As chamas deixaram-lhe apenas uma espécie de queimadura solar grave no pescoço, nas orelhas e nos tornozelos. Rastejou para trás de um coberto abandonado, de onde ficou a ver desenrolar-se todo o cenário de emergência: ambulâncias e viaturas de bombeiros, carros da polícia e, por fim, guindastes e camiões com faróis de iluminação. Juntou-se uma multidão enquanto o fogo diminuía de intensidade e a tarde escurecia dando lugar à noite. A maior atividade registava-se em volta do carro com o interior destruído, onde foram estendidas três marquesas à espera da perícia de quem entendesse de carne queimada e plástico derretido, sabendo onde acabava uma e começava o outro.

Estava já bastante escuro quando Max começou a tremer de frio. Ao levantar-se, deu-se conta de que os pedaços de tecido queimado que esvoaçavam do seu corpo eram as suas roupas. Nenhum bolso do casaco, nenhuma carteira. Não havendo carteira, não havia dinheiro, nem cartões de crédito. Ele estava com frio, em estado de choque profundo, desesperado por um cobertor e uma tigela de sopa, mas não podia ir ao encontro da multidão. Algures por ali, entre os pasmados e os mirones, estava alguém que não deveria saber que Max Carver tinha sobrevivido. Alguém que não recuava perante nada para o ver morto, alguém para quem a vida humana não tinha qualquer valor.

Havia outra hipótese. O coberto atrás do qual ele se escondera ficava perto dos quintais traseiros das casas abandonadas que serviam de pilar ao viaduto. Rastejou até lá e experimentou as portas de trás, entaipadas, até encontrar uma que estava aberta.

Ali, perto da estrada, um cheiro desagradável e enjoativo a alcatrão quente impregnava tudo, com uma luz débil a projetar-se das lâmpadas de sódio dos candeeiros de rua. Há muito que o local fora saqueado de tudo, desde a lareira até às tábuas do soalho. Os

quartos grandes, o teto alto e o contorno da base da chaminé mostravam que, outrora, aquela casa tinha sido muito agradável, antes de a autoestrada chegar e se apoiar ruidosamente no seu ombro. Os ocupantes mais recentes eram de nível mais baixo. Havia latas de cerveja vazias, preservativos usados e o odor penetrante de comida queimada.

Max subiu as escadas e olhou em volta. Num espelho partido da casa de banho, examinou a sua aparência de espantalho. O lavatório por baixo do espelho havia sido arrancado da parede, mas tremia na extremidade dos canos, de onde ainda pingava água. Ele lavou-se todo, ensaboando-se com uma velha lasca de sabão e arrancando as cortinas para lhe servirem de toalha. Vasculhou umas caixas amontoadas num armário do quarto até encontrar o que queria. Cuecas, calças largas de fato de treino rasgadas nos joelhos e uma camisola de algodão, grossa mas desbotada. Eram roupas velhas e cheiravam a mofo, mas serviriam.

Assomou com a cabeça à porta do último quarto e deu um salto para trás, alarmado. Enrolado em cima do colchão estava o corpo de um velho, a carne viva e brilhante, cor-de-rosa e negra em igual medida, devido a queimaduras horripilantes.

Max deu a volta até conseguir ver-lhe a cara, depois caiu de joelhos em estado de choque. Não era, de maneira nenhuma, quem ele esperava que fosse. Tratava-se de Leo, não de Joseph. As sobrancelhas e o cabelo tinham desaparecido, as orelhas pouco mais eram do que etiquetas com crostas, penduradas da cabeça brilhante e a purgar. Mas foram os olhos que trespassaram Max. Arregalados de surpresa, com as pálpebras destruídas pelo fogo, os seus olhos expressavam, numa carcaça esvaziada, toda a humanidade de Leo.

O primeiro tremor dos lábios destroçados fez Max recuar. Depois chegou um som desprovido de palavras, como um leve suspiro.

Max estendeu a mão como se fosse tocar no ombro de Leo, e então deteve-se a curta distância, percebendo que o mínimo toque seria uma agonia.

— Leo, sou eu, o Max.

— Queria... encontrá-la para ti.

— Sei que sim, Leo.

— Desculpa. Lamento muito.

— Não tens nenhum motivo para pedir desculpa. Fui eu que te arrastei para isto. — Max foi à casa de banho buscar um pouco de água nas mãos em concha, e tentou vertê-la para a boca estática de Leo, mas ele não conseguia engolir. O líquido escorreu para o chão. Max deu-se conta de que, se tivesse sido uma fração de segundo mais lento a sair do bar, poderia ser ele a estar ali.

— Dói tanto!

Max assentiu com a cabeça.

— Pistola, Max. Faz-me isso.

A *Walther* não se via em lado nenhum.

— Onde está, Leo? Onde a deixaste?

— Na cintura.

Max expeliu o ar com força. Pouco restava das roupas de Leo, apenas botões derretidos, como uma fila de rebites incrustados no seu peito, e alguns farrapos enegrecidos de roupa interior, do meio dos quais se projetava um osso da anca. A arma estava um pouco mais abaixo, visível através de uma bolha translúcida tão grande como uma bola de pastilha elástica, onde o punho de metal se cravara misturando-se com a carne. Apesar de o cano da pistola estar livre, havia boas hipóteses de ficar encravado.

— Leo, não consigo tirar a arma. Seria uma agonia.

— Então, eu tiro. — Um braço separou-se ligeiramente do tronco de Leo, e um fluido róseo começou a purgar através da pele à medida que o braço descia muito devagar para a anca.

— Está bem, Leo, está bem. Para. Pelo amor de Deus, ganhaste.

Max inspirou fundo, agarrou com força no cano engordurado e puxou. Os gritos de Leo começaram de imediato, mas os dedos de Max escorregavam continuamente. Precisou de três tentativas para arrancar a arma da carne carbonizada de Leo. Max deu-lhe imediatamente um tiro na cabeça. Depois cambaleou para a casa de

banho e vomitou, com a cabeça a martelar ao compasso do troar ininterrupto dos camiões.

* * *

O mosquito misterioso que havia sido enviado pelo correio a Erskine não constava de nenhum dos livros de referência, e o professor Friederikson levou dois dias a descobrir do que se tratava. *Anopheles minori* era provavelmente tão obscuro como um mosquito podia ser. Descrito pela primeira vez em 1955, era mencionado de passagem num artigo que referia que essa espécie estava confinada a uma pequena parte do Nordeste do Zaire e que parecia ter nos macacos a sua fonte de alimentação.

Friederikson sabia que isso faria dele um fraco candidato para ser o inseto do voo 648 da KLM que proporcionara a primeira vaga de infeções de *Plasmodium cinco*. Esse inseto parecia apreciar a oportunidade de picar os seres humanos.

Por isso, Friederikson seguiu o caminho mais longo. Mandou um grupo de estudantes universitários voluntários dormir ao relento em diversas partes do país, debaixo de mosquiteiros impregnados de inseticida. Os estudantes tinham instruções para recolher os corpos dos mosquitos e enviá-los para Friederikson em caixas de fósforos. Em Utreque, requisitou dois laboratórios e instalou lá alunos de pós-graduação, que identificariam, rotulariam e triturariam os corpos dos mosquitos, submetendo-os depois ao teste do *Plasmodium cinco*.

Após uma semana, tornara-se claro que aquele processo iria ser lento. Cerca de um terço dos insetos enviados nem sequer eram mosquitos. Alguns já estavam esborrachados. A trituração era trabalhosa e lenta, e Friederikson descobriu que alguns estudantes não conseguiam tomar notas de forma adequada. Nesses primeiros sete dias, apenas vinte espécimes de mosquitos foram testados relativamente ao *Plasmodium cinco*. Nenhum deles deu positivo.

O avanço chegou mais cedo, de um setor inesperado. Ao receber um telefonema da KLM, Friederikson quase saltou de alegria.

Deixou uma breve mensagem no serviço de correio de voz do professor Van Diemen, vestiu o casaco e saiu do laboratório.

Uma hora mais tarde, o professor Van Diemen levantou os olhos quando Friederikson irrompeu pela sua sala dentro, de fato-macaco e luvas. Trazia na mão um grande saco do lixo, em plástico, e exibia um largo sorriso na face.

— O que tem aí, Jürgen? — perguntou Van Diemen, desconfiado.

— Venha comigo, e eu mostro-lhe.

— Não tenho a certeza se deverei confiar em si depois daquela aventura na reunião do outro dia. A Dijkstra ainda está bastante furiosa com isso, sabe?

— Trata-se de um progresso. Estou certo de que não iria querer perdê-lo. — Friederikson conduziu Van Diemen para uma sala de reuniões vazia e fechou a porta. Uma grande peça de pano para proteção contra o pó tinha sido estendida pelas quatro mesas centrais, com uma grelha marcada a lápis de cera. Cada quadrado de quinze centímetros estava numerado. — Preciso imediatamente de seis ou sete estudantes — disse ele, largando o saco em cima da mesa. — Podemos ocupar-nos de dez quadrados cada um e analisá-los metodicamente. Essa operação só deverá levar algumas horas.

— Penso que já está a monopolizar a maioria dos meus alunos. Quer dizer-me o que se passa? — perguntou Van Diemen.

— Acabei de chegar de uma oficina no aeroporto de Schiphol onde se repara o equipamento da empresa contratada para a limpeza do aeroporto — respondeu Friederikson com um sorriso radiante, entregando a Van Diemen uma máscara para o pó e uma pinça.

— E daí?

— À espera de reparação estava um aspirador. Tinha-se avariado na manhã em que o 648 da KLM chegou. Provavelmente, foi utilizado em diversos aviões, entre eles o 648. O saco de aspiração do lixo não foi mudado desde essa altura.

Friederikson despejou cuidadosamente o saco para cima do pano e espalhou o conteúdo de modo que este ficasse distribuído de maneira uniforme pelos quadrados. Uma nuvem fina de pó desceu sobre tudo. Van Diemen observou o lixo espalhado à sua frente. Havia lenços de papel e copos de plástico, canhotos de cartões de embarque, adesivos e cabelos, e pedaços bolorentos que em tempos poderiam ter sido comida.

— No meio de tudo isto estão alguns dos corpos dos mosquitos desse voo, que foram mortos quando o pessoal de cabina pulverizou inseticida mesmo antes de aterrarem — disse Friederikson. — O que temos de fazer é encontrá-los. Assim que soubermos que espécie de mosquito infetou os passageiros do voo 648 da KLM, devemos ser capazes de descobrir de onde veio o *Plasmodium cinco*.

* * *

Ao regressarmos ao barracão, encontrámo-lo deserto. Todos os prisioneiros tinham desaparecido. O Desdentado atribuiu a cada um de nós uma cela individual, apesar dos nossos protestos no sentido de querermos permanecer juntos. A Amy e a irmã Margaret foram levadas para uma ponta, e o Jarman e eu para celas adjacentes no outro extremo. A cela que me deram tinha sido esfregada e limpa. Havia uma sanita adequada ligada a um cano, com um piaçaba e uma garrafa de água para descarga. Ao longo de um dos lados tinham colocado um colchão fino enrolado, um lençol e, ao centro, um volumoso mosquiteiro, muito remendado mas utilizável. Ri-me, encantada, e gritei ao Jarman as boas notícias naquilo que me dizia respeito.

Ele demorou a responder. Fazendo um grande esforço para que o ressentimento não lhe transparecesse na voz, disse-me que a sua cela era idêntica à nossa anterior. Não havia cama, nem água, e apenas um buraco com um cheiro fétido para as necessidades básicas.

Gritei para comunicar com a Amy e a irmã Margaret. A Amy tinha regressado à nossa antiga e suja cela. Quanto à irmã Margaret, o único melhoramento era uma bíblia de criança, incompleta e com os cantos dobrados e meio esfarrapados pelo uso. Disse-me que estava emocionada por lhe darem o livro e, com a sua generosidade típica, que estava encantada com o meu luxo relativo.

Sentada no colchão, comecei a interrogar-me sobre o que teria acontecido aos outros prisioneiros. Poderiam ter sido transferidos para outro sítio qualquer? Não tínhamos visto camiões, mas sabíamos que muitos deles não conseguiriam andar. Pensei no Moses e na sua mulher grávida.

— Sabes bem que eles foram todos mortos. — A voz do Jarman era baixa e áspera.

— Não sabemos; talvez os tenham posto a caminhar para outro lado qualquer.

— Não. O Crocodilo não quer desperdiçar soldados a guardar dezenas de locais com os quais ninguém se importa. Agora tem ocidentais como moeda de troca. Sabe que o governo terá de ter conhecimento. O jogo de futebol foi só para nos afastar daqui. Ele não quer que possamos falar dos seus massacres quando formos libertados.

— Meu Deus, espero que estejas enganado, Jarman.

— Também eu. Mas não estou. — Ele fez uma pausa. — Erica, julgo que deves estar preparada para alguma coisa.

— Penso que sei o que vais dizer.

— Exatamente. Aquele colchão não é de graça, ele há de querer alguma coisa em troca. Espero que não seja algo que, para lho dares, te vá magoar muito.

(Diário de Erica, 1992)

Max acordou ao som da chiadeira dos travões quando o comboio parou com um estremeção em Antuérpia, a terra natal de Johnny Gee. Que melhor local para encontrar Lisbeth, e sobretudo neste dia? Através da janela suja, ele teve o primeiro relance dos telhados da Bélgica urbana, um emaranhado monocromático de edifícios antigos, manchados pelo fumo e pela chuva oleosa.

Passava pouco das nove da manhã quando Max se apeou na comprida plataforma, com as mensagens dos altifalantes a ecoar-lhe nos ouvidos, e todas as suas posses na mão. O saco tinha sido feito em dois minutos na noite anterior, quando ele regressara furtivamente ao apartamento às escuras. Algumas roupas, um saco-cama, todos os cremes hidratantes que conseguiu surripiar da luxuosa casa de banho de Henk, e duzentos euros, que retirou de uma gaveta da cozinha. Em troca, Max deixara uma promessa de pagamento e um pedido de desculpas por todos os sarilhos e pelo perigo que trouxera à vida até então gentil e tranquila de Henk.

Max achava que a expectativa da sua própria vida estaria na proporção direta do tempo que conseguisse manter Anvil convencido de que ele tinha morrido no incêndio do Der Ridder. Desaparecer do apartamento de Henk ajudaria nesse sentido, mas cortaria o último elo de ligação a qualquer espécie de normalidade na sua vida. Havia ainda uma implicação mais preocupante. Os mortos não comparecem diariamente na esquadra da polícia, ainda que as condições da liberdade condicional assim o exijam. O laço que o ligava a Henk estaria comprometido no momento em que a polícia se apercebesse de que Max ainda se encontrava vivo. Mais um amigo perdido.

Tudo o que Max deixara tinha sido uma pista muito ténue para ser seguida. De Johnny Gee morto à desfigurada Lisbeth, de Lisbeth a um computador portátil, do computador até Erica. Não se atrevia a considerar aquilo que descobriria quando chegasse ao fim. Uma

visita ao balcão de informações turísticas conduziu-o a um longo percurso de autocarro para sul, através de Gent até Ypres. O cemitério que ele procurava ficava a dez quilómetros da cidade, para sul, na direção da fronteira com a França: dois autocarros pouco frequentes ou uma longa caminhada. Uma chuva miudinha e cinzenta começou a cair assim que se pôs a caminho, e já estava encharcado quando viu as longas fileiras de choupos que demarcavam os limites do cemitério. Levou mais dez minutos a chegar aos portões, que davam acesso a um pátio e a um parque de estacionamento com fileiras de escuros ciprestes adultos ao fundo.

Max perguntou a um jardineiro idoso, que empurrava um carrinho de mão, onde ficava a campa de Johnny Gee. Tornou-se evidente que o velhote não falava uma palavra de inglês, mas o nome trouxe-lhe aos lábios um sorriso de reconhecimento que fez levantar o cigarro de enrolar como uma saudação. Apontou para uma ruela ao fundo e bateu amigavelmente no ombro de Max, deduzindo talvez que ele fosse um parente pobre do grande pugilista.

Um caminho largo, bordejado por mais ciprestes, conduzia ao exterior do pátio. Max podia agora ver como o local era extenso. Havia dezenas de milhares de cruces brancas exatamente iguais, alinhadas como soldados numa parada militar, um exército de fantasmas da Primeira Guerra Mundial a estender-se para o horizonte. Ao caminhar pelo meio, Max estremeceu. Seguiu por uma longa alameda de grvilha branca, que, no final, passava através de um muro com portão para um cemitério diferente. Aí, as lápides variavam, embora, na sua maioria, fossem simples lajes gravadas. Algumas campas datavam da Segunda Guerra Mundial, outras eram mais recentes. Em alguns locais havia jarras cheias de bolor com flores varridas pela chuva e vergadas, e, encostadas em cima das lajes, viam-se coroas com papoilas de papel todas ensopadas.

Max estava preparado para aguardar por Lisbeth, mas ela já lá estava. Só a reconheceu quando ela desistiu de manter aberto o guarda-chuva colorido. Estava a cerca de cem metros de distância,

acocorada de costas para ele e com a cara virada para uma grande lápide cinzenta. Ele permaneceu atrás e viu-a substituir os pés apodrecidos das flores velhas por peónias frescas, lírios e crisântemos, limpando o granito polido com um pano que tirou do seu saco de couro envernizado. Em volta da campa havia um pequeno pedaço de terra, e Lisbeth baixou-se para arrancar as ervas daninhas com uma pá de jardineiro, indiferente à mancha escura de água da chuva que lhe descia em forma de V pela gabardina, e ao cabelo brilhante todo molhado. Por fim, inclinou-se para a frente, pendurou os braços em redor do topo da lápide, como se aí estivessem ombros, e pressionou a testa contra a superfície fria.

Quando Max viu que os ombros dela tremiam, virou-se de costas, entregue à sua própria dor. Com que força a morte aperta a flor do amor entre as suas pesadas páginas! Mantém-na brilhante, inalterada, não permitindo a deterioração, nem que volte a crescer. Assim seria ele dali a treze anos? Ajoelhado na campa de Erica, a ansiar pela carícia de uma pessoa morta?

Só quando Lisbeth se levantou e pegou no guarda-chuva é que Max se aproximou. Estavam apenas a uns dez metros de distância quando ela se virou e olhou para ele, atónita.

— Max! Que estás a fazer aqui?

— Precisava de te ver. — Olhou de relance para as crostas vermelho-acastanhadas que lhe desciam diagonalmente como linhas de eléctrico pelo lado esquerdo da face, para o amarelo esbatido das pisaduras que começavam a desaparecer. Depois ela fez um movimento com a cabeça, para esconder as marcas com o cabelo.

— Lisbeth, quero pedir desculpa.

— Como é que me encontraste? — Ela cruzou os braços. Não parecia estar com disposição para desculpas.

— Pesquisei acerca do Johnny Gee numa biblioteca, vim à terra natal dele. Perguntei no centro de informações turísticas. Não é difícil descobrir onde está sepultado um pugilista famoso. Calculei

que passasses por cá num determinado momento por ocasião do aniversário da sua morte.

— Meu Deus! Isso foi demasiado simples. Qualquer pessoa poderia ter-me encontrado.

— Como, por exemplo, o Anvil — disse Max. — Devo-te muito por teres corrido o risco de me teres dado a conhecer esse nome.

— Penso que tinha de o fazer. Mas agora estou preocupada. Vamos sair daqui. — Chegou-se um pouco para o lado, para abrigar Max debaixo do guarda-chuva, e começaram a caminhar em direção à entrada.

— Meu Deus, Lisbeth, tenho-me sentido tão mal! E quando vi a tua guitarra e as tuas roupas naquele apartamento em Bijlmermeer...

— Achei que ficava mais segura ali com a Karen do que em casa. E agora a minha melhor amiga morreu por causa de mim.

— Não, ela morreu por causa do Anvil, não por tua causa.

— Não acredites nisso. Estou amaldiçoada, trago má sorte a todos aqueles que se cruzam comigo.

— A mim não. Eu também tenho o meu quinhão.

— Talvez. — Lisbeth observou demoradamente a sua mão ligada, o pescoço e as orelhas da cor de uma lagosta. Ofereceu-lhe um sorriso de viés, esticando a pele de um vermelho prateado em redor dos pontos da cicatriz. — Pois pareces-me estar num caos tão grande como o meu. Que aconteceu?

— Nada, realmente. Não te preocupes, nasci para ser feio, mas tu... fico destroçado ao ver aquilo que te fiz.

— Chiu. Meti-me à frente, fui estúpida. A culpa foi minha. Não te recrimino. Foi apenas um estúpido acidente. A polícia quer que preste declarações contra ti, mas recusei.

— Fizeste isso?

— Claro. Só que agora o medo está por toda a parte. Até o Janus fechou a loja e não atende os meus telefonemas. Estás a ver agora porque não quero que agites as coisas?

— Sim. E apesar de todo este esforço, da dor e do desperdício, encontro-me num beco sem saída. Continuo a não fazer a mais

pequena ideia do local onde o Anvil tem a Erica, ou do motivo por que a sequestrou, ou até se ela ainda está viva.

— E a polícia?

— É inútil. Pura e simplesmente, não querem saber. Até parece que o Anvil é protegido ao mais alto nível, ou algo do género. — Nesse momento tinham chegado a uma paragem de autocarro à porta do cemitério.

— Isso pode ser verdade. Conheço um polícia chamado Dirk Stokenbrand...

— Meu Deus, *aquela* desprezível raposa, sinuosa e traiçoeira?

— Sim, não é lá muito simpático, pois não? Uma vez, dei-lhe umas informações sobre uma associação criminosa, e ele ficou todo contente até eu lhe dizer que o Anvil era o cabecilha. Disse-me depois que não podia mexer no assunto, mas não quis dizer porquê.

— Lisbeth, fazes trabalho regular de bufo?

— De quê?

— Informadora da polícia, do Stokenbrand, por exemplo.

Ela fez uma pausa.

— Fiz durante muito tempo. Mas já não faço. Naquela noite, depois do Purple Haze, ele foi ter comigo ao hospital, mas eu não o quis ver. Já estava a correr riscos ao dar-te o número de telefone do Anvil. Achei que o Anvil poderia usar o Stokenbrand para me encontrar, por isso eu tinha de desaparecer. Nesse aspeto, devia ter feito um trabalho melhor.

— Agora tudo faz sentido — disse Max. — Depois dos acontecimentos no Purple Haze, o Stokenbrand fez-me passar realmente um mau bocado, como se fosse algo de pessoal. Pensei que talvez houvesse alguma coisa entre vocês os dois...

— Max! Abrenúncio! Ele é nojento!

— Portanto, o homem está apenas irritado por perder a sua informadora... Muito bem.

Parou um autocarro e eles entraram.

— Fiquei numa cidade diferente durante alguns dias, mas esta noite vou apanhar o comboio de regresso a Amesterdão — disse

Lisbeth. — Vens comigo?

— Claro. Mas não tenho muito dinheiro. Perdi a carteira num incêndio, e os poucos trocos que tenho são emprestados.

— Ofereço eu, e viajo sempre em primeira classe. Esta noite, jantaremos no comboio, e também vamos beber um pouco de vinho. Depois, mais tarde, ainda será mais divertido. Vou correr um grande risco e mostrar-te onde vive o Anvil.

* * *

— Ah!

O professor Jürgen Friederikson ergueu uma pinça contra a luz e semicerrou os olhos para mirar o inseto que mantinha suspenso por uma pata.

— Cá está outro.

O professor Van Diemen contornou a grande mesa, onde uma dúzia de alunos examinava o conteúdo do saco do aspirador, até se encontrar suficientemente perto para ver.

— E esse, o que é?

— Outro *Anopheles tigris*. Assim batizado por causa das riscas; veja aqui.

Van Diemen levantou os óculos para olhar mais de perto.

— Então não apareceu nenhum mosquito tropical até agora?

— Não, apenas seis destes. É um inseto nativo do Norte da Europa, podendo ser encontrado em qualquer sítio, de Madrid a Varsóvia. Vive nas árvores, tanto nas cidades como fora destas, e só pica em pessoas.

— Os desafios da parasitologia não me deixam grande oportunidade de refrescar a memória quanto a esses vetores, mas não me recordo de o tal *tigris* ter uma história de ser portador da malária — disse Van Diemen.

— Não é um mosquito particularmente comum, por isso não creio que tenha sido feita qualquer investigação. Embora... — Friederikson pegou numa prancheta e consultou algumas notas. — Sim. Parece que apanhámos bastantes, muitos mais nas redes com

inseticida do que estaríamos à espera. Mais do triplo. Parti do princípio de que eles tinham respondido bem ao verão quente. Talvez esteja enganado. Penso que está na hora de concentrarmos os nossos estudos apenas nesta espécie.

Novamente no laboratório, Van Diemen observou Friederikson e os seus alunos separarem os mosquitos *tigris* dos outros que tinham sido apanhados pela armadilha dos mosquiteiros e enviados pelo correio. Havia trezentos e dezanove *tigris*, doze por cento do total. Eles dissecavam-nos cuidadosamente, retirando-lhes a cabeça e o tórax para trituração. Prepararam vinte placas de ensaio, uma para cada local onde foram instaladas as redes armadilhadas, e uma exclusivamente para os mosquitos recuperados do saco do aspirador. Depois acrescentaram o anticorpo monoclonal.

Os estudantes juntaram-se em volta, a observar e a aguardar a marca amarela reveladora, o sinal de que os mosquitos eram portadores do *Plasmodium cinco*.

— Meu Deus! — Os olhos de Friederikson estavam fixos numa única placa. — Todas elas, raios, olhem. — As seis marcas que continham os restos dos mosquitos do avião tinham-se tornado amarelas. Nas outras placas só uma em vinte, aproximadamente, adquirira a cor amarela. — Cá está o nosso culpado.

Van Diemen tinha as sobrancelhas franzidas num sulco profundo.

— Mas se os mosquitos do avião não eram estrangeiros, então o *Plasmodium cinco* também não vem lá de fora.

— É possível. Mas vou dizer-vos aquilo que está realmente a preocupar-me. — Os olhos de Friederikson brilhavam. — Os mosquitos recolhidos pelas redes foram naturalmente infetados, presume-se que por terem picado os passageiros do avião. A taxa de infecciosidade de cinco por cento corresponde àquela que poderíamos encontrar numa aldeia africana afetada pela malária. Mas os mosquitos do avião estavam todos infetados. Cada um deles era portador da doença. Na natureza, isso nunca acontece, jamais. A única maneira é alguém tê-lo feito deliberadamente.

* * *

Há vários dias que o Brigadeiro Crocodilo levava a cabo uma operação de charme em relação a mim. A comida melhorou para todos. Mandaram-me livros, papel para escrever e repelente de insetos. Sempre que possível, partilhei as dádivas com os outros. O presente de ontem foi um rolo inteiro de papel higiénico branco e barato, que me foi entregue pelo Desdentado. Assim que ele desapareceu, puxei uma corda com cerca de seis metros e enrolei-a no meu lençol. Depois peguei no resto do rolo, passei o braço através da grelha do teto e, agarrando bem na extremidade, fi-lo rolar ao longo de toda a extensão das grades.

— Surpresa! — gritei, e ouvi murmúrios apreciativos quando o Jarman, a Amy e a irmã Margaret puxaram fitas do papel higiénico para as suas próprias celas. Eu sabia que eles também estavam preocupados comigo. Preocupações que se intensificavam de dia para dia. Temiam a hora em que o Crocodilo me mandasse chamar. À espera de retribuição.

Essa hora chegou esta noite. Tinha escurecido há duas horas quando a porta exterior se abriu e o Desdentado entrou sem fazer barulho.

— Crocodilo quer ver-te.

Eu só conseguia pensar no quanto gostaria que o Tomas estivesse ali, para olhar por mim e me pegar na mão fosse qual fosse a provação que estivesse para vir.

A porta foi aberta e levaram-me lá para fora. Tinha passado tanto tempo na cela que mal conseguia andar. O formigueiro e as alfinetadas aumentaram na parte inferior das minhas pernas, o que me fez cambalear. O Desdentado foi-me puxando pela erva alta até à outra barraca. Só quando me encontrei na varanda pintada de branco e vi o tapete e os candeeiros a petróleo através da janela é que tomei consciência de como estava imunda e do quanto devia cheirar mal. O último banho de qualquer espécie tinha sido no rio, quando jogámos futebol, há já uns dias.

O Brigadeiro Crocodilo abriu a porta. Estava vestido com um uniforme bem engomado, tinha uma boina verde na cabeça e uns óculos em forma de meia-lua. O seu rosto rechonchudo mostrava-se inchado de prazer à volta do toco de um charuto.

— Menina Erica, estou muito satisfeito por poder tê-la na minha companhia. Entre.

O compartimento era um escritório-quarto surpreendentemente modesto. Havia uma pele de leopardo esticada na parede e algum mobiliário escalavrado, mas, ao que parecia, peças europeias antigas. Numa parede estavam penduradas fotografias a preto-e-branco emolduradas, algumas delas meio enroladas e desbotadas para um tom sépia, e outras quase opacas devido à condensação. Pareciam ser uma mistura de retratos militares formais e imagens tribais.

Quando me virei, Crocodilo estendeu os braços e ofereceu-me um vestido, numa pavorosa tonalidade castanho-arroxeadada, com flores garridas cor de laranja.

— Penso que isto irá servir-lhe — disse ele. — Para vestir depois do banho.

— Banho? — Arregalei os olhos.

— Sim, gostaria de lavar-se, não é verdade?

— Claro. Sinto-me tão imunda...

Ele conduziu-me a uma casa de banho limpa, com azulejos brancos e uma sanita de estilo ocidental, sabão e uma toalha limpa. Explicou-me que uma corrente pendente do teto controlava uma válvula do depósito de água da chuva instalado no telhado. Murmurei os meus agradecimentos, uma gratidão temperada apenas pelo facto de a porta não ter fechadura.

Fechei a porta e fiquei ali com as minhas roupas imundas, a pensar. Diversos factos tornavam-se muito claros. Primeiro, ele tinha um poder absoluto e poderia fazer-me aquilo que bem entendesse, independentemente das minhas ações. Segundo, era mais provável que fosse respeitada como ser humano depois de lavada e vestida com roupa limpa. Terceiro, o seu comportamento até ao momento

parecia concebido para me fazer respeitá-lo. Portanto, pensei, tenho de deixar absoluta mas subtilmente claro que ele perderá o meu respeito se tentar alguma coisa comigo. Finalmente, se acontecesse o pior, só condescenderia em troca da libertação ou das melhores condições possíveis para os prisioneiros meus companheiros. Aquele último pensamento fez-me estremecer da cabeça aos pés, mas tirei a roupa e puxei pela pega do chuveiro.

A água estava quente e maravilhosa, e eu desejava que aquilo nunca mais acabasse. Amassei as roupas sujas debaixo dos pés, retirando o máximo da sujidade e gastando quase todo o sabonete do Brigadeiro. Apareci uma hora depois, com a toalha enrolada na cabeça e o abominável vestido castanho-arroxeadado no corpo. Ficava-me bem acima dos joelhos, mas pelo menos era decentemente subido no pescoço. Deixei as roupas molhadas e a toalha no chuveiro.

Ele estava sentado a beber cerveja pela garrafa, e inspecionou-me.

— Gostou do banho?

— Sim. Obrigada. Os meus amigos também apreciariam muito um banho assim. Será possível?

— Não. Não posso oferecer os meus aposentos privados a toda a gente. Sente-se, por favor. — Indicou-me um sofá baixo à sua esquerda. Em vez disso, escolhi uma cadeira e puxei-a para junto da mesa.

— Já percebi que não gosta do vestido. — A sua voz soou tristonha.

— Qualquer coisa assim limpa parece bonita. Receio é que não tenha o tom de pele adequado para uma cor tão poderosa.

— Não. Pelo contrário — disse ele abanando os dedos carregados de anéis. — Complementa muito bem a sua beleza. A sua pele é tão maravilhosamente clara, e...

— Tem uma escova que eu possa utilizar? — perguntei rapidamente.

— Não, lamento muito. Gostaria de lhe oferecer um secador, mas ainda não temos eletricidade. — Levantou-se e deu um longo trago na cerveja. — Mas a eletricidade irá chegar em breve. O que eu gostaria era de construir um salão de beleza, como os que existem em Paris e Nova Iorque. Com aqueles secadores enormes, parecidos com colmeias. — Descreveu-os com as mãos, os olhos castanhos a crescer, entusiasmados.

— Parece uma ótima ideia. No entanto, poderá levar algum tempo.

Ele virou-se para a janela.

— Todos os desenvolvimentos que valem a pena levam tempo. A fraca ambição é a corrente mais pesada na alma de um homem. Com eletricidade aqui, poderíamos ter cinema, poderíamos ter televisão e vídeo. Podíamos ter casino, com máquinas. Os bandidos... Como é que vocês lhes chamam?

— Bandidos de um braço⁶?

— Sim. Estou a tentar perseguir os meus sonhos. Se tivesse nascido na Bélgica ou na América, chamar-me-iam romântico. Lá, na corrupta cidade dos déspotas, riem-se de mim. — Apontou, como se Kinshasa ficasse apenas a uns metros dali no meio da escuridão da noite.

Ouviram-se bater à porta, e um soldado jovem entrou com um tabuleiro com dois pratos a fumar. Colocou a comida em cima da mesa, posta com talheres polidos e dois copos estampados com as figuras do Mickey Mouse e do Pluto.

O Brigadeiro dirigiu-se a um armário alto e tirou de lá uma garrafa.

— Vodca. Tem de beber comigo.

— Não, obrigada.

Ele ignorou-me e encheu um copo, empurrando-o na minha direção ao longo da mesa.

— Um dia, hei de ter um frigorífico. Nessa altura, poderemos ter bebidas frescas com pedaços de gelo lá dentro.

Começámos a comer. A comida era deliciosa, carne de cabra e vegetais com um molho picante numa cama de arroz. A faca e o garfo pareciam absurdamente pequenos nas mãos rechonchudas do Brigadeiro, mas ele utilizava os talheres com delicadeza e mastigava devagar, com a boca fechada. A minha mãe teria ficado impressionada.

— Aprendi as maneiras à mesa em Inglaterra — disse ele de súbito, apontando com o garfo para mim, para dar ênfase às suas palavras. — Fiz um treino de seis semanas no vosso Sandhurst College. Esta mesa não é nenhuma cantina de oficiais!

— O senhor é mesmo Brigadeiro?

— Claro — disse ele, sorrindo. — Comando um milhar de homens, isso, no Exército Britânico, é praticamente uma brigada. Em África, talvez seja demasiado fácil alguém promover-se a si próprio. Se eu quisesse transformar-me em marechal de campo, seria uma vaidade tola, e não disponho de uma força militar suficientemente grande.

Voltou a sorrir enquanto comia.

— Mas não deve chamar-me Brigadeiro. Deve chamar-me Sonny.

— É esse o seu nome verdadeiro?

— Sim. Sonny-Sonny Loebe. É uma versão europeia do meu nome tribal.

— Quanto tempo passou na Europa?

— Três meses, há muitos anos. Eu trabalhava para o Exército Belga aqui, e eles levaram-me para um treino de oficiais em Bruxelas. Estava a receber formação para ser capitão na Força Pública. Queria aprender a falar inglês tão bem como falava francês, e enviaram-me com alguns oficiais belgas que estavam a fazer um curso em Sandhurst. Foi excelente, o melhor período da minha vida. Mas terminou repentinamente e eu fui mandado para casa. A Bélgica tinha-se retirado do nosso país.

— Então obtiveram a vossa liberdade.

— Talvez, mas, num único dia, deixámos de ser um departamento da Bélgica para nos transformarmos num país independente. Não

havia preparação. No país inteiro, havia três funcionários públicos africanos e talvez trinta licenciados. Eles queriam que fosse tudo uma grande confusão, e claro que foi. Assim, podiam apontar o dedo e dizer que a África não tem condições para governar.

— Não poderiam simplesmente voltar a viver como nos tempos antigos?

— Não. O país tinha sido conduzido por uma estrada europeia ao longo de cem anos, e de repente foi abandonado num beco sem saída. Regressar às raízes africanas não era fácil. Ficámos perdidos.

— É assim que nós nos sentimos — disse eu. — Fomos feitos prisioneiros, e o senhor ainda não disse quando irá libertar-nos.

Ele estendeu a mão e afagou-me o braço.

— Erica, vamos libertá-los assim que pudermos. O governo tem de entender que deve negociar connosco. Logo que eles reconheçam isso, vocês serão libertados.

— Mandou o Georg com uma mensagem, não foi?

— O homem de barba, sim. Mas ainda não obtive resposta.

— Que foi que pediu?

— Apenas um lugar à mesa de negociações para o KPLA. Queremos fazer parte de um governo de unidade nacional. — Nessa altura olhou para o meu copo. — Não tocou na sua vodca.

— Não. Não gosto de vodca — menti.

O Brigadeiro encolheu os ombros. Levantou-se e dirigiu-se à parede com as fotografias. Mostrou umas fotografias do seu regimento na Bélgica, da sua classe em Sandhurst e alguns instantâneos tirados nos centros turísticos de Bruxelas e Londres. Conseguia lembrar-se do nome de todos os seus colegas, mas aquilo que vi foi o magro e ansioso intruso negro. Somente numa cena na neve, em que ele era um dos três soldados sorridentes apertados num tobogã, é que consegui ver qualquer indício de pertença.

O Brigadeiro suspirou e bateu na fotografia com o dedo.

— Sabe, eu tinha dezanove anos quando fui para a Europa. Nunca tinha andado de avião. Nunca tinha visto neve. Nunca tinha comido chocolate, nem moules... mussels, os famosos mexilhões. Aterrámos à meia-noite, e estava um frio de rachar. Os meus quatro amigos africanos foram levados para um regimento perto de Antuérpia, e a mim enviaram-me com alguns cadetes brancos para um quartelamento nas florestas das Ardenas. Recordo-me de olhar para fora do camião, para as árvores e para a neve, e pensar que aquilo era a terra do Natal. Fazia-me lembrar as imagens e os cartões que tínhamos na parede do colégio das freiras. E eu era o único homem negro no Presépio.

— Trataram-no bem?

— Os soldados brancos riam-se muito de mim e pregavam-me partidas. Escondiam bananas no meu armário mesmo antes da inspeção, ensopavam-me a cama de aftershave. Até mesmo o sargento me chamava macaco. Quando se embebedavam, desatavam a bater-me sem mais nem menos. Sentia-me muito infeliz. A comida era estranha e eu tinha frio e saudades de casa. Mas sabia que aquilo era uma prova pela qual tinha de passar.

— Parece ter sido horrível.

— Aquilo com que eu sonhava realmente era arranjar uma namorada. Queria que uma rapariga chique de Bruxelas, com o cabelo loiro, comprido e esvoaçante, se apaixonasse por mim. Mas era impossível. Passávamos o tempo todo no acampamento, a esfregar e a polir. Nunca iam mulheres ao acampamento.

— Não tinha direito a qualquer licença?

— Sim, mas todos os outros regressavam a casa, às suas famílias. Ninguém queria ir à cidade comigo. Uma vez, fui lá, mas toda a gente olhava para mim, e no café não quiseram servir-me. Por isso, apanhei um autocarro para Bruxelas.

— E aí deve ter encontrado muitos zairenses.

— Sim, descobri os bares e os cafés africanos, e muita gente simpática e amigável. Mas o que é o Zaire para um africano? Será que ser europeia a faz sentir-se em casa juntos de húngaros e

finlandeses? Eu queria falar a minha própria língua, mas não encontrei ninguém que a compreendesse. Existem noventa línguas diferentes no Zaire.

O Brigadeiro bebeu uma grande golada da sua vodca e olhou para mim.

— Não estou a tentar fazê-la ter pena de mim.

— Nem poderia. Estou demasiado ocupada a ter pena de mim própria. E a ter pena dos seus outros prisioneiros. — Levantei-me. — Estou cansada. Obrigada pelo banho, e também pelos confortos da cela. Penso que os outros também os apreciariam realmente.

Ele assentiu com a cabeça e foi buscar as minhas roupas molhadas à casa de banho. Dirigi-me apressadamente para a varanda, sentindo-o bem atrás de mim.

— Erica, espere um minuto.

Fiquei hirta, de costas para ele, a olhar para a abóbada fosca de estrelas. Senti a sua mão na parte de trás do meu pescoço. Estremeci e afastei-me com uma contorção do corpo.

— Não me toque.

No escuro não lhe conseguia ver a cara, mas senti a sua desilusão. Ele chamou um guarda, porém, antes que este chegasse, já eu regressava numa passada larga e apressada à minha cela malcheirosa, como se fosse onde mais queria estar no mundo.

(Diário de Erica, 1992)

³ No original, «*one-armed bandit*», termo por que são também conhecidas as *slot machines*, ou máquinas de casino antigas, com uma alavanca ou braço que se puxava na parte lateral da máquina (*arm*), e «bandido» pela sua capacidade de deixar o jogador sem um tostão. (NT)

Às onze da noite, Max e Lisbeth estavam de regresso à Estação Central de Amesterdão, e ficaram a beber café forte num bar cheio de fumo até este fechar, às duas da madrugada. Depois retiraram duas bicicletas da estrutura imensa de estacionamento existente no exterior da estação e desceram a Damrak, seguindo a linha do elétrico através da Leidseplein, passaram pelas torres escuras do Rijksmuseum e pela vasta extensão da Museumplein. Chegaram ao destino em dez minutos.

O poiso de Anvil era uma casa labiríntica e antiga de três andares, com um jardim descuidado cuja parte traseira dava para um parque. Havia algumas embaixadas ao virar da esquina e *Mercedes* e *BMW* estacionados em toda a parte nas imediações. A casa tinha gradeamentos altos em metal e um videofone no portão. Não se viam luzes acesas. O local parecia deserto.

— Foi aqui que ele me mandou entregar o computador portátil da tua namorada.

— Talvez ela também esteja ali — disse Max.

— Não, tenho a certeza de que a polícia sabe tudo a respeito deste local. Deve tê-la noutro sítio qualquer, um sítio que mais ninguém conhece senão ele. — Lisbeth sorriu-lhe. — Então, estás pronto?

— Para quê?

— Para ir lá dentro recuperar o computador?

— Estás maluca? Queres entrar ali sem nenhuma preparação? Este local pertence a um sujeito que grava mensagens de ódio na tua zona pélvica como se fosse uma nota num *Post-It*.

— E quem o diz é o homem que me cortou a cara com uma garrafa.

— Lisbeth...

— Sim, já sei que foi um acidente. Ouve, tens de perceber que eu só posso viver nos limites. Preciso de emoção. A ideia de entrar ali à

socapa excita-me. Talvez eu seja fora do vulgar em relação a isso.

— Tu és fora do vulgar em relação a tudo, Lisbeth — murmurou Max. — Por favor, vai para casa e deixa-me fazer isto. Não há necessidade de te envolveres mais. Farei apenas um pequeno reconhecimento, e descobrirei a melhor forma.

— Muito bem, vou para casa. — Ela entregou-lhe um saco para pôr ao ombro. — Aqui estão os apetrechos de que poderás precisar. Deduzo que estejas familiarizado com fechaduras de alta segurança e alarmes profissionais, e deves ter uma noção da disposição do interior de um edifício para evitar acionar os detetores de movimento.

Max esfregou o queixo e refletiu durante um bom pedaço de tempo.

— Está bem, está bem, ganhaste. Mas promete-me apenas que não vamos entrar pela porta da frente.

— Claro que não. Vamos entrar pelo parque. — Arrancou na sua bicicleta, e Max seguiu-a. Pedalaram rodeando a casa até à Van Baerlestraat e desceram os degraus para o Vondelpark, um jardim comprido num nível mais baixo, que apontava como um dedo para fora do centro da cidade. Estava deserto e escuro, exuberante nos seus aromas de verão. Atrelaram as bicicletas a um gradeamento e esgueiraram-se pelo meio dos arbustos até às traseiras da casa de Anvil e às suas grades pontiagudas de quase dois metros de altura. O jardim lá dentro, em manchas descontínuas, estava descuidado, subindo até uma estufa através de uma série de terraços de pedra e de um caramanchão coberto de plantas que tinham crescido descontroladamente.

Lisbeth entregou a Max o saco que trazia ao ombro e começou a trepar como um macaco pelo gradeamento acima. Depois transpôs uma perna para o outro lado e sentou-se entre duas enormes pontas enferrujadas. Max passou-lhe o saco, e ela ajudou-o a subir. Ele não era suficientemente magro para ficar encavalitado na grade sem correr o risco de um ferimento muito doloroso, por isso esticou um pé até ao cimo do gradeamento, içou-se e lá do alto saltou para

dentro do jardim. Virou-se para ajudar Lisbeth, e ela caiu delicadamente nos seus braços. Max largou-a, mas ela não. Em vez disso, beijou-o nos lábios.

— Lisbeth, por favor. — Libertou-se do abraço e virou-se para a casa. Quando avançavam, uma luz muito intensa disparou das traseiras da casa, cegando-os. Max mergulhou para o chão, tal como Lisbeth, quase colada a ele.

— Max — sussurrou ela. — Vamos fazer amor aqui mesmo.

Max passou a mão na cara, incrédulo.

— Tenho uma ideia melhor. Quando sairmos daqui, vou marcar-te uma consulta num psicoterapeuta e poderás falar-lhe acerca disto.

À frente deles havia um pátio de pedra com uma fonte no centro. Lisbeth levantou-se e saiu dos arbustos para se pôr a dançar à luz, fazendo piruetas como uma bailarina em redor da fonte.

— Lisbeth — sibilou Max. — Pelo amor de Deus!

— Não há problema. A luz é controlada por um sensor de movimento. Não vai haver nenhum alarme ligado nos sítios em que até um gato poderia fazê-lo acionar. — Ela avançou para a escuridão, e Max seguiu-a, a praguejar. Levou um minuto a encontrá-la a estudar uma janela da cozinha.

— Demasiado fácil, pura e simplesmente demasiado fácil — segredou ela. — Vês que há um trinco na janela, não é verdade? — Ela apontou para dentro da cozinha. — Aquilo mantém o caixilho no lugar. Se partires o vidro, não consegues chegar lá no ângulo certo para destrancar a janela, mesmo que tenhas a chave adequada.

Max assentiu com a cabeça.

— Em dois minutos estarei lá dentro. — Lisbeth tirou um cortador de mosaico do saco e fez quatro golpes bem definidos, um de cada lado do caixilho de madeira. Com outra ferramenta escavou e retirou a massa de fixação, depois levantou o resto da madeira de modo a deixar à mostra toda a largura da vidraça. Retirou então do saco uma grande ventosa de borracha e, com o dedo, passou um pouco de saliva em volta do bordo. Pressionou-a contra o vidro e, com

jeito, soltou-o do caixilho. Tinha demorado um minuto e quarenta e cinco segundos.

— Impressionante — exclamou Max. — Agora posso acrescentar o arrombamento e o assalto à minha lista crescente de explorações criminosas.

— O segredo está em encontrar o caixilho mais apodrecido.

— Deixa-me entrar primeiro — pediu Max.

— Está bem, mas liga a luz. É sempre menos suspeito do que andar por aí desajeitadamente no escuro com uma lanterna.

Max introduziu primeiro os pés, e Lisbeth seguiu-o quando ele acendeu a luz. A cozinha estava limpa, arrumada e vazia. Não havia panelas, frigideiras nem comida nos armários. O frigorífico encontrava-se desligado. Lisbeth abriu uma lata.

— *Speculaas*! As minhas prediletas. — Mordeu um pedaço de uma bolacha, e deu o resto a Max.

— Por amor de Deus, Lisbeth, és como uma criança de cinco anos. — Examinou desconfiado a bolacha de gengibre e deitou-a fora. O que viu a seguir deixou-o gelado. — Meu Deus!

— É apenas a tigela de um cão.

— Mas vê o nome que lá está.

— Já conheces o *Mandy*?

— Raios, se conheço! — Max sacou a *Walther* do casaco. — Temos uma espécie de rancor um pelo outro.

— Se o cão anda por aí à solta, não precisamos de nos preocupar com os sensores de movimento — disse Lisbeth de forma animada.

— Preferia enfrentar Fort Knox⁷ do que aquele filho da mãe — disse ele, abrindo com cautela a porta para o corredor. Não se ouvia nenhum som. Max acendeu a luz. Todas as portas de comunicação com outros compartimentos estavam fechadas. *Mandy* podia estar em qualquer um dos quartos. Max inalou profundamente tentando sentir pelo cheiro, e dirigiu-se agachado para a base das escadas. Lisbeth foi até à caixa de controlo do alarme que ficava atrás da porta principal. Pressionou alguns botões, introduzindo um número

na consola, e acendeu-se uma luz verde ao lado da palavra «desligado».

Max apurou o ouvido junto da porta da sala de estar e abriu-a muito devagar. O local estava sombriamente fornecido de mobiliário de estilo antigo e ar pesado. Não havia quadros nem fotografias e as estantes tinham sido recentemente limpas do que pudessem ter em cima. Tudo o resto estava coberto por uma leve camada de pó. A base das portas, as pernas das mesas e as estantes de livros mostravam-se arranhadas e com lanhos, e os tapetes tinham tufo de pelo malhado. A casa cheirava a cão.

— O Anvil abandonou o local, provavelmente à pressa. Não há sinais do computador portátil, nem da Erica, nada — disse Max.

— Talvez. Vamos subir. — Lisbeth sorria.

Max olhou para ela, duvidoso.

— Nada de gracinhas, está bem? Vamos procurar aquilo que viemos tentar encontrar e pirar-nos daqui.

Os dois subiram as escadas cautelosamente. A luz do patamar não funcionava, pelo que Lisbeth iluminou as portas fechadas com a sua caneta de luz.

— Aqui há três quartos e duas casas de banho. O quarto principal tem uma cama enorme com um colchão de água. Nunca dormi num sítio tão confortável.

Max lançou-lhe um olhar de soslaio.

— Então é por isso que conheces tão bem a disposição da casa. Meu Deus, a confusão emocional que deve ir nessa tua cabeça! Qual o sítio mais provável para ele guardar o computador?

— O material de informática estava sempre no escritório, no último piso.

Subiram o lance de escadas seguinte até um sótão transformado. O compartimento era atapetado, tinha umas janelas do chão até ao teto e imenso espaço vazio. A um canto encontrava-se uma secretária e alguns computadores, rodeados por uma confusão de fios que parecia um ninho de ratos.

Em cima da secretária estava um computador portátil, que tinha um autocolante com o dístico «Salvem a Floresta».

— Cá está! Vamos sair daqui — disse Max.

Levantou os olhos e Lisbeth já não estava ali.

— Santo Deus, não é altura de te pores com brincadeiras.

Max desceu para a escuridão do patamar. Havia cinco portas, todas elas fechadas.

— Lisbeth, vou-me embora daqui agora; vens comigo?

Não obteve resposta, nem ouviu qualquer barulho. Max empurrou a porta do quarto principal, que era muito grande, com duas janelas salientes em relação ao nível das paredes e uma decoração pesada em cores escuras. Uma montanha de almofadas cobria uma cama gigantesca com a estrutura em ferro, no chão havia um aparelho estereofónico enorme, e na parede tinha sido instalado um ecrã de televisão. Espalhados pelos tapetes, uma infinidade de vídeos e CD.

De repente, o aparelho de estéreo desatou a tocar música *rock*. Max rodopiou rapidamente, a segurar com força na *Walther*. E então a televisão ligou-se, com o barulho de estática e o volume aos altos berros, mostrando uma loira a gritar num filme qualquer de terror dos anos cinquenta.

— Lisbeth, não tem piada nenhuma — Max circulou em redor do quarto, olhando rapidamente para a esquerda e para a direita. A cama começou a ondular e ouviu um riso tonto. Max foi até lá numa passada larga e afastou os cobertores. Lisbeth estava nua, a rir a bandeiras despregadas, com um controlo remoto em cada mão.

— Pronto, está bem, fiquei assustado — disse Max.

Lisbeth parou de forma abrupta, os olhos muito abertos.

— Estou tão quente e excitada! Pensa só no que aconteceria se ele nos encontrasse. Isso não te põe louco?

Max inclinou-se para ela.

— Lisbeth, assusta-me tanto que me encolhe os tomates. Portanto, veste-te ou o papá não te compra um gelado.

Lisbeth fez uma careta infantil.

— Não tens graça nenhuma.

— Ouve, se queres representar a peça *Goldilocks* e os três assassinos em série⁸, tudo bem, mas deixa-me fora disso.

— Pronto, pronto. — Lisbeth dirigiu-se a uma gaveta e abriu-a, tirando de lá uma camisa verde-azeitona. — Achas que isto me serviria? — perguntou ela, pondo a peça à sua frente. O bordo dava-lhe quase pelos joelhos. Os olhos de Max foram atraídos para um pequeno emblema preto de forma triangular cosido na manga direita, representando um punhal com a ponta direcionada para cima. Do lado esquerdo do peito estava um paraquedas com asas.

— Esse tipo foi comando, não foi? — perguntou Max.

— Sim. Estava no Segundo Batalhão de Comandos com o Johnny, e era instrutor de combate corpo a corpo no centro de treinos de Marche-les-Dames.

Max acenou com a cabeça e agarrou no computador portátil.

Lá em baixo, a porta da frente bateu. Ouviram-se garras a raspar no chão, uma respiração áspera e ofegante e patas a galopar pelas escadas acima.

Mandy!

Max girou rapidamente sobre si mesmo. Três metros até à porta do quarto, mas era como se fosse um quilómetro e meio. Ele nunca conseguiria chegar lá. Apontou a arma para a porta, à espera do mais pequeno movimento no patamar às escuras. Ao lado dele, Lisbeth vestia-se a toda a pressa.

Mandy transpôs o umbral da porta em voo, com os dentes à mostra e a rosnar, mas a *Walther* ladrrou primeiro. O primeiro tiro de Max não fez sequer o cão abrandar, o segundo fê-lo deslizar num arco ensanguentado, com uma perna da frente esfacelada. O terceiro rebentou-lhe o crânio como se fosse um tomate maduro, espalhando um leque de sangue coagulado pela parede. Depois disso, durante uns breves segundos, as mandíbulas tremeram e as garras dançaram o fandango no soalho de madeira.

Vindo do andar de baixo ouviu-se o inconfundível clique de uma arma a ser carregada. Max bateu com a porta do quarto e trancou-a. Tirou Lisbeth da cama de água com um puxão, os seios nus a saltar

enquanto ela se esforçava por se meter dentro das calças de ganga. Já era bastante difícil mover a pesada cama para a encostar à porta, mas pô-la na vertical seria ainda pior. Max esfregou as mãos e acocorou-se para conseguir agarrá-la melhor. Respirando fundo, levantou um canto da cama quase até à altura do ombro. Os seus pés pisaram numa poça de sangue do cão e começaram a patinar. Lá fora, a escada rangeu.

— Dá-me uma ajuda — sibilou Max com os dentes semicerrados. Lisbeth enfiou o ombro por baixo, e foi o suficiente. Conseguiram colocar a cama na vertical contra a porta, vendo-a baloiçar e ouvindo o barulho da água agitando-se dentro do colchão.

A detonação de uma arma automática emitiu um ruído surdo através da porta e sibilou ao penetrar na cama de água, que se encrespou, sangrou e vergou como se fosse humana. A água começou a inundar o chão.

Lisbeth estava vestida e a trabalhar nas fechaduras das janelas, mas afastou-se para o lado quando viu Max carregado com o equipamento de Anvil no valor de dez mil euros. Com um grande impulso, o leitor de múltiplos CD, o amplificador de última geração e o gravador e reproduzidor duplo de cassetes estilhaçaram o vidro e explodiram em alta fidelidade no pátio lá em baixo. Atrás deles havia alguém aos pontapés à porta, mas esta pelo menos seria inamovível enquanto a cama se aguentasse. Max partiu para o lado de fora o que restava do vidro e ajudou Lisbeth a subir para o peitoril, juntando-se depois a ela. Parecia uma altura infernal até lá abaixo, porém, ao saltarem, ele manteve o computador portátil em cima da cabeça, e o canteiro redondo no centro do pátio proporcionou-lhes uma aterragem suave. Lisbeth levantou-se num instante e desatou a correr, dando risadas de deleite ao escalar o gradeamento sem o menor esforço. Max passou-lhe o computador enquanto trepava e transpunha o gradeamento.

* * *

Penny Ryan tinha combinado encontrar-se com Saskia no grandioso Café Luxembourg de Amesterdão e, enquanto procurava uma mesa, tirou do monte dos periódicos para consulta um exemplar do *International Herald Tribune*. Quando viu a manchete, subitamente sentiu-se desmaiar.

Estirpe Mortífera da Malária Varre agora o Mundo.

Histórias à margem relatavam os vários aspetos da doença: *46 Mortos, 178 Afetados em 15 Países; Peritos desconcertados. Uma doença antiga regressa com uma vingança. Poucas hipóteses de cura precoce.*

Ela ainda estava a ler quando Saskia se sentou.

— Olá, Saskia. Há vários dias que não vejo notícias nenhuma. Não fazia ideia de que tivesse alastrado tanto.

— É assustador — disse Saskia. — A Organização Mundial de Saúde telefonou esta manhã ao professor Van Diemen. Estão a tentar organizar uma conferência de emergência. Querem ouvi-lo. O professor Friederikson já aperfeiçoou o seu chavão: ele acha que se trata do Quinto Cavaleiro do Apocalipse.

— Diz aqui que há doze casos em Nova Iorque e cinco em São Francisco. Meu Deus!

— Sim. Todos os dias ouvimos falar de três novos países em que ocorreu um caso.

— Tem de se *fazer* alguma coisa em relação a isto!

— Não é assim tão fácil numa fase em que já está a transmitir-se às populações de mosquitos locais.

Penny soltou um suspiro sonoro e bebeu um gole de café com leite.

— Vão embarcar o corpo do Jack amanhã. Sabe, tem sido uma semana traumática. O Quiggan partiu para Atlanta e deixou-me aqui para atender a todos os aspetos burocráticos, como de costume. Ninguém parece dar-se conta de que eu também posso estar perturbada com a morte do meu patrão. E isso, de facto, afetou-me a sério.

— Eu sei. No outro dia estava mesmo com um aspeto terrível. Agora parece um pouco melhor.

— Mas não me sinto melhor.

— Teve mais alguma ideia acerca disto? — perguntou Saskia, retirando o cartão postal da carteira e colocando-o em cima da mesa.

— Sim. Inicialmente deixou-me confusa, porque o Jack nunca teve nada a ver com a investigação sobre a malária. É como você sugeriu, ele sempre achou que ali não havia dinheiro. Mas recorde-me de uma reunião em que o Jack esteve envolvido há uns anos, com um investigador de uma das nossas filiais.

— Essa pessoa era algum funcionário da Pharmstar?

— Sim. Uns meses antes, tínhamos comprado a empresa dos seus antigos patrões. Não consigo lembrar-me do nome dele, nem me recordo da unidade em que estava.

— E ele estava a fazer investigação sobre a malária?

— Sim. — Penny roeu um biscoito. — Achava que tinha descoberto um novo composto que iria matar os parasitas da malária, e pretendia uma soma bastante modesta para prosseguir com a investigação.

— E então, conseguiu-a? — perguntou Sivali.

— Não. A coisa passou-se assim. Ele tinha apresentado o seu caso aos comités de aprovação dos trabalhos de investigação, e gostaram do projeto. Aliás, ficaram muito entusiasmados. O assunto subiu então para o comité financeiro, e ali os indivíduos disseram: «De forma nenhuma, não pode fazer isso. De qualquer maneira, está previsto o encerramento do seu laboratório. Não é uma área essencial.» Aquilo não caiu bem. Nessa altura, o investigador tinha do seu lado alguns dos nossos mais brilhantes investigadores clínicos, e tornou-se uma questão muito política. Foi então que o Jack se envolveu e convocou uma reunião para resolver o problema. Ouviu a apresentação durante uma hora, e nunca me hei de esquecer daquilo que ele disse: «Não estou interessado em

doenças que matam dez milhões de pessoas pobres por ano. Vá e lance-se a algo que mate dez mil pessoas ricas. Depois falaremos.»

— Parece que o desejo do seu patrão se realizou — comentou Saskia, pegando no jornal. — Ricos ou pobres, podem morrer milhões. A minha própria filha, a Caroline, contraiu a doença. Só tem seis anos.

Penny Ryan ficou a olhar para ela de boca aberta.

— Oh, Saskia, lamento muito.

Saskia tentou forçar um sorriso.

— Espero que alguém na Pharmstar se tenha lembrado de tomar nota do tal composto.

[[] Fort Knox é uma pequena cidade americana e base do exército dos Estados Unidos localizada no estado de Kentucky e utilizada para treino básico de recrutas em simulação de combate real. (NT)

[}] Referência à história infantil *Goldilocks and the Three Bears* (*Cachinhos Dourados e os Três Ursos*, na tradução brasileira), primeiramente registada em forma de narrativa pelo autor e poeta inglês Robert Southy e publicada pela primeira vez em 1837, ganhando desde aí inúmeras versões. (NT)

As coisas deterioraram-se terrivelmente. Sentimos que o estado de espírito mudou pelo bater das portas, pelo deslizar dos baldes com a comida. Hoje, o meu balde foi empurrado com um pontapé para dentro da cela e entornou-se no chão. Mas não foi uma grande perda. Há quatro dias, desde que eu rejeitei o Crocodilo, que tínhamos voltado à repugnante papa gordurosa. Se tivermos sorte, ficamos com as sobras da barraca dos guardas.

Regressaram em força meia hora depois. Ouvi as botas subirem para o andar por cima de nós, os gritos. Puseram-se em cima das grades sobre as nossas cabeças, com as armas apontadas a nós. Alguém tinha aberto a cela da Amy. Ouvi-a gritar. O balde foi atirado lá para fora. Houve bofetadas e sons de luta. Depois foi a vez da irmã Margaret. Ouvimos o som de um soco e uma espécie de grunhido antes de ela cair.

Eu não sabia de que andavam eles à procura, mas não podia correr riscos. Lá de cima, ninguém parecia estar a olhar para a minha cela, pelo que me agachei e pus as mãos debaixo do colchão onde guardava o rolo fotográfico do Tomas, introduzindo a pequena caixa dentro de mim.

Nessa altura, eles estavam na cela do Jarman. A cela não tinha altura suficiente para lhe baterem como pretendiam, por isso arrastaram-no à força para o corredor para lhe darem pontapés. Tapei os ouvidos com as mãos, mas não conseguia bloquear o som dos seus gritos.

Depois chegou a minha vez. Quando a porta se abriu, eu estava a tremer. O Dakka mostrou-me um sorriso arreganhado.

— Bonito vestido — disse ele enquanto me empurrava para o lado. O Dakka e outro guarda jovem despiram a cela do colchão, do lençol, do mosquiteiro, dos livros e do papel higiénico que me restava. Levaram o jerrican da água, mas misericordiosamente deixaram-me sossegada. Tinha posto o meu diário dentro do

vestido, enfiado nas cuecas, e o toco do lápis estava fechado na minha mão. Revistaram a cela com cuidado, à procura de estragos no cimento ou de tentativas de soltar as grades do teto.

Depois, tão repentinamente como tinham chegado, foram-se embora, deixando-nos num silêncio atordoado. O Jarman respirava de forma pesada na cela ao lado e a Amy começou a soluçar.

— Estão todos bem? — sussurrei.

— Eles deram com o meu canivete suíço — disse a irmã Margaret. — E por causa disso bateram-me. Penso que devo ter um olho negro.

— O Dakka fez um estrago considerável no meu pé doente — disse o Jarman. — E os golpes voltaram a abrir todos. Também estou a sangrar do nariz.

— Eu tive sorte, só me deram alguns socos — disse a Amy por entre fungadelas. — E tu, Erica?

— Eu estou bem. Mas voltei a estar em igualdade de circunstâncias convosco. Sem água, sem mosquitoireiro, sem colchão.

— Que pena — disse a Amy, mas consegui sentir a satisfação na sua voz.

— Eles apanharam o rolo fotográfico? — sussurrou o Jarman.

— Não. Salvei-o da maneira que só uma mulher o consegue fazer.

Uma voz poderosa ribombou da reentrância do compartimento por cima de nós.

— Nesse caso, penso que o melhor é entregar-mo — disse o Brigadeiro Crocodilo, avançando até ficar de pé sobre a grelha por cima da minha cela.

(Diário de Erica, 1992)

* * *

Max e Lisbeth agarraram nas bicicletas e pedalaram com toda a rapidez para fora do parque. Quando alcançaram a segurança da Van Baerlestraat, começaram a respirar mais profundamente e a

descontrair. Apesar do grande corrupio de gente às compras e de visitantes do museu durante o dia, às quatro da madrugada não havia nada quando se aproximaram dos semáforos na Museum-plein, para além de um velho *Mercedes* cheio de amolgadelas.

O carro pôs-se a par deles e depois cortou bruscamente na sua direção, derrubando Max e Lisbeth para o passeio numa barulheira de coisas amontoadas. Max caiu da sua bicicleta e viu o computador portátil voar para longe com uma cambalhota. Levantou a cabeça mesmo a tempo de levar com uma porta do carro. Lisbeth tinha-se levantado e escapulira-se como um gato, agarrando no computador e correndo por uma rua lateral.

Um homem armado, vestido com um fato de treino, ficou de pé debruçado sobre Max enquanto o outro desatava a correr a toda a velocidade atrás de Lisbeth. Max foi algemado e cobriram-lhe a cabeça com uma espécie de capucho bem atado. Tiraram-lhe a *Walther* e arrastaram-no para a parte traseira do *Mercedes*. Um minuto mais tarde, o outro indivíduo regressava de mãos a abanar, praguejando e arfando alternadamente. O porta-bagagens foi aberto, após o que atiraram Max lá para dentro, e a seguir a bicicleta. Quando a tampa da mala bateu com toda a força, ele ficou com um pedal na cara e o guiador espetado na virilha. Dificilmente se conseguia mexer um centímetro. Era um inferno claustrofóbico sobre rodas.

Circularam durante cerca de dez minutos, depois abrandaram e entraram com estrépito num determinado edifício. Pelo eco podia ser uma garagem grande ou um parque de estacionamento de vários andares. Max ouviu a chiadeira e o ronco de uma porta elétrica deslizando.

Alguém bateu na mala do carro.

— Se tiraste o capucho aí dentro, é agora a oportunidade de voltares a pô-lo.

— Está posto — replicou Max. A bagageira abriu-se e ele foi arrastado para fora, levado por umas escadas frias abaixo e depois para dentro de uma sala atapetada e mais quente, suficientemente

pequena para não fazer eco. A porta foi fechada e trancada. Por fim, sentaram-no numa cadeira.

— Posso tirar isto agora? — Max levantou a cabeça para indicar o capucho.

— Não, Max, vou afrouxá-lo um pouco, mas continuas com ele. — Max ficou chocado por ouvir uma voz americana atrás de si. Uns dedos alargaram-lhe o nó em volta do pescoço, permitindo-lhe aquilo que lhe parecia o primeiro fôlego nos últimos quinze minutos.

— Primeiro, as coisas mais importantes — disse a voz. — Podemos ajudar-te e tu podes ajudar-nos. Parece uma base decente para um acordo, não achas?

— Talvez. E você é?

— Podes chamar-me Alex. As boas notícias são que estamos do lado da lei e da ordem. — Uma segunda voz dentro da sala reprimiu um riso à socapa. — Mais ou menos isso, em todo o caso — escarneceu Alex. — Não precisas de saber mais nada. Agora, vamos diretos ao assunto. Estás a transformar-te rapidamente numa chatice de primeira classe, e isso vai parar por aqui.

— Depende.

— Bem, Max, eis o meu problema. Passámos treze anos de volta de um determinado projeto. Treze anos inteirinhos, enfadonhos como o raio, a percorrer três continentes e vinte e dois países, seguindo a pista de um tipo muito inteligente e muito esquivo. Nos últimos meses ouvimos uns rumores de que ele se encontra aqui, em Amesterdão, utilizando um passaporte com o nome de Luc de Wit e, como nome falso, Anvil. Localizámos o alvo, pusemos-lhe a casa sob vigilância, o telefone sob escuta, instalámos uma câmara de vídeo no quarto dele, blá-blá-blá, estás a ver o quadro. Mas não podemos avançar até dispormos de todas as provas de que necessitamos, e termos tudo coordenado. Sabes como estes europeus andam devagar.

Max ouviu acender um isqueiro. Uma longa inalação, o cheiro a fumo.

— Portanto, o nosso plano era esse. O *teu* plano envolve assaltar a casa do indivíduo, atirar a sua aparelhagem de alta-fidelidade pela janela e matar-lhe o cão. Um plano engenhoso, Max, se o *teu* plano é arruinar o nosso.

— O meu plano é encontrar a minha namorada. Nada mais.

— Claro. Mas ela não estava naquela casa, pois não? Nem o De Wit. Ele anda escondido. Desapareceu há uns dias, graças a ti. Sabes uma coisa? Só precisávamos de mais alguns dias. Tínhamos tudo montado sem fazer alarido, mantendo o alvo descontraído, mas depois o Max Carver, vigilante e arruaceiro de bares, arrasa com tudo como um *bulldozer* e, num instante, há camiões-cisterna a explodir pela cidade, e três bons cidadãos de Amesterdão assam no meio das chamas dentro do carro. E sabes que mais? É tudo culpa *minha*. Por causa deste assunto, estou a ser alvo de uma séria e desnecessária atenção lá bem de cima. Afinal de contas, eles leem os jornais e, de repente, aquilo é considerado sangue nas *minhas* mãos.

— Quando foi a última vez que viram o Anvil? — perguntou Max. Alex riu-se baixinho.

— Na manhã em que te mastigaram a mão em Roterdão.

— Quer dizer que ele estava no escritório da Xenix, com o cão?

— Claro que estava. Andávamos a vigiá-lo. Mas de que serve ter um dos meus agentes incógnito, no papel de estivador, se um idiota como tu vai espreitar pela caixa do correio? Quer dizer, é essa a tua ideia de vigilância secreta?

— Não pensei que ele fosse estar lá.

— Max, tu és um amador. Vê o caso desta noite. Se tivesse sido o De Wit a chegar lá a casa esta noite, em vez de um dos seus moços de recados, tu e a tua amiga tarada sexual seriam comida de cão. Ter-vos-ia dado um tiro no momento em que saltaram para o quintal. Mais uma vez, puro amadorismo ao ficares encurralado no quarto. Não deixaste ninguém de sentinela, foste lento, deverias ter coberto a ida dela a todos os quartos, e por aí fora. Santo Deus, as

tuas rotinas de abordagem da Guarda Costeira estão realmente todas enferrujadas, não estão? Tal como as tuas esculturas.

— Como é que sabem...

— Max, sabemos tudo sobre ti. Sabemos onde vais, com quem andas por aí.

— Tem andado a espiar-me, Alex?

— Não sou eu, Max, é a polícia holandesa. Vinte e quatro horas por dia, sete dias por semana. Basicamente, desde que foste detido.

— Quer dizer que a Voos e os seus agentes ficaram apenas a observar quando os homens do De Wit entraram na galeria e partiram tudo?

— Eles estão a vigiar-te a *ti*, idiota, não a espiar o zé-ninguém que entrega o peixe, mesmo que esse peixe já tenha ultrapassado há muito o prazo de validade. Tomaram-te por um assassino em série até perceberem que estavas em casa na noite em que a melhor amiga da Lisbeth foi frita e bem frita. Mas ainda acham que mataste a Erica.

— E você, Alex?

— Não, mas também não acho que o De Wit a tenha raptado. É o que eu não percebo na tua teoria. Por que razão a quereria ele? Por sexo? Diz-me, meu amigo, a Stroud-Jones é assim tão extraordinária a fazer uma mamada? O velhote dela é algum ricoço, lorde fulano de tal? Por favor, assegura-me só que não é pelos conhecimentos científicos dela, porque, sem ofensa, Max, a tua namorada está no grande esquema das coisas muito pouco importantes, que é trabalhar numa doença com a qual ninguém se importa.

Max afundou-se na cadeira, pressionando os braços de plástico já rachados.

— Sei, com toda a certeza, que o Anvil estava de tal forma desesperado em ter o computador portátil da Erica que o mandou roubar do porta-bagagens do carro que tínhamos alugado.

— Quem diz?

— Diz a pessoa que o roubou e a quem o trabalho foi encomendado. Como é que o Anvil sabia que o computador estava lá? Só a Erica sabia, portanto, ele *deve* tê-la em seu poder. Outra peça do quebra-cabeças. Um cientista chamado Henry Waterson chegou ao escritório da Xenix cerca das dez e meia da manhã em que estive lá. O vosso estivador amestrado... suponho que seja o grandalhão de barba... deve tê-lo visto.

— Sim, viu. Seguimos a pista do Waterson através do carro que alugou. Deduzimos que não tivessem encontro marcado, porque o De Wit não veio à porta, não o atendeu. O Waterson parece ser um pouco um fator imprevisto, mas vamos vigiá-lo cuidadosamente.

— Ainda bem. Deixe-me dizer-lhe, Alex, que não vou desistir de procurar a Erica. Mesmo que para isso tenha de matar o De Wit.

A segunda voz na sala soltou um riso baixo e meio abafado. Alex pareceu partilhar da piada.

— Tu? Matares o De Wit?

— Se tiver de ser.

— Esquece. O De Wit não é um indivíduo que um antigo elemento da Guarda Costeira, desorganizado, pouco competente e com uma demissão desonrosa, possa ter esperanças de enfrentar. Vi-o em combate num espaço limitado, e não arriscaria nenhum dos meus homens numa luta corpo a corpo contra ele, e temos aqui alguns antigos elementos das operações especiais da Marinha dos Estados Unidos. Percebeste a mensagem?

— Clara e inequivocamente. Mas acontece que sou muito teimoso.

— E estúpido, e desajeitado e inapto. Tens um temperamento forte e tempestuoso e uma boca grande, mas não tens músculos suficientes para apoiar isso. Para ser sincero, acho que és um filho da mãe de um felizardo por teres chegado tão longe. Devias parar por aqui enquanto ainda estás a sair-te bem. Antes que o De Wit se canse de andares a incomodá-lo.

— Talvez devesse, mas não posso.

Alex riu-se e Max sentiu uma mão no ombro.

— Diz lá, companheiro, quando decides fazer uma coisa, realmente não desistes, não é? Gosto disso, é raro. Se tivesses menos dez anos, poderíamos treinar-te para algo de útil.

— Esse é o seu melhor elogio?

Alex riu-se, gozão, e deu um trago com força no cigarro.

— Fala-me da Lisbeth de Laan.

— O que quer saber?

— Vimos que ela é uma tarada sexual exibicionista com umas mamas excelentes e cicatrizes assustadoras. Podes acrescentar mais alguma coisa a isso?

— Foi bastante completo no resumo que fez.

— Também sabemos que é uma artista no assalto de carros, uma informadora da polícia e a antiga namorada do Anvil.

— Talvez seja assim.

— Ouvi dizer que ele a afetou de forma bastante contundente.

— Não tem piada, Alex.

— Os meus homens queriam apanhá-la, mas aquelas pernas compridas funcionam mesmo bem.

— Eu também não a consegui apanhar — disse Max. — E sabe uma coisa? Até os seus estúpidos ajudantes me atirarem para fora da estrada, eu tinha o computador da Erica aqui, nas minhas mãos. Agora, a Lisbeth desapareceu com ele. Não faço a menor ideia de onde poderei encontrá-la, portanto, vocês fizeram-me voltar à estaca zero.

— A vida é tramada, Max, e a Lisbeth é vivaça, enérgica. Parece que foram feitos um para o outro: o teu pouco juízo e a má sorte dela.

— Vocês também não são assim tão extraordinários. Treze anos para encontrar um tipo? Isso não me impressiona nada. Que poderão ensinar aos polícias holandeses? De que é que eles não conseguem tratar neste caso?

Alex riu-se.

— Muita coisa. Estás a ver, há que sentir pena da tua amiga, a rígida inspetora Voos. Ela soube há algum tempo do negociozinho

do De Wit, que consistia em embarcar as filhas adolescentes dos ucranianos desempregados, que pagavam a viagem com trabalho, pela frente e por trás, em Amesterdão, Bruxelas e Hamburgo. Há três semanas, percebeu que a Xenix Molecular é uma fachada para o laboratório de metanfetaminas do De Wit, e logo a seguir talvez tenha descoberto como ele deitou a mão aos diamantes.

— Parece-me que ela está a tratar bastante bem do caso do De Wit.

— Não, Max. Ela pode é arruinar tudo. Ouve, todas estas coisas locais são ninharias irrelevantes. Não queremos saber disso e não vamos permitir que a Voos prossiga com o assunto. O que está a pô-la doida é o facto de ninguém lhe dizer por que motivo ela não pode encarregar-se do De Wit. Eu tenho ligações mesmo até lá acima, vejo todos os seus relatórios e as mensagens de correio eletrónico praticamente logo que ela carrega no «enviar», e digo-te, é uma mulher muito frustrada.

— Esse crime que o De Wit cometeu deve ser mesmo horrível — disse Max.

— Foi, acredita em mim. — Max ouviu um cigarro ser apagado num cinzeiro de metal, e, a seguir, acenderam logo outro. — Muito bem, Max, eis o acordo que te proponho. Vou correr o risco e deixar-te saber a verdadeira identidade do De Wit, a história completa. Pode ser que seja uma ajuda importante para ti.

— Claro — disse Max. — Mas o que ganha com isso?

— Vou ser franco contigo, Max: não é de ti que precisamos, é da tua ligação à Lisbeth de Laan. Mantém-na doce e querida, acho que ela sabe mais sobre o De Wit do que qualquer pessoa ainda viva. Mantém-na assim! Parece confiar em ti, e quer ajudar-te a apanhar o De Wit. Continua, mas informa-nos acerca do que ela sabe. Dessa forma, poderemos proteger-te. Este é o seu antigo endereço em Amesterdão. — Alex enfiou um pedaço de papel no bolso superior de Max. — Claro que ela não fica lá, apenas passa brevemente por ali com intervalos de quatro ou cinco dias. Estamos a vigiar o local.

Da próxima vez que ela aparecer, telefonamos-te. Quando o fizermos, o melhor é ires para lá rapidamente.

— Está bem — disse Max em tom crispado. — Estou interessado, sob duas condições. Primeira: têm de proteger a Lisbeth, deixá-la começar de novo, enterrar quaisquer acusações que manhosos como o Stokenbrand talvez queiram atirar para cima dela. Segunda: se estou a trabalhar para vocês, preciso de alguma massa. O equivalente a dois mil dólares em euros para pagar as minhas dívidas a Henk Schipper, mais o suficiente para cobrir a fiança se esta caducar.

— Já caducou. A polícia encontrou os restos da tua carteira, mas agora têm quase a certeza de que não morreste no Der Ridder. É razoável presumir que o De Wit também tenha descoberto isso mesmo. — Alex inspirou profundamente. — Sim, suponho que podemos fazer essas duas coisas, desde que sigas as regras.

— Já estava a contar que teria de haver regras — disse Max.

— Regra número um: comunicação. Todos os dias, deixas-me uma mensagem. Vou dar-te um telemóvel seguro; utilizas sempre esse. O nosso número está memorizado na tecla um. Ignora a mensagem sobre comida chinesa; é a nossa fachada.

«Dois: proteção. Vamos devolver-te a arma, mas tenta não a usar, está bem? Posso estar enganado, mas tenho um pressentimento de que não conseguirias acertar no rabo de um elefante a dez passos de distância. E de certeza que não acertarás em nada a menos que limpes o raio dessa coisa. Dá a impressão de ter sido grelhada num churrasco. Seja como for, proteger-te-emos segundo os nossos próprios critérios, desde que nos mantinhas informados dos locais para onde te diriges. Mas se puseres os meus operacionais em perigo ou comprometeres a sua segurança em qualquer aspeto, o acordo fica sem efeito, nós pomo-nos a andar e estás por tua conta.

«Três: se, por quaisquer circunstâncias, encontrares *de facto* o De Wit — Alex deu um trago longo no cigarro e, depois, apagou-o —, não te armes em herói. Desaparece, rapidamente. Lembra-te de que andas à procura da Erica, não dele. Se estiveres num lugar

público, afastas-te simplesmente sem levantar ondas, não o confrontes, não o obrigues a entrar em ação. Se estiveres num edifício, corre, coloca-te a algumas portas entre os dois, de preferência portas de metal, de preferência que se possam trancar. Não tentes escadas ou corredores compridos; ele é incrivelmente rápido. Se ficares encurralado, não esperes que ele se aproxime. Dispara e continua a disparar. Recordas-te do T letal dos treinos da Guarda Costeira? Imagina o travessão entre os olhos, e o percurso descendente ao longo de toda a coluna. É para aí que deves apontar. Se ele cair, não pares para agradecer a Deus Nosso Senhor até teres esvaziado o carregador. Mesmo que penses que ele está morto, mantém-te longe e espera que nós cheguemos. Em nenhuma circunstância te aproximes do seu corpo. Se ele ainda estiver de pé a qualquer distância inferior a três metros, diz apenas as tuas orações, porque vais para o céu. Alguma pergunta a respeito destas regras?

Max expirou num longo suspiro.

— Acho que não. Agora a vossa parte do acordo. Quem é esse indivíduo e o que foi que ele fez?

— Talvez já saibas alguma coisa a esse respeito. Relaciona-se com outro indivíduo, um tipo chamado Johnny Gee.

Max riu-se.

— Esse conheço-o, *na verdade*.

— Ah, sim? Vamos lá ver até que ponto conheces.

— O Gee nasceu em Antuérpia em 1966. Foi criado em Amesterdão. Pugilista amador muito talentoso. Em 1988, nos Jogos Olímpicos de Seul, trouxe à Bélgica a primeira medalha de ouro no boxe desde 1924, destruindo totalmente Leroy Percy na final em menos de um minuto e meio. Toda a gente achava que ele tinha potencial para o Campeonato do Mundo. Estava prestes a tornar-se profissional, em 1991, quando morreu num acidente de viação. O luto de um país, o enterro de um herói, blá-blá-blá, final da história. Exceto para a Lisbeth de Laan, a sua noiva de então, com apenas dezassete anos de idade; para ela não foi o fim da história.

— Então fizeste a tua pesquisa. Muito bem. Conta-me lá acerca do acidente de viação.

— Só me lembro de que aconteceu no Zaire, enquanto ele estava a cumprir o serviço militar no Exército Belga.

— O contexto é muito importante. O Johnny Gee era membro de uma unidade de elite de segurança pessoal belga. A unidade foi enviada para Kinshasa em agosto de 1991, dois dias antes da chegada prevista do primeiro-ministro belga para uma reunião secreta, na embaixada dos Estados Unidos, com o presidente Mobutu Sese Seko do Zaire. Foi uma época sensível das relações entre a antiga potência colonial e uma nação emergente. A reunião deveria ter como anfitrião o embaixador dos Estados Unidos no Zaire, Kelly Xavier Douglas, mas claro que nunca chegou a acontecer.

— Recordo-me de ter lido que o embaixador dos Estados Unidos morreu nesse mesmo desastre.

— Pois leste. O Douglas foi uma perda dos diabos. Não só era um diplomata de carreira altamente experiente, como era também um antigo coronel da marinha e um especialista em assuntos africanos. Todas estas coisas que acabei de te contar estavam disponíveis na imprensa. Mas havia dois factos que não estavam. Primeiro, o Douglas era filho ilegítimo de um antigo presidente dos Estados Unidos, que não vou identificar. Segundo, a morte do Douglas e do Gee num acidente de viação foi uma brilhante ficção criada entre Washington e Bruxelas para esconder um embaraço diplomático grave.

— E a verdade?

— O Kelly Douglas foi assassinado no raio da sua própria embaixada por um membro da própria unidade de segurança pessoal do líder belga. E o Johnny Gee foi o pobre tipo que se atravessou no caminho.

— Ah?! Não admira que isso tenha sido silenciado.

— A desinformação foi apenas o começo. Há treze anos, eu estava na CIA, a dirigir alguns operacionais no Sudão. Era apenas

um zé-ninguém. De facto, já lá vão treze anos desde o dia em que o diretor máximo daquela agência me chamou, pessoalmente, convocando-me para o seu gabinete. Fiquei tão assustado que tive de ir à casa de banho vomitar. Quando lá cheguei, sentado ao lado do diretor estava um antigo presidente dos Estados Unidos, a pedir-me que *lhe* fizesse um favor, pelo rapaz que ele tanto amava. Não interessa que o Kelly Douglas se aproximasse dos sessenta anos quando morreu, para o seu velhote ainda era um rapaz. O velho presidente tinha lágrimas nos olhos, mas o maxilar estava firme ao clamar por vingança. Dispunha de ligações políticas extremamente boas e, finalmente, tinha alguma coisa em que valesse a pena gastar os seus milhões. No dia em que iniciei o meu novo trabalho secreto, com um salário triplicado e um orçamento que era o dobro do que dispunha no meu antigo departamento; foram-me dados os números de telefone seguros das linhas diretas de três primeiros-ministros europeus e dos seus chefes de segurança. Por isso, com tais recursos, nunca pensei que levasse treze horas a encontrar esse tipo, quanto mais treze anos.

— Então, o De Wit é o assassino de que têm andado à procura?

— Sim. Agora temos a certeza de que o indivíduo que andas a perseguir, Luc de Wit, aliás, Anvil, é efetivamente o membro, há muito desaparecido, da unidade de segurança pessoal do primeiro-ministro belga.

— E qual é o seu nome verdadeiro, Alex?

— Não muito diferente de Anvil. O seu nome verdadeiro é D'Anville. Poul Stefan d'Anville. E tu, Max, vais ajudar-nos a apanhá-lo.

Saskia Sivali acordou estremunhada e com lágrimas nos olhos, a mão dormente por ter passado pelas brasas agarrada à mão da filha. Caroline estava a dormir à sua frente, um anjo frágil apanhado numa rede de aparelhos de monitorização e de soluções intravenosas. Eram quatro e meia da tarde e há trinta e seis horas que Saskia não deixava o hospital. A última lâmina laboratorial com a gota espessa do seu sangue, quatro horas antes, tinha mostrado que catorze por cento dos glóbulos vermelhos da filha estavam tomados por parasitas. Doze horas antes eram apenas oito por cento. A urina de Caroline passara agora a ser negra, a temível hemoglobínúria, que marcava as últimas fases de malária não detetada enquanto esta despojava a corrente sanguínea da sua capacidade de transportar oxigénio.

Tinham sido tentados todos os fármacos, e todos eles haviam falhado. A única esperança era ganhar tempo com uma transfusão de sangue, e foi aí que a cruel ironia do destino entrou em jogo. Saskia e a filha partilhavam um grupo raro de sangue, B negativo, que se encontra somente em dois por cento da população. No último dia e meio, Saskia tinha-se esgotado a doar dois litros do seu próprio sangue, aumentando as reservas do hospital para apenas quatro litros e meio. Era preciso mais. O professor Van Diemen telefonava agora freneticamente para todos os hospitais do país e até da Alemanha, Bélgica e Luxemburgo, tentando localizar mais sangue B negativo, ou O negativo, o outro tipo que poderia ser utilizado nela.

Quando a porta de acesso aos cuidados intensivos se abriu com um clique, Saskia levantou os olhos com a esperança estampada na cara. Mas em vez de Van Diemen era o professor Jürgen Friederikson, com um pacote debaixo do braço e os olhos a brilhar, enquanto movia as pernas vacilantes pelo quarto como que com o auxílio de uma alavanca.

— Como está a sua filha, Saskia? — O tom de Friederikson era invulgarmente informal.

Saskia abanou a cabeça.

— A situação deteriora-se rapidamente.

— Suponho que o Van Diemen está a fazer o seu melhor — disse Friederikson. — Estaria disposta a deixar-me tentar uma experiência fora do normal com ela?

Saskia olhou fixamente para ele.

— Que tipo de experiência?

— Foi-nos oferecida uma nova droga contra a malária, infelizmente de proveniência inteiramente não comprovada.

— Que droga? Pensava que tínhamos experimentado tudo o que era possível.

— Dos tratamentos aprovados, sim. Correndo o risco de parecer misterioso, a única coisa que posso dizer é que esta droga foi oferecida através de uma terceira pessoa.

— É da empresa Pharmstar?

— Não tenho a liberdade, como se diz, de revelar a fonte, mas posso dizer-lhe que não é a Pharmstar. A minha preocupação reside no facto de não existirem quaisquer dados clínicos, nem sequer testes clínicos da primeira fase. No entanto, chega uma altura em que talvez precisemos de o experimentar.

Saskia olhou para a filha.

— Realmente, não sei, Jürgen. Como é que alguém pode saber se resulta se nunca foi testado? E em relação aos efeitos colaterais? Até poderá ser tóxico.

— Tudo perguntas pertinentes, Saskia. Esta noite, vou desenvolver esforços no meu próprio laboratório para responder a algumas dessas perguntas, se puder dispensar apenas uma hora para me ajudar. Contudo, vou precisar de um pouco do precioso sangue da sua filha.

Saskia olhou para ele com o rosto inexpressivo.

— Com a sua autorização, claro — acrescentou o professor. — Não iria tomar essa liberdade, conforme fiz com o senhor Erskine.

— Eu levo-lhe uma amostra — disse Saskia. — Disse ao Van Diemen?

— Talvez nesta fase fosse aconselhável não mencionarmos aquilo que estamos a planear. A responsabilidade clínica dele poderia ficar comprometida e sentir-se-ia forçado a pôr um ponto final no projeto. Penso que essa linha de ação não seria benéfica para a Caroline, tendo em consideração a escassez de alternativas disponíveis.

Saskia falou com uma enfermeira, que regressou com uma seringa, um tubo para análises e um torniquete de borracha. Pegou no braço da filha, atou bem a borracha até ver aparecer uma veia na dobra anterior do braço. Depois enfiou a agulha e puxou o êmbolo para trás. Quando o sangue vermelho fluiu para o tubo, Saskia sentiu-se estranhamente reticente e levantou os olhos para o professor Friederikson. O olhar dele, sem pestanejar, estava fixo no braço de Caroline.

Terminando de transferir o sangue para um tubo de ensaio, Saskia entregou-o, quase com relutância, ao professor.

— Muito obrigado, doutora. Sabe onde ficam os Laboratórios Utrecht, não sabe? Vamos marcar para as oito horas?

Saskia concordou lentamente com a cabeça, e ficou a vê-lo afastar-se com a amostra de sangue à frente da cara, como se estivesse a planear bebê-lo.

* * *

— *Não sabíamos do que andávamos à procura. Poderia chamar-lhe simplesmente uma expedição de pesca — disse Crocodilo, tocando com os dedos no rolo fotográfico pousado em cima da sua secretária. — Isto parece-me peixe graúdo, muito mais importante do que um canivete suíço. — Ele sorriu arreganhando os dentes, e colocou na boca uma fatia succulenta de manga.*

Neste passeio até aos aposentos do Crocodilo não tive direito a comida nem a banho, apenas à presença do Desdentado atrás de mim com uma espingarda. Contava que o Crocodilo estivesse

zangado, mas parecia demasiado satisfeito com o seu golpe. Tinha de admitir que fora simples e inteligente. Depois de a busca nas celas ter terminado, os soldados afastaram-se a marchar ruidosamente. O Crocodilo esperara apenas alguns minutos em silêncio na reentrância escura do andar de inspeção, e nós revelámos inadvertidamente os nossos segredos.

— Então, o que é que está no rolo fotográfico? — Os seus maxilares remoíam lentamente a polpa amarela e brilhante enquanto ele brincava com a pequena caixa com o rolo fotográfico.

— Não lhe posso dizer nada. Não fui eu que tirei as fotografias.

— Quem foi?

— Tomas Hendriksen.

O Crocodilo encolheu os ombros como que a dizer que não conhecia, e virou-se para o Desdentado.

— Hendriksen?

— Os seus soldados mataram-no — gritei. — Primeiro estropiaram-no como a um animal, depois mataram-no porque ele não podia andar.

O Crocodilo olhou para mim, impassível, e começou a descascar outra manga com o canivete suíço da irmã Margaret.

— Ele trabalhava na ajuda humanitária?

— Sim — menti. — Era médico. Alguém que salvava vidas, o que não é o seu caso.

— Mas por que motivo o rolo está consigo?

— Encontrei-o entre as coisas dele. Achei que a família gostaria de ver as suas fotografias. Ele interessava-se por animais, sobretudo macacos.

O Crocodilo bateu na caixa do rolo.

— Ah, a vida selvagem. Sabe, foi uma coisa que me surpreendeu quando estive na Europa. Na televisão passavam muitos programas sobre África, mas nenhum sobre os africanos. Eram só pássaros e macacos, leões, leopardos e animais selvagens. As únicas pessoas que apareciam no ecrã eram alguns defensores dos animais. E eram brancos. — Ele riu-se. — Eu devia gostar muito de ver essas

bonitas fotografias, mas não temos maneira de as revelar aqui, e portanto, com muita relutância... — puxou o filme para fora da caixa de plástico, expondo-o com um movimento brusco do braço —... tenho de as destruir.

Os anéis cinzentos farfalharam em cima da secretária, como uma besta noturna perturbada pela luz. Fiz um esforço enorme para combater e engolir as lágrimas ao pensar no que custara ao Tomas obter aquelas imagens, e na facilidade com que tinham sido destruídas.

— Sei que me está a mentir — disse o Crocodilo, com o sumo da manga a escorrer-lhe pelo queixo. — Não sou estúpido. Tenho sido amável consigo, e retribui-me com mentiras e evasivas.

Levantou-se e aproximou-se de mim. As minhas lágrimas pareceram enraivecê-lo.

— Sabe uma coisa? — Pousou a ponta do canivete entre os ossos do meu pescoço, pressionando a pele para dentro. — Eu podia tê-la mandado matar em qualquer altura, mas sou misericordioso. Então, por que razão não consegue olhar para mim sem ódio?

— É o seu poder e a forma como abusa dele que me faz odiá-lo.

— O meu poder? Deixe-me mostrar-lhe quem nos ensinou a respeito do poder. — Foi até à parede da sua barraca e estendeu a mão para algo que ao princípio pensei ser uma corda enrolada que estava pendurada num gancho alto. — Isto chama-se chicote — disse ele, deixando a vergasta em espiral desenrolar-se até ao seu comprimento total de quase dois metros e meio. — É uma tira de pele de hipopótamo não curtida, torcida e seca ao sol até os bordos ficarem aguçados. Um único golpe abre um corte na pele de um homem, e as cicatrizes nunca desaparecem. Seria um ato bárbaro se eu a usasse em si e nos seus companheiros, não acha?

Assenti nervosamente com a cabeça.

— Em 1893, um belga negociante de marfim chamado Leon Rom ordenou que um escravo, cujo nome era Kthepo, fosse amarrado ao chão e recebesse cinquenta golpes deste chicote. A razão? Não o

ter cumprimentado corretamente. Durante as três primeiras chicotadas, ele ainda gritou, mas mais ou menos à décima já não tinha voz. Depois de vinte golpes, os ossos das suas pernas ficaram à mostra. Rom ordenou ao capataz que continuasse até o castigo estar completo. Nessa altura, Kthepo estava praticamente inconsciente. Rom puxou para o lado o filho de oito anos de Kthepo, que soluçava, e entregou-lhe um saco com um pó branco. «Isto é remédio», disse ele, «deita-o nas feridas do teu pai.» Então, o filho despejou o sal. Kthepo estremeceu uma vez, agonizante, e depois ficou imóvel. Rom ria-se, enquanto o filho desesperado tentava reanimar o pai morto.

— Isso é uma história horrível — exclamei.

— A criança era o meu avô, e carregou toda a vida com o peso de ter matado o próprio pai. — Crocodilo olhou para mim com dureza. — E ele não estava sozinho. O rei Leopoldo da Bélgica violou o nosso país na sua cobiça por marfim e borracha, e os seus agentes e negociantes escravizaram e mataram milhões de nós. Eu compreendo a verdadeira natureza do poder europeu, está a ver?

— Não pode ser melhor do que ele?

Crocodilo encolheu os ombros, enrolou o chicote e voltou a pendurá-lo no gancho.

— Agora sou um homem moderno e compassivo, portanto vamos lá descobrir tudo acerca desse Hendriksen de uma forma moderna e compassiva. Fale.

Eu não sabia o que havia de dizer, por isso não disse nada.

— Erica, penso que talvez o Hendriksen fosse um espião do governo. Talvez vocês sejam todos espiões do governo.

Crocodilo dirigiu-se à porta e inclinou-se para fora, gritando a um dos guardas. Em poucos minutos, o Desdentado fez entrar o Jarman. Estava com um aspeto horrível, com crostas de sangue debaixo do nariz e pisaduras arroxeadas num lado inteiro da cabeça. Aquilo que tinha sido uma barba cuidada e aparada era agora um monte denso de pelos emaranhados. O pé inchado estava embrulhado em tiras rasgadas de uma camisa, amarelecidas e

ensanguentadas, e ele coxeava muito. O Desdentado sentou o Jarman numa cadeira de metal à frente do Crocodilo, do outro lado da secretária. Eu estava uns metros atrás do Jarman, e consciente da espingarda do Desdentado.

— Doutor Herrera — começou o Crocodilo —, quero fazer-lhe umas perguntas. É importante que pense muito bem e que responda de forma honesta. — O Jarman manteve a cabeça baixa, mas acenou afirmativamente. O cheiro do medo era tão esmagador como o fedor do seu corpo.

— Quem tirou estas fotografias? — O Crocodilo empurrou o rolo fotográfico.

Durante uns momentos, o Jarman não respondeu, depois inspirou com força.

— Creio que foi o Tomas Hendriksen.

— Quem é ele?

— Foi morto pelos seus soldados em Zizunga.

— O que sabe a respeito desse homem?

O Jarman pensou longa e profundamente, mas não fazia ideia daquilo que eu poderia ter dito.

— Era fotógrafo independente, e creio que estava em missão para a Associated Press.

— Então era um espião.

— Não. Apenas jornalista.

— Que estava ele a fotografar? Pássaros e macacos, tal como a menina Stroud-Jones tentou fazer-me acreditar? Ou as posições militares das minhas forças, para as transmitir ao governo?

O Jarman levantou os olhos.

— Não sou jornalista, mas penso que não funciona assim. Provavelmente, tirou fotografias da carnificina em Zizunga para mostrar ao mundo aquilo que está a acontecer. Talvez também tenha tirado fotos de animais; a Erica saberá melhor do que eu.

— Porque deveria ela saber?

O Jarman não respondeu. O Crocodilo foi até junto dele e puxou-lhe a cabeça para cima por uma mecha do cabelo.

— Perguntei-lhe porquê.

Não consegui suportar ver o Jarman sofrer por minha causa e intervim.

— Porque o Tomas era meu amigo.

O Crocodilo rodopiou à minha volta.

— Seu amigo? Vejo mais do que amizade nos seus olhos.

— Sim, eu amava-o. Ainda o amo — gritei-lhe na cara. Estava desejosa que ele me batesse, ansiosa por fazer arder aquela culpa até ela se extinguir. Tomas, desculpa; nunca mais voltarei a negarte.

O Crocodilo debruçou-se; a sua sombra pairava sobre mim, os olhos como que incendiados e os punhos cerrados. Mas algo nele entendeu a minha provocação. Em vez de me bater, virou-se e pisou no pé magoado do Jarman com todo o seu peso. O Jarman gritou e caiu da cadeira, mas apesar de se contorcer em agonia, não conseguia libertar o pé.

— Doutor Herrera, tem de convencer a sua colega a mostrar mais respeito por mim — berrou o Crocodilo, sobrepondo a sua voz aos gritos do Jarman.

Eu gritava para o Crocodilo parar e, depois do que me pareceu uma eternidade, ele afastou-se. O Jarman ficou ali enrolado sobre si mesmo como uma bola, a gemer. O Desdentado e um outro guarda arrastaram-no lá para fora e voltaram a metê-lo na cela.

— O que pretende de mim? — perguntei em voz baixa.

— Cooperação e respeito.

— Como é que posso respeitar alguém que massacra as pessoas como se fossem gado? Veja o que aconteceu em Zizunga. Eles não representavam nenhuma ameaça para si. Um chefe de aldeia cego? A sua mulher tão jovem? E o Tomas. E em relação aos prisioneiros que estavam cá quando nós chegámos? Onde estão agora?

— Transferimo-los para outro acampamento.

— Não acredito em si. Por que razão não acaba com esta matança e nos solta? Iria ganhar o respeito de todos, incluindo o meu.

O Crocodilo riu-se como se eu tivesse dito o maior disparate que ele já tinha ouvido.

— Então acha que posso chegar lá e dizer: «Por favor, senhor presidente, deixe-me falar sobre o meu lugar no próximo governo»? Acha que ele me ouviria?

— Não, não seria exatamente assim. Tem de difundir as ideias de uma nova forma de fazer as coisas, construir um consenso.

— Como? Ele controla a rádio. Controla as estradas. É dono das minas e envia o dinheiro para a Suíça. Controla a via-férrea desde as minas até à costa. Nem sequer posso chegar às pessoas, ao meu povo, que luta por ser livre. — O Crocodilo abanou a cabeça.

— Pensa que está em Inglaterra? A boa velha «Englândia»⁹, o «lar, doce lar», falésias claras, chá com o vigário, críquete e fair play. — Riu-se, zombeteiro, e inclinou-se para mim. — Os oficiais do Exército Britânico contaram-me esta história, mas não acredito nela: «O Governo inglês deixou a oposição usar a famosa BBC para dizer aos votantes que o governo era mau. E sem lhes cobrar nada!» — Riu-se com vontade, em sonoras gargalhadas, face ao absurdo. — É verdade?

— É. Ficamos bastante orgulhosos disso, efetivamente.

— Tão razoável, tão correto, tão inglês. — Tossiu para limpar a expetoração da garganta, levantou-se e abriu a janela, cuspidando energicamente para a noite lá fora. — Mas aqui, o chicote e a AK-47 são mais eloquentes.

— Não penso assim — repliquei.

— Mas são. Nunca ninguém tinha ouvido falar de nós até começarmos a matar. Agora ouço notícias a nosso respeito na Radio Africa e no Serviço Mundial da BBC, e leio nos jornais desde Lagos à Cidade do Cabo. Fui entrevistado — exultou ele. — E agora os meus pontos de vista são conhecidos. Mata e sê ouvido, é a filosofia do Crocodilo.

(Diário de Erica, 1992)

* * *

Max fez um uso moderado dos primeiros mil euros que Alex lhe adiantou. Mudou-se para um hotel de estudantes, decrépito e barato, na parte ocidental de Amesterdão, e, por cinquenta euros, comprou a um desesperado viciado em heroína uma bicicleta de montanha roubada. Para condizer um pouco melhor com o papel de mensageiro ou carteiro de bicicleta, comprou na feira de Waterlooplein uns calções e uma camisola de licra e uns óculos espelhados de ciclista. O último sinal flagrante que tinha de desaparecer era a ligadura. A mão ainda estava dorida, pelo que comprou também um par de luvas de ciclista acima do seu tamanho, em camurça macia, que lhe almofadavam as mãos mas deixavam os dedos livres. O telemóvel de Alex, preso à camisola, completava o figurino de mensageiro.

Foi só dois dias mais tarde, às três da manhã, que recebeu o telefonema de que estava à espera. Não era a voz de Alex, e a mensagem constou apenas de três palavras: «Ela está lá.»

O apartamento de Lisbeth de Laan ficava perto de Beethovenstraat, na parte sul e antiga de Amesterdão, uma zona de lojas chiques, de comerciantes de antiguidades e pastelarias de qualidade para uma clientela de padrões mais elevados. Max pôs-se lá em oito minutos e meio exatamente. A entrada ficava entre duas montras e tinha sete campainhas instaladas na parede de tijolo, com uma etiqueta para cada uma delas, feitas à mão e a descascar. A de Lisbeth era a do topo do lado direito. Se o pessoal de Alex tinha aquele local sob vigilância, Max não conseguia ver onde se posicionavam. Todos os carros estacionados estavam vazios, e não havia ninguém por perto.

Ele carregou no botão e não ouviu nada. Esperou um momento, depois escutou um barulho por cima de si. Alguém espreitava para fora de uma janela bem lá no alto. Max recuou, colocando-se sob a luz de um candeeiro de rua para poder ser visto, e acenou.

A pessoa desapareceu, depois a porta abriu-se com um clique. Max empurrou-a, mas não viu ninguém, apenas um pedaço de cordel preso ao trinco da porta e enrolado pela escada acima. Ouviu

a voz de Lisbeth vinda de cima e subiu os degraus íngremes de madeira nua, por entre o cheiro de mijo de gato, comida queimada e paus de incenso, até chegar ao terceiro andar, onde ela se encontrava.

— Voltaste a dar comigo — disse ela. — A sério que não sei como o fazes.

Max bateu na asa do nariz.

— Psíquico.

Ela conduziu-o para dentro do apartamento.

— Estava seriamente preocupada com o que aqueles indivíduos do carro te iriam fazer.

— Também eu. Mas eram simplesmente polícias que têm andado a ver demasiada televisão. Apenas mais perguntas sobre a Erica. — Max observou Lisbeth com atenção, à procura de sinais de que ela estivesse a ver através das suas mentiras, mas não encontrou nenhuns. Talvez Alex tivesse razão, talvez confiasse completamente nele.

— Onde está o computador, Lisbeth?

— Se soubesse que virias cá, tinha-o trazido.

— Então, onde é que está?

— No sítio onde vivo agora, numa cidade diferente, muito bem escondido. Devias estar contente por eu não correr riscos.

— Estás realmente a correr um risco *dos diabos* ao voltares aqui. De certeza que o Anvil conhece este endereço — disse Max.

— Claro que sim. Passou muitas noites aqui comigo, no passado. Mas não consegue vigiar o local vinte e quatro horas por dia. Além disso, desapareci numa corrida desenfreada e preciso de algumas coisas. Uma mulher também gosta da sua casa de banho, por isso vou tomar um duche rápido. Queres fazer-me um favor?

— Claro, desde que não seja esfregar-te as costas.

Ela sorriu.

— Vai à cozinha e tira do lado esquerdo da arca congeladora os quatro rádios de carro que estão por cima.

— No congelador!

— Sim, o frio apaga o código de segurança gravado no *microchip*, pelo que o aparelho estereofónico poderá ser usado num carro diferente. Quando sairmos daqui, já devem ter descongelado. Tenho compradores para eles, e preciso do dinheiro.

— Até que ponto o Stokenbrand sabe disto?

— Até onde é que achas? — Um sorriso retorcido iluminou o seu rosto. — Ele afirma ser o meu melhor cliente. De poucos em poucos meses fica com um leitor com capacidade para vários CD, embora obviamente não me pague nada. No clube social da polícia é quase do conhecimento geral que Stokenbrand tem disponíveis aparelhos estereofónicos de boa qualidade.

Max estalou a língua em sinal de aversão.

— Agora que não estás a fornecer-lhe informações, ele poderá tornar-se maldoso. Existe aqui um monte de provas se ele quiser fazer uso disso.

— Pois, uma fábrica inteira. Tenho um armário, numa garagem fechada à chave, com três mil chaves em branco de carros de todas as marcas, e uma máquina portátil muito engenhosa para as recortar conforme quero. Mas esta é a minha profissão. Se tiveres os manuais e souberes onde procurar no carro o número do tipo de chave, podes fazer exatamente uma chave que se adeque a qualquer carro. — Lisbeth entrou na casa de banho e fechou a porta atrás de si.

Max foi buscar os quatro pacotes congelados e colocou-os em cima do balcão da cozinha, depois regressou à sala de estar. Na parede estava pendurada uma fotografia emoldurada de Johnny Gee a preto-e-branco, como se fosse uma coisa que se poderia encontrar num restaurante italiano. O bonito pugilista de cabelo escuro usava uma faixa de algum prémio que ganhara e posava em posição de soco curto e direto, com o punho direito em riste e o pé direito à frente. A assinatura e a dedicatória, enormes e com as letras redondas bem entrelaçadas, a ocupar todo o canto inferior esquerdo, datavam de 1990. No parapeito da janela havia mais fotografias, uma Lisbeth extremamente jovem e um gigantesco

Johnny Gee com o braço à volta dela. Vários dos seus troféus de boxe adornavam a guarnição por cima da lareira elétrica.

Max continuou a pensar em Alex, no acordo que tinha feito com ele. Havia ali alguma coisa que parecia não bater certo. Caminhou até à janela e espreitou lá para baixo para a rua. Tentou recordar-se dos automóveis que estavam estacionados quando chegou. O reflexo da luz dos candeeiros da rua tornava impossível ver para dentro dos carros. Algures por ali encontrava-se um dos homens de Alex. E, talvez, também Anvil.

O som de um secador chegou-lhe através da porta do quarto.

— Max, vem cá num instante.

Ele empurrou a porta semiaberta. Lisbeth estava de costas para ele, com um roupão vestido e a secar o cabelo à frente de um espelho de corpo inteiro. O roupão estava aberto e o espelho mostrava os seus seios cheios, com os mamilos rosados, os pelos púbicos escuros e a cicatriz furiosa na zona pélvica: L I V N A. Max inverteu mentalmente as letras, notando que o nome de Anvil só precisava de cortes retos. Nauseado, virou-se para regressar à sala de estar.

— Por favor, fica. — Lisbeth sentou-se na cama e bateu com a mão no lugar ao seu lado. Em vez disso, Max agarrou numa pequena cadeira de madeira, mas, ao fazê-lo, empurrou um saco de tiracolo que estava em cima da mesa de cabeceira, e que aterrou no chão com o barulho de algo pesado.

— Max, por favor, tem cuidado. — Lisbeth abriu o saco e tirou lá de dentro uma caixa preta pouco maior que um maço de cigarros. Inspeccionou a caixa para ver se tinha sofrido algum dano.

— O que é isso? — perguntou Max.

— É um leitor e impressor de cartões magnéticos. O melhor que há no mercado. Com isto e com uma pequena peça de *software* que encontrei na Internet, posso clonar cartões bancários roubados, de crédito e de débito, em cartões brancos.

— Lisbeth! Nunca me tinha apercebido de que eras uma vigarista do mais alto nível. Além disso, pensava que com os códigos PIN já

não era possível clonar cartões.

— Mas é, e com muita facilidade. — Rodando os ombros para trás, deixou cair o roupão e ajoelhou-se nua junto dele, o bico endurecido do seu peito, de formato pontiagudo, encostado ao braço de Max enquanto ela vasculhava dentro da carteira. — Aqui está um cartão que criei na semana passada.

Max olhou para o cartão do ABN-Amro. Parecia absolutamente normal, só que não tinha assinatura.

— Assim que tenhas em teu poder os pormenores do cartão, poderás cloná-los num cartão em branco como este, mas com uma diferença importante — disse Lisbeth. — O *software* desativa o código de segurança que diz às caixas ATM e aos terminais de pagamento eletrónico nos pontos de venda que aquilo funciona, em conjugação com um *chip* incorporado. Olha, há por aí tantos cartões com os *chips* danificados que as máquinas ATM possuem um modo predefinido que lhes diz para usarem antes a banda magnética se não conseguirem detetar o *chip*. A informação existente na banda é fácil de clonar, até ao ponto de permitir a configuração de um novo PIN. É tecnologia antiga.

— Mas, em primeiro lugar, como é que te apoderas dos cartões?

— O truque habitual é os caixas ou os empregados de mesa passarem os cartões por um leitor escondido depois de processarem uma transação genuína. Mas o meu método não é esse, porque, eventualmente, a nossa pista será seguida até ao local de trabalho. Os carros constituem a minha especialidade, e alguns modelos ainda são muitíssimos fáceis de assaltar. Fico espantada com a quantidade de gente estúpida que continua a deixar pastas visíveis debaixo do assento, malas de mão no portaluvas, carteiras dentro de casacos atirados para um banco traseiro.

— E computadores portáteis na mala do carro — disse Max.

— Sim. Eu assalto, copio quaisquer cartões que encontre, e depois volto a pôr tudo no lugar. Nove vezes em dez, as pessoas nem sequer se apercebem de que aconteceu alguma coisa até

receberem a conta do cartão de crédito ou olharem para o extrato bancário.

Lisbeth riu-se e tirou uma bisnaga cor-de-rosa da cómoda.

— A Internet tornou tudo mais fácil. A máquina de clonar custa quinhentos euros, o *software* é de borla num *site* da Letónia, e compro os meus cartões em branco num endereço em Nijmegen.

— Lisbeth, tu devias era estar atrás das grades — comentou Max.

Ela voltou para junto de Max e pousou o pé na cadeira, entre as pernas dele. Espremeu a bisnaga para a mão e esfregou languidamente o creme hidratante a partir do arco do pé, subindo pelas pernas longas e esculturais, na parte posterior e interior das coxas, uma perna de cada vez.

— Faltou-te aí um bocado — disse Max, apontando para a parte de trás de um joelho.

Lisbeth ofereceu-lhe a bisnaga.

— Então, o melhor é terminares tu de me pôr o creme, Max. Sei que é isso que queres. — Pressionou os dedos dos pés contra a virilha de Max, confirmando a dureza feroz do órgão dele.

— Penso que é preferível terminares tu própria. — Max desenvencilhou-se da cadeira e afastou-se, enquanto ainda tinha força de vontade. Já era suficiente o que ele tinha feito de errado.

Lisbeth estendeu-se na cama de forma convidativa, olhando para ele com aqueles intensos olhos azuis. Uma mão introduziu-se furtivamente entre as pernas, a acariciar. Sombras de prazer perpassavam pelas suas feições, no meio das cicatrizes ainda lívidas.

— Lisbeth, pelo amor de Deus, sossega.

— Disseste-me para terminar eu própria, não foi? Portanto, é o que vou fazer, mas quero que assistas. Quero imaginar-te, grande e bem fundo dentro de mim.

— Não, Lisbeth. — Max tinha a garganta incrivelmente seca, e não era capaz de se mexer.

— Queres o computador ou não? E, além disso, *disseste* que estavas em dívida para comigo. Se eu não te tocar, não estarás a ser infiel à Erica. — Ela lambeu os dedos, depois traçou um círculo lento entre as pernas bem abertas, com as ancas a ondular devagar. — Oh Max. Isto é tão bom! Estou a imaginar a tua língua aqui. — Uma onda percorreu o seu corpo todo, começando por erguer os seus ombros e os seios, depois a barriga, as ancas e as pernas. — Agora despe-te. Quero ver-te nu.

Max não conseguia falar; começou a respirar com força e os genitais doíam-lhe. Ele queria recusar aceder ao seu pedido, mas outra parte de si dizia-lhe: porque não? Quem sabe onde fica exatamente a linha entre o certo e o errado? Deu consigo a despir-se, a sua ereção mais dura do que alguma vez conhecera.

Os olhos de Lisbeth devoravam-no e ela pronunciava o seu nome entre gemidos, ritmadamente. Passados alguns minutos, as suas pernas esticaram-se e elevaram-se na cama numa postura de *ballet*, os dedos dos pés bem abertos à medida que um imenso orgasmo se aproximava. Os olhos de Lisbeth fecharam-se, a sua face enrugou-se como se estivesse em grande sofrimento, com o corpo inteiro a tremer. Max só tocou em si próprio algumas vezes, mas foi o suficiente. Vieram-se ao mesmo tempo, em mundos à parte: Lisbeth a uivar agora um nome, «Johnny!», e a mente de Max preenchida por Erica, branca, nua e imóvel. Só quando atingiu o orgasmo é que se apercebeu de que a Erica que ele via mentalmente estava deitada numa sepultura aberta. Caiu de joelhos, a gemer.

Os arquejos de Lisbeth dissolveram-se em soluços, as mãos a engelhar a roupa da cama.

— Não vale a pena, é inútil. Ele está sempre ali. — Atirou com a bisnaga do creme hidratante a uma fotografia com a moldura dourada que estava em cima da mesa de cabeceira, atirando-a ao chão. — Seu sacana! Porque não és capaz de me deixar viver?

Max apanhou o roupão e envolveu-lhe os ombros com ele, depois sentou-se ao seu lado na cama. Lisbeth pousou a cabeça no ombro

dele, a soluçar. Ficaram assim ao longo de vários minutos.

Por fim, levantaram-se e vestiram-se, tão calados como amantes assolados pela culpa. Só quando Max se dirigia para a porta é que Lisbeth abriu a boca.

— Amanhã entrego-te o computador, prometo. Vai ter comigo às duas da tarde, ao pé dos barcos de passeio turístico na Damrak.

Ele assentiu com a cabeça. Lisbeth agarrou-lhe nos ombros e fixou-o nos olhos.

— Peço desculpa por te ter usado, Max. Só que não sei o que hei de fazer para preencher o vazio que ficou dentro de mim.

— Amava-lo, e ele já não está aqui. — Max pousou brevemente os lábios sobre a sua face rasgada. — Mas o tempo, no fim de contas, cura tudo.

² *Dear old Blighty* no original. Calão que deriva de «*bilayati*», uma variante regional da palavra urdu «*vilayati*», que significa «estrangeiro, inglês, britânico ou europeu». Durante a Primeira Guerra Mundial tornou-se uma referência sentimental comum, designando a saudade de casa que sentiam os soldados nas trincheiras. (NT)

O *Ford* de Saskia, com manchas de ferrugem na carroçaria, entrou com o motor a roncar no parque de estacionamento VIP dos Laboratórios Utrecht. Passavam cinco minutos das oito horas e o professor Friederikson já estava à espera dela na receção, escoltando-a depois até ao seu laboratório na cave. Saskia olhou para o equipamento antiquado, para as paredes amareladas e o frigorífico antigo, surpreendida com o facto de um perito de renome mundial lutar por recursos como se fosse apenas mais um estudante da área de investigação.

O professor fê-la sentar-se à sua secretária, do outro lado do reservatório que continha os mosquitos *Anopheles gambiae*, à frente de um prato com comprimidos cor de laranja e de um papel impresso com um traço denso de tinta, elaborado por um aparelho de análise química. Começou a falar antes que ela tivesse oportunidade de examinar aquilo para que estava a olhar.

— Moí um comprimido e depois misturei o pó com um solvente antes de o colocar no cromatógrafo de camada delgada. O traço que aqui temos contém talco e dextrose e todas as outras porcarias que se esperaria num narcótico amador, mas entre estas proteínas aqui — ele apontou para uma série de seis picos cheios de tinta e muito juntos na impressão — estará o ingrediente ativo de que andamos à procura.

Friederikson dirigiu-se apressadamente a outra secretária e trouxe de lá uma caixa com cinco ratos brancos.

— Foi dado a cada um destes ratos o equivalente a dois comprimidos, esmagados e misturados com a comida, e ainda estão vivos. Vamos mantê-los sob observação.

— Mas pode levar meses a estabelecer a toxicidade! — exclamou Saskia.

— Sim, com certeza — fungou ele. — Estamos confinados à ciência de meninos da escola. É o melhor que podemos fazer em

tão curto espaço de tempo.

Ele abriu o frigorífico e retirou o frasco de ensaio com o sangue de Caroline Sivali.

— Acabei há poucos minutos de observar ao microscópio uma lâmina com a amostra da gota espessa. O sangue da sua filha está dezassete por cento infetado. Vamos ver se conseguimos fazer baixar essa percentagem.

Friederikson abriu o frasco e, com o auxílio de uma pipeta, depositou algumas gotas num prato de cultura de células. A seguir, com uma nova pipeta, deitou sobre o sangue umas gotas de líquido incolor.

— Isto é uma solução do comprimido reduzido a pó. Tentei filtrar as impurezas o melhor que pude. Agora, não podemos fazer mais nada senão esperar para ver se a solução mata ou inibe os parasitas. — O professor Friederikson encolheu os ombros. — Graça a Deus que estamos a fazer isto em segredo. Qualquer publicação científica despedaçaria a minha reputação por um trabalho tão rudimentar e tão apressado. Mas nós também não queremos ser famosos, pois não? Só queremos salvar a vida da sua filha.

O telefone tocou e Friederikson levantou-o com brusquidão. Depois passou o auscultador a Saskia.

— É para si, do serviço de transfusões.

* * *

A eletricidade chegou oficialmente. O Crocodilo entrou e deu-nos a novidade. Incapaz de conter a sua excitação, abriu as celas e fez-nos convergir lá para fora para admirar o velho e pouco sólido gerador a gasóleo rebocado pelo Land Rover, o qual estava agora pintado com cores de camuflagem. Todo orgulhoso, contou-nos que as suas forças de reação rápida (e aqui apontou para o Land Rover) tinham retirado o aparelho do hospital num ataque ousado à aldeia de Mologwe, controlada pelo governo.

Enquanto observávamos, o Crocodilo deu ordens ao Rambo-Rambo e ao Dakka para irem à porta de trás do Land Rover, de onde arrastaram cá para fora um maltratado frigorífico. O Dakka pareceu ser apanhado de surpresa pelo peso do objeto. Escorregou e a porta abriu-se, despejando para o meio da lama frascos de medicamentos, vacinas, ampolas e diversas embalagens com material médico.

A longa viagem no meio do calor já devia ter estragado tudo, mas mesmo assim enfureceu-nos ver aquele material precioso, agora sem utilidade, caído num monte de lama. O Crocodilo também se mostrou zangado, gesticulando até que cinco dos seus homens se juntaram e puseram o frigorífico de pé. O Crocodilo fechou e abriu a porta. Depois de verificar, satisfeito, que as dobradiças e o selo estavam intactos, um sorriso espalhou-se-lhe pela cara e ele bateu na tampa do aparelho.

— Civilização!

(Diário de Erica, 1992)

* * *

Enquanto esperava por Lisbeth na marina dos barcos de turismo, Max foi apanhado por um aguaceiro típico do verão de Amesterdão. Dezenas de barcos baixos e com o teto em vidro manobravam para os diversos cais cheios de movimento, vomitando centenas de turistas que encolhiam os ombros para fazer subir as gabardinas no pescoço e se abrigavam debaixo de guarda-chuvas coloridos.

Atrás de Max, uma carrinha castanha amolgada passou lentamente. Tinha um farol partido, mantido no lugar com fita adesiva, e as jantes davam mostras de corrosão. O condutor baixou o seu vidro fumado e pôs a cabeça de fora para fazer marcha-atrás para um espaço de estacionamento. Se Max se tivesse virado, poderia ter reconhecido o condutor. Tratava-se do homem de meia-idade e aspeto vulgar que estava sentado ao seu lado no avião de Nova Iorque. O homem que se apresentara como John Davies. E

Lisbeth teria reconhecido o homem musculado e mais jovem que ia sentado no interior escuro do veículo.

Um autocarro enorme parou na berma da estrada, largando um grande grupo de coreanos de meia-idade dirigindo-se para um dos cais. Uma mulher europeia com óculos de sol, um lenço na cabeça e um grande saco ao ombro encontrava-se no meio deles, e virou-se para Max. Era Lisbeth. Ele avançou rapidamente na sua direção, ela entregou-lhe um bilhete, e os dois esperaram na fila para embarcar num barco baixo e com teto de vidro. Um capitão barbudo, com o característico traje náutico constituído por um casaco de marinheiro e uma boina, tirava fotografias a cada par à medida que entravam a bordo, forçando sorrisos dos mais relutantes com um absurdo pássaro de borracha aos guinchos. Max e Lisbeth sorriram, de braço dado como namorados, e comprimiram-se entre os passageiros para se direcionarem à parte traseira do barco.

Lisbeth entregou a Max o saco que trazia ao ombro e segredou-lhe ao ouvido.

— Não há melhor lugar para estarmos em segurança. Nada de polícias, nem sinal do Anvil, e dificilmente alguém aqui fala inglês.

O barco fez a manobra de marcha-atrás para sair do cais, virou numa curva apertada para a direita e deslizou por baixo de uma ponte baixa para um canal largo e curvo. Começou a ouvir-se uma gravação, a descrever em meia dúzia de línguas as características arquitetónicas que podiam ser observadas da água.

Max abriu o saco. O exterior do portátil mostrava-se seriamente riscado, mas ele conseguiu ligar o computador sem problemas. O acesso ao correio eletrónico estava protegido por uma palavra-passe, e Max tentou algumas das possibilidades óbvias, tais como a data de aniversário e o segundo nome, mas nenhuma delas lhe permitiu entrar. Passados alguns minutos, ele encolheu os ombros e voltou a colocar o aparelho no saco, com a cabeça entre as mãos.

— Estou num beco sem saída, Lisbeth. Há três semanas que ela desapareceu, e esta era a única verdadeira esperança que eu tinha. Suponho que temos de descobrir o esconderijo do Anvil antes que

ele encontre qualquer um de nós. Se houver algum sítio de que possas lembrar-te, quaisquer locais onde tivessem estado juntos...

Lisbeth negou com a cabeça.

— Não tínhamos esse género de relacionamento. Nunca fomos comer fora ou ao cinema, nem fizemos férias juntos. Era mais físico do que romântico.

— Pois, por que razão não fico surpreendido com *isso*?

Passaram por uma fila de barcos-casa, estruturas baratas de fraca qualidade e mal construídas, mas decoradas com plantas, vedações de fabrico caseiro e cordas para estender a roupa. Numa das casas estava sentada uma mulher em fato de banho, a ler debaixo de um guarda-sol com um gato no colo, à espera de que o Sol aparecesse.

Deslizaram num ritmo tranquilo por baixo de outra ponte de tijolo com uma corcunda, no preciso momento em que uma carrinha castanha a atravessava, com os pneus a assobiar no empedrado que a chuva tornava escorregadio.

— O seu único outro passatempo era o exercício físico. Era uma paixão secreta, uma obsessão. Vi-o uma vez, através de uma nesga da porta, fazer em dois minutos cem elevações com uma só mão.

— Com uma só mão! Eu consigo fazer aí uma e meia!

— Ele dizia que a sua ambição era transformar uma barçaça do Reno num ginásio flutuante só para si, para poder estar longe de toda a gente.

— Isso poderá ser uma pista. Ele alguma vez teve uma barçaça?

— Penso que não, mas talvez tenha. Ele escondeu-me muita coisa da sua vida. Tinha dinheiro para isso, sem dúvida.

— Conheceste algum dos seus amigos?

— Amigos, não. As pessoas fazem o que o Anvil quer movidos pelo medo ou, no meu caso, por medo e pela excitação. Para ele não há nada no meio, nada suficientemente igual para ser designado por amizade.

— E em relação a ti, Lisbeth?

— Eu preciso de amizade, e preciso de tempo para curar as feridas. Sob todos os aspetos. — Ela fechou os olhos e respirou profundamente. Agarrou-se ao braço de Max com suavidade e desviou o olhar para as partículas de luz que dançavam na água.

— Lisbeth, há tanta coisa que eu lamento! — Max olhou rápida e disfarçadamente, de soslaio, para aqueles olhos fascinantes, húmidos e perturbados, aprisionados em penosas cicatrizes. Ele tinha escrito o seu nome na pele dela, exatamente como Anvil fizera. — Peço desculpa por aquilo que te fiz no Purple Haze, e também pelo que me permiti fazer no teu apartamento. — O seu amor por Erica já não era puro, pois fora manchado, perdera valor. — Talvez possamos resgatar uma amizade de tudo isto — exclamou ele por fim.

— Espero que sim. — Lisbeth deu-lhe um beijo na face, depois pousou a testa no seu ombro. O Sol aparecera finalmente e o capitão abriu a cobertura de vidro do barco, o que provocou murmúrios apreciativos por parte dos passageiros.

Estavam nesse momento a regressar, em direção aos ancoradouros. Lisbeth abriu os olhos e, de súbito, soltou um grito agudo e apertou a mão de Max.

— Que foi? — perguntou ele.

— Baixa-te, depressa. — Puxou Max para baixo, ficando os dois escondidos atrás de um casal coreano.

— O Anvil — disse Lisbeth. — No ancoradouro seguinte.

— Onde? — perguntou Max, espreitando por baixo da câmara de vídeo do coreano, que baloiçava de um lado para o outro. — Meu Deus, quem me dera saber como ele é.

— Cabelo curto e claro e uma marca escura em forma de punhal na testa e no nariz. Mas não te ponhas a espreitar à procura dele. Dessa forma irá descobrir-te facilmente.

O barco de passeio turístico aproximou-se lentamente da margem, dirigindo-se a um embarcadouro diferente daquele de onde tinham partido. Os passageiros empurraram-se para sair. Max e

Lisbeth juntaram-se à fila, tentando misturar-se com os outros, de cabeça baixa.

— Como é que ele sabia que estávamos aqui? — sussurrou Lisbeth. — Não percebo.

— Bem, o facto é que veio cá ter. O próximo passo é descobrir como vamos sobreviver a esta experiência. — Max sentia Lisbeth a tremer de forma violenta encostada a ele.

Saíram do barco e juntaram-se aos coreanos no aperto de gente em redor das fotografias dos passageiros, reveladas e impressas desde que tinham entrado no barco. Max pagou o preço exorbitante pela foto em que eles apareciam e ofereceu-a a Lisbeth. Ela conseguiu esboçar um breve sorriso, e enfiou a fotografia na carteira.

Os passeios e as pontes em volta da marina estavam desanuviados de gente. Max achou que poderiam ser rapidamente localizados assim que se afastassem dos ajuntamentos de pessoas. Mas do local onde se encontravam teriam de percorrer apenas alguns metros até uma fila de seis autocarros de turismo estacionados na Damrak. Não poderiam passar por coreanos, o que excluía os dois mais próximos, mas o terceiro veículo mais adiante tinha um grupo de escandinavos a subir para bordo. Max conduziu Lisbeth em redor da parte de trás dos autocarros, longe da vista de Anvil, e depois contornaram a camioneta dos escandinavos, até à parte da frente. Ninguém verificou quem eles eram, pelo que se sentaram nos bancos traseiros. Lisbeth espreitou na direção do porto através das janelas esverdeadas.

— Ele está ali.

Desta vez, Max viu-o, de costas, a uns cinquenta metros de distância. Era alto, teria cerca de um metro e noventa. A gabardina não conseguia esconder o corpanzil de jogador de rãguebi, nem encobrir a aura de capacidade e força física que emanava dele. Era aquele homem que Max tinha visto de relance a observar o Der Ridder arder completamente. Era esse o homem que queria matá-los a ambos.

Anvil virou-se. Max e Lisbeth baixaram-se, mas ainda sentiam a intensidade do seu olhar enquanto ele perscrutava os autocarros estacionados, como um radar.

Toda a gente no seu autocarro já estava sentada, o motor trabalhava em ponto morto, mas o motorista lia uma revista e a porta continuava aberta. *Vá lá, vamos embora*. Max instou mentalmente o motorista a despachar-se, depois levantou a cabeça para espreitar pela janela. Anvil caminhava devagar na direção deles ao longo da fila de autocarros, como se de alguma forma lhes sentisse o cheiro. Cerca de quinze metros, depois dez, com uma mão em concha no ouvido direito.

Anvil espreitou pelo para-brisas do autocarro logo atrás deles, depois virou-se e passou mesmo por baixo da janela de Max, o cabelo cortado rente mas mais comprido no topo, a revelar as cicatrizes da cabeça que agora se encontrava apenas uns centímetros mais abaixo, dirigindo-se para a porta aberta. A seguir, parou. Por baixo da mão levantada, Max viu um auricular de plástico, do qual saía um fio fino e em espiral, que desaparecia depois dentro da gabardina.

Algo disse a Max que Anvil ia olhar para cima, por isso empurrou Lisbeth para um nível inferior à janela, mal se atrevendo a respirar. As instruções de Alex ecoavam na sua cabeça. «Coloca-te a algumas portas entre os dois, de preferência portas de metal ... Não o forces a entrar em ação... A menos de três metros, diz as tuas orações, porque vais para o céu.»

A única sensação tranquilizadora era a sua mão enfiada no bolso da gabardina, agarrada com firmeza à *Walther*, o carregador cheio, e o trinco de segurança destravado.

O motorista atirou a revista para o lado. A porta fechou-se com o assobio característico, o motor acelerou, e Max voltou a respirar. Arriscou uma espreitadela pela janela enquanto o autocarro avançava muito devagar à espera de uma aberta no trânsito. A meio metro de distância, Anvil levantou os olhos diretamente para ele, e arregalou-os mostrando a expectativa de prazeres lentos e

perversos, um punho estendido a dois centímetros do coração de Max, a bater em ritmo de marcha fúnebre contra a carroçaria metálica do autocarro.

* * *

Saskia levou apenas vinte minutos a percorrer em grande velocidade os trinta quilómetros de regresso ao hospital. Estacionou num lugar para deficientes e depois esperou impacientemente que o elevador subisse e a levasse à unidade de cuidados intensivos, no sexto piso. A aguardar ao lado da cama da sua filha estavam o professor Van Diemen, Paul Jeker, duas enfermeiras e um funcionário do serviço de transfusões de sangue da Holanda.

O sangue B negativo tinha chegado, era compatível, e a transfusão estava prestes a ter início. Saskia observou o sangue fluir para o braço direito da filha. A frequência cardíaca de Caroline era estável e a respiração normal, mas nenhum traço de uma máquina é capaz de descrever a visão de uma mãe. A única coisa que Saskia conseguia ver era o aspeto frágil e mirrado da filha, a sua palidez e a vulnerabilidade que patenteava.

Um súbito trinado eletrónico fez com que todos os médicos verificassem o respetivo telemóvel. No entanto, era o de Saskia. Ela saiu da sala para o corredor, a fim de ouvir melhor aquilo que o professor Friederikson tinha para lhe dizer.

— Saskia, resulta! A infeção baixou seis pontos percentuais em menos de meia hora. Algumas células sanguíneas morreram, mas penso que o parasita não conseguiu infetar mais células.

Durante meio minuto, Saskia não teve fôlego para responder. Depois alardeou a sua alegria, aos berros. Agora podia atrever-se a ter esperança de que a sua filha iria sobreviver. Finalmente, dispunham de uma arma contra o novo parasita.

* * *

Quando o mundo fica confinado às paredes de uma cela, é assombrosa a quantidade de coisas em que se repara. Durante o

dia há lagartos a correr pelas paredes, como se fossem dardos disparados, à caça de moscas e escaravelhos. A um lagarto chamei-lhe Redondinho, porque só tem metade da cauda. Há uma infinidade de aranhas muito gordas, a tecer espessas esferas brancas nos cantos. Não faço a menor ideia se são venenosas. À noite ouvimos morcegos guinchar debaixo das calhas e, às vezes, do tubo da latrina vem um sapo ou uma rã, em busca de baratas. Raramente ficam desapontados.

À noite, os mosquitos são uma praga. Zumbem-nos aos ouvidos, para ver quão profundamente dormimos. Se nos mexermos, dão-nos quinze minutos para voltarmos a adormecer, depois tentam de novo. Por mais atentos que estejamos, à espera, nunca os ouvimos pousar. Nunca sentimos nada, até à manhã seguinte. Parecem procurar sempre o pulso ou o tornozelo, o pescoço ou os nós dos dedos.

Certa manhã, ao acordar, detetei movimento na garrafa da latrina. Esta estava apenas a uns trinta centímetros da minha cabeça, pelo que podia ver a luz refletindo-se da superfície da água. Mas havia algo a perturbar esse reflexo, a lutar contra a tensão da superfície a partir de baixo. Era uma larva de mosquito. Levou quinze minutos a quebrar a película, a rastejar para o interior da garrafa, ficando ali a secar-se até sair a voar. Quanta determinação nessa enorme luta pela vida, programada dentro dos seus genes. Escapando de um mundo para outro. Que inveja tive!

(Diário de Erica, 1992)

* * *

Para mim, hoje foi o dia mais doloroso desde que fomos capturados. A Amy e a irmã Margaret foram levadas no Land Rover. O Crocodilo diz que elas irão ser libertadas em troca de alguns dos seus soldados, embora nunca possamos ter a certeza de que isso seja verdade. De acordo com o seu caráter, a irmã Margaret insistiu para que o Jarman fosse libertado em vez dela. No entanto, foi

empurrada para fora sem cerimónias, e apenas tivemos tempo para uma despedida muito breve.

Ser deixada ali foi um sofrimento atroz. De forma egoísta, fico contente por não ficar sozinha, e ter o Jarman para conversar. O seu pé ainda não está a sarar, e ontem ele encontrou larvas dentro da ferida. Mas, na realidade, o que mais me preocupa é a sua mente. Passa longos períodos num mundo só dele, a balbuciar e a suspirar. Às vezes, a meio da noite, pendura os braços e a perna que não está ferida na grelha por cima de si, e começa a fazer elevações, de modo frenético. Ouço-lhe perfeitamente a raiva, na força com que puxa e se torce nas barras, e os seus murmúrios furiosos. Outras vezes, quando já não consegue prosseguir, explode em lágrimas. Não há nada que eu possa fazer para o confortar.

Para mim própria tenho um alívio mais privado, levado a cabo o mais silenciosamente que consigo e sempre com a imagem do Tomas na minha mente. Prazer talvez seja a palavra errada; consolo está mais próximo da verdade. Por vezes, também eu choro no fim.

(Diário de Erica, 1992)

* * *

O autocarro percorreu cerca de um quilómetro e meio antes que a guia turística verificasse os nomes numa prancheta, e imediatamente o veículo encostou para deixar Max e Lisbeth sair. Felizes pelo facto de a costa estar livre, afastaram-se da rua principal para uma pequena praça empedrada, onde um bar medieval com aparas de madeira no chão ostentava uma centena de diferentes cervejas belgas. O empregado de balcão era baixo e divertido, ostentando um bigode de mosqueteiro. Não havia outros clientes no bar. Depois de uma cerveja e de uma tigela de *nachos*, Max até se sentiu suficientemente seguro para meter a mão no bolso e voltar a travar, com um clique, o trinco de segurança da *Walther*. Ele e Lisbeth partilharam as gargalhadas inebriantes e ilógicas de quem passou recentemente por um estado de terror.

— Lisbeth, o Anvil fazia muitos trabalhos como guarda-costas?

— Não sei a história da vida dele, percebes? Entre nós só havia sexo. Por que motivo perguntas?

— Ele tinha um daqueles auriculares especiais que se vê nos agentes dos serviços secretos dos Estados Unidos. Pensava que ele era um lobo solitário. Com quem poderia estar a comunicar?

— Não sei, Max. Só sei que vivi mais um dia e estou bastante feliz por isso.

Max içou-se do banco ao balcão e correu pelas estreitas escadas de madeira acima até à apertada casa de banho comum. Trancou a porta e tirou o telemóvel do bolso. Premiu a tecla um para aceder ao número gravado na memória e deixou uma mensagem para Alex, fazendo-lhe um resumo do dia. Max tinha uma sugestão: verificarem se D'Anville alguma vez comprara uma barçaça.

Desligou e mudou a ligadura da mão. A mordidela do cão ainda estava em ferida, mas a sarar, exceto entre o segundo dedo e o terceiro, pelo que poderia usar uma ligadura mais pequena e que o incomodasse menos. Lá em baixo, alguém ligara a música e, nesse momento, ouviu uma pancada e um ruído agudo, como se fosse um barril de cerveja a ser arrastado pelo soalho de madeira.

Um sexto sentido levou Max a sacar da *Walther* antes de abrir a porta bruscamente. Desceu em tropel as escadas para o bar. Não viu ninguém. Lisbeth tinha desaparecido. Saiu, perscrutando a praça. Ninguém. Ao fundo da viela ia a passar uma senhora de meia-idade. Max aproximou-se dela, com a arma escondida, e ela disse-lhe que não encontrara nenhuma mulher jovem pelo caminho.

De volta ao bar, viu que o saco que Lisbeth trazia a tiracolo e o computador portátil estavam onde tinham sido deixados. Ela não podia estar longe. Max chamou pelo empregado de balcão, mas não veio ninguém ao seu encontro.

— Maldição! — murmurou para consigo, e meteu a mão no bolso para pegar na arma. No espelho com o emblema da *Schweppes* por trás do balcão, o seu rosto surgiu refletido por entre uma mancha de finas gotículas cor de carmim. Sangue no espelho. Ele inclinou-se

sobre o balcão. Gotas e salpicos, e uma poça escura ainda a alastrar por baixo de uma porta grande lá atrás, pintando de escarlate cada apara de madeira clara. Max correu para lá e empurrou a porta antiga de madeira. A porta abriu-se alguns centímetros e depois pareceu ficar bloqueada em baixo. Tudo o que ele conseguia ver, sob uma lâmpada fluorescente a piscar, era o topo de uma bancada com uma baguete de pão cortada e pronta a servir, cubos de queijo num pires e carnes frias arranjadas com esmero numa travessa. Ouvia gorgolejar, como um lava-loiça a esvaziar-se.

— Lisbeth! — Com o ombro, Max empurrou a porta com força, e esta cedeu. Arquejou e suspendeu a respiração perante o que viu, meio horrorizado e, para sua vergonha, meio aliviado. Não era Lisbeth.

O *barman* tremia, deitado de costas no chão da minúscula cozinha do bar, com o sangue ainda a sair aos borbotões do corte no pescoço à medida que os pulmões davam vazão ao último fôlego da sua vida. As palavras que pronunciou eram apenas um silvo e um esguicho de sangue, mas suficientemente eloquentes: por favor, salve-me.

— Tente manter a calma — sussurrou Max com a voz rouca. — Vai ficar bem. Vamos tentar movê-lo um pouco.

Max apertou com a sua mão a garganta aberta, para servir de grampo, apoiando o homem numa posição sentada encostado a um armário, onde a cabeça seria mantida para a frente de modo a comprimir o ferimento. — Tente aguentar-se assim por uns minutos enquanto eu peço ajuda, está bem?

Depois de ter afastado as pernas do empregado, a porta fechou-se devagar atrás deles. Max não olhou imediatamente para trás. Estava ajoelhado numa poça de sangue e a tentar marcar o número do serviço de emergência no telemóvel com uma mão, enquanto com a outra procurava estancar o abundante sangramento do *barman*. Antes de conseguir pedir ajuda, o homem morreu, com um estertor final e um sopro através da traqueia rasgada, pulverizando

de vermelho a frente da camisa branca de Max. A náusea percorreu-o da cabeça aos pés, e ele virou-se, apenas para recuar cambaleante, a gritar de terror face ao que viu a seguir.

Lisbeth havia sido pendurada nas costas da porta como se fosse um casaco, os olhos cor de cobalto esbugalhados numa expressão de surpresa. O seu rosto sem vida era branco-azulado e tão bonito como o de uma boneca de porcelana, com a ponta da língua de fora, da cor das ameixas maduras, a mesma cor das pisaduras em redor do pescoço.

Ela tinha sido estrangulada.

Max recolheu-a nos seus braços como uma criança adormecida, murmurando o nome dela em voz baixa, repetidamente. Desprendeu o colarinho do gancho da porta, levou-a para o bar e colocou-a com gentileza numa poltrona. Fechou as cortinas, virou a tabuleta para indicar que o local estava fechado, desligou a música e sentou-se. No chão da cozinha, o telemóvel falava sozinho em tom sibilante, mas quando pegou nele, não conseguiu pensar em nada para dizer aos serviços de emergência. Por isso, desligou.

Engoliu o resto da cerveja, pendurou ao ombro o saco com o computador e saiu dali, levando nas mãos ensanguentadas a fotografia que ele e Lisbeth tinham tirado naquela mesma tarde — bons amigos, a sorrir num momento de paz.

* * *

A noite passada, o Tomas veio visitar-me. Vi-o de pé à frente da minha cela, sem falar, apenas a olhar para mim. Estendi a mão na sua direção e chamei o seu nome, mas não conseguia tocar-lhe. Depois percebi que, fosse lá como fosse, ele tinha aberto a porta da cela. Saiu, e eu segui-o, com o coração a bater. Ele ficou lá fora iluminado pela lua cheia, sobre uma erva prateada. Apontava para qualquer coisa, e eu pura e simplesmente não conseguia ver. Por mais que o Tomas gesticulasse na direção do horizonte, eu não era capaz de compreender o que estava a tentar mostrar-me. Então deixou pender as mãos e a sua boca moveu-se. Não conseguia

ouvi-lo, mas sabia que ele estava a despedir-se. A despedir-se para sempre.

Acordei lavada em lágrimas. Sinto-me tão sozinha! Não tenho forças para continuar. Será que alguém lá fora se lembra sequer de quem sou? Ninguém ouve os meus gritos? Ou, tal como eu, não conseguem ouvir mais nada senão a chiadeira do gerador, a construir a civilização com a eletricidade? E gelo para as bebidas do Brigadeiro.

(Diário de Erica, 1992)

O professor Cornelis van Diemen resmungou quando o telefone o acordou pela segunda vez naquela noite. Eram três da madrugada e ele rezou para que não fosse novamente Betsy Dijkstra. A ministra da Saúde, agora sua chefe direta no recém-criado Grupo Especial de Luta contra a Epidemia, parecia decidida a fazer o trabalho dele, de coordenação da investigação de um tratamento, além do seu próprio trabalho. A energia de Dijkstra era espantosa, quase assustadora. Presidia a reuniões durante todo o dia, depois sentava-se metade da noite a falar com cientistas na Califórnia, a pesquisar na Internet ou a ler publicações médicas. A seguir, era capaz de telefonar a Van Diemen para sugerir que ele tentasse determinado medicamento experimental ou falasse com um certo cientista designado por ela. Aquele era o problema de se ter um antigo médico como ministro da Saúde. Um pouco de conhecimento tornava-se uma coisa muito irritante.

Van Diemen pegou no telefone e disse o seu nome num tom cansado e enfadado.

— Fala Friederikson. Certamente não estava a dormir, Cornelis, pois não?

— Sim, Jürgen, estava. — Van Diemen caminhou penosamente para a casa de banho, arrastando o fio comprido do telefone para evitar incomodar mais a mulher. — E quero voltar a fazê-lo. A Dijkstra acordou-me há uma hora para me dizer que tenho uma

videoconferência às seis da manhã com uns bacteriologistas japoneses que ela conhece.

Friederikson riu-se.

— Os riscos da responsabilidade. Fico bastante satisfeito por ser *persona non grata* junto do governo. Sigo o meu próprio rumo.

— Bem, dificilmente iriam confiar em si depois daquela sua aventura com o recipiente dos mosquitos na reunião do comité. O problema é que eles querem que eu descubra outra pessoa para fazer o *seu* trabalho epidemiológico. — Van Diemen olhou para o seu próprio rosto refletido no espelho. As suas feições habitualmente coradas estavam agora pálidas e inchadas, os olhos raiados de sangue, e o cabelo desgrenhado. — Então, o que pretende?

— A febre Van Diemen foi vencida; achei que gostaria de saber.

— Do que é que está a falar? — Van Diemen ficou exatamente tão irritado com a expressão «febre Van Diemen» como Friederikson pretendia.

— Tenho estado a tratar um dos seus pacientes com um novo medicamento.

— Como se *atreve*? Isso é absurdo, pouco ético, uma interferência no trabalho alheio e perigoso. Como é que se atreve, sem a minha autorização?

— A resposta é bastante simples, Cornelis. Porque, se eu lhe tivesse pedido, não me teria dado autorização. O medicamento não tem nome, não tem documentação nem quaisquer dados no que se refere a testes. Ter-me-ia autorizado a utilizá-lo?

— Com certeza que não — vociferou Van Diemen. — Trata-se de alguma poção de ervas que você cozinhou lá na sua masmorra?

— Não. É uma coisa a que o Henry Waterson teve acesso, e que não fazemos ideia de como funciona. Mas o certo é que funciona.

— Em quem é que experimentou?

— Na filhota da Saskia, a Caroline. Claro que tenho autorização da Saskia, que penso ser mais relevante do que a sua. Os níveis de

infecção da Caroline diminuíram para quase nada. Se eu não tivesse tentado, a esta hora ela estaria morta.

Por um momento, Van Diemen ficou calado.

— Bem, claro que estou muito contente. Embora, como é natural, gostasse de ver os dados por mim próprio. E de falar com o Waterson.

— Com certeza. Contudo, existe um inconveniente importante.

— À parte de eu carregar com toda a responsabilidade enquanto você chega e tenta apropriar-se da glória, é isso que quer dizer?

— Muito para além disso. — Friederikson riu-se. — O novo medicamento vai custar mil dólares por comprimido, o que significa dez mil dólares para um tratamento de dez unidades.

— Isso é um valor escandaloso. De que empresa é? Vou soltar-lhes a Dijkstra. E a Comissão Europeia.

— Não sei de que empresa é. Só o Henry Waterson sabe, e ele prometeu guardar segredo. Muito simplesmente, se não pagarmos, não o recebemos.

— Não o podemos fabricar? De certeza que não pode ser assim tão difícil.

— Partindo do princípio de que não há nenhuma violação de patente, poderíamos arranjar um fabricante de um medicamento genérico para o produzir no espaço de seis meses, provavelmente. Mas pense por um momento, Cornelis. Criar uma linha de produção custaria, na fase inicial, ainda mais do que comprar o medicamento ao fornecedor. E ainda teria de ser encoberto, uma vez que se trata de um fármaco não aprovado, sem testes experimentais efetuados. O mais importante a levar em conta, porém, seriam as centenas ou possivelmente milhares de pessoas que poderiam morrer devido à febre Van Diemen durante esses seis meses. Não vejo que tenhamos outra escolha.

— Que quer que eu faça?

— Simples. Faça com que a Dijkstra arranje o dinheiro. Para tratar dez mil casos iremos necessitar de cerca de dez milhões de dólares. E tem mesmo de ser em dólares, não em euros. Pagáveis

numa conta das Antilhas Holandesas. O Waterson diz que é a única forma de eles consentirem que o medicamento nos seja fornecido.

— Não há hipótese nenhuma, Jürgen. Você passou demasiado tempo em África, e isso deve ter-lhe queimado o cérebro. Os governos europeus não trabalham dessa forma, como você bem sabe. Mesmo que a Dijkstra concorde com isto, o que não vai acontecer, ela tem de prestar contas ao Comité para a Saúde pela porcaria de um simples agrão. Não, tenho uma ideia melhor. Tentaremos a Pharmstar. Ao que parece, eles conseguem angariar milhares de milhões de dólares em apenas algumas horas, e sem ter de assumir responsabilidades perante ninguém. O seu diretor-geral foi a primeira vítima famosa e, portanto, o que poderia ser mais poético?

— Muito bem — disse Friederikson. — Mas precisamos do dinheiro rapidamente, em segredo e sem condicionalismos.

* * *

Dois jatos acabaram de passar em voo baixo sobre nós, a varrer o terreno! Ouviu-se um imenso barulho penetrante, na direção oeste-este. O telhado ainda zumbe com o som vibrante dos aviões. Os abutres estão assustados, posso ouvi-los arranharem com as garras o telhado de zinco ao esvoaçarem rápida e desordenadamente para o ar.

Aí vêm eles outra vez!

Vum, lá vai um. Cá está o outro. Ouço a espingarda do Rambo-Rambo, a disparar em retaliação. Espero que ele saiba como isto é muito mais perigoso do que massacrar uma família de javalis selvagens. É assustador. Se os combatentes retaliarem, somos alvos muito vulneráveis. O Crocodilo pode fugir da sua barraca. Nós não podemos.

Há uma hora que estamos à espera, mas os jatos não voltaram. Talvez estivessem apenas a dar conhecimento ao Crocodilo de que o governo sabe exatamente onde nos encontramos. Ele deveria

estar encantado por ser levado tão a sério. Mas, de facto, desconfio que isto apenas tornará todos muito nervosos.

(Diário de Erica, 1992)

O professor Cornelis van Diemen convocou uma reunião secreta no seu pequeno gabinete para as dez horas da manhã seguinte. Provocou-lhe um arrepio de excitação e prazer não convidar Betsy Dijkstra, nem deixar a ministra da Saúde saber o que estava a acontecer. Desta vez, era ele quem estava ao comando das atividades.

Todas as pessoas que ele convidara, de alguma maneira, eram essenciais: o professor Jürgen Friederikson, intratável sem dúvida, mas ainda assim a mais respeitada autoridade do mundo no que dizia respeito à malária; o Dr. Henry Waterson, que tinha estabelecido a ligação com os fornecedores do novo medicamento; Saskia Sivali, cuja destreza e experiência na identificação do novo parasita ao microscópio era inigualável; e finalmente Penny Ryan, que, segundo Waterson lhe assegurou, seria a melhor pessoa para convencer a Pharmstar a abrir mão de dez milhões de dólares.

— Penso que o Henry deveria começar por nos dizer como fez a descoberta sobre o novo medicamento — disse Van Diemen.

— É bastante simples. — Waterson, sentado sobre uma secretária, ajustou o laço. — A Waterson Consultants recebeu um *e-mail* há dez dias a informar que uma empresa chamada Xenix Molecular Systems nos tinha enviado uma amostra de um composto que poderia matar o *Plasmodium cinco*. Efetivamente, chegou um frasco de vinte comprimidos, posto no correio em Roterdão, mas sem qualquer documentação. Como todos os presentes sabem, esta *não* é a forma de novos e promissores medicamentos serem colocados no mercado, portanto, deduzi que se tratasse de uma falcatura. Enviei uma mensagem eletrónica à Xenix a pedir documentação, e passei alguns desses comprimidos ao professor Friederikson para análise. Entretanto, segui a pista da Xenix Molecular até um pequeno escritório, aparentemente abandonado, no porto de Roterdão. Aquele local, a meu ver, tresandava a fraude.

— O Henry ficou estupefacto quando lhe disse que o medicamento resultava — comentou Friederikson a sorrir.

— Fiquei absolutamente atónito — confirmou Waterson. — Por isso, mais uma vez, enviei um *e-mail* à Xenix, mas desta vez disse-lhes que a droga não resultava.

— Por que motivo fez isso, Henry? — perguntou Van Diemen.

— Queria forçá-los a revelarem qualquer prova que tivessem, para ver até que ponto os testes tinham sido extensivos. Além disso, a primeira regra na negociação de uma compra é minimizar o nosso interesse no produto. Isso mantém o preço baixo.

— Essa estratégia foi dramaticamente malsucedida, não foi? — atirou Friederikson.

Waterson fez uma careta que pretendeu ser um sorriso.

— Seja como for, no espaço de uma hora depois daquela mensagem, o meu quarto de hotel tinha sido assaltado e a minha pasta arrombada e aberta.

— Que assustador! — exclamou Saskia.

— Na verdade. Levaram um punhado de comprimidos, portanto, calculo que fosse apenas para me avisar de que sabiam que eu estava a tentar tramá-los. Foi nessa altura que concluí que, de alguma maneira, estava a lidar com o submundo. Pura e simplesmente, não esperamos encontrar indivíduos assim nas farmacêuticas. Não é exatamente como a recolha e tratamento do lixo ou algo do género.

Penny Ryan tomou a palavra.

— Quando o Henry me falou a esse respeito, mostrei-lhe o cartão postal que o Jack Erskine tinha recebido. Parecia uma espécie de ameaça no sentido de pôr à solta esse *Plasmodium cinco*.

Friederikson riu-se.

— Mas que mafiosos inteligentes eles são! Tal como Deus, podem criar uma espécie inteiramente nova de malária num minuto, e depois... *pff!* Uma pequena magia científica e também conceberam a cura para ela.

Van Diemen levantou a mão.

— Aguarde lá os cavalos, Jürgen. Henry, a Xenix chegou a mandar-lhe alguma documentação?

— Não. A mensagem de correio eletrónico que me enviaram apenas me deixava saber o preço e a forma de pagamento.

— Isso não é mais do que chantagem, pois não? «Deem-nos o dinheiro ou morrerão milhares de pessoas devido a uma epidemia» — comentou Saskia. — Como é que podemos ceder a semelhante coisa?

— A Saskia ficou bastante feliz por ter o medicamento para a Caroline — retrucou Friederikson de modo sarcástico. — Agora que ela já se encontra fora de perigo, vejo que de repente desenvolveu fortes princípios éticos.

— Não, não foi assim que aconteceu. O senhor pediu-me...

— Por favor, todos vós. — Van Diemen pôs as mãos no ar. — Vamos cingir-nos aos factos. Penny, falou com a Pharmstar?

— Sim. O diretor financeiro, Don Quiggan, está a desempenhar as funções de diretor-geral. Riu-se quando lhe recordei as palavras dele a respeito de investir dinheiro numa cura. Ressaltou que dissera aquilo quando o Erskine ainda estava vivo. Mas acabou por concordar. Incluí, de facto, algumas mentiras inofensivas. Disse-lhe que o dinheiro seria gasto em investigação aqui no hospital, que teríamos direito a placas como patrocinadores e esse género de coisas. Tenho a certeza de que, se soubesse que se destinava a comprar um produto de outra empresa, ele não entraria com o financiamento.

— Muito bem, Penny — disse Van Diemen. — Partindo do princípio de que a Pharmstar mantém a palavra dada em relação ao dinheiro e, indo ainda mais longe, supondo que conseguimos manter o Ministério da Saúde na ignorância, por quanto tempo poderemos fazê-lo até outros países quererem saber o que estamos a utilizar?

— Obviamente, não por muito tempo, com toda a certeza — disse Friederikson. — Em breve poderá haver centenas de milhares de pessoas a necessitar desse medicamento. Ficaria surpreendido se

conseguíssemos manter este assunto sob controlo por mais de um mês. Além disso, nem mesmo a doação da Pharmstar pagaria as contas durante muito tempo.

— Temos de averiguar mais coisas sobre a tal Xenix — disse Saskia. — Se eles descobriram o medicamento de forma legítima, por que razão não o tornaram público, fazendo uma fortuna? Se, conforme eu suspeito, a patente do medicamento pertence a outras pessoas, nesse caso deveríamos avisá-las da sua utilização para a malária.

— Concordaria consigo, com uma advertência — disse Waterson. — Assegure-se de que arranjam os medicamentos suficientes para um mês antes de o tornar público ou de chamar a polícia. A primeira coisa que os criminosos fariam seria destruir as provas e, se o medicamento se esgotar, poderão morrer centenas de pessoas.

— Muito bem, peço a atenção de todos — disse Van Diemen. — Vamos distribuir tarefas. Penny, quero que descubra quem ofereceu à Pharmstar uma cura para a malária e que composto era esse. Henry, quero que descubra tudo o que puder sobre a Xenix Molecular e quem está por trás dela. Jürgen, quero que pesquise todas as bases de dados que puder no que se refere a patentes. Pretendo descobrir se esse composto chegou a ser patenteado por alguma empresa, uma faculdade ou um cientista. O meu trabalho será manter a imprensa e o Ministério da Saúde longe do vosso encaixo tanto quanto possível. Saskia, quero entregar-lhe a si a responsabilidade clínica quotidiana da administração do medicamento aos nossos pacientes. Alguma pergunta?

— Não é tanto uma pergunta, mas mais uma sugestão — disse Waterson. — Alguém pensou qual será a ligação disto com o desaparecimento da Erica Stroud-Jones? Supostamente, ela terá feito uma descoberta, uma conquista no combate contra a malária. E agora a Xenix está a oferecer-nos uma descoberta. Dificilmente poderá ser uma coincidência.

— De certeza que não está a sugerir que ela se encontra por trás da Xenix, pois não? — perguntou Van Diemen. — Deitar fora um

Prémio Nobel e todo o reconhecimento de uma carreira? Não acredito.

— Mas e em relação ao namorado dela, Max Carver? — Com um gesto teatral, Waterson exibiu um artigo de jornal. — A polícia anda à procura dele.

O professor Friederikson resmungou com desdém.

— Vocês estão todos a enveredar por um beco sem saída. Não sei nada acerca desse tal Carver, mas posso dizer-vos que o composto que nos foi oferecido pela Xenix não tem nada a ver com a descoberta da Stroud-Jones.

— Como diabo é que sabe isso? — perguntou Van Diemen. — O artigo dela está fechado a sete chaves e apenas três pessoas o leram. Tentei interrogá-las, mas nenhuma delas me diz nada.

— Bom, não vou revelar as minhas fontes, mas tive o privilégio de o ler. É absolutamente brilhante, tenho de o admitir. Há décadas que lutamos persistente e incansavelmente contra a malária dentro do corpo humano. Todas e cada uma das drogas experimentadas, desde a cloroquina até às mais recentes artemisininas, utilizam o mesmo campo de batalha já esgotado, endurecendo o nosso inimigo. E assim acontece com o composto oferecido pela Xenix, embora eu ainda não consiga identificar de que fonte é derivado.

— Então em que é que difere a descoberta da Stroud-Jones? — perguntou Penny.

— Abre uma segunda frente contra os parasitas — respondeu Friederikson. — Trava a guerra *dentro* do próprio mosquito, nas fases do ciclo de vida da malária onde esta nunca foi atacada, e onde as suas defesas são mais fracas. A Erica identificou uma série de compostos que impedem o parasita da malária de se agarrar ao intestino do mosquito, quebrando completamente o seu ciclo de vida.

— Como consegue pôr os mosquitos a tomar esses remédios, professor? — perguntou Waterson. — A mim parece-me que é uma grande objeção prática.

— É simples. Tomam-nos com a sua comida. Vacinam-se as pessoas, ou os porcos, ou as cabras, e espera-se que sejam picados pelos mosquitos. O mais brilhante de tudo é que o composto chega aos ovos com o sangue ingerido, pelo que a primeira geração de descendentes dos mosquitos, centenas deles, também é vacinada.

— Que sorte a nossa — exclamou Waterson. — Há uma semana não podíamos fazer nada em relação a essa estirpe do *Plasmodium cinco*, agora temos dois processos de cura!

Friederikson acenou com a cabeça.

— Agora começa a fazer sentido. Quem quer que esteja por trás da Xenix fez um trabalho aturado no sentido de tornar o *Plasmodium cinco* resistente a todos os medicamentos conhecidos contra a malária, exceto o seu próprio, expondo gradualmente os parasitas a esses medicamentos para que fossem criando resistência. Então começaram a correr rumores de que a Stroud-Jones tinha resolvido todo o problema da malária. Não admira que precisassem de a tirar do caminho antes que ela pudesse apresentar a sua tese. De outra forma, o embuste da chantagem não se aguentaria por muito tempo.

— Portanto, as hipóteses apontam para que quem quer que se tenha livrado dela, quem quer que esteja por trás da Xenix, terá estado entre nós na conferência — disse Waterson. — Não consigo simplesmente acreditar que alguém que se dedicasse a combater essa doença possa ser tão perverso.

— Eu consigo — contrapôs Friederikson. — E tenho as minhas suspeitas de quem se trata.

* * *

Foi cerca de duas horas depois de os jatos terem voado sobre nós que eu e o Jarman fomos arrastados para fora da nossa cela pelo Desdentado, o Rambo-Rambo e o Dakka. Fomos levados até uma clareira através de umas centenas de metros pelo meio da floresta. Perto daquilo que restava de uma fogueira recente havia um amontoado de picaretas, pesadas pás e baldes. Mostraram-nos

um lote de terra e disseram-nos para começar a cavar. O Jarman perguntou porquê.

— Isto a vossa campá — respondeu o Desdentado, a sorrir.

O Jarman e eu trocámos olhares entre nós. Então é isso, finalmente. Podemos esquecer as ideias de libertação, de regressar aos nossos países natais, da refeição de celebração, do reencontro com a família e os amigos. Tudo acaba aqui, numa clareira sombria da África Central. Depois do primeiro pontapé, começámos a cavar. Nenhum de nós tinha forças, e trabalhávamos de joelhos. A terra era mole e cedia com facilidade, pelo que não precisámos de usar as picaretas. Passada uma hora horrível e extenuante, eu só tinha cavado cerca de meio metro. O Jarman fizera um pouco melhor, mas estávamos ambos a desfalecer com o esforço.

O Brigadeiro Crocodilo caminhou ao nosso encontro a comandar um grupo de quatro homens armados. Todos eles se apresentavam vestidos com os seus melhores uniformes; o Brigadeiro de boné de pala e cheio de medalhas. Vendaram-nos os olhos e mandaram-nos entrar nas covas que tínhamos cavado. Procurei cegamente os dedos do Jarman e apertei-lhe a mão. Ambos tremíamos de forma descontrolada.

Ouvimo-los carregarem as espingardas e os seus gritos enquanto faziam pontaria para nós. Os instantes seguintes foram os mais longos da minha vida.

Depois vieram os tiros, que ecoaram pela floresta.

Não senti nada. Era essa a sensação de ser alvejado?

Ouvi pássaros bater as asas ao levantarem voo das árvores, e gemidos do Jarman. Parecia que ele ainda estava de pé. Então, retiraram-nos as vendas.

— O governo não quer negociar comigo. Voltaram atrás com a palavra dada. — Crocodilo, furioso, espetava um dedo na nossa direção. — Vocês são inúteis para mim. O vosso governo tem de pressionar Kinshasa. Têm de pensar como podemos fazer isso. Ou, da próxima vez, a execução será a sério.

(Diário de Erica, 1992)

* * *

Max sentou-se num banco que dava para um canal sossegado, bem embrulhado na gabardina que lhe cobria as calças e a camisa ensanguentadas, e observou os patos grasnarem uns com os outros. O círculo à volta dele estava a fechar-se. Não era apenas Anvil, mas também Voos e Stokenbrand. Deviam estar desesperados por lhe deitar a unha, sendo ele, Max, a única pessoa que estava sempre convenientemente perto da carnificina.

A imagem de Lisbeth pendurada na porta vinha-lhe à mente de forma recorrente. Precisamente quando eles se sentiam seguros, Anvil acabara por apanhá-la. O medo voltou como uma onda de náusea quando considerou a rapidez incrível com que tinham sido localizados, e a forma como duas pessoas haviam perdido a vida nos escassos minutos que ele demorara a fazer um telefonema e a mudar a ligadura da mão.

Max tirou o computador do saco, ligou-o e tentou mais uma vez aceder à caixa de correio eletrónico. Era inútil. Precisava de um pirata informático. O género de pessoa que Alex por certo contaria entre o seu pessoal.

Como se apenas esperasse deixa, o telemóvel tocou. Era Alex.

— Que aconteceu, Max?

— A Lisbeth morreu.

— Meu Deus! Como?

— Estrangulada. Não sei como, mas o D’Anville encontrou-nos. No preciso momento em que estava a falar consigo ao telefone... — Subitamente, Max parou de falar, com um medo horrível a apertar-lhe a garganta. — De repente, deixei de confiar em si.

Não obtive resposta.

— Nunca lhe vi a cara, Alex, e não sei nada a seu respeito — continuou Max. — Talvez tenha sido enganado por um monte de patranhas.

— A desconfiança é uma boa característica, mantém-nos vivos. Mas há um tempo e um lugar para isso. Tudo o que te disse é verdade. Posso não te ter dito tudo, mas já é um assunto diferente.

— Este telemóvel tem um sistema de GPS, não tem? E há um dispositivo de escuta no telefone, não há, Alex? Foi assim que o Anvil nos encontrou. Ele tinha um auricular no ouvido.

— Não. Deixa-me ser franco contigo. Nós sabemos sempre mais ou menos onde estás, mas nunca exatamente.

— Portanto, *há mesmo* um dispositivo de escuta no telefone.

— Não, é um telefone normal. Podíamos ter-te dado um telemóvel com GPS, mas talvez isso te tivesse tornado um pouco desconfiado. Tínhamos quase a certeza de que não eras nenhum entendido em computadores, mas não queríamos correr o risco. No entanto, não precisamos de nada no telefone para saber aproximadamente por onde andas, com quem falas e o que estás a dizer. Dispomos simplesmente de poderes fora do normal, cortesia de algumas autorizações de alto nível que nos permitem o acesso a informações relativas à segurança. Temos uma pequena peça de *software* incorporada na frente que recolhe as entradas na central de telecomunicações e as comunica ao provedor de serviços. O nosso *software* compara todos os números de contas de telemóveis em uso com a nossa lista «pretendida». Quando existe uma correspondência, o dispositivo agarra a identidade da antena de radiofrequência celular que está a lidar com a chamada e despeja uma cópia digital do telefonema num arquivo onde possamos decodificá-lo mais tarde. Muitos telemóveis têm apenas um raio de um quilómetro nas grandes cidades, pelo que só sabemos onde tu estás até esse ponto. Claro que, se te deslocares e o teu sinal for transferido para outro transmissor, então sabemos com mais precisão onde te encontras, na fronteira entre duas daquelas células.

— E sabiam onde a Lisbeth estava a partir do telemóvel dela?

— Apenas aproximadamente. Esta manhã, ela estava algures em Utreque. Acredita em mim, Max, não é uma ajuda tão grande como

poderias imaginar. Utreque é uma localidade grande. Hoje à tarde, só sabíamos que vocês estavam num sítio qualquer no centro de Amesterdão, a sul da Estação Central, a norte da Leidseplein, mas não havia forma de podermos mandar alguém diretamente ao vosso encontro.

— O Anvil deve ter um telemóvel. Fazem alguma ideia de onde ele esteja?

— O homem tem montes de telefones, geralmente roubados e utilizados apenas durante uma semana ou ainda menos. Nunca sabemos em que número ele está. Agora, vê lá se deixas de me querer dizer como devo fazer o meu trabalho e escuta. Estas últimas mortes basicamente comprometeram-nos a operação.

— Da Lisbeth e do empregado de balcão?

— E do teu amigo que levanta pesos, o Janus Pretzik.

— Ele também? Meu Deus!

— Sim. Utilizaram um maçarico na cabeça dele até esta explodir. É impossível manter segredo de quatro mortes numa semana. Digo-te, Max, os polícias holandeses já estavam a ficar doidos, e convocaram os seus maiores aliados políticos. Amanhã ao meio-dia vai haver uma reunião entre o primeiro-ministro holandês, os seus conselheiros na área da segurança e o chefe da Polícia de Amesterdão. Depois do que aconteceu à Lisbeth, sei perfeitamente que vamos perder. Amanhã ao meio-dia, a Voos e a sua tropa irão ter rédea solta no que diz respeito ao Anvil e ele vai simplesmente desaparecer, pelo que a história acaba aqui.

— Qual é o problema de a Voos lhe deitar a unha?

— O problema é que ela não vai conseguir fazê-lo. O Anvil é um profissional na arte de desaparecer. Voltará a escapar-se, levará os seus diamantes e aparecerá noutro lado qualquer. A polícia holandesa esquecer-se-á dele e o assunto volta para o meu colo, mais uma vez, até eu ser velhinho ou até ser despedido.

— E então, o que vai fazer?

— É o que *nós* vamos fazer, Max.

— Não conte comigo, Alex. Se não conseguiu salvar a Lisbeth, também não conseguirá salvar-me a mim. Não sou assim tão estúpido que não veja a sua jogada. A Lisbeth era o melhor isco para atrair o Anvil e fazê-lo sair da toca, mas ele apanhou-a e deixou-o a si com um anzol vazio na mão. Agora vai fazer a mesma coisa comigo. Se eu conseguir encontrar a Erica, vocês seguem-me e apanham o Anvil. O vosso trabalho sujo é feito à distância, e, se eu falhar, serei apenas o louco solitário que não tem nada a ver convosco. Descartável e desconhecido. Estou enganado?

— Não, Max. Não estás enganado. — Alex riu-se, zombeteiro. — Mas apercebi-me muito rapidamente de que te tínhamos subestimado. É por isso que te queremos no nosso grupo. Já fizeste um bom trabalho. Estamos a obter informações sobre uma barcaça comprada há dois anos para o De Wit em nome da empresa Xenix Environmental. Só que ainda não sabemos onde está. Talvez consigamos descobrir isso amanhã ao meio-dia.

— Se eu pudesse confiar na vossa proteção, alinharia nisso, apenas pela oportunidade de encontrar a Erica. Mas não tenho a certeza se estão a ser honestos comigo. E se eu matar o Anvil? Deixariam que pagasse as favas sozinho?

— Max, Max, Max. Claro que não faríamos isso. Iríamos apoiar-te a cento e dez por cento.

— Pois, está bem.

— Aguarda um momento. — Alex falou em surdina ao telefone durante um minuto. — Pronto. O acordo é este. Vou apresentar-te ao nosso chefe de estratégia, cara a cara e com o seu verdadeiro nome. E com isto estamos a arriscar-nos muito por ti. Aparece na Oude Kerk, que é uma igreja antiga mesmo no meio do Bairro Vermelho de Amesterdão. Nós iremos lá ter contigo. Aguarda junto do túmulo de Cornelis de Graeff, que fica perto de uma divisória de mármore na extremidade ocidental.

— A que horas?

— Estamos com pressa. Neste momento, faltam quinze minutos para as seis. Calculo que conseguirás estar lá às seis e um quarto.

Quando o conheceres, confiarás em nós, isso te garanto.

* * *

Cada vez me convenço mais de que o Jarman está a enlouquecer. Todas as noites ouço raspar. Ele soltou uma das barras da grelha e utiliza-a para raspar nos blocos de cimento. E enquanto faz isso, passa o tempo todo a falar sozinho. Disse-lhe que não vale a pena, que daqui não há para onde fugir, mas não me ouve. É um tempo perigoso para nós. O governo não está preparado para conversar, e dá a impressão de que não temos grande utilidade como reféns. Se descobrirem que o Jarman está a tentar escapar, temo que sejamos ambos mortos.

(Diário de Erica, 1992)

* * *

Penny Ryan abriu o pacote entregue pela FedEx e tirou lá de dentro um maço grosso de documentos, cópias de entradas na imensa base de dados de patentes da empresa Pharmstar, em Atlanta. O professor Friederikson estava ao seu lado, a comparar um grosso livro de registo de compostos patenteados com as entradas na Pharmstar.

— E que tal esta aqui? — disse Penny, apontando para uma entrada reduzida. — Diz apenas «extrato de fruta verde de uma árvore equatorial chamada *gwuia*. Supostas propriedades antimaláricas encontradas em testes efetuados em macacos».

— São só esses os pormenores que aí constam? — Friederikson espreitou por cima do ombro dela. — As datas condizem. Sim, a fórmula química também é idêntica. Portanto, a Pharmstar detém, de facto, direitos em relação ao medicamento da Xenix.

— Não admira que tenha levado tanto tempo a encontrar. A Pharmstar só adquiriu a patente depois de comprar, em 1992, uma empresa suíça que se dedicava à elaboração de testes, a Tetro-Meyer oHG.

— E dá a impressão de que realmente nunca fizeram a investigação — disse Friederikson.

Penny levantou a cara.

— Alguma vez ouviu falar da tal árvore *gwuia*?

— Não. Mas posso pesquisar e ver de onde vem.

— E agora que tenho em meu poder a data exata, posso referenciá-la ao comité clínico. Depois podemos averiguar os nomes de todos os que estavam presentes quando o assunto foi discutido.

* * *

Esta manhã, o Desdentado e o Rambo-Rambo descobriram na cela do Jarman o bloco de cimento danificado. Penso que o Jarman estava à espera de que lhe batessem, mas os guardas limitaram-se a olhar um para o outro e a acenar com a cabeça antes de se retirarem. Fiquei aliviada quando ele me contou, mas o Jarman disse-me que tinha um mau pressentimento a esse respeito.

E, na verdade, tinha razão.

Quinze minutos mais tarde, ouviu-se no exterior um ruído enorme. Algo estava a ser movido pela força de braços para junto da parede. O Desdentado andava lá em cima na grelha para trás e para a frente, a fazer passar uns fios por baixo dos beirais de zinco. Encolhi-me num canto da cela quando ouvi a voz do Crocodilo. Ele ignorou-me, mas pôs-se por cima da cela do Jarman. Nunca esquecerei o que disse a seguir:

— Doutor Herrera, trouxemos-lhe eletricidade, conforme prometemos.

Depois ouvi o motor engasgado do gerador ao começar a trabalhar. Nunca o tinha ouvido exceto à noite, quando o Crocodilo acendia as luzes e punha o frigorífico a funcionar. O Rambo-Rambo e o Desdentado arrastaram o Jarman para uma cela vazia no extremo do edifício. Algo o fez entrar em pânico quando lá chegou, e ouviu-se o som de luta. Ouvi o Jarman suplicar. Dizia continuamente: «Por favor, não.» Pediu desculpa pelos distúrbios que havia causado, mas a única resposta foram gargalhadas. Antes

disso, nunca o ouvira implorar. Alguma coisa o aterrorizava completamente.

Depois, o gerador acelerou, e ouviu-se um zumbido nos fios enroscados por cima das celas.

Já tinha ouvido gritos na minha vida, mas nada, absolutamente nada, poderia aproximar-se daquilo. Tapei os ouvidos com as mãos, mas a agonia por que fizeram passar o Jarman repetia-se na minha mente como uma gravação interminável. O nariz picava-me com o forte cheiro a carne queimada e um odor acre a ozono. Os quinze minutos de uivos animais pareciam-me uma eternidade. Quando voltaram a trazê-lo, ele não era capaz de falar. Perguntei-lhe repetidamente como estava e, quando finalmente falou, mais de uma hora depois, a sua voz era lenta e irregular: «Amaldiçoei a minha mãe por me ter trazido ao mundo para suportar aquilo. Erica, seja o que for que te pedirem para fazer, faz. Não te arrisques a sofrer o que eu sofri.»

Contou-me que lhe tinham ligado uns elétrodos aos mamilos e aos genitais e dentro da boca. Fiquei sem palavras. Estendi então o braço através da grelha até conseguir sentir a sua mão. Senti o aperto, trémulo, mas ainda forte.

(Diário de Erica, 1992)

A última vez que Max vira a Oude Kerk tinha sido quando ia a caminho do Purple Haze, e voltar a encontrá-la no meio do labirinto de vielas do Bairro Vermelho levou-lhe algum tempo. Em montras iluminadas por lâmpadas fluorescentes arroxeadas ou cor-de-rosa, prostitutas com ar de tédio, em roupa interior e empoleiradas em bancos, esboçavam sorrisos ocasionais ou piscavam o olho quebrando a indiferença. Grupos de jovens nervosos passavam e voltavam a passar, a rir e a apontar.

A igreja era enorme, com metade da fachada envolvida por uma cobertura plástica e andaimes, onde os operários tinham estado a limpar o exterior com um compressor. Max abriu caminho pelo meio das barreiras plásticas cor de laranja, telhas empilhadas e carrinhas

de caixa aberta, até uma tabuleta que, em seis línguas diferentes, declarava o óbvio: fechado para obras de recuperação.

A porta não estava trancada, e lá de dentro chegava o guincho de ferramentas elétricas. Ele atravessou um pequeno vestibulo e passou com cuidado por cima de um monte de fios, dirigindo-se para o interior imenso, cuja disposição era semelhante à de uma basílica. A nave central, arejada e com o pé-direito muito alto, tinha cadeiras distribuídas por todo o espaço e estava ladeada por bancos corridos destinados às famílias, elevados como se fossem camarotes de madeira num teatro, com as suas próprias portinholas e coberturas. Paralelas à nave ficavam duas arcadas abobadadas do tamanho de campos de ténis, com o chão coberto por lajes e túmulos gastos, mas sem mais nada para além disso.

Onde a galeria transversal cruzava a nave elevavam-se quatro enormes pilares octogonais. No pilar mais próximo, a cerca de dez metros de altura, estavam dois operários com um capacete na cabeça, sentados a beber café na plataforma de um andaime carregado de ferramentas elétricas. Olharam para Max, mas não disseram nada quando ele continuou o seu caminho a saltitar por cima dos fios em direção ao túmulo de Cornelis der Graeff, o primeiro presidente da Câmara de Amesterdão, que morrera em 1645.

O túmulo era uma pequenina capela em mármore, à qual se acedia através de uma passagem barrada numa divisória de mármore. Max pousou o saco e olhou em redor, inalando o ar pesado e bafiento. À exceção dos operários, que faziam um barulho infernal com as suas ferramentas, encontrava-se sozinho. Aos seus pés, as lajes estavam gravadas com números e dedicatórias, todas elas cobrindo ossos seculares. Max pousou a testa no mármore fresco da capela e tentou recordar-se de como a vida era antes de tudo aquilo acontecer. Apenas ele e Erica, e os sonhos dos dois.

A consciência de um zumbido que se aproximava chegou-lhe gradualmente. Max virou-se, com uma mão a agarrar o peso tranquilizador da arma no bolso da gabardina.

O Dr. Grzalawicz olhava diretamente para Max da sua cadeira de rodas. A delicada cabeça calva estava pousada de lado numa almofada, como um ovo num cesto. Os braços macilentos retorciam-se sem cessar num cobertor, com as mãos enganchadas e torcidas como se todos os seus tendões tivessem sido implacavelmente apertados. A boca do doutor estava, tal como anteriormente, ligada através de um fio a um ecrã de computador instalado na cadeira de rodas e, desta vez, também a um auxílio auditivo. Aproximou a cadeira de rodas para que Max pudesse ver o ecrã.

— *O Alex manda cumprimentos.*

Max apercebeu-se de que estava de boca aberta, por isso fechou-a.

— *Sim, estou sempre a surpreender as pessoas. Os aleijados não dirigem coisa nenhuma, pois não? Nem mesmo numa época do politicamente correto.*

— Porquê encontrarmo-nos aqui? — sussurrou Max. — Não é propriamente um sítio muito seguro.

— *Este lugar é um guardião de milagres. Nenhum outro local é mais seguro.*

— Ah, sim? Bem, tenho estado a ter um mês mau no que se refere a milagres.

— *Em 1376, não longe daqui, um homem muito doente a quem deram a comunhão em casa vomitou a hóstia, numa rejeição muito simbólica. A hóstia foi atirada para uma fogueira, mas não ardeu. Em redor da fogueira foi mais tarde erigida uma capela, e durante décadas a hóstia permaneceu, intacta e sem estar calcinada, sobre a grelha. Depois, a capela ardeu e ficou completamente destruída. Só a hóstia se manteve sem arder. Foi então trazida para aqui. Vieram peregrinos aos milhares para ver o corpo resistente de Cristo. Foi um milagre genuíno.*

De súbito, Max teve consciência de uma outra presença. Levantou os olhos e, a alguns metros de distância, viu uma mulher de casaco de couro, calças de ganga, uns ténis cor-de-rosa e boné de basebol a condizer, a mascar vigorosamente pastilha elástica e a

escrutinar a igreja. Era Mary-Anne, a esposa de Grzalawicz, ou a mulher que ele *deduzira* ser sua esposa. No primeiro dia que passara em Amesterdão, Max ajudara-a a carregar com Grzalawicz pelas escadas acima no Hotel Erwin. Agora, Mary-Anne parecia-lhe atlética, e tensa. Tinha um discreto auricular como os utilizados pelos serviços secretos, e a sua mão direita empurrava para dentro um bolso do casaco saliente. A tensão dela levou Max a testar também a sua arma.

Max apontou com a cabeça na direção de Mary-Anne.

— Fico satisfeito por ver que está a proteger a sua aposta no que diz respeito a milagres, doutor.

— *Absolutamente. Já tive a experiência de um milagre na minha vida, não estou a contar com outro.*

— Sorte a sua. A Lisbeth de Laan nunca teve o milagre dela. Apaixonada por um morto, e a dormir com o homem que o assassinou.

— *Isso não foi coincidência. O D'Anville ouviu o Johnny Gee falar muito da Lisbeth; afinal de contas estavam juntos nos comandos, ainda antes de ter sido constituída a unidade de segurança. Imagino que, para o D'Anville, a ideia de procurar e seduzir a noiva da sua vítima era enormemente apelativa.*

— Fico contente por ela nunca ter sabido.

— *Não sejas ingénuo. O D'Anville nunca perde uma oportunidade de infligir sofrimento, mental ou físico. Não se consegue matar ninguém por estrangulamento em menos de um minuto. Houve muito tempo para lhe dizer, e para se satisfazer com a reação.*

Max sentiu-se nauseado e mudou de assunto.

— Há uma lacuna na história do D'Anville que o Alex me contou, e que é o motivo. Então, de facto, ele é um psicopata, mas tinha um trabalho a fazer no Zaire. Porquê matar o embaixador?

— *Desde o início que o embaixador Douglas ficou ressentido com o facto de os belgas levarem para lá os seus homens; não confiava neles. O D'Anville estava a vasculhar a sala de jantar à procura de dispositivos de escuta e encontrou um ligado debaixo da mesa onde*

os dois líderes iriam sentar-se. A tensão cresceu. O D'Anville tinha metido o dispositivo ao bolso para o entregar aos belgas. O Douglas ordenou-lhe que o devolvesse para que a embaixada se encarregasse do assunto. O D'Anville limitou-se a rir e virou-lhe as costas. O embaixador sentiu-se humilhado por se rirem dele à frente do pessoal que aguardava e cometeu um grande erro. Agarrou no pulso do D'Anville, tentando talvez o velho golpe da chave de braço dos Marines; nunca iremos saber.

«D'Anville girou numa pirueta, agarrou num garfo de sobremesa de cima da mesa e espetou-o com força debaixo do olho direito do embaixador, dentro do olho e mais acima até ao cérebro, matando-o instantaneamente. Ele nem sequer teve tempo de gritar. O Johnny Gee ouviu os gritos de uma empregada de mesa e apareceu a correr vindo do vestíbulo. Aquilo que viu foi o olho do embaixador Douglas na boca do D'Anville, a fitar o Johnny Gee como que surpreendido.

«O Johnny hesitou até o D'Anville lhe cuspir o globo ocular para a cara, e então moveu o braço para sacar da arma. O D'Anville foi mais rápido, como sempre. Pegou numa faca da mesa e atirou-a ao pescoço do Gee. O primeiro ferimento foi feito entre a primeira vértebra cervical e a segunda, cortando a medula espinal. Com o segundo golpe perfurou a base do cérebro, onde se quebrou a ponta da faca.

Max olhou esgazeado para o ecrã e depois para o Dr. Grzalawicz. Os olhos castanhos ficaram fixos por um momento, antes de aparecerem mais letras no ecrã.

— O D'Anville sabia que não havia como voltar atrás. Saltou de uma janela do segundo andar. Ao atravessar o jardim, matou um guarda da embaixada dos Estados Unidos, trepou o muro e escapou-se para a cidade. O médico da embaixada chegou precisamente quando o coração do Johnny parou de bater. Esteve em paragem cardíaca durante dois minutos enquanto eles lhe massajavam o coração, e depois voltou a respirar. Mas aquilo que eles recuperaram já não era o antigo Johnny Gee. Era eu.

Max fitou, como que entorpecido, os destroços dos tendões retorcidos, as mãos semelhantes a garras e os membros macilentos.

— O senhor é o Johnny Gee?

— *Que se ergueu dos mortos, sim. Johan Grzalawicz é o meu verdadeiro nome, claro. Quando comecei no boxe, o meu agente disse-me que é preciso ter um nome que entre facilmente na memória das pessoas. Grzalawicz nem sequer se conseguia pronunciar, portanto, passei a ser o Johnny Gee. Isso foi há muito, muito tempo.*

— Espere aí. O Alex disse-me que o Johnny Gee tinha sido enterrado, que tivera direito a funeral de estado com todas as honras.

— *A única coisa que foi enterrada no meu caixão foi a verdade. Os americanos precisavam de algo que encobrisse o que acontecera em virtude de o embaixador ser quem era, e os belgas também necessitavam de uma história de fachada por causa de quem o matara. Encobrir factos é mais fácil em Kinshasa do que em Washington ou Bruxelas.*

«Os primeiros dias foram horríveis. Tudo o que eu conseguia fazer era mexer a língua e contrair um globo ocular. Imagino que os chefes da segurança devem ter ficado com uma mistura de sentimentos quando descobriram que eu não estava em estado vegetativo. Em vez de me porem de lado nalguma instituição, sob um nome falso, optaram por me convencer a pactuar com a minha própria morte. Mas também estavam desesperados por me interrogar de forma a obterem informação útil, e algum técnico brilhante concebeu este pequeno e inteligente «rato de boca» para o computador portátil, que eu aciono movendo um botão implantado na ponta da língua de encontro a uma placa sensível ao toque. Graças a Deus que apareceram os piercings. Sem isso, estaria perdido, uma vez que me permite operar tanto a cadeira de rodas como o computador.

— Como se sente em relação ao que aconteceu? Passar de atleta de nível mundial para... — Max começou a girar a mão, incapaz de encontrar palavras adequadas.

— *Um aleijadinho encarquilhado? Sinto muito pouco a esse respeito. O fragmento da faca com que o Anvil me atacou, e que ainda se encontra no meu cerebelo, começou a destruir determinadas células nervosas, e tirou-me os sentidos do gosto e do olfato. Mas outras coisas melhoraram, como, por exemplo, as funções cognitivas, a capacidade para pensar. A minha memória ficou perfeita, mas destituída de valor emocional. Foi como se alguém me tivesse inventado um passado. Acredita em mim, a ressurreição muda tudo.*

Max observou os olhos castanhos moverem-se de um lado para o outro.

— Depois do seu «funeral», não podia regressar a nada da sua antiga vida, pois não? Nada de velhos amigos, família, a Lisbeth... Nada que pudesse dar cabo do disfarce. Isso não o transforma numa espécie de prisioneiro?

— *Não. Voltar para os meus velhos amigos é que teria feito de mim um prisioneiro... da piedade. Para a minha família, eu seria um fardo, um estranho, a perturbar as imagens de que o luto e a cicatrização das feridas precisam. Ao deixar de existir como Johnny Gee, tornei-me livre para começar uma vida completamente nova. Não te preocupes com aquilo que vês à tua frente. Sou um otimista. Estamos num bom século para se ter um corpo arruinado desde que também se tenha dinheiro, e todos os anos as coisas melhoram. Rádio, televisão, avanços na medicina, computadores, correio eletrónico, encontros pela Internet. Numa sala de conversa online, conheci uma senhora do Minnesota que quer experimentar o vigor excecional da minha língua com piercing. Até eu posso ser um ganhão, se me perdoas o jogo de palavras.*

— E no que respeita à Lisbeth?

— *Para a Lisbeth, a minha nova pessoa teria destruído tudo. Mesmo que não me rejeitasse, eu não teria podido retribuir-lhe o*

amor, nem qualquer das outras emoções que ela tinha o direito de esperar.

— Mas toda aquela vida louca dela foi uma tentativa de derrubar o fantasma do Johnny Gee. Morreu prisioneira do seu amor por si. O doutor diz que agora é livre. Podia tê-la libertado também, permitindo-lhe apenas que soubesse que tinha sobrevivido.

— *Não. Isso teria sido uma loucura. Desconfiei que o Anvil fosse seguir a pista da Lisbeth, e ela não teria razões para lhe esconder a notícia da minha sobrevivência, porque ignorava por completo aquilo que acontecera realmente no Zaire. Ela pensava que nós os dois éramos camaradas da tropa. Se o Anvil soubesse que eu estava vivo, a minha sobrevivência teria sido muito curta.*

— Aquilo que ela sentia não representava nada, pois não? Nem sequer entrava na equação.

— *Max, se quiseres, podes projetar em mim a tua própria culpa em relação à morte da Lisbeth. Mas, por favor, reconhece esse sentimento por aquilo que ele é. A culpa é um luxo de que tu dispões, e eu não. Ninguém na minha posição iria comprometer a tentativa de levar um assassino a enfrentar a justiça só para se sentir mais cómodo em relação ao seu próprio comportamento.*

— Estou a ter problemas em descobrir que parte de humanidade foi salva do corpo arruinado do Johnny Gee — exclamou Max. — Consciencialização, mas não consciência. O conjunto das regras de justiça ainda está ligado na sua cabeça, mas não existem sinais do tipo de sentimentos que sempre incitaram a humanidade a elaborá-las, em primeiro lugar.

— *A tua conduta para com a Lisbeth dificilmente está isenta de culpas. Em todo o caso, agora ela está liberta do seu passado, tal como eu estou livre do meu. Não posso oferecer grande coisa ao mundo, mas estou a dar aquilo que posso. Conheço a mente do Poul Stefan d'Anville melhor do que qualquer pessoa viva. Na verdade, tenho mais hipóteses do que a maioria de continuar a sobreviver, precisamente porque há muitos anos que ele me riscou*

da sua lista, como questão resolvida. Há grandes vantagens em estar-se morto.

Max suspirou e olhou em redor da igreja. Tinha estendido aquela discussão o mais que era possível estender. Ainda havia algumas peças que faltavam no quebra-cabeças, respostas que ele queria obter.

— Então, como é que o Anvil não foi perseguido nos primeiros dias, lá no Zaire? Naquele ambiente tão diferente, devia dar muito nas vistas.

— *Foi um azar que uma desavença diplomática, depois dos assassinatos, tivesse provocado uma fratura entre Mobutu e os nossos dois países. Não tivemos cooperação na tentativa de localizar o D’Anville, depois começámos a ouvir rumores de que um mercenário belga estava a combater ao lado de uma força irregular das tropas governamentais zaienses contra os rebeldes posicionados no Nordeste. Corriam rumores de que lhe era pago um quilate em diamantes em bruto por cada orelha de um rebelde que ele apresentasse. Esta história seja verdade ou não, o D’Anville era amplamente temido, e muito eficiente.*

— Ainda é, doutor. Encontrou a Lisbeth naquele bar mais depressa que um tubarão descobre um navio de cruzeiro a ir ao fundo. Não sei como ele consegue, o que me assusta realmente.

— *Então, Max, podes encarar isto como uma má notícia. Tenho a certeza de que o D’Anville sabe precisamente onde te encontras neste momento. E já estará a caminho.*

Estamos a meio da noite e, há momentos, o gerador do Brigadeiro começou a trabalhar novamente. Estou sentada muito direita, com o medo a apertar-me o peito como um espartilho. Consigo sentir o terror do Jarman, cheirar o seu suor, ouvir a sua respiração em pânico.

Será para ele ou para mim?

A porta do barracão está a abrir-se furtivamente. As dobradiças chamam. Ouço passos lentos e uma respiração rápida. Está alguém à frente da porta da minha gaiola. Da minha, não da do Jarman. Não consigo ver, mas a respiração é profunda e forte. Ouço chaves. Não é um dos guardas habituais. Quem quer que seja, teve de fazer várias tentativas para encontrar a chave certa. Agora abriram a porta.

Ele sussurra o meu nome. O Crocodilo veio procurar-me.

(Diário de Erica, 1992)

* * *

Tentei encolher-me no canto da minha cela, mas o Crocodilo encontrou-me. Senti o cheiro a álcool no seu hálito, e assim que o ouvi falar com suavidade, fiquei terrivelmente receosa. Arrastou-me para o seu barracão tapando-me a boca com a mão. Eu não tinha força para resistir. Fui levada através da sala de estar, agora profusamente iluminada, e enfiada no chuveiro. O Crocodilo puxou a alavanca, depois ficou a observar o jato de água quente descer-me pelo cabelo e pelos farrapos que me cobriam. Uma torrente de sujidade castanha libertou-se do meu corpo e desapareceu pelo ralo. Atirou-me um pedaço de sabão e ordenou que me lavasse. Não lhe obedeci. Desta vez sabia que a imundície era minha amiga e protetora. O vestido que ele me dera semanas antes tinha passado de castanho-arroxeadado com flores cor de laranja para um

castanho brilhante por causa do sebo. Agora era o meu próprio vestido, impregnado com a minha sujidade e o meu sofrimento.

Os olhos do Crocodilo, raiados de sangue e com dificuldade em focar-se, percorreram-me o corpo. Lançou-se a mim, agarrando-me no vestido. Esperneei e deslizei para um canto, rasgando o tecido, e fiquei apenas com a roupa interior esfrangalhada.

— Fique longe de mim — sibilei, o sabão na mão levantada, como se fosse uma pedra.

Como um animal poderoso, ele acocorou-se, com a água a jorrar-lhe para as costas largas e para as coxas maciças e atarracadas. As suas roupas estavam ensopadas. Movia os maxilares com raiva; a água escorria-lhe do queixo.

— Vamos lá, cabra, não tornes as coisas difíceis.

Levantou-se para desapertar as calças, puxando o cinto para fora como se fosse um chicote, e colocou o coldre da pistola no parapeito da janela. Desabotoou a camisa, descalçou os chinelos com um pontapé no ar e despiu a roupa interior, enquanto eu tremia. Os meus olhos foram atraídos para ele, para a carne escura e inchada entre as coxas molhadas cor de caramelo.

— Por que razão não consegue deixar-me em paz?

— Porque te quero — rosnou ele, agarrando-me ambos os pulsos com uma só mão. — E obtenho sempre aquilo que quero.

Apesar de eu me contorcer, ele ajoelhou-se e colocou à força as suas coxas imensas entre as minhas, guiando o corpo. Forcei-me a levantar o olhar e falei num sussurro.

— Pensei que quisesse respeito. Não era isso que me estava a dizer no outro dia?

Olhou fixamente para mim, mas permaneceu calado.

— Não pode obter respeito desta maneira — disse-lhe eu. — E sabe bem disso.

Ele olhou para baixo, para o seu pénis que ia ficando mole. Por um fútil minuto, tentou usá-lo. Por fim levantou-se, amaldiçoando-me. Virou-se para o parapeito da janela e sacou o seu revólver. Laboriosamente, carregou a arma com seis balas que tirou do cinto,

murmurando o tempo todo para consigo próprio. Enrodilhei-me numa bola a um canto, a soluçar.

Ele ajoelhou-se e agarrou-me no cabelo com uma mão. Empurrou-me com força o cano da arma para dentro da boca, até eu ficar como que amordaçada. O cano arranhava-me o céu da boca, e senti o metal frio e acre como se fosse medo destilado. Vi o martelo por trás da câmara soltar-se para trás à medida que ele exercia pressão no gatilho. Mantive-me o mais imóvel que podia e ergui os olhos para ele, implorando em silêncio pela minha vida. Os meus dentes começaram a chocalhar contra o cano.

— Preferes que seja desta forma? — murmurou ele.

Não respondi, mas fechei os olhos.

— Lambe a arma, quero ver a tua técnica. Acaricia-a com a boca, com os teus lábios.

Abri os olhos, mas não fiz qualquer movimento. O martelo moveu-se para trás um pouco mais. Eu não tinha escolha. Redemoinhei os lábios e a língua, tentando ver sinais da sua aprovação.

Em vez disso, o que vi foi vergonha e repugnância alastrarem-lhe pelo rosto, fazendo desaparecer o vidrado da luxúria.

— Não chores — disse ele brandamente, afrouxando a força com que me apertava o cabelo, e desviando a arma.

Mas eu não o conseguia evitar. O Crocodilo afagou-me a face, limpando-me as lágrimas das pestanas.

— Tenho um presente para ti — murmurou. — Gostarias de o ver?

Fiz que sim com a cabeça, sem pronunciar palavra. Ele fechou a água e recolheu as suas roupas. Atirou-me uma toalha, mas eu parecia geleia. Não consegui sequer estender a mão para a apanhar. Fiquei ali apenas a soluçar e a balançar-me, abraçando os joelhos contra o peito.

O Crocodilo voltou uns minutos depois, completamente vestido e com um saco pequeno na mão. Veio ter comigo com uma toalha limpa e pôs-me gentilmente de pé. Ajudou-me a limpar, emitindo uns

barulhinhos de encorajamento como se eu fosse um bebé. A seguir, apertou-me com força nos braços e levou-me para o seu quarto.

— Quero que saibas que não sou um violador.

Assenti com a cabeça, mas não era capaz de olhar para ele.

— No entanto, peço desculpa. Devia tratá-la com mais respeito.

— Entregou-me uma bolsa de veludo. — Abra.

Não fiz qualquer movimento, pelo que foi ele que desatou o cordão e despejou uma dúzia de pedrinhas cristalinas na minha mão. Levantei os olhos, perplexa.

— Ontem capturámos a mina aluvial em Obtuvanna. — A sua manápula agarrou-me na mão, chamando-me a atenção para a pedra maior. — Estes diamantes estão em bruto, mas este aqui contém uma gema de seis quilates, pelo menos. Vou mandar encastoá-lo num anel de ouro para si. — Ele sorriu e humedeceu os lábios.

Atirei as gemas para o chão.

— Pensa que pode simplesmente comprar-me, não é?

Uma onda de cólera varreu a sua face, mas ele afastou-a pestanejando, e exibiu de novo o sorriso forçado.

— Ah, sim. Os tais elevados princípios. — Apanhou as pedras e voltou a metê-las na bolsa, contando-as com cuidado. Depois atirou-me o meu vestido rasgado.

— Agora volte para a sua cela. Depois poderá pensar nas suas opções. Estes diamantes significam que o KPLA está muito mais forte, Kinshasa vai ter de conversar connosco. Portanto, ninguém virá resgatar-vos.

O Crocodilo levou-me de novo para a cela. Antes de abrir a porta, pressionou a cara contra a minha e sussurrou:

— Em breve irá suplicar-me que a possua, Erica. Prometo-lhe. Irei mostrar-lhe quem é, e deixará de se considerar superior a mim.

(Diário de Erica, 1992)

Max sacou da sua arma e estreitou os olhos na direção da porta da igreja. Depois dirigiu-se a Grzalawicz.

— Quero saber como é que sabe o que o D’Anville vai fazer, está bem? Seja honesto comigo, neste momento.

— *Sei que estás muito desconfiado a nosso respeito, mas, na verdade, foi algo que tu fizeste que permitiu que o D’Anville vos descobrisse, a ti e à Lisbeth.*

— Tal como o quê?

— *Que foi que trouxeste de casa dele?*

— Nada. Apenas o computador portátil da Erica.

— *Não consideras estranho que ele abandonasse a casa por se sentir vulnerável naquele local, mas que deixasse ficar um computador que lhe dera tanto trabalho a roubar?*

— Não se ele tiver retirado de lá toda a informação que lhe era útil. Nem sequer consigo pô-lo a trabalhar.

— *Claro. Mas reparo que continuas a carregar com isso por aí.*

— Pensei que talvez vocês pudessem aceder aos programas através de processos de pirataria informática.

— *Até podíamos, mas não haveria lá nada para ler. Posso mostrar-te. Tira-o cá para fora.*

Max correu o fecho do saco e abriu o computador.

— *Agora levanta a aba de plástico entre as portas do cabo da impressora e do rato, e vira para cá para eu poder ver.*

Max precisou de alguns momentos para abrir a aba. Depois virou o computador para Grzalawicz conseguir ver lá para dentro.

— *Vejo que ele retirou o chip do modem interno para criar espaço. Eu estava à espera de encontrar dois dispositivos de localização. Um deles, um minúsculo emissor que, uma vez por minuto, emite um sinal para um satélite indicando a tua posição exata com um desvio de apenas umas centenas de metros. O segundo será um emissor de proximidade, que é um transmissor de*

ondas curtas. O D'Anville tem algum tipo de auricular e, quanto mais alto o impulso, mais perto tu estarás. Isso vai levá-lo direitinho ao sítio onde estiveres, seja onde for. Receio que o computador fosse o seu cavalo de Troia, um programa informático malicioso, e tem funcionado perfeitamente.

— O senhor adivinhou isso tudo?

— *Não. Temos uma câmara minúscula instalada no escritório do D'Anville, e vimo-lo mexer no computador portátil, embora, claro, não tivéssemos conseguido ver exatamente o que ele estava a fazer.*

— Mas deduziu o que seria. E vocês, seus estupores cínicos, sentados na segurança dos vossos escritórios, acharam que esta era a forma de conseguirem atrair o D'Anville e fazê-lo sair da toca. Sacrificou a Lisbeth, a sua própria noiva. Usou-a completamente, espremeu tudo o que ela lhe podia dar. E agora está morta.

Os olhos castanhos do Dr. Grzalawicz cintilavam. Furiosos? Divertidos? Max não foi capaz de decifrar. O cursor piscou no seu ecrã, mas não apareceu nada escrito.

— E agora, pois, tem uma segunda oportunidade. Max Carver, o isco que resta. Vamos ver se o Anvil o morde.

— *Estás a esquecer-te de que eu estou aqui neste momento. Há muitos anos que desejo encontrar o D'Anville cara a cara. Nós os dois vamos enfrentá-lo juntos.*

— Claro! Você dará uma grande ajuda num combate corpo a corpo! — resmungou Max, pousando o computador portátil sobre os joelhos de Grzalawicz.

— *Acalma-te, Max. Aqui estamos seguros, sem dúvida mais seguros do que lá fora. Além da Mary-Anne, temos os agentes Miller e Stevens, ambos antigos comandos de operações especiais da Marinha dos Estados Unidos, disfarçados de operários e posicionados atrás de ti. O agente Kuijper está no andaime lá fora. Todos eles estão armados, e são exímios atiradores. Foi um plano concebido à pressa, mas pretendemos de facto defender-te.*

— Com o seu registo, o melhor que tenho a fazer é rezar pelo tal milagre.

A luz vinda do vitral por cima deles diminuiu, os raios multicoloridos desapareceram. A obscuridade parecia pesada e fria. Ao longe, a trovoadas ribombou.

Os olhos de Grzalawicz viraram-se para outro lado. Max viu o fio dentro do tubo transparente que conduzia ao dispositivo na sua boca tremer de forma rápida, mas não surgiram quaisquer letras no ecrã. A dez metros de distância, Mary-Anne acenava com a cabeça. O doutor estava a falar com ela. Devia ter algum aparelho de rádio incorporado na cadeira.

Por fim, Grzalawicz virou-se de novo para Max, e no ecrã voltaram a piscar letras, mais rápidas do que anteriormente.

— *Posso compreender a tua raiva, Max, mas seria uma ajuda maior se te concentrasses na situação que temos em mãos. Precisas de te preparar para a chegada do D’Anville. Ele vai estar fortemente armado, e tu és a única pessoa que irá reconhecer.*

— Grandes notícias, simplesmente fantástico. Se da próxima vez quiser um isco, tente colocar um anúncio.

— *Peço desculpa por não dispormos de mais coletes à prova de balas para nenhum de nós os dois. É melhor que sejam os atiradores a tê-los vestidos.*

Max virou as costas e verificou a *Walther* brilhante, testando a mira.

— Ainda bem que limpei este chupa-chupa. É necessário que haja por aqui algo em que eu possa confiar.

Alguns lá em cima, uma janela bateu com força e no exterior o vento sacudia e fazia estalar a cobertura de plástico. Max viu Mary-Anne fazer uma careta sorridente e falar de novo para o colarinho, onde presumivelmente havia um microfone. A cabeça de Grzalawicz moveu-se de um lado para o outro e o ecrã do seu computador dobrou-se e recolheu para dentro de uma caixa ao lado do assento. A cadeira rodou com um zumbido e deslocou-se numa velocidade constante na direção de Mary-Anne.

Max girou a *Walther* em volta do dedo que apertaria o gatilho.

— Eh, falem comigo. O que se passa?

Um relâmpago faiscou através dos vitrais e o troar profundo de um trovão ecoou pela igreja. Mary-Anne, de repente, virou-se e gesticulou para os dois agentes que estavam em cima da plataforma, com uma mão aberta sobre a cabeça. Max reconheceu aquela ordem de comando do treino na guarda costeira: cubram-me. Os agentes deitaram-se na plataforma de alumínio, as armas automáticas com mira telescópica apontadas para a saída. Ela correu na direção da porta e desapareceu no vestibulo. Max ajoelhou-se no chão por trás de um banco do coro, não para rezar, mas para manter a *Walther* apontada para a porta. Durante um minuto, nada aconteceu. O vento amainou, o plástico deixou de esvoaçar. O único som era o tamborilar suave da chuva nas janelas.

Alguma coisa levou Max a afastar-se dos rolos de fio de eletricidade que se encontravam sobre as lajes. Sentiu um arrepio no pescoço e os pelos eriçados, com o cheiro a ozono a encher-lhe as narinas. O ar estava carregado, transmitindo quase a efervescência de algo latente. Tal como os animais reconhecem a chegada iminente dos tremores de terra, Max pressentiu o relâmpago que se aproximava a crepitar através da atmosfera vindo dos portões do próprio céu.

Um arco violeta penetrou na igreja e um estrondo ensurdecedor de trovada soou lá em cima. Max viu os fios abrasadores, cobras incandescentes em tom violeta que divergiam da entrada, e depois viu Miller e Stevens serem arremessados como bonecos da plataforma de alumínio. As janelas chocalharam, as lâmpadas explodiram. A igreja mergulhou na penumbra enquanto os agentes se estatelavam no chão.

Max caminhou, a tatear, na direção do som horrível que tinha ouvido, de uma cabeça humana a estalar na pedra. Stevens encontrava-se estendido de barriga para baixo, com o crânio fendido sobre as lajes e a roupa a fumegar. Miller ainda estava vivo. Tinha caído em cima da cobertura de madeira de um banco da igreja, com

as mãos queimadas a balançar sobre a borda e em convulsões. O cheiro a ozono, e a cabelo e carne queimados, pairava no ar de forma pesada. Max subiu para o bordo do banco, gasto e brilhante de um milhão de braços a rezar, e tirou o homem de lá. Desceu-o com cuidado para o banco dentro do compartimento isolado. O agente agarrou-se-lhe ao casaco e os seus olhos piscaram brevemente, esbugalhados, como se algum mecanismo interno tivesse acabado de bloquear. Depois os olhos fecharam-se e o corpo relaxou. Ao soltarem as lapelas de Max, as mãos sem vida deixaram um resíduo pastoso castanho de carne queimada.

OuvIU-se o clique de uma porta lá fora no vestíbulo e uma corrente de ar frio penetrou na igreja. Uns sapatos pesados moviam-se lentamente, com areia nas solas, fazendo ruído nos ladrilhos. Não era o som dos ténis de Mary-Anne, mas um outro, com propósitos mais obscuros e mais profundos.

Não se ouvia qualquer outro barulho para além do frenético estalar e esvoaçar do plástico vindo do exterior. Max baixou-se dentro do compartimento do banco, o que lhe fornecia um ângulo estreito para a porta do vestíbulo. Ajoelhou-se nas almofadas puídas, apenas com os olhos e a testa a aparecer sobre o bordo do separador, e com a arma pronta na mão. Algures por trás de si, ouviu a chiadeira da cadeira de Grzalawicz. Estava a deslocar-se por trás das fileiras dos bancos do coro dispostos como que em degraus íngremes no extremo oeste, fora do campo de visão da porta do vestíbulo.

Um vulto girou da porta e, num passo largo, saltou de forma a ficar coberto. O único som era agora uma palmada leve e plana de pele em cima da pedra. Os sapatos deviam ter sido tirados, já não se ouvia o barulho de areia. Não havia hipótese de Max conseguir um tiro sem obstruções. Tudo o que ele vira de forma clara tinha sido a arma na mão de D'Anville, cuja silhueta reconhecera do treino na Guarda Costeira. Era uma pistola automática *Ingram M11*. Em modo totalmente automático, a *Ingram* despejava vinte balas por

segundo, retirando todo o prazer de se fazer pontaria. Mas afinal, Max estava a ser perseguido por um profissional.

O belga encontrava-se atrás do pilar, fora de vista. *Ele sabe que estou na igreja*, pensou Max, *mas nesta semiobscuridade não consegue descortinar onde. E já não tenho o computador comigo para revelar a minha posição.*

E, então, Max deu-se conta de onde estava o computador. Precisamente em cima dos joelhos de Grzalawicz, onde ele não poderia livrar-se do aparelho. D'Anville estava a ser atraído diretamente para lá. Seria uma luta tão justa como a de um lobo cinzento contra um peru do Dia de Ação de Graças. Max ouviu o chiar do motor da cadeira de rodas e esforçou-se por escutar, sobrepondo-se a isso o leve som de pés descalços. Pousou o cano da *Walther* na borda do compartimento e escrutinou num ângulo de 180 graus ao longo da nave e, do seu lado esquerdo, o intervalo até ao fundo entre os bancos do coro. Um reluzir de metal mostrou a cadeira de rodas a atravessar esse espaço. Afastou-se para norte, depois parou abruptamente quando uma silhueta a seguiu.

Um relâmpago iluminou a igreja, tornando-a mais clara do que se fosse dia. Até onde estava D'Anville, inclinado para a cadeira de rodas naquele espaço vazio, eram quase vinte metros. Vinte longos metros quando mal se consegue manter as mãos firmes e quando, em cinco anos, não se disparou para mais nada senão para latas de cerveja. Vinte longos metros quando não haverá segundas oportunidades, quando o inimigo dispõe de uma metralhadora de fogo rápido contra a nossa arma de disparar ervilhas.

No clarão do relâmpago seguinte, um milésimo de segundo depois, Max viu a gabardina do belga, escurecida pela água da chuva que a ensopara e apenas com um pedaço de tecido seco, em forma de lança, a subir pela fenda das suas costas musculosas desde a bainha, a ponta virada para cima entre as suas omoplatas. A providência deu-lhe a luz e a providência apontou-lhe o alvo. «Aponta para aqui», parecia estar a dizer, e foi precisamente o que Max fez. Inspirou com força e, ao expirar, apertou o gatilho.

O tiro ecoou ao mesmo tempo que o trovão. D'Anville gritou e torceu-se, a boca numa barra de agonia. Max mergulhou para o chão, puxando o corpo de Miller para baixo e colocando-o à sua frente. A *Ingram* troou. A toda a volta do compartimento do banco houve uma efervescência de lascas, como se fossem agulhas a cair de uma árvore de Natal. Max encontrava-se enfiado atrás de Miller, e o comando de operações especiais da Marinha dos Estados Unidos estava a fazer, depois de morto, um trabalho de proteção melhor do que tinha feito enquanto vivo. Por duas vezes, o corpo deu um esticão ao ser atingido por balas destinadas a Max.

No meio dos ecos do tiroteio, D'Anville caiu, com o barulho da arma a bater nas lajes, e a forma sibilante de inspirar que regista uma dor excruciante.

— Apanhei-te! — sussurrou Max, agitando o punho em contentamento. Mas não se levantou, à espera dos sons da morte próxima, os movimentos agonizantes e as queixas como grunhidos, enquanto a tempestade continuava a expressar a sua raiva lá em cima.

A única preocupação era Grzalawicz. Max ouvia o zumbido do motor elétrico da cadeira, em esforço e a protestar, a ligar e a desligar. Talvez porque estivesse bloqueada pelo corpo de D'Anville.

Max queria realmente dar uma olhadela, ver o movimento tranquilizador da cabeça de Grzalawicz de um lado para o outro naquele espaço vazio, mas não tinha pressa nenhuma de chegar cedo para o funeral de D'Anville. Nenhuma pressa de se confrontar com a *Ingram*. Recordou-se do aviso de Alex: «Mantém-te longe e espera que nós cheguemos. Em nenhuma circunstância te aproximes do seu corpo.» Mas quem é que iria chegar? Miller e Stevens haviam sido eletrocutados. Mary-Anne correrá porta fora e ainda não regressara. O contacto com Kuijper tinha-se perdido. De quantas pessoas dispunha Alex?

Passaram-se dois minutos, como se fosse uma hora, sem sons nem qualquer movimento. Max rastejou para o lado de fora passando por cima da borda do banco, depois por entre as cadeiras,

até chegar à nave. Olhando para a esquerda, para o intervalo por baixo dos enormes tubos do órgão, havia uma mancha escura. Foi necessário o clarão do relâmpago seguinte para mostrar que se tratava de uma poça de sangue, a espalhar-se em torno de um corpo vestido de gabardina. Max observou mais de perto, cautelosamente. A cabeça moveu-se. D'Anville não estava morto.

Max deitou-se nos ladrilhos, segurou na arma com ambas as mãos e disparou para o corpo, vendo-o torcer-se a cada bala até a arma emitir o clique de se encontrar vazia. Ele não se aproximara, havia seguido as regras de Alex. Estava vivo, e D'Anville tinha morrido. Soltou um enorme suspiro de alívio.

— Está bem, doutor? — gritou Max. Só havia uma resposta que Grzalawicz podia dar. Assim que ouviu o zumbido do motor elétrico da cadeira a mover-se livremente, Max levantou-se. — O senhor tinha razão. Este local opera de facto milagres.

Max não podia ver a cadeira, mas ouviu-a afastar-se do corpo estendido, por trás dos compartimentos do coro. Avançou para a gabardina manchada de sangue de D'Anville e para o corpo curvado que se encontrava por baixo.

A gabardina estava por cima do corpo, claro. Mas tinha sido posta a cobri-lo, não estava vestida. E agora, olhando para baixo, o corpo tapado era demasiado magro para ser D'Anville. Max ajoelhou-se na poça de sangue que alastrava e virou a cabeça para ele, sabendo já de quem se tratava.

Grzalawicz. Johnny Gee. O homem que inspirara o amor de Lisbeth. O homem que perseguira Poul Stefan d'Anville durante treze anos. Um homem que ainda estava vivo quando Max despejara o carregador em cima dele.

Mais um erro.

Max deixou-se cair no solo. Se aquele era Grzalawicz, então só havia um homem que nesse momento podia estar na cadeira de rodas. Ferido mas vivo. O zumbido da cadeira soou mais alto. E Max já não tinha balas.

Torturam o Jarman todos os dias. Desde há cinco dias. Cada vez que o motor do gerador entra em ação com o seu ronco característico, pouco depois do alvorecer, ele agita-se e chora de medo. Cada dia tem menos forças para resistir. No primeiro dia em que vieram buscá-lo, só ao fim de um minuto conseguiram arrancá-lo da grelha e levá-lo para fora da cela. Antes de ele largar a grelha já lhe tinham batido até quase o deixarem inconsciente.

Agora, antes de o levarem, a única coisa que ouço é o esguicho do vômito. Depois vêm as súplicas. É o momento de eu pressionar as mãos contra os ouvidos. Mas mesmo assim consigo ouvir a cobertura ressoar com o choro e os gritos a pedir-lhes que parem. Os gritos dele e os meus.

Há dias em que, quando eles acabam, o Jarman está inconsciente. Ontem, quando tudo terminou, estive dez minutos com convulsões na cela, a bater de forma ritmada com a cabeça contra o chão de cimento.

Mas hoje foi o pior dia de todos. Quando voltaram a trazer o Jarman, a gemer, chamei-o, como faço sempre. Estendi o braço através da grelha para tentar chegar-lhe, como faço sempre. Desta vez, ele não me agarrou na mão. Eu não conseguia ouvir nenhum movimento, apenas uma respiração fraca. Voltei a chamar, esticando o braço o mais que podia para ver se o alcançava.

E então Jarman cuspiu-me na mão.

(Diário de Erica, 1992)

* * *

Max voltou a rastejar rapidamente para o compartimento do banco onde estava o corpo de Miller. No cinto dele encontrou uma pistola automática *Heckler & Koch VP70* e, numa bainha na perna, uma faca fina com serra. Pegou em ambas as armas.

Com cruel satisfação, Max percebeu que D'Anville devia ter atirado Grzalawicz para o chão, porque precisava da cadeira de rodas. Talvez não estivesse capaz de usar as pernas e sem dúvida que se debateria com muitas dores, mas a astúcia de D'Anville e uma *Ingram* no modo completamente automático ainda eram uma dura tarefa a enfrentar.

A chiadeira reveladora da cadeira de rodas mostrava que D'Anville estava a deslocar-se pela arcada norte, por trás do púlpito e talvez a uns quinze metros do compartimento fechado do banco onde Max se encontrava acocorado. O temporal estava a abrandar, mas já passava das nove da noite e o que restava da luz do final de tarde apenas lançava para o interior da igreja uma claridade muito ténue. Max esticou a cabeça por cima da borda da divisória em madeira, depois deslizou para fora do banco. Os atiradores que vivem mais tempo são aqueles que disparam cada tiro de um local diferente. Já no chão, correu aninhado por entre as cadeiras e atravessou a nave até chegar ao púlpito. O chiar da cadeira dirigia-se para leste, na direção da nave transversal, da qual se traçava uma curva à direita e se avançava depois a direito para sul, até ao vestíbulo.

Um rasto de pingas de sangue entre o traçado ensanguentado de pneus marcava o percurso do belga. Continuando agachado, Max seguiu-o. As marcas das rodas viravam para a direita, contornando uma grossa coluna. Max apoiou-se à pedra fria e ouviu o zumbido do motor perto de si.

Estava na altura de acabar o trabalho.

Max verificou se o trinco de segurança da *Heckler & Koch* estava destravado e saiu da proteção da coluna, colocando-se atrás da cadeira. D'Anville sentiu que ele estava ali e pressionou a alavanca para girar a cadeira, com a *Ingram* a acompanhar o movimento giratório como se fosse um tanque de guerra. Max disparou duas balas rápidas, para a parte de baixo das costas da cadeira. Voaram chispas quando o segundo tiro ricocheteou no metal e se perdeu na escuridão. O motor começou a fazer uma chiadeira aguda, e

D'Anville rodopiou num rápido círculo apertado, com o sangue a pingar da estrutura e os pneus a traçarem desenhos concêntricos escuros nos ladrilhos. Havia um buraco do diâmetro de um punho no peito do homem, mas os seus olhos estavam brilhantes e os dedos firmemente agarrados à *Ingram*. Max esquivou-se para trás de uma coluna mesmo a tempo, já que D'Anville pulverizou chumbo num arco de noventa graus, fazendo explodir um vitral no extremo norte da igreja.

D'Anville praguejava, a lutar com os controlos enquanto a cadeira continuava com a sua valsa, afastando-o da coluna onde Max estava escondido. Max arriscou e saiu da proteção da coluna. Hesitou em disparar novamente. Precisava de saber algumas coisas, que só D'Anville lhe poderia dizer. A cadeira precisaria ainda de rodar noventa graus para ficar de frente para Max, e D'Anville fazia tentativas desesperadas para impulsionar a cabeça e o corpo para trás, para girar sobre um eixo que era uma coluna destrozada, a fim de manter a *Ingram* apontada para ele. Por fim, o belga gritou de frustração e entalou a mão com força entre os raios da roda direita, onde ficou esmagada contra a estrutura da cadeira, que se imobilizou totalmente. Max lançou-se para a frente, atirando D'Anville ao chão. A *Ingram* bateu no pavimento e deslizou para longe, enquanto Max agarrava com firmeza no braço esquerdo do belga. O outro braço continuava preso na roda.

Max pressionou a pistola contra o crânio de D'Anville.

— Tens cinco segundos para me dizer onde está a Erica.

D'Anville tossiu, escorrendo-lhe da boca sangue brilhante ao tentar rir-se.

— Tudo o que podes fazer agora é tornar o meu fim mais fácil.

Max assentiu com a cabeça face àquela verdade.

— Diz lá. Rápido.

— Levo sempre o meu tempo, Carver. Divirto-me sempre um pouco pelo caminho.

— Tal como fizeste com a Lisbeth de Laan? Tal como fizeste com o Johnny Gee? — Max cerrou os punhos com força.

— O Johnny Gee é uma história antiga, Carver. Quem é que se importa com isso?

— A Lisbeth importava-se. No que lhe dizia respeito, o Johnny ainda estava vivo — disse Max. — Para ela estava mais vivo do que tu alguma vez estiveste.

— Eu também a tive em meu poder. — D’Anville cuspiu mais sangue. — Tive um monte de gente em meu poder, sabes? E por causa da Erica, também te tenho a ti em meu poder.

— Onde está ela?

D’Anville fechou os olhos, lutando contra uma onda de dor. Forçou um sorriso, enquanto sangue fresco e vermelho vivo escorria dos seus lábios.

— Só mais alguns segundos, e estarei longe daqui.

— Onde está a Erica?

— O meu amigo, o homem da malária, está a tomar conta dela. Um amigo maluco de um passado longínquo. Um felizardo que agora vai ficar com o dinheiro todo só para ele.

— Diz-me onde ela está! — Max agarrou D’Anville pela camisa e levantou-o do chão até se encontrarem muito próximos um do outro.

D’Anville levantou o olhar para Max e na sua cara espalhou-se um sorriso perverso, malicioso.

— Ganho eu, Max. Tu perdes.

Max sentiu qualquer coisa tocar-lhe na parte lateral do corpo e soltou D’Anville como se fosse uma batata quente. Esquecera-se das regras de Alex, tinha sido estúpido. A faca de Miller desaparecera da sua cintura. Os olhos do belga estavam fechados e ele pressionava com o punho esquerdo o buraco aberto no peito. Max agarrou-lhe na mão e tentou puxá-la. Mesmo a morrer, D’Anville conservava a força de um boi. Max apoiou um pé no seu peito e, ainda assim, necessitou de ambas as mãos para o fazer. Quando conseguiu afastar o punho fechado do local em que D’Anville o enterrara, bem apertada lá dentro estava a faca de Miller, vermelha até ao cabo. D’Anville estava morto.

* * *

Hoje, quando vieram buscar o Jarman, ele lutou como um louco. Depressa percebi que não era ódio por eles que inspirava aquela fúria. Era ódio por mim.

— Sua cabra! — gritava ele enquanto tentavam puxá-lo da grelha. — Não aguento mais. Vais simplesmente deixar-me morrer pela tua preciosa honra?

— Não, Jarman, Jarman, por favor! Não é assim!

— Claro que é! Ele está a testar-te, não percebes? Ontem disse-me isso. Foi sempre escolha tua, só que fechaste os olhos, não quiseste ver.

A verdade das suas palavras atingiu o alvo. Na minha dor, ataquei-o.

— Se não tivesses tentado fugir, isto nunca teria acontecido.

— Suplico-te, Erica...

Arrastaram-no para fora da cela, batendo-lhe pelo caminho.

— Se ainda te resta alguma compaixão...

A porta do compartimento de tortura fechou-se e o tormento do Jarman começou. Gritei o nome do Crocodilo, uma vez, e outra, e outra. De imediato senti uma sombra na minha cela, uma coisa escura e inquietante, e olhei para o alto. O Crocodilo estava lá em cima, perto da grelha, a olhar para o animal preso na sua jaula.

— É verdade? — perguntei-lhe.

Ele confirmou com a cabeça em silêncio, limitando-se a observar-me. Uma rapariga suja, quase sem sanidade mental, encolhida num canto, a balançar-se para trás e para a frente, com as mãos a tapar os ouvidos.

Falei com ele como se rosnasse, e puxei o vestido esfarrapado para cima da cabeça, para ele poder ver a criatura selvagem, de esgoto, em que ele me transformara.

— Isto tem a ver comigo? É isto que quer? É?

O Crocodilo pareceu ficar chocado, mas não disse nada. Agarrei-me às grades por cima de mim com as mãos imundas, as unhas

como se fossem garras.

— Se é isto que quer, pode servir-se. Também já não é meu, nada de mim é meu. Portanto, porque não levar o que quer? Mas deixe-o em paz! Não tem nada a ver com ele.

— Quer realmente salvá-lo? — perguntou o Crocodilo, enquanto descascava uma manga lá em cima.

— Com certeza. Farei tudo o que disser. Pode ficar comigo, à vontade.

— Ah! — disse o Crocodilo, atirando uma fatia de manga para a boca. — Mas isso já não chega.

— Que quer dizer?

Ele apontou com a faca na direção de onde vinham os gritos.

— Tem muitos princípios, não tem? — Atirou as cascas da manga para a minha cela e foi-se embora, deixando-me com os ecos metálicos e irregulares do tormento de Jarman.

(Diário de Erica, 1992)

* * *

Max ouviu sirenes fora da igreja. Afastou-se do corpo de D'Anville e dirigiu-se para a entrada. Através da porta entreaberta podia ver carros da polícia, polícias armados e de capacete escondidos atrás dos veículos e, mais ao fundo, curiosos que se empurravam no meio da chuva para conseguir ver alguma coisa. No chão, entre dois carros, estavam dois grupos de paramédicos agachados. Um grupo trabalhava freneticamente em redor de uma figura coberta. O segundo grupo levantava alguém numa maca, envolto também numa capa cuidadosamente apertada com cintas desde a cabeça até meio da perna, deixando apenas visíveis as pontas das calças de ganga de Mary-Anne e os seus ténis.

Havia mais uma coisa a fazer. Max tirou o telemóvel do bolso e carregou na tecla com o número de Alex. O telefone tocou e voltou a tocar antes de se ouvir o acionar do atendedor automático, com o pedido para ser deixada mensagem.

— Olá, Alex, fala o Max. Só resto eu. O D’Anville está morto, o Grzalawicz, o Miller e o Stevens também. A Mary-Anne está coberta por uma capa, não sei o que aconteceu, e o outro indivíduo, o Kuijper, nem sequer cheguei a vê-lo. Não sei quais são os seus planos agora, mas claro que ficaria grato pela ajuda que pudesse dar-me no sentido de encontrar aquela barcaça que mencionou. Agora vou sair ao encontro da polícia.

Max desligou. Respirou fundo, pôs as mãos no ar e caminhou na direção das luzes. Cinco segundos depois, dois polícias robustos tinham-no deitado no solo, com o braço tão esticado para trás das costas que ele até via estrelas. Algemado e empurrado à bruta, estava a ser metido como um embrulho num carro blindado da polícia quando viu Stokenbrand. O detetive acenou-lhe com a cabeça e esfregou as mãos, na expectativa dos prazeres que o aguardavam.

Enquanto a carrinha acelerava afastando-se dali, Max examinou o rosto frio e inexpressivo dos três polícias à sua frente e tentou pôr-se na posição de Alex. Agora que D’Anville estava morto, ele não tinha motivos para levantar um dedo para o ajudar. O trabalho fora feito, a um preço dos diabos, mas fora feito. O ex-presidente podia envelhecer sabendo que a vingança pela morte do seu rapaz, o embaixador, havia sido cobrada.

Contra isso, Max era apenas o isco, um pedaço de carne barata à espera de pagar as favas por toda a carnificina. As suas impressões digitais apareciam em duas armas e numa faca. As suas balas estavam dentro de Grzalawicz, tinha o sangue de Lisbeth espalhado por todo o corpo. É para isso que serve a carne barata. Para ser atirada aos tubarões.

Eu escolhi. É noite, de um dia que não sei qual é, de um mês de que me perdi. O Dakka acaba de me trazer um ananás, grosseiramente cortado em pedaços. Uma última refeição. Devorei-a como um animal, chupando o sumo dos dedos imundos. O Dakka, o aprendiz de violador e de criminoso de guerra, olhou para mim com espanto e até mesmo com respeito. Sorriu-me e acenou-me com a cabeça, depois desviou os olhos na direção da cela de tortura.

— Amanhã, tu?

Fiz que sim com a cabeça. Amanhã, eu. Não o Jarman, mas eu.

(Diário de Erica, 1992)

* * *

O carro subiu de modo brusco por uma rampa, saindo da esquadra da polícia para a rua. Debaixo de um cobertor, no banco de trás, Max via através do tecido o clarão amarelo e descontínuo das luzes da rua.

— Já podes sair — disse Alex. — Estamos em zona livre.

Max sentou-se direito no banco e viu Alex pela primeira vez. Era baixo e de pele escura, com o cabelo a rarear, completamente diferente daquilo que Max tinha imaginado.

— Como é que conseguiu? — perguntou Max.

— Movi algumas grandes influências. Oficialmente, vou levar-te para seres interrogado. A Voos e o Stokenbrand eram para vir comigo, mas imagino que devo ter-me esquecido de esperar por eles. Acho que isso nos dá algumas horas.

— Onde vamos?

— A um lugarzinho não muito longe de Roterdão, num canal sossegado. A barcaça do D'Anville está ancorada lá. Estás preparado para isto?

Max concordou com a cabeça e esfregou a face. O relógio do carro mostrava que pouco passava da meia-noite, mas pareciam-lhe umas quatro da madrugada.

— É a adrenalina que me aguenta, mas ainda me restam umas horas para funcionar sob esse efeito.

— Quero ouvir a história da última hora de vida do Grzalawicz, Max. És a única pessoa que ma pode contar.

— Com certeza, mas mais tarde. Quando isto acabar, conto-lhe tudo quanto sei. Mas não lhe posso dizer muita coisa a respeito dos outros.

— O Kuijper foi eletrocutado, exatamente como o Miller e o Stevens. Alguém, suponho que o D’Anville, tinha arrancado cerca de um metro e meio do condutor de eletricidade que estava na base da parte lateral da igreja, utilizando os fios elétricos do gerador para fazer a ligação à terra através do andaime onde o Kuijper se encontrava. Claro que o D’Anville não podia saber que também ia apanhar o Miller e o Stevens. Aquilo foi um bónus para ele.

— E a Mary-Anne?

— Também morreu. Com uma única punhalada poderosa do lado esquerdo das costelas, ao estilo dos comandos. Foi direita ao coração.

Circularam duas horas na autoestrada, depois viraram para uma estrada apertada e em linha reta, ladeada por um canal estreito com casas pitorescas de telhado íngreme. Passaram por uma cidade medieval, com muito movimento nos cafés, e depois percorreram uma rua plana e comprida que atravessava prados sem árvores na direção de uma linha, ao longe, de modernas antenas eólicas gigantescas, com as enormes hélices de metal a girar preguiçosamente à luz do luar.

— Olha — disse Alex. Estavam a convergir para um cais com cerca de dez metros, que acompanhava o campo como se fosse um muro. Acima dessa elevação, Max podia ver a superestrutura de um navio de carga, iluminado como uma árvore de Natal, a avançar imponentemente na direção deles. Alex subiu por uma curta via de

ligação até uma rua estreita do cais, depois desligou o motor. Mais além ficava a água reluzente como prata de um enorme canal com uns cem metros de largura, e reto com uma régua.

— País louco em que a água está mais acima que a terra, não é? — disse Alex. — Disseram-me que isto se prolonga por todo o Reno e até à Suíça.

— Onde está a barça do D’Anville? — perguntou Max.

Alex consultou um mapa.

— Precisamente aqui. — Olhou para cima e apontou para uma forma escura e baixa ancorada a uns duzentos metros dali. — Penso que é aquela. Chama-se *Roode Koninkje*.

Saíram do carro e caminharam à beira-rio. A noite estava quente e corria uma brisa leve. Alex deu uma palmada no pescoço e depois examinou a mão.

— Há montes de mosquitos por aqui.

Quando se tinham afastado cerca de cinquenta metros, Alex virou-se e meteu na mão de Max qualquer coisa fria de metal.

— Acho que deveria resistir a fazer isto, mas agora o que aí vem é incerto e tudo é possível. Chama-lhe gratidão.

Max agradeceu-lhe e meteu a arma no bolso. Era uma *Heckler & Koch*, como a que Miller transportava quando tombou na igreja.

A barça tinha entre cinquenta e sessenta metros de comprimento, com umas estruturas baixas para alojamento no sentido da popa, uma grua amarela enferrujada e um *Ford Fiesta* antigo no convés plano da proa. Havia luz vinda de uma janela apenas, com a irregularidade da intensidade a indicar que a televisão estava ligada.

— Tem a certeza de que estamos no local certo? — sussurrou Max.

— O nome condiz, o sítio condiz. Mas não vamos perder a cabeça, está bem? Isto é só por precaução — respondeu Alex, batendo ao de leve na arma de Max.

Max esticou o braço até ao barco cobrindo a fenda de quase um metro, agarrou-se à amurada e subiu para bordo. Alex seguiu-o.

Sacaram os dois das armas e avançaram lenta e cautelosamente ao longo do convés lateral até estarem perto da janela iluminada. Max respirou fundo e deslizou mais um pouco até conseguir ver para dentro.

* * *

É madrugada, depois de uma noite sem dormir. Apercebo-me que o gerador começou a funcionar. O motor tosse e a urina escorre-me para debaixo dos pés. Estou mais assustada do que alguma vez estive na minha vida. Nunca senti realmente a dor. Pelo menos uma dor insuportável, uma dor que nos faça implorar pela morte. Mas estou prestes a senti-la.

*Pai Nosso, que estais no Céu
Santificado seja o Vosso nome
Venha a nós o Vosso Reino
Seja feita a Vossa vontade
Assim na Terra como no Céu.
O Pão nosso de cada dia nos dai hoje,
Perdoai-nos as nossas ofensas...*

Eles estão à porta. À minha porta. Ouço a chave.

Perdoa-me e sê misericordioso.

(Diário de Erica, 1992)

Através da janela do barco, Max viu um homem magro de *T-shirt* e calças de ganga, talvez de uns cinquenta anos, com o cabelo fino a rarear e uma barba muito curta mas densa. Max sentiu que havia algo de vagamente familiar na sua figura. Tentou pensar onde o tinha visto antes. Talvez observando-lhe o rosto pudesse identificá-lo, mas não o conseguia vislumbrar.

O homem lia uma revista com a televisão ligada baixinho, como ambiente de fundo. O olhar de Max foi atraído para o boletim de notícias no ecrã. Um repórter encharcado apontava para trás de si, para um círculo de carros da polícia e de polícias acocorados. Atrás daquele aglomerado, Max reconheceu a Oude Kerk. Depois surgiu no ecrã a sua própria fotografia de cadastro.

O homem sentou-se, em atitude alarmada, pressionando o controlo remoto para aumentar o volume da televisão. Tinha reconhecido a fotografia de cadastro de Max. Aquilo fê-lo avançar um passo, até que Max descobriu de quem se tratava. Max recuou apoiando-se na amurada do barco, preparando-se para partir o vidro a pontapé. O homem virou-se primeiro, viu Max surgir através da janela, ameaçador, e recuou aterrorizado.

O reconhecimento foi instantâneo. Muitas semanas antes, Max tinha-se sentado ao lado dele no avião. O indivíduo nervoso e inquieto com medo de voar e com os comprimidos cor de laranja. O tipo de aspeto vulgar, conforme fora descrito pela empregada, que estava sentado com Erica no bar. Velhos amigos, não apaixonados, dissera ela. Era ele o raptor de Erica.

Max podia tê-lo abatido ali, naquele momento, mas estava farto de mortes e, em vez disso, meteu a janela dentro a pontapé. Na altura em que Max gritou «não te mexas», o indivíduo tinha-se baixado, saindo do campo de visão da janela. Uma porta bateu. Max partiu o resto do vidro e deslizou com cuidado através da janela. Ouviram-se passos lá fora no corredor, depois o ruído metálico de

pés nas escadas. Demasiado depressa para ser para cima, devia ser para baixo.

Assim que Alex se encontrou lá dentro, Max saiu para o corredor. O homem devia ter ido para a esquerda, na direção do meio do barco, porque para o outro lado o corredor era demasiado curto para o número de passos que ele ouvira. Para a esquerda, a passagem estreita ladeada por tubos conduzia, num espaço de cerca de dez metros, a uma porta de madeira numa divisória vertical. Poucos metros antes da porta havia umas escadas apertadas que podiam ir para cima ou para baixo. Max optou por descer.

Mais à frente ouviu-se uma porta fechar com um barulho metálico. Max e Alex emergiram num corredor cinzento de metal, iluminado por lâmpadas fluorescentes. Mais adiante ficava um tabique de aspeto pesado, com a porta de metal circundada por rebites do tamanho de ovos cozidos. Max encostou a cabeça ao metal frio. Não conseguia ouvir nada, por isso pressionou a maçaneta de latão e empurrou. A porta abriu-se lentamente, obstruída por qualquer coisa. Max empurrou com mais força e ouviu o barulho de algo a rasgar. Então, a porta abriu-se completamente, arrastando consigo os restos rasgados de uma grande cortina de rede. Uma câmara enorme fracamente iluminada, e com cerca de quatro metros e meio de altura, estendia-se ao longo de uns quarenta ou cinquenta metros. Aquilo era o porão, convertido num enorme ginásio. Estava repleto de máquinas de levantamento de peso *Nautilus*. Ao fundo ficava aquilo que parecia ser uma pequena piscina.

Atrás de Max, Alex movia os braços em redor.

— Este local está infestado de insetos.

— Sim, mosquitos. — Max ouvia o zumbido junto das orelhas. — Não há prémios para adivinhar o que eles transmitem.

Alex carregou num interruptor que descobriu na parede, e lâmpadas fluorescentes piscaram e acenderam-se de ambos os lados do ginásio. Só então se aperceberam da densidade das nuvens de insetos. As suas roupas já estavam salpicadas de insetos sedentos,

e havia mais uns milhares a girar por cima deles e a manchar o teto branco. Alex rasgou duas tiras do mosquiteiro e enrolou uma delas à volta da cabeça. Ofereceu a outra a Max, que a ignorou.

— Meu Deus! — exclamou Alex dando palmadas nos braços nus.
— Vamos apressar isto, está bem?

— Levará o tempo que levar — murmurou Max ao avançar em direção à piscina. Olhou lá para dentro. A água tinha pouca profundidade e estava suja. A superfície encontrava-se repleta de insetos mortos. — Pelo menos sabemos que estamos no local certo.

Do convés por cima deles chegou-lhes o ranger de passos.

— Vou lá acima apanhá-lo — ofereceu-se Alex. — Consegues fazer a busca a este nível?

— Claro.

Max avançou, agachado, para uma divisória vertical ao fundo do ginásio. Ouviu bater no metal. Pôs-se à escuta, depois respondeu dando ele umas pancadas.

— Erica, és tu?

As batidas tornaram-se mais sonoras e frenéticas.

— Vou já buscar-te. Assim que descobrir uma maldita porta. — Olhou em volta, depois reparou num escadote de metal que ia até ao topo do tabique. Trepou mesmo até ao cimo, onde havia uma portinhola corrediça instalada na extremidade, mantida fechada com um cadeado e uma corrente curta. Max bateu na porta e recebeu em troca uma torrente frenética de marteladas. Enfiou a pistola através da corrente e começou a girá-la várias vezes até a corrente se apertar num nó. Com um último esforço rompeu um elo, e Max abriu a porta, fazendo-a deslizar para o lado.

A primeira coisa que viu foi as lágrimas de alegria na face de Erica. Ela estava amarrada e amordaçada, enfiada no espaço atarracado de um beliche, mas viva. Max inclinou-se para o espaço exíguo e, com suavidade, desatou-lhe a mordaça.

— Oh, Max! Graças a Deus. — Erica pronunciou repetidamente o seu nome a cada respiração, com as palavras a dissolverem-se finalmente em soluços.

— É tão bom ver-te! Tão bom! — Max enfiou-se com dificuldade naquele armário minúsculo e bafiento e apertou-a com força nos braços, deixando-a tremer e estremecer contra si enquanto a libertava das cordas. — Nunca mais te perco de vista, nunca.

Lá fora produziu-se um barulho, e Max ouviu Alex chamar por si.

— Encontrei-a, Alex. Ela está aqui. — Max enfiou a cabeça fora do espaço minúsculo. Alex tinha o raptor encostado à parede do ginásio com uma pistola apontada e as mãos amarradas atrás das costas.

— Como é que ele se chama? — gritou Max.

— Não diz — replicou Alex.

Max virou-se para Erica.

— Queres apresentar-me ao teu velho amigo?

Ela forçou um sorriso muito leve.

— Max, apresento-te o doutor Jarman Herrera.

* * *

A praia estende-se interminavelmente para cada lado do horizonte, e não existe uma única nuvem por cima do oceano para suavizar a luz equatorial que ofusca e purifica e branqueia todas as coisas. Tudo é brilhante: o meu fato de banho, uma toalha macia, uma mesa com uma longa bebida. E, nessa bebida, gelo.

Enquanto tomo a minha bebida, a jaula regressa, insidiosa, apesar de eu fazer todos os esforços para manter para sempre no escuro esse recanto da minha mente. Naquele último dia, quando o gerador começou com a sua temível tossidela, fui levada para o compartimento que fedia a vomitado, a medo e a excrementos. Despiram-me e acorrentaram-me a uma mesa gordurosa de metal. O Crocodilo apareceu e voltou a perguntar-me, enquanto as molas de cobre eram ligadas à minha língua, aos meus mamilos e ao meu clitóris, se eu acarretava com o castigo para salvar o Jarman.

— Esta eletricidade é para si ou para ele?

Pensei durante um longo e difícil momento, e depois segredei-lhe a resposta.

Então, o Crocodilo levou-me para o seu quarto. Dessa vez bebi o gin com tônica, com muito gelo feito recentemente no seu novo frigorífico, tomei banho e vesti o meu vestido novo, e até tentei sorrir quando ele me pediu.

Ao longo das horas seguintes, o Crocodilo serviu-se da minha carne para os seus próprios fins, forçando-me a dar-lhe não apenas aquiescência, mas a imitação do amor e do desejo. Tudo o que fiz naquela altura, fi-lo para me castigar, para incinerar a minha culpa. No fim, quando o Crocodilo chorou por si próprio e pelos seus crimes, dei com os meus braços à volta do seu corpo. Curiosamente, não consegui verter sequer uma lágrima.

Fui libertada naquela mesma noite, conduzida pelo Desdentado ao longo do sulco da espinha dorsal daquela floresta de pesadelo e, atordoada de fome, largada nos arredores de uma cidade controlada pelo governo. Isso aconteceu há sete semanas. Fisicamente, as feridas sararam, mas tenho a mente entorpecida. Sei que a Erica que saiu daquela cela não é a mesma Erica Stroud-Jones que lá entrou. Sei coisas sobre mim própria que nunca ninguém deveria saber. Aqueles segredos que posso confiar ao papel, mas não a uma pessoa.

Ontem, ouvi na rádio que o KPLA tinha conseguido o seu lugar nas conversações de reconciliação nacional e que o último refém ocidental, o Dr. Jarman Herrera, havia sido libertado. Não fui capaz de o voltar a ver, não consegui aguentar pedir-lhe que me perdoasse. O seu rosto viverá para sempre na minha mente. No fim de contas, sou apenas carne e sangue, e alguns pesos não podem ser suportados. Agora carregarei para sempre a expressão que vi na face do Jarman quando passámos um pelo outro no corredor da nossa prisão. Eu a sair da cela de tortura incólume. Ele a chegar para sofrer o que eu não sofrera, até ao limite mais extremo, obrigado a arranjar coragem.

A pergunta voltará sempre: «Esta eletricidade é para si ou para ele?»

Eu respondera apenas com duas palavras:

— *Para ele.*

E o Brigadeiro inteligente e perverso sorria, sabendo que finalmente éramos iguais.

*(Diário de Erica,
Kinshasa, 1992)*

O funeral de Lisbeth foi um assunto privado e com a presença de pouca gente. Ela e o Dr. Grzalawicz, o seu precioso Johnny, foram enterrados lado a lado, num obscuro lote de terreno municipal em Leiden, a cidade natal de Lisbeth. Um dia apaixonados, estranhos no final, cada um deles prisioneiro de um passado diferente. Alguém, não se sabia bem quem, tinha tratado da papelada, o que, a não ser assim, teria impedido que se enterrasse a mesma pessoa duas vezes. Johnny Gee, oficialmente enterrado na Bélgica muitos anos antes, era agora sepultado em Leiden como Dr. Johan Grzalawicz.

Max estava lá para prestar a sua homenagem, juntamente com Henk Schipper, enquanto Erica continuava no hospital em observação. A inspetora Voos representava a polícia holandesa, o que talvez significasse um ajoelhar perante a sua incapacidade para a protegerem. A determinada altura, Voos olhou de forma faiscante para alguém posicionado nas costas de Max, que se virou e viu Alex de pé lá atrás, vestido exatamente como um agente funerário de classe superior. Para um agente dos serviços secretos como Alex, enterrar a verdade era uma segunda natureza, e esse dia era apenas outro capítulo de uma litania que nunca tinha fim. Não só bloqueara Voos na sua tentativa de deitar a mão a D'Anville por crimes menores, como tinha deixado Max saber que anularia qualquer acusação de corrupção contra Stokenbrand. O astuto detetive receberia a sua pensão em troca do silêncio. O pragmatismo holandês, foi assim que Alex o designou.

Quando se ouviu a primeira pazada de terra bater no caixão, foi Henk quem chorou. Apesar de ter perdoado a Max e de ter recebido por completo o dinheiro correspondente à sua generosidade, os seus nervos nunca haviam recuperado totalmente do ataque à sua galeria. Max pôs-lhe o braço à volta dos ombros e prometeu-lhe que

ele e a Erica voltariam para o visitar, com ou sem obras de arte novas.

Erica, agora sob os cuidados de Saskia Sivali, tinha ouvido a explicação e as desculpas de Max sobre o seu envolvimento com Lisbeth.

— Arriscaste a tua vida por mim, Max. Foi o que tiveste de fazer para me encontrar. Sei que foi assim, e amo-te por isso.

Max baixou a cabeça, e depois tirou do bolso o anel de noivado que tinha feito para ela.

— Pretendia dar-te isto há muitos meses — disse ele. — Só que parece que houve coisas que se meteram no caminho.

— É lindo, Max. Foste tu próprio que o fizeste, não foste?

Ela estendeu o braço, ainda ligado ao conta-gotas intravenoso. Max sorriu e fez deslizar a aliança para o dedo médio de Erica, com cuidado para não irritar o inchaço da picadela de mosquito na articulação.

EPÍLOGO

O Max e eu regressámos ontem de avião a Nova Iorque, um mês depois de eu ter sido libertada. Estranhamente, atribuíram-nos os mesmos lugares que ele e o Jarman haviam ocupado naquele voo fatídico, muitos meses antes. E tal como o Jarman, também nós estávamos a tomar os nossos pequenos comprimidos cor de laranja. Resultam mesmo. O Max teve sorte, nunca foi infetado no voo inicial, e só foi picado enquanto me resgatava do barco.

No dia em que me raptou, o Jarman tinha-me injetado com sangue infetado com o *Plasmodium cinco*. Depois fui amarrada a uma cama no meio da barcaça enquanto ele libertava a sua colónia de mosquitos em cima de mim. Eram todos *Anopheles tigris* holandeses, todos eles potenciais portadores de malária, todos rapidamente infetados com o meu próprio sangue. Quando comecei a ter febre, ele eliminou a minha infeção com os seus comprimidos e deixou-me recuperar durante duas semanas naquela espécie de armário, enquanto os mosquitos punham os seus ovos na piscina do barco. A colónia que agora possuía era de facto imensa, dezenas de milhares de insetos. O Max chegou lá na véspera de ele ir pôr-me novamente no ginásio onde um dia tinha sido o porão, para que todos os insetos se alimentassem com o meu sangue. Teria sido insuportável. O Jarman estava a planear uma libertação em massa dos mosquitos, para acelerar a epidemia antes de o verão terminar.

Se tenho algum arrependimento na vida, é ter deixado que a culpa pesasse demasiado sobre mim. O *e-mail* do Jarman, a propor encontrar-se comigo em Amesterdão, pareceu-me uma oportunidade excelente para lhe pedir desculpa, para retificar o que eu tinha feito de errado há tantos anos. Ele prometeu-me que os dados de que dispunha viriam dar um contributo para a minha tese. Na verdade, o Jarman pretendia destruir todos os vestígios da minha tese. Não queria que houvesse alternativa para a cura que estava prestes a oferecer ao mundo.

Como é que ele tinha descoberto essa cura? Era muito simples. Ele sabia que os macacos Fowler adoeciam com malária, e que muitos daqueles que se encontravam em cativeiro morriam disso. Contudo, quando encontrou o fruto das árvores *gwuia* em que os macacos viviam, e o acrescentou à dieta deles, viu que os animais doentes se curavam. A malária dos macacos Fowler só afetava os macacos Fowler e, portanto, de início, o assunto só tinha um interesse acadêmico.

Fora a morte da Sophie que lhe mostrara que o parasita do macaco Fowler podia transpor a fronteira e transmitir-se aos seres humanos, e com um efeito rápido e devastador. Passaram-se anos até o Jarman voltar a pensar no assunto. Quem sabe se o ingrediente ativo do fruto não funcionaria contra outras formas de malária? Fez a experiência num hospital de Kinshasa e o teste funcionou. Foi então que pediu ajuda aos seus patrões.

O Jarman teve muito tempo para me contar sobre os hospitais psiquiátricos em que tinha estado internado depois de se ter demitido da Pharmstar, e por fim sobre a sua ideia de tomar as palavras de Jack Erskine à letra: descobrir uma doença que matasse os ricos, para fazer com que o mundo levasse finalmente a malária a sério. Em 1995, levantara as suas poupanças e regressara ao degradado laboratório em Kinshasa para recuperar qualquer equipamento que pudesse. Não demorou muito tempo a perceber que o ciclo de vida mais rápido do parasita dos macacos se prestava a infeção em climas temperados, podendo reproduzir-se e amadurecer durante o verão europeu. Enquanto estava no Zaire, o Jarman esbarrara com um mercenário que tinha conhecido na estrada para Zizunga. Era o horroroso Poul Stefan d'Anville, que recolhia orelhas de rebeldes para obter a respetiva recompensa e que, pouco antes da minha captura pelo KPLA, me salvara a vida.

No D'Anville, o Jarman encontrou alguém que deu ouvidos às suas ideias loucas. Mas foi o D'Anville quem acrescentou a perspetiva de ganhar dinheiro com isso. Não só apanhar o Erskine,

sugerira ele, mas soltar a doença pelo mundo e depois vender a cura. Criaram juntos a Xenix Molecular Solutions.

O Jarman, claro está, encontra-se detido em Amesterdão, acusado de rapto, desta vez num regime menos cruel que o do Brigadeiro Crocodilo. A Pharmstar abandonou a aquisição dos Laboratórios Utrecht, mas sob a nova liderança de Henry Waterson está presentemente a instalar na Holanda uma unidade para investigar uma cura para a malária, com o auxílio de benefícios fiscais negociados por Betsy Dijkstra. Como proprietária da patente da descoberta do Jarman, dispõe de um bom arranque. O número de casos de infeções com *Plasmodium cinco* já está a descer vertiginosamente. A minha própria investigação, agora revista por especialistas da minha área, será publicada na *Nature*, no próximo outono.

Embora eu conseguisse entender o ódio do Jarman em relação a mim, não conseguia, inicialmente, compreender por que razão ele odiava tanto a Pharmstar e o Jack Erskine. O Jarman contou-me que levava dois anos a conseguir uma audiência na sede da empresa em Atlanta. O Erskine não se tinha mostrado interessado na sua descoberta e, no entanto, a Pharmstar assegurara o registo da patente para o caso de algum dia mudarem de ideias ou de quererem vendê-la. O Jarman não era dono da sua própria descoberta e não poderia levá-la à apreciação de mais ninguém. Frustrante e mal-intencionado, sim, mas uma inspiração para um assassinio em massa?

Quando interroguei o Jarman a esse respeito, ele repetiu-me, palavra por palavra, uma conversa com John Sanford Erskine III na sede da Pharmstar em Atlanta, a única conversa informal que alguma vez tiveram. Acontecera poucos minutos depois de o Erskine ter destruído as esperanças do Jarman em relação ao financiamento de projetos para a cura da malária, e, então, o diretor-geral tentara lisonjeá-lo com conversa fiada. De canapés na mão, o diretor-geral da Pharmstar mencionara que, enquanto vice-

presidente, tinha visitado a parte de África onde o Jarman tinha estado.

— Não há dúvida, é bastante duro andar por lá, não é? — dissera Erskine. — Quer saber? Há alguns anos, eu e o diretor-geral da Tetro-Meyer estávamos enfiados no meio do nada num pequeno aterro de lixo chamado Kisangani, e eu não conseguia arranjar um maldito avião para Kinshasa por nada deste mundo. Santo Deus, o único que havia tinha no seu plano de voo ir primeiro a uma pista qualquer no meio da selva, e ainda por cima na direção errada. Que diabo! Entrei a bordo, mas realmente não era capaz de enfrentar as horas suplementares naquele país abandonado por Deus. Você nem acreditaria no valor do suborno que tive de oferecer para que o piloto esquecesse a pista na selva e voasse diretamente para Kinshasa.

Quando o Jarman lhe perguntou em que data isso acontecera, teve a certeza. Erskine tinha apanhado o avião que estava a caminho para salvar a vida da Sophie. Se aquele avião tivesse aparecido, e se a Sophie tivesse recebido a tempo o tratamento de que necessitava, tudo o que se seguiu poderia ter sido diferente. Não se teriam perdido todas aquelas vidas. A dor e a angústia podiam ter sido evitadas. Nada daquilo teria sido necessário. Desde o primeiro momento, tudo o que era preciso era um pouco de sorte. Numa estação de investigação de macacos, num canto obscuro de um país africano esquecido, tudo começara com um mosquito. E com uma picada infeliz.

AGRADECIMENTOS

Tenho uma dívida de gratidão para com o Professor P. A. Kager e o seu pessoal do Academisch Medisch Centrum de Amesterdão, e para com Willem Takken, do Laboratorium voor Entomologie de Wageningen, cujo conhecimento sobre mosquitos é absolutamente incomparável. Gostaria de agradecer a Maria Eswald, conselheira da política governamental holandesa no que se refere à Saúde Pública, à Polícia de Amesterdão, que amavelmente (e a meu pedido) me manteve preso nas suas modernas celas, a Lianna Janka, da KLM, e ao meu antigo colega da Reuters, Karel Luimes, que me ajudou a organizar toda esta pesquisa.

Gostaria também de deixar os meus agradecimentos ao falecido professor Chris Curtis, da Universidade de Higiene e Medicina Tropical de Londres, e à sua equipa, por toda a ajuda e explicações, e ao Departamento de Relações Públicas da GlaxoSmithKline. Agradecimentos especiais a Jackie e Katie pela sua revisão diligente.

Febre foi uma obra que levou dez anos a conceber e a completar. A malária continua a matar e ainda não existe uma vacina eficaz. No entanto, se a ciência avançou desde que a pesquisa foi empreendida, ou se os erros permanecem, a responsabilidade é apenas minha.

Esta é uma obra de ficção. Os nomes de personagens e empresas são inteiramente inventados, e quaisquer semelhanças com pessoas reais, vivas ou mortas, ou com negócios existentes, passados ou presentes, são mera coincidência. As únicas exceções são duas empresas farmacêuticas reais e os respetivos diretores-gerais, que aparecem em fundo e como um contraste intencional relativamente ao comportamento da empresa fictícia Pharmstar.

Nick Louth

Agosto de 2007